





**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA  
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA  
MESTRADO**

**ELIAS DOS SANTOS CONCEIÇÃO**

**Fragmentos de vida:** militância de José Rodrigues Filho no movimento estudantil de Cruz das Almas (Bahia, 1969-1973)

Salvador

2022

ELIAS DOS SANTOS CONCEIÇÃO

**Fragmentos de vida:** militância de José Rodrigues Filho no movimento estudantil de Cruz das Almas (Bahia, 1969-1973)

Dissertação apresentado ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para obtenção do título de mestre em História.

Orientador: Prof. Dr. Antonio Maurício Freitas Brito.

Salvador  
2022

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema Universitário de Bibliotecas (SIBI/UFBA),  
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Conceição, Elias dos Santos  
Fragmentos de vida: militância de José Rodrigues  
Filho no movimento estudantil de Cruz das Almas  
(Bahia, 1969-1973) / Elias dos Santos Conceição. --  
Salvador, 2021.  
150 f.

Orientador: Antonio Mauricio Freitas Brito.  
Dissertação (Mestrado - História) -- Universidade  
Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências  
Humanas, 2021.

1. Rodrigues Filho, José. 2. Trajetória Cultural e  
Política. 3. Movimento Estudantil. 4. Ditadura  
Militar. 5. Universidade Federal da Bahia. Faculdade  
de Filosofias e Ciências Humanas. I. Brito, Antonio  
Mauricio Freitas. II. Título.



ATA E PARECER SOBRE TRABALHO FINAL DE PÓS-GRADUAÇÃO

NOME DA(O) ALUNA(O)	MATRÍCULA	NÍVEL DO CURSO
Elias dos Santos Conceição	2019108085	Mestrado
TÍTULO DO TRABALHO		
Fragmentos de vida: Militância de José Rodrigues Filho no Movimento Estudantil de Cruz das Almas (Bahia, 1969-1973)		
EXAMINADORES	ASSINATURA	CPF
Antonio Mauricio Freitas Brito (Orientador – UFBA)		54826047568
Lucileide Cardoso (UFBA)		30905117549
José Vieira da Cruz (UFS)		47905590500

ATA

Aos oito dias do mês de dezembro do ano de 2021, foi instalada de forma remota a sessão pública para julgamento do trabalho final elaborado por Elias dos Santos Conceição, do curso de mestrado do Programa de Pós-graduação em História Social. Após a abertura da sessão, o professor Antonio Mauricio Freitas Brito, orientador e presidente da banca julgadora, deu seguimento aos trabalhos, apresentando os demais examinadores. Foi dada a palavra ao autor, que fez sua exposição e, em seguida, ouviu a leitura dos respectivos pareceres dos integrantes da banca. Terminada a leitura, procedeu-se à arguição e respostas do examinando. Ao final, a banca, reunida em separado, resolveu pela **aprovação** do aluno. Nada mais havendo a tratar, foi encerrada a sessão e lavrada a presente ata que será assinada por quem de direito.

PARECER GERAL

A banca recomenda uma revisão da escrita que considere correção gramatical, linguagem acadêmica e coesão textual, mas que incorpore também a demonstração das fontes, a prova, o rigor e a exatidão. É necessário o cuidado para rever tanto exageros interpretativos não fundamentados nas fontes quanto conclusões assentadas na ausência de crítica documental. Em termos historiográficos, a banca destacou a necessidade de um diálogo mais significativo com a bibliografia sobre movimento estudantil produzida no Nordeste e alguns ajustes factuais e interpretativos sobre o PCB. A dissertação deve se ater ao cuidado com os procedimentos metodológicos que caracterizam a Oficina da História, especialmente a História oral. Neste sentido, as cartas de cessão devem ser anexadas, a duração das entrevistas precisa ser mencionada, a crítica testemunhal deve atravessar a análise e deve ser buscado o máximo de rigor com o que é *dito* e *não dito*.

SSA, 08/12/2021: Assinatura do aluno:

SSA, 08/12/2021: Assinatura do orientador:

Banca Examinadora

---

**Prof. Dr. Antonio Mauricio Freitas Brito (orientador)**

Universidade Federal da Bahia (UFBA)

---

**Profa. Dra. Lucileide Costa Cardoso**

Universidade Federal da Bahia (UFBA)

---

**Prof. Dr. José Vieira da Cruz**

Universidade Federal de Sergipe (UFS)

Às minhas avós Alzira e Brasillia (*in memorian*)

Ao meu pai João (*in memorian*)

Ao meu irmão Osnir (*in memorian*)

## AGRADECIMENTOS

Ninguém caminha sozinho, tampouco é possível escrever uma dissertação sozinho. Minha trajetória é marcada por várias mãos que ao longo desses anos deram-me o suporte econômico e emocional necessário para que eu chegasse até aqui. Pessoas conhecidas e anônimas, que, por um instante, estenderam as mãos para mim. Foram anos marcados por dificuldades de variadas maneiras, provocando desânimo e incertezas. Por isso, sou muito grato a todas e todos vocês que estiveram comigo na caminhada.

Agradeço à minha mãe, Valdelice dos Santos Conceição, que, após a morte de meu pai, João da Conceição, em 1993, trabalhou duro na roça para criar-me, além quatro irmãos e duas irmãs. E mesmo não tendo a oportunidade de estudar, fez todo esforço possível para que a gente fosse para a escola, e, até hoje, continua dando-me todo suporte necessário para que eu continue trilhando nessa jornada. Sou muito grato aos meus irmãos e irmãs, Ernane, George, Gevaldo, Isaac, Simone e Suzana, por todo apoio. Aos meus sobrinhos, Deivide, Henrique, Simeia, Samilly e Tiago. Amo vocês.

Agradeço imensamente a José Rodrigues Filho, sujeito pelo qual não seria possível a realização desta dissertação. O desenrolar destes anos foi marcado por vários encontros presenciais, e, mais recentemente, no contexto da pandemia da Covid-19 pelas redes sociais.

Deixo o meu imenso carinho e agradecimento ao corpo docente do curso de História da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) por terem sido fundamentais na minha formação de historiador.

Meus agradecimentos à professora Lucileide Cardoso e aos professores Rodrigo Perez e Iraneidson Costa pelas discussões e aprendizado no pouco e longo tempo que dura o mestrado. Meu agradecimento, especialmente, para o professor Marcelo Pereira pelas discussões e também pelas várias caronas ao longo do primeiro semestre do mestrado. Agradeço também, muito especial, à professora Lina Aras, por todo cuidado, sensibilidade e ajuda que me deu ao longo do mestrado, e que foi muito importante para minha permanência na Pós.

Não poderia deixar de registrar meu agradecimento ao amigo Zaqueu Silva com quem tive a oportunidade de compartilhar momentos de reflexões, almoços e conversas ao longo do mestrado. Agradeço também às diversas caronas de Simões Filho para as aulas no campo de São Lázaro, na Federação. Estendo os agradecimentos à querida Solange Alves pelas boas conversas e os lanchinhos que nos salvavam nas aulas.

Agradeço ao meu orientador Prof. Dr. Antonio Mauricio Freitas Brito, por me acompanhar durante esse processo de pesquisa e escrita. Agradeço pelas leituras do texto,

críticas, provocações e toda contribuição ao longo do mestrado, o que tornou possível a conclusão da dissertação.

Agradeço à Prof<sup>a</sup>. Lucileide Cardoso e ao Prof. José Vieira da Cruz pelas observações e críticas construtivas na banca de qualificação. Ao mesmo tempo, que também ofereceram os caminhos possíveis para a defesa desta dissertação. Também registro meu agradecimento à banca de defesa desta dissertação, pela leitura crítica e valorosas contribuições, garantindo a correção para que muitos equívocos não permanecessem na versão final deste texto.

Agradeço aos meus amigos. João Paulo, pela amizade e cuidadosa leitura do texto. Raudiney, Jefferson, Adriano, Rogério e a minhas amigas Claudisia, Josilda, Juliana e a minha prima Jessica por todo carinho dedicado a mim. Um agradecimento especial a minha amiga Flavia e meu amigo/irmão Lázaro que a vida me presenteou. Além de todo apoio moral e emocional, me ajudaram no processo de transcrição de algumas atas que foram fundamentais para conclusão desta dissertação. Não poderia deixar de agradecer a Roquinha pelo carinho e amor dado a mim. Agradeço imensamente ao amigo Ítalo Santos, por tudo que fez e faz por mim durante todos esses anos. Agradeço também a meu amigo Geferson pelo incentivo, pelas leituras do texto e os diversos momentos de conversas e problematizações. Estendo meus agradecimentos a Tatiane pelo incentivo e revisão do texto e ao meu afilhado Théo.

Agradeço ao amigo Djalma Santana e à Nalva Cerqueira por todo cuidado e por disponibilizarem a sua casa em Auto de Coutos, Salvador, na esperança de que eu tivesse condições de manter-me no mestrado. Estendo os agradecimentos à sua família pelo cuidado e atenção durante os meses que passei na casa.

Não poderia deixar de agradecer aos estudantes do Diretório Acadêmico Landulfo Alves do centro de Agronomia da UFRB, na pessoa de Sheila Assumpção, com quem tive o primeiro contato, Diego Souza e, sobretudo a estudante Helen Alves Lima, que teve todo cuidado para que eu conseguisse acessar à documentação, mesmo com o espaço do diretório passando por reforma. Também agradeço ao servidor Marcio, que, solicitamente, ajudou-se no deslocamento da documentação para o espaço adequado afim de que eu digitalizasse a documentação.

Em tempo de negacionismo, desmonte de investimentos na educação e na pesquisa, agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo financiamento de parte desta pesquisa, tornando possível a conclusão da dissertação.

Não poderia deixar de registrar meus sentimentos às pessoas que perderam entes queridos nessa pandemia, que vitimou até o presente momento mais de 625 mil vidas no país.

## RESUMO

Esta dissertação analisa a trajetória política do militante e intelectual comunista pernambucano José Rodrigues Filho (1943-), estudante da Escola de Agronomia (EA) da Universidade Federal da Bahia (UFBA), faculdade edificada na cidade de Cruz das Almas, no Recôncavo da Bahia. A investigação discute a trajetória de Rodrigues Filho entre 1969 a 1973, a partir de sua atuação no *Diretório Acadêmico Landolfo Alves* (DALA), do cotidiano estudantil da Escola Agrônômica da Bahia (EAB) e na cidade desta, e de sua atuação na célula do Partido Comunista do Brasil (PCB) na EA. Utilizamos fontes impressas, a exemplo do jornal *O DALA*, que teve o sujeito da pesquisa como um dos fundadores, no qual constam várias poesias e artigos de sua autoria. Ainda faremos uso de depoimentos orais, resultado de entrevistas realizadas com Rodrigues Filho a respeito de sua trajetória da EA, da socialização política estudantil e da sua atuação na célula do PCB.

**Palavras-chave:** José Rodrigues Filho. Trajetória cultural e política. Ditadura Militar.

## **ABSTRACT**

This dissertation analyzes the political trajectory of the communist militant and intellectual from Pernambuco José Rodrigues Filho (1943-), a student at the School of Agronomy (EA) of the Federal University of Bahia (UFBA), a college built in the city of Cruz das Almas, in the Recôncavo da Bahia. The investigation discusses the trajectory of Rodrigues Filho between 1969 and 1973, based on his work at the Landulfo Alves Academic Directory (DALA), on the student daily life at the Agronomic School of Bahia (EAB) and in the city of Bahia, and on his work in the cell of the Communist Party of Brazil (PCB) at EA. We used printed sources, such as the newspaper O DALA, which had the research subject as one of the founders, in which there are several poems and articles of his authorship. We will still make use of oral testimonies, the result of interviews with Rodrigues Filho about his trajectory in EA, student political socialization and his performance in the PCB cell.

**Keywords:** José Rodrigues Filho. Cultural and political trajectory. Military dictatorship.

## LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

AI –	Ato Institucional.
AI-2 –	Ato Institucional número dois.
AI -5 –	Ato Institucional número cinco.
ALER –	Academia de Letras do Recôncavo.
ALN –	Aliança Libertadora Nacional.
ARENA –	Aliança Renovadora Nacional.
BMCA –	Biblioteca Municipal de Cruz das Almas.
CAMDE –	Campanha da Mulher pela Democracia.
CAT –	Colégio Alberto Torres.
CEAT –	Colégio Estadual Alberto Torres.
CEPLAC –	Comissão Executiva Plano da Lavoura Cacaueira
CERIN –	Centro Regional Integrado.
CHESF –	Companhia Hidroelétrica do São Francisco.
CONCLAP –	Conselho Nacional de Classes Produtoras.
CPC –	Centro Popular de Cultura.
CPDOC –	Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil.
DALA –	Diretório Acadêmico Landolfo Alves.
EAB –	Escola Agrônômica da Bahia.
EA/UFBA –	Escola de Agronomia da Universidade Federal da Bahia.
EMBRAPA –	Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária.
EMC –	Educação Moral e Cívica.
EMATERBA –	Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural da Bahia
ESG –	Escola Superior de Guerra.
FAB –	Força Aérea Brasileira.
FIESP –	Federação das Indústrias do Estado de São Paulo.
FMP –	Frente de Mobilização Popular.
GLECA –	Grêmio Lútero Esportivo Castro Alves.
IBAD –	Instituto Brasileiro de Ação Democrática.
IBGE –	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.
IEAB –	Imperial Escola Agrícola da Bahia

IAB –	Instituto Agrícola da Bahia
IIBA –	Imperial Instituto Bahiano de Agricultura.
IPES –	Instituto de Pesquisa e Estudos Sociais.
JAC –	Juventude Agrária Católica.
MDB –	Movimento Democrático Brasileiro.
MEB –	Movimento de Educação de Base.
PCB –	Partido Comunista do Brasil (a partir de 1961, Partido Comunista Brasileiro).
PSD –	Partido Social Democrático.
PTB –	Partido Trabalhista Brasileiro.
SNI –	Serviço Nacional de Informação.
SUDENE –	Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste.
UDN –	União Democrática Nacional.
UEB –	União dos Estudantes da Bahia.
UFBA –	Universidade Federal da Bahia.
USAID –	United States Agency for International Development.

## SUMÁRIO

I - Introdução .....	07
Capítulo I – Camocim de São Félix, Juazeiro do Norte e Salvador: a construção da trajetória de José Rodrigues Filho.....	19
1.1 Infância em Camocim de São Félix .....	19
1.2 De Camocim de São Félix para Juazeiro do Norte .....	31
1.3 Entre a adolescência e a juventude .....	37
1.4 De Juazeiro do Norte para Salvador .....	47
Capítulo II – Trajetória política de José Rodrigues Filho no Movimento Estudantil na Escola de Agronomia da Bahia durante a Ditadura Militar.....	49
2.1 De Salvador para Cruz das Almas .....	49
2.2 Escola de Agronomia da Bahia EAB .....	50
2.3 Reverberações do Golpe civil-militar na EAB .....	52
2.4 José Rodrigues Filho e a EA-UFBA .....	57
2.5 Rodrigues Filho e a sociabilidade estudantil na EA-UFBA .....	60
2.6 A luta pela Federalização e a reforma universitária.....	68
2.7 Rodrigues Filho e o jornal do DALA.....	78
Capítulo III – A trajetória de José Rodrigues Filho e o Partido Comunista.....	92
3.1 O Partido Comunista Brasileiro (PCB) .....	92
3.2 O Partido Comunista na cidade de Cruz das Almas .....	96
3.3 José Rodrigues Filho e a célula do PCB na EA-UFBA .....	99
3.4 Aulas de Alfabetização .....	106
3.5 Grupo de Cultura .....	110
Considerações finais .....	122
Fontes .....	126
Referências .....	127
Anexo A - Dados pessoais do entrevistado .....	140
Anexo B - Roteiro da entrevista .....	141
Anexo C - Termo de concessão de entrevista .....	144

## Introdução

Esta dissertação investiga a trajetória política do militante-intelectual comunista José Rodrigues Filho na Escola de Agronomia (EA) da Universidade Federal da Bahia (UFBA), situada na cidade de Cruz das Almas, na Bahia. Nossa proposta é reconstruir dimensões da sua trajetória antes do ingresso na EA e problematizar como este sujeito se articulou dentro do Movimento Estudantil (ME), e na célula do Partido Comunista Brasileiro (PCB) através do Diretório Acadêmico Landolfo Alves (DALA) e do jornal *O DALA*, entre 1969 e 1973, assim como, a partir do contexto histórico de sua atuação na célula do (PCB) na EA. Esta proposta nasce nos diálogos estabelecidos com José Rodrigues Filho, que me foi apresentado pelo amigo Geferson Santana, em 2012. O projeto foi amadurecendo nas discussões do grupo de pesquisa *Cultura, Memória e Política Contemporânea* (CMPC), criado na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), hoje sediado na (UFBA), sob a coordenação da Profa. Dra. Lucileide Costa Cardoso. Esta pesquisa resultou no Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) no âmbito da Licenciatura em História no Centro de Artes, Humanidades e Letras (CAHL) da (UFRB).

Em diálogo com o meu orientador, Antonio Mauricio Freitas Brito, durante o mestrado, mudamos o foco do projeto para a reconstituição da história do ME na EA, entre 1964 a 1973, e, a partir desse momento, comecei a mapear novos arquivos. Esse processo visava justamente a mudança de rumo da pesquisa. Entretanto, a partir de várias reflexões durante o ano de 2020 e início de 2021, sobretudo, levando em consideração o contexto delicado que estamos vivendo, que parece não ter fim, optei pela continuidade do projeto inicial sobre a trajetória de José Rodrigues Filho. Essa decisão não apenas está alinhada com uma questão ética na relação construída com o personagem ao longo desses anos, mas também porque entendo que o estudo da singularidade de sua trajetória poderá apresentar-nos novas questões sobre a atuação do ME e do PCB em Cruz das Almas e no Brasil.

O recorte desta investigação está alinhado com o período em que José Rodrigues Filho entrou na EA, em 1969, e concluiu o curso, em 1973. Para atingir os objetivos da investigação, formulamos algumas perguntas para melhor direcionar nossa análise: quais os aspectos centrais da trajetória de Rodrigues Filho antes da EA? Qual ambiente ele encontrou quando se matriculou? Quais as principais lutas que pautaram a militância de Rodrigues Filho? Em que medida o ME na EA resistiu à Ditadura Militar durante os anos conhecido como os “anos de chumbos”? De que forma houve no interior dessa faculdade a organização de uma célula do PCB? Quais foram os elementos que permitiram naquele momento uma consciência e atuação

política dos estudantes? Qual era a relação destes estudantes com as outras células em nível local e nacional? Qual o grau de envolvimento do militante com a atuação do partido em Cruz das Almas? Quais objetivos levaram os militantes vinculados ao partido a se envolverem no conflito contra a Ditadura Militar?

### **Discussão sobre fonte e questões teórico-metodológicas**

Para encontrar respostas para as perguntas acima formuladas, a investigação exigiu mapear vários tipos de fontes que permitissem entender melhor a trajetória do militante e o ME da EA. Dentre elas, destacamos as atas do DALA, atas da Congregação da EAB, atas da Câmara de Vereadores da cidade de Cruz das Almas e também alguns editoriais do jornal *O DALA*. E aqui enfatizo a dificuldade para encontrar esses arquivos pela falta de preocupação por parte destas Instituições na preservação dos arquivos sobre o contexto relacionado ao recorte de nosso estudo. Durante o processo de coleta de dados não encontrei nenhum arquivo público na cidade de Cruz das Almas, e isso dificulta bastante a vida do pesquisador.

Até a conclusão da escrita deste trabalho, parte dos arquivos da EA encontravam-se sob os cuidados do Centro de Ciências Agrárias, Ambientais e Biológicas (CCAAB) da UFRB, em Cruz das Almas. Localizar esses arquivos foi um processo penoso, pois os funcionários e estudantes não sabiam ao certo onde encontrá-los. Foi um trabalho de garimpagem. Depois de muito esforço, e contando com colaboração de alguns estudantes de agronomia, foi possível localizar algumas das atas do diretório, trocas de correspondências com outros diretórios espalhados pelo país, prefeitura de Cruz das Almas, agências bancárias, dentre outras instituições. Estes arquivos foram de fundamental importância para compreensão da dinâmica interna e externa dos estudantes e sua atuação no ME. Infelizmente, parte dos arquivos perderam-se ao longo dos anos.

Além das atas do diretório, utilizamos o jornal *O DALA* - edições de 1970 a 1974. A maioria dos jornais estava sob os cuidados de José Rodrigues Filho, que nos disponibilizou para o processo de digitalização. Neles constam artigos e poesias produzidos por Rodrigues Filho e demais estudantes da EA. A consulta desses jornais foi de fundamental importância para a análise da produção intelectual do sujeito e sua atuação, juntamente com outros estudantes, na organização de uma célula do PCB. Também ajudou-nos na caracterização da atuação do ME no enfrentamento e resistência à Ditadura Militar.

Nesse processo, a nossa maior dificuldade foi encontrar as atas da congregação da EAB. Passei vários dias, meses e anos indo ao CCAAB durante a graduação na UFRB na tentativa de

encontrar esses arquivos, mas ninguém sabia onde encontra-los. Nem mesmo no Memorial do Ensino Agrícola Superior da Bahia (MEASB<sup>1</sup>), criado em 2004, foi possível localizar os arquivos referente ao recorte de nossa pesquisa. A sede do MEASB fica em uma casa da antiga Escola de Agronomia e possui um acervo rico e diversificado com peças datadas do século XVIII ao XX, composto por quadros, documentos, livros, teses, fotografias e modelos didáticos, entre outros arquivos. O processo de recuperação do acervo intensificou-se a partir de 2012, com avanços nas ações de conservação e preservação patrimonial envolvendo docentes, discentes e técnicos da UFRB nas atividades de higienização, recuperação, acondicionamento, catalogação e construção de inventário documental<sup>2</sup>.

Em dezembro de 2019, retornei para a UFRB na tentativa de encontrar esses arquivos, mas a coordenação do MESAB também não sabia sobre as atas. Nesse dia, encontrei a professora Patrícia Verônica Pereira dos Santos, docente do curso de Museologia no Centro de Artes, Humanidades e Letras (CAHL-UFRB), que estava, juntamente com alguns estudantes, dando continuidade ao processo de remanejamento e organização desses arquivos, localizados num antigo prédio fechado da UFRB. Me voluntariei para ajudar no remanejamento e nesse processo encontrei as atas da congregação da EAB referente ao ano de 1964 a 1973. O remanejamento e organização foi uma tarefa importante para preservação desses arquivos que estavam em condições precárias. Infelizmente, nesse dia não foi possível digitalizar todas as atas porque a universidade estava entrando no recesso de final de ano. Então eu daria continuidade à digitalização em 2020, o que não foi mais possível por causa da pandemia causada pela COVID-19.

Durante esse processo também pesquisei nos arquivos da Biblioteca Central do Estado da Bahia, conhecida como Biblioteca dos Barris, no Instituto Geográfico e Histórico da Bahia (IGHB), Arquivo Público do Estado da Bahia (APEB), na Biblioteca Municipal de Cruz das Almas, nos arquivos da Casa da Cultura Galeno D'avelírio e nos arquivos das fichas de trabalhadoras da Fábrica Suerdieck que está sob os cuidados da Faculdade Maria Milza (FAMAM), em Governador Mangabeira, Bahia. O objetivo era mapear arquivos e dados a respeito da cidade de Cruz das Almas e da Escola de Agronomia na intenção de analisar os sujeitos históricos e sua atuação naquele contexto. Infelizmente, até o presente momento, não encontrei nenhum material que fosse diretamente ligado ao nosso objetivo para esta etapa da

---

<sup>1</sup> O Measb é gerido pelo Núcleo de Gestão do Memorial (Numem), da Coordenadoria de Cultura e Universidade, da Pró-Reitoria de Extensão da UFRB. Disponível em: <https://www.ufrb.edu.br/memorial/>. Acesso em: 13 abr. 2021.

<sup>2</sup> Idem.

pesquisa, e que pudessem oferecer algumas pistas de como segmentos e instituições se comportaram politicamente no contexto da Ditadura Militar em Cruz das Almas.

Outro arquivo que consultamos ao longo da pesquisa de campo foi o setor de documentação da Câmara de vereadores da cidade de Cruz das Almas. Pesquisar neste arquivo possibilitou consultar e digitalizar as atas de 1964 a 1974 – documento de fundamental importância para analisar a dinâmica e as disputas políticas no Legislativo e na cidade. Alguns dos vereadores e das pessoas que mencionaremos ao longo de nosso estudo também tiveram passagem como estudantes e professores da EAB.

Utilizamos também algumas referências ao ME registradas nos processos jurídicos do Arquivo Digital do Brasil Nunca Mais (BNM), que reúne os processos abertos pela Justiça Militar para apurar o envolvimento de diferentes sujeitos em atividades políticas consideradas subversivas pelos militares. Consultamos, especialmente, o processo BNM 394, que incluiu denúncias a estudantes universitários baianos que participaram do Centro Popular de Cultura (CPC), da União Nacional dos Estudantes (UNE) e do ME. Trata-se de uma documentação que investiga a vida de alguns estudantes de forma detalhada com informações pessoais e de atuação ideológica. A partir deste arquivo mapeamos a atuação de alguns estudantes na EA.

Depois da coleta de dados impressos também realizamos entrevistas com dois engenheiros agrônomos: Alino Matta Santana, que entrou na EAB em 1960, em 1964 tornou-se professor desta mesma Instituição e também foi eleito ao cargo de vereador na cidade neste ano; Hermes Peixoto Santos Filho<sup>3</sup>, que ingressou em 1958, e concluiu os estudos em 1962. Também analisamos a entrevista cedida para a Comissão Nacional da Verdade - disponibilizada no Youtube -, de Amilcar Baiardi, que também foi estudante da EAB em 1964<sup>4</sup>, e o depoimento de Delmo Naziazeno, amigo de turma de Rodrigues Filho na EA, cedido para a Comissão Estadual da Verdade de Sergipe, em 2016<sup>5</sup>.

Contudo, com a mudança de rumo da pesquisa, não foi possível utilizar as entrevistas mencionadas acima, de Alino Matta Santana e Hermes Peixoto Santos Filho, assim como as atas da Câmara de Vereadores de Cruz das Almas, as atas do Diretório Acadêmico Landolfo

---

<sup>3</sup> A entrevista com Hermes Peixoto Santos Filho, foi importante para este trabalho na medida que nos ajuda a analisar os eventos antes e durante o Golpe civil-militar de 1964, em Cruz das Almas. O mesmo também atuou na Frente Nacionalista na cidade. No contexto do golpe ele saiu da cidade e só retornou na década de 1970. Devido ao nosso objetivo, ele será pouco acionado ao longo do texto. No entanto, conversar com Hermes Peixoto foi muito proveitoso e agregou muitas questões a este trabalho.

<sup>4</sup> TV UFBA - Comissão da Verdade da UFBA - 1ª Oitiva: Amilcar Baiardi. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xCFQCfnPvDY>. Acesso em: 20/11/2020.

<sup>5</sup> NAZIAZENO, Delmo. Depoimento para a Comissão Estadual da Verdade de Sergipe. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=N44zphn8D1I>. Acesso em: 20 jan. 2022.

Alves e as atas da Congregação da EAB, anteriores à entrada de Rodrigues Filho na Escola de Agronomia. No entanto, esse material foi importante para compreender melhor a atuação dessas Instituições e de outros sujeitos que passaram pela EA. Esse material será utilizado na construção de outras pesquisas.

Também utilizamos um livro memorialístico de Rodrigues Filho, *Cariri/Agreste: mitos/crendices/misticismo*. Publicado em 2010, é uma de suas principais obras. Nela, o autor toma com referência sua história de vida, os mitos que ouviu pelos mais velhos, os lugares onde morou, os amigos que teve, sobretudo, em relação à sua infância e adolescência. Ao contar suas histórias, Rodrigues Filho também convida-nos a conhecer um pouco sobre as cidades por onde passou nos interiores do Nordeste brasileiro nos anos cinquenta. Conta-nos um pouco sobre os mitos, crendices e misticismo que giravam em torno daquela cidade. Histórias relativas ao Padre Cícero, sobre as condições econômicas e políticas daquela região. A literatura aqui, apoiando-se nos mitos<sup>6</sup>, tem uma função fundamental, pois, ajuda-nos também a refletir sobre um determinado contexto no tempo e espaço da vida de Rodrigues Filho.

Sendo assim, a principal fonte para a nossa proposta de investigação são as entrevistas realizadas com um gravador, em 2013, na casa do Engenheiro Agrônomo José Rodrigues Filho, em Amélia Rodrigues, Bahia. A entrevista durou 2 horas e 38 minutos. Realizamos outros encontros ao longo desses anos, especialmente nos anos de 2020 e 2021, para tirar dúvidas e levantar novas questões para o entrevistado com a intenção de acessar novos dados e informações sobre sua passagem pela EA e sua trajetória depois da conclusão do curso. Os encontros e diálogos aconteceram pelas plataformas digitais: *Facebook*, *WhatsApp* e *Google Meet*. É importante enfatizar ao leitor que Rodrigues Filho mora em Amélia Rodrigues e completou 78 anos de idade no ano de 2021.

Seguindo a metodologia proposta pela história oral, antes do dia da primeira entrevista, fizemos várias leituras sobre o contexto da Ditadura Militar e seus desdobramentos no ME e construimos um roteiro que serviu como base. Este roteiro listava perguntas sobre o sujeito com base numa primeira pré-entrevista que foi realizada via correio eletrônico. Nesta conversa, o entrevistado falou um pouco sobre sua experiência como militante durante o período em que estudou na EA, ajudando-nos a ser mais específico na construção do roteiro da entrevista.

---

<sup>6</sup> Segundo Philippe Levillain, “Quer se alimente de mitos, notadamente no teatro, que invente seus personagens ou os tome emprestados da História, no domínio romanesco, a Literatura responde sempre a uma interrogação sobre a identidade do homem através do tempo e à necessidade de não deixar perder nada de sua essência por trás da mobilidade das aparências”. LEVILLAIN, Philippe. Os protagonistas: da biografia. In: RÉMOND, René. (org.). **Por uma história política**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003. p. 154.

O roteiro da entrevista foi elaborado visando compreender os desdobramentos da Ditadura Militar no Recôncavo e como a atuação de alguns estudantes no ME e na célula do PCB inseriram-se naquele contexto. Nesse sentido, as questões colocadas para o entrevistado foram com a intenção de acessar essa memória sobre atuação do movimento estudantil no Recôncavo no período da Ditadura Militar.

Foram realizados quatro encontros e no primeiro fizemos um questionário com um total de 26 perguntas. No início da entrevista colhemos os dados pessoais, e, adiante, procuramos conhecer um pouco a respeito de como era sua vida antes de ingressar na EA, se havia participado dos movimentos estudantis na Bahia, em 1968, e se tinha amigos que também participaram, e como as movimentações de 1968 repercutiram nas cidades do Recôncavo.

No segundo momento, após ter conhecimento de sua vida antes de entrar na faculdade, buscamos saber como foi seu ingresso na Escola de Agronomia, em 1969, e sobre a dinâmica dos trotes neste período na faculdade. Seguimos tentando saber se o nosso personagem após ter formado uma célula do PCB na EA já era comunista e afiliado ao partido? Como essa célula era vista pelo diretor, os estudantes e sociedade de Cruz das Almas? Era conhecida ou clandestina? Ao mesmo tempo, buscamos saber como se organizava o Diretório Acadêmico (DA)? Como o diretor via a atuação dos estudantes? As atividades eram realizadas no DA, estendiam-se para outras cidades ou, ficavam apenas restritas ao campo de Cruz das Almas?

No segundo encontro não seguimos propriamente nenhum roteiro e conversamos abertamente sobre o contexto permitindo preencher lacunas da primeira entrevista. O terceiro e o quarto dia foram para estabelecer uma relação mais próxima, ao mesmo tempo em que serviram para termos acesso a outros arquivos digitalizados em seu acervo: jornais, livros, poesias, e demais documentos relevantes para a pesquisa. Também houve questões que durante esse processo, foram solicitadas via e-mail, *Facebook*, *WhatsApp* e *Google Meet*.

Apesar de um roteiro das questões com base no recorte da pesquisa, as entrevistas foram desenvolvidas com o cuidado de permitir a livre manifestação do entrevistado, deixando-o discorrer tranquilamente sobre as questões pontuadas, além de outras que o mesmo considerasse relevantes. Nesse sentido, permitiu-nos acessar outras dimensões e uma gama de elementos subjetivos. Por outro lado, a leveza em conduzir uma entrevista permite ao pesquisador uma maior interação com o entrevistado, evidenciando outras questões, esclarecimentos.

De acordo com Alistair Thomson, “[...] a história oral é um valioso método de pesquisa, imprescindível para a história do século XX”. Para o autor, as entrevistas possibilitam acessar “aspectos das experiências históricas que raramente são registradas” e nos permitem explorar significados subjetivos e pessoais de eventos passados permitindo o acesso à experiência não

documentada, às “histórias ocultas”<sup>7</sup>. Ao mesmo tempo, a história oral possibilita o avivamento dessas memórias e história passadas, filtradas pelo presente a partir do processo interativo entre o sujeito e o seu passado rememorado. Philippe Joutard ressalta as valorosas contribuições da história oral, mas também adverte-nos sobre suas limitações para que ela desempenhe seu papel:

Estou convencido de que a história oral fornece informações preciosas que não teríamos podido obter sem ela, haja ou não arquivos escritos; mas devemos, em contrapartida, reconhecer seus limites e aquilo que seus detratores chamam suas fraquezas, que são as fraquezas da própria memória, sua formidável capacidade de esquecer, que pode variar em função do tempo presente, suas deformações, seus equívocos, sua tendência para a lenda e o mito. Estes mesmos limites talvez constituam um de seus principais interesses.<sup>8</sup>

Para Marilena Chauí, (1941-) “[...] a memória é uma evocação do passado. É a capacidade humana de reter e guardar o tempo que se foi, salvando-o da perda total”<sup>9</sup>. Nesse sentido, o uso das entrevistas como fonte histórica ajuda-nos a identificar uma determinada leitura sobre o momento vivido por Rodrigues Filho, passando por uma análise crítica que, de acordo com Márcia Maria Menendes Motta, seja capaz de demonstrar as visões e as contradições de sua memória, uma vez que a “[...] memória se constrói na lembrança, mas também no esquecimento”<sup>10</sup>.

Na visão de Henry Rousso (1954-) a memória é também uma “reconstrução psíquica e intelectual” que se apresenta no presente rememorado como “[...] representação seletiva do passado, um passado que nunca é aquele do indivíduo somente, mas de um indivíduo inserido num contexto familiar, social, nacional”<sup>11</sup>. Este autor comunga da ideia de que toda memória é, por definição, “coletiva” como sugeriu Maurice Halbwachs (1877-1945)<sup>12</sup>. E neste sentido, a leitura que fizemos da trajetória de Rodrigues Filho e de acontecimentos ligados à sua atuação individual, permite identificar elementos que demarcam a identidade coletiva, embora partam da memória individual estruturada pela memória coletiva<sup>13</sup>.

<sup>7</sup> THOMON, Alistair. Aos cinquenta anos: uma perspectiva internacional da história oral. In: ALBERTI, Verena; FERREIRA, Marieta de Moraes; FERNANDES, Tania Maria. (org.). **História oral: desafios para o século XXI**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2000. p. 51.

<sup>8</sup> JOUTARD, Philippe. Desafios à história oral do século XXI. In: ALBERTI; FERREIRA; FERNANDES. (org.). **História oral, desafios para o século XXI**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2000. p. 34.

<sup>9</sup> CHAÚÍ, Marilena. **Convite à filosofia**. São Paulo: Ática, 2000. p. 158.

<sup>10</sup> MOTTA, Márcia Maria Menendes. História, Memória e Tempo presente. In: CARDOSO, Cyro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. (org.). **Novos Domínios da História**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012. p. 26-27.

<sup>11</sup> ROUSSO, Henry. A memória não é mais o que era. In: FERREIRA, Marieta de Moraes.; AMADO, Janaína. (org.). **Usos e abusos da história oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2000. p. 94.

<sup>12</sup> HALBWACHS, Maurice. **A memória Coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. 2. ed. São Paulo: Ed. Centauro, 2003.

<sup>13</sup> Quando fazemos uso da memória privilegiando “a análise dos excluídos, dos marginalizados e das minorias” ou memórias “subterrâneas” na expressão de Michael Pollak, é também uma das formas de contrapor a memória

As memórias presentes nos relatos (auto)biográficos elencados como fonte para nosso estudo serão analisadas considerando que tendem a falar sobre a experiência de vida<sup>14</sup> de Rodrigues Filho lembrada no presente com questões a partir de sua infância e também sobre a sua trajetória política enquanto intelectual comunista na EA, já que a memória também é uma evidência histórica<sup>15</sup>.

A opção pela biografia como maneira de compor a trajetória de Rodrigues Filho compreende a crítica ponderada por Pierre Bourdieu (1930-2002) sobre as complicações que este estilo de produção pode reservar para cedermos a uma “ilusão biográfica”. Bourdieu adverte-nos que a escrita da biografia não pode ser encarada como uma história coesa e “excessivamente linear” pressupondo uma ordem cronológica dos eventos com significados e direção<sup>16</sup>. Concordando com o Sociólogo, Sabina Loriga enfatiza que “[...] limitar a existência à pesquisa de uma improvável unidade de sentido revela uma ingenuidade imperdoável”, mas diferente de Bourdieu, a autora ressalta que existe várias formas de escrita biográficas e aponta para a importância desta como conexão entre o particular e o geral<sup>17</sup>.

A produção de (auto)biografias de militantes que atuaram em células de organizações de esquerda pelo país, representa um esforço de memórias sobre o indivíduo e o grupo que ele pertencia, “[...] onde o autor narra as recordações de sua própria vida, procurando compreendê-la como um todo significativo”<sup>18</sup>. A partir dessas memórias, manifestam-se várias narrativas sobre o mesmo acontecimento histórico, pois ambas pretendem-se projetar enquanto hegemônicas, entrando em conflito com a memória nacional, representando uma espécie de disputa pela memória<sup>19</sup>.

O conteúdo a ser apresentado enquadra-se dentro dos estudos e renovações teórico-metodológicas da chamada Nova História Política à luz do tempo presente, consolidada nas

---

oficial evitando a hegemonia da versão histórica dos que estão no poder. POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 4-10. 1989. Disponível em: [http://www.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Memoria\\_esquecimento\\_silencio.pdf](http://www.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Memoria_esquecimento_silencio.pdf). Acesso em: 22 set. 2020.

<sup>14</sup> BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas**: sobre a teoria da ação. Trad. Mariza Corrêa. Campinas, São Paulo: Papyrus, 1996. p. 74-82.

<sup>15</sup> NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. Tradução: Yara Aun Khoury. **Projeto História**, PUC-SP, São Paulo, v. 10, 1993, jul./dez. 2012. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/issue/view/851>. Acesso em: 23 set. 2021.; LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas, São Paulo: Editora da UNICAMP, 1990; POLLAK, op. cit.

<sup>16</sup> BOURDIEU, op. cit., p. 74-76.

<sup>17</sup> SCHMIDT, Benito Bisso. Entrevista com Sabina Loriga: a história biográfica. **Revista Méis: história e cultura** (UCS), Caxias do Sul, v. 2, n. 3, p. 11-22, jan./jun. 2003. Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/metis/article/view/1038/704>. Acesso em: 14 mar. 2021. p. 18.

<sup>18</sup> CARDOSO, Lucileide Costa. Dimensões da Memória na Prática Historiográfica. In: OLIVEIRA, Ana Maria Carvalho dos Santos; REIS, Isabel Cristina Ferreira dos (org.). **História Regional e Local: discussões e práticas**. Salvador: **Quarteto**, 2010. p. 157.

<sup>19</sup>

reflexões de René Rémond (1918-2007), dentre outros<sup>20</sup>. A nova abordagem abriu espaço para novos objetos, para o estudo sobre pessoas comuns que ainda se encontram no “anonimato da história”, e as relações políticas passam a ser observadas a partir das diversas instâncias das realidades sociais<sup>21</sup>. Para Francisco Falcon (1933-) a História Política passou a enfocar os micropoderes presentes no cotidiano de cada indivíduo e grupo social em lugares históricos anteriormente negligenciados pelos historiadores, como família, presídios, escolas, polícia, hospitais, fabricas, oficinas, etc.<sup>22</sup>.

Além do diálogo com proposições gerais da História Política, a pesquisa considera que o intelectual comunista José Rodrigues Filho - sujeito central da pesquisa - foi fundamental no processo de consolidação da identidade do grupo. Antônio Gramsci (1891-1937)<sup>23</sup> ajuda-nos a elencá-lo como *intelectual orgânico*, porque conseguiu influência com o exercício da cultura. A célula do PCB representava o espaço de representação e legitimidade na EA, em Cruz das Almas.

Paralelo à consideração do intelectual Gramsci, entendemos que a definição proposta pelo historiador Jean-François Sirinelli (1949-) é apropriada para pensar a trajetória de Rodrigues Filho enquanto um intelectual comum, baseada numa concepção “ampla e sócio-cultural” em que abrange parte dos estudantes, criadores ou mediadores culturais. Para Sirinelli:

[...] é preciso, a nosso ver, defender uma definição de intelectual com uma geometria variável, mas baseada em invariantes. Estas podem desembocar em duas acepções do intelectual, uma ampla e sócio-cultural, englobando os criadores e ‘mediadores’ culturais, a outra mais restrita, baseada na noção de engajamento. No primeiro caso estão abrangidos tanto o jornalista como o escritor, o professor secundário como o erudito. Nos degraus que levam a esse primeiro conjunto postam-se uma parte dos estudantes, criadores ou ‘mediadores culturais’ em potencial, e ainda outras categorias de ‘receptores’ em potencial, e ainda outras categorias de ‘receptores de cultura’. (...) Estes últimos podem ser reunidos em torno de uma segunda definição, mais estreita e baseada na noção de engajamento na vida da cidade como ator – mas segundo modalidades diferentes, como por exemplo, a assinatura de manifestos.<sup>24</sup>

<sup>20</sup> RÉMOND. Uma história presente. In: **Por uma história política**, op. cit., p. 15-18.

<sup>21</sup> Para Rémond, a política não tem fronteiras fixas e as tentativas de fechá-los são inúteis, pois “a política é a atividade que se relaciona com a conquista, o exercício, a prática do poder, assim os partidos são políticos porque têm como finalidade, e seus membros como motivação, chegar ao poder”. Ele não tem margens e comunica-se com a maioria dos outros domínios. RÉMOND. **Do político**, op. cit., p. 442-444.

<sup>22</sup> FALCON, Francisco. História e Poder. In: CARDOSO, Ciro; VAINFAS, Ronaldo. (org.). **Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997. p. 118.

<sup>23</sup> GRAMSCI, Antonio. **Os Intelectuais e a Organização da Cultura**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 1982. p. 7. Este autor concebe todos os homens como intelectuais, mesmo que seja no mais mecânico e degradado trabalho físico. Na sua visão não existe possibilidade de qualquer atividade humana sem atividade intelectual. Contudo, nem todos desempenham na sociedade a função de intelectual orgânico, Idem.

<sup>24</sup> SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND. (org.). **Por uma história política**, op. cit., p. 242-243.

Rodrigues Filho e demais estudantes atuaram na célula na EA enquanto intelectuais ligados ao PCB, produtores e divulgadores da cultura, através do Diretório Acadêmico, jornal *O DALA*, das poesias, do cinema e do grupo de cultura - dentre outras atividades construídas pelo grupo de estudantes e demais simpatizantes que aderiam à ideia. A partir desses espaços os estudantes construíram uma rede de sociabilidades em torno do mesmo projeto.

Ainda de acordo com a definição de Sirinelli, os espaços familiares delimitam o processo inicial de formação do indivíduo, como os tipos de ambientes que Rodrigues Filho frequentou a partir da infância. Arelado aos ambientes familiares, os ginásios, faculdades, bares, ruas, células, espaços de reuniões, conformavam-se espaços onde *as redes de sociabilidade*<sup>25</sup> se configuravam promovendo debates, criação de projetos, surgimento de ideias, cisões e laços de amizade. É importante entender que os intelectuais também organizam-se em torno de uma sensibilidade ideológica ou cultural comum de afinidades que constroem uma vontade e gosto de conviver<sup>26</sup>. No caso da pesquisa, o mapeamento de alguns desses espaços ajuda-nos a realizar uma arqueologia do itinerário de Rodrigues Filho relacionando as solidariedades de origem, pela idade ou estudos, que constituíram, muitas vezes, a base das redes dos intelectuais adultos<sup>27</sup>.

Para Sirinelli, as estruturas de sociabilidades precisam ser verificadas nos microclimas, que se caracterizam como “microcosmo intelectual particular” e são lugares de verificação das redes. Nesses lugares, admitem-se atividades e comportamentos de um determinado grupo que frequentemente apresentem traços específicos, sendo, às vezes, alimentando por laços de amizade e atração ou coesão ideológica<sup>28</sup>. E, em termos de sociabilidade, o jornal, o diretório acadêmico, grupo de cultura, aulas de alfabetização, dormitório, bares, à célula e outros tipos de organizações político-partidária foram encarados por Rodrigues Filho e demais estudantes do grupo como meios para difusão de determinadas culturas políticas<sup>29</sup>. Feitas estas considerações metodológicas, a dissertação está organizada em três capítulos.

---

<sup>25</sup> Ibidem, p. 248.

<sup>26</sup> Para Sirinelli, o meio intelectual constitui, ao menos para o seu núcleo central, “um pequeno mundo estreito”, onde os laços se atam, por exemplo, em torno da redação de uma revista ou do conselho editorial de uma editora. Ibidem, p. 248.

<sup>27</sup> Ibidem, p. 249-50.

<sup>28</sup> Ibidem, p. 252-253.

<sup>29</sup> Ibidem, p. 258.

## Plano geral dos capítulos

No primeiro capítulo, nomeado de *Camocim de São Félix, Juazeiro do Norte e Salvador: a construção da trajetória de José Rodrigues Filho*, traçamos um panorama geral da trajetória de José Rodrigues Filho a partir de sua infância, passando pela adolescência e juventude. Seu itinerário começa no município Bananeira, onde nasceu; passamos para o distrito de Bezerras onde foi batizado, depois, vamos para Camocim de São Félix, onde viveu uma parte de sua infância, e, por último, traçamos sua trajetória na mudança para Juazeiro do Norte onde passou parte de sua infância, adolescência e juventude até vir prestar o vestibular em Salvador para o curso de agronomia na cidade de Cruz das Almas<sup>30</sup>. Consideramos que as experiências vividas a partir da infância, e rememoradas durante as entrevistas e em suas produções (auto)biográficas, não são determinantes para as escolhas do sujeito na vida adulta, mas partem de um processo de (des)caminhos possíveis que foram apresentando-se em sua vida.

O segundo capítulo é intitulado *A trajetória de José Rodrigues Filho no movimento estudantil na Escola de Agronomia da Bahia durante a Ditadura Militar*. No primeiro momento, a intenção é reconstruir dimensões do cenário da Escola de Agronomia e da cidade antes da chegada de Rodrigues Filho. É nesse cenário que se dá a chegada de Rodrigues Filho na EA, mais precisamente em 1969, momento de endurecimento da ditadura militar com o Ato Institucional Número 5 – AI-5. Analisaremos a atuação de Rodrigues Filho em questões relacionadas ao dormitório, alimentação, disciplina enquanto código de comportamento, professores e em pontos de caráter mais geral, como a crítica ao imperialismo norte-americano e o posicionamento a favor da reforma agrária. Analisamos, também, quais foram as estratégias possíveis de resistência à Ditadura Militar em um contexto de reclusão do ME, provocado pelo AI-5. A partir de suas memórias e de fontes escritas sobre sua atuação intelectual e política, analisaremos as redes de sociabilidade e o cotidiano dos militantes comunistas em Cruz das Almas. Analisaremos nas poesias, memórias e artigos publicados em jornais o nível de influência do PCB na produção intelectual do sujeito da pesquisa e dos demais intelectuais comunistas que escreveram para *O DALA* e como se davam as relações entre os militantes da célula do PCB de Cruz das Almas.

---

<sup>30</sup> Para Durval Muniz Albuquerque Júnior, espaços são produções imagético-discursivas, são lugares complexos de produção de signos. Os lugares mencionados a partir da trajetória de Rodrigues Filho, são espaços construídos por mãos de crianças, mulheres e homens que ao longo dos anos foram dando significados e sentidos aos supracitados espaços. ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 5. edição. São Paulo: Cortez, 2011.

O terceiro e último capítulo, é nomeado *A trajetória de José Rodrigues Filho e o Partido Comunista Brasileiro*, analisa a trajetória de José Rodrigues Filho na organização e atuação de uma célula do PCB na EA da UFBA, na cidade de Cruz das Almas. No primeiro momento, traçaremos uma discussão sobre o PCB no Brasil e na Bahia, especialmente nas cidades do Recôncavo baiano, para entender genericamente como se deu o processo de formação do PCB nessa região e como ele foi se estruturando ao longo dos anos, mesmo passando a maior parte do tempo na ilegalidade. Também analisaremos as aulas de alfabetização aos agricultores e seus filhos na Escola de Agronomia, assim como a organização do Grupo Estudantil de Cultura (GEC) pelos estudantes da célula, entre outros discentes ligados ao DA interessados com a proposta. No final do capítulo, destacaremos algumas das produções intelectuais de Rodrigues Filho após a sua saída da EA. Por último, mas não menos importante, analisaremos como foi possível a construção e manutenção de uma célula do PCB na EA, em Cruz das Almas, dentro do contexto de endurecimento da ditadura.

## CAPÍTULO I

### CAMOCIM DE SÃO FÉLIX, JUAZEIRO DO NORTE E SALVADOR: A CONSTRUÇÃO DA TRAJETÓRIA DE JOSÉ RODRIGUES FILHO (1943-1969)

No presente capítulo discorreremos sobre alguns aspectos da trajetória de Rodrigues Filho a partir de sua infância e adolescência até a sua chegada em Salvador para prestar vestibular para o curso na EA da UFBA, na cidade de Cruz das Almas. Consideramos que analisar a trajetória do sujeito a partir de sua infância talvez nos ajude a entender as suas escolhas políticas na vida adulta. Destacamos que para a construção deste capítulo também recorreremos ao livro memorialístico de Rodrigues Filho, escrito em 2010. No livro, e através das poucas lembranças que ainda guarda de sua infância e adolescência entre Camocim de São Félix e Juazeiro do Norte, busca-se construir uma linha do tempo a respeito de sua vida, recorrendo aos mitos, credices e misticismo sobre Cariri/Agreste. Como sinalizado anteriormente, para tirar dúvidas, recorreremos a vários momentos de conversas pelas ferramentas digitais, como *Facebook*, *WhatsApp* e *Google Meet*, sobretudo entre o ano de 2020 e 2021, por conta da Covid-19.

#### 1.1 Infância entre Bezerros e Camocim de São Félix

Agrônomo, escritor e poeta, José Rodrigues Filho nasceu no dia 08 de maio de 1943, no pequeno sítio situado no planalto da Borborema, localidade conhecida como Bananeira<sup>31</sup> do Brejo Velho, Município de Bezerros, agreste pernambucano. A formação do local que se tornaria a cidade de Bezerros remonta ao ano de 1740, quando os irmãos Tarciano e Zenóbio Torres fundaram uma grande fazenda de gado e foram sucedidos pelos irmãos José e Francisco Bezerra, surgindo daí os primeiros bens imóveis, animais domésticos, utensílios agrícolas, instrumentos de trabalho<sup>32</sup>. O distrito foi criado pela Resolução régia de 22 de novembro de

---

<sup>31</sup> De acordo com o informativo *Parahyba* do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico (IPHAEP) do Estado da Paraíba, a origem de Bananeiras remonta ao século XVII, quando a região pertencia à Capitania de Itamaracá, em Pernambuco, e abrangia a Vila de São Miguel da Baía da Traição (fazia parte das Capitâncias Hereditárias fundadas no período holandês). Depois, a Capitania foi desmembrada de Pernambuco transformando-se em Capitania Real da Paraíba. Ver: Informativo Parahyba. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba. Jornal 4. Ed. **Bananeiras**, ano IV, n. 4. 2019. Disponível em: <http://www.cchsa.ufpb.br/heb/contents/arquivos/jornal-4a-edicao-bananeiras-versao-online.pdf>. Acesso em: 22 set. 2020.

<sup>32</sup> Esta fazenda foi construída pelos irmãos Bezerra, sob a invocação de São José. De acordo com narrativa orais, a edificação se deveu a uma promessa. “[...] O seu fundo místico e a sua feição de catolicidade estão bem de acôrdo com a formação do seu povo, moldado ao influxo da religião católica, transplantada para a terra nova e, ainda agora, dominante. Vale registrar-se um episódio tido como milagroso: na reserva florestal abundantíssima se perdeu um menor, filho de um dos irmãos Bezerra que, aflito com o acontecido, fêz uma promessa a São José. A criança foi encontrada incólume, ao pé de frondosa árvore. Automaticamente o local estava escolhido para a

1805, e elevado à categoria de Vila, em 1870, por Lei Municipal. Só em 1881 foi elevada à condição de cidade<sup>33</sup>.

Aos três dias de nascido, Rodrigues Filho ressalta que, assim como a maioria das crianças em sua comunidade, foi batizado na Igreja Católica Apostólica Romana no distrito de Bezerros. Ele foi batizado na Matriz de São José, fundada em 1805, uma das mais antigas igrejas que compõem a Diocese de Caruaru, localizada no centro da Terra dos Papangus. Construída no período da escravidão no Brasil, o templo possui o estilo barroco e é tombada através do processo de Nº 0923-T-75 com Registro no Livro Histórico, inscrição nº 469, e no Livro das Belas Artes, inscrição nº 535, realizadas no ano de 1980, pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN)<sup>34</sup>.

**Figura 1** - Igreja Matriz de São José - PE



Fonte: Foto de Blogger. 2020.<sup>35</sup>

Filho de José Rodrigues da Silva e Maria Cecília da Silva, com poucos meses de nascido, Rodrigues Filho foi registrado no cartório de registros de nascimento da cidade de Bezerros e também na Pia Batismal. A árvore genealógica de sua família ficou conhecida apenas até seus avôs. O primeiro de sua família, seu bisavô, chegou ao Estado de Alagoas vindo de Portugal<sup>36</sup>.

---

construção da capela”. IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1958. p. 57. Disponível em: [https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv27295\\_18.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv27295_18.pdf). Acesso em: 29 ago. 2020. 1 foto.

<sup>33</sup> Idem.

<sup>34</sup> Ibidem, p. 57-58.

<sup>35</sup> BLOGGER. Memorial de um povo – Bezerros. **Blogger**. Pernambuco. 2020. p. 58. Disponível em: <http://memoriasdeumpovo.blogspot.com/2009/08/igreja-matriz-de-sao-jose> BLOGGER. Memorial de um povo – Bezerros. **Blogger**. Pernambuco.html. Acesso em: 4 set. 2020. 1 foto.

<sup>36</sup> RODRIGUES FILHO, José. [Entrevista concedida a] Elias dos Santos Conceição. Amélia Rodrigues, Bahia, 2021.

**Figura 2** – José Rodrigues da Silva e Maria Cecília da Silva

Fonte: Arquivo pessoal de Rodrigues Filho. 2021<sup>37</sup>

Rodrigues Filho e sua família mudaram-se para Camocim<sup>38</sup>, que também fica na Microrregião do Brejo, situada entre os municípios de São Joaquim do Monte e Bonito. Segundo o IBGE e o site oficial da Prefeitura de Camocim de São Félix, o surgimento do distrito é atribuído a tropeiros que usavam o lugar como ponto de descanso e de passagem para o município de Bonito. A região começou a ser desbravada e ocupada a partir de 1890 por fazendeiros, oriundos de Bezerros, que foram atraídos pelo solo da região devido ao regime de chuvas e ao clima frio que propiciava o cultivo de café. A vila foi criada pela Lei Municipal de nº 02, em 20 de abril de 1893, anexada ao município de Bezerros. Tais referências indicam que o povoado inicialmente foi denominado de Camocim, mas, em 1943, passou a chamar-se de Camocituba. Em 29 de dezembro de 1953, o distrito foi elevado à categoria de município após um rápido processo de emancipação política através da Lei Estadual n. 1.818, desmembrando-se de Bezerros e passando a chamar-se de Camocim de São Félix<sup>39</sup>.

**Figura 3** – Mapa de Camocim de São Félix - PE

Fonte: IBGE. 1958.<sup>40</sup>

<sup>37</sup> RODRIGUES FILHO, José. Arquivo pessoal. Mãe e pai de José Rodrigues Filho, 2021. 1 foto.

<sup>38</sup> IBGE, op. cit., p. 58.

<sup>39</sup> Ibidem, p. 80.

<sup>40</sup> Arquivo digitalizado do portal de transparência da Prefeitura Municipal de Camocim de São Félix. Disponível em: <https://transparencia.camocimdesaofelix.pe.gov.br/uploads/5128/1/prestacao/2015/governo/0035-ITEM.pdf>.

Segundo os registros do IBGE, o significado da palavra “camucim” provém de caá: pau + mocina: polir, significando “pau lavrado”, ou ainda “buraco de enterrar defunto” (co: buraco + ambyra: defunto + anhotim: enterrar)<sup>41</sup>. Já segundo consta no site da Prefeitura de Camocim de São Félix, o significado da palavra, definido por Mário Melo (1931) e Dauray da Silveira (1982), “camucim”, provém da língua indígena brasileira tupi “kamu'si”, que significa pote, vaso e/ou urna funerária<sup>42</sup>. Segundo a descrição no site da prefeitura, feita com base nestes autores, quando as primeiras pessoas chegaram para povoar o lugar, encontraram vários potes e painéis feitos de barro, indicando a presença dos povos indígenas na supracitada região.

Segundo Rodrigues Filho, o clima de Camocim de São Félix era caracterizado por um inverno longo e rigoroso, chegando a chover ao longo de vários meses seguidos. Uma chuvinha fina e constante castigava a região na estação chuvosa, permitindo que poucas vezes o sol desse o prazer de sua graça. Quando o sol aparecia, a cidade ficava parecendo uma feira livre, as pessoas enchiam as calçadas com malas e roupas para controlar os bolores<sup>43</sup>.

Uma parte da família de Rodrigues Filho morava no distrito de Bananeiras, comunidade onde sua mãe nasceu. De acordo com o informativo *Parahyba*, a região foi primeiramente produtora de cana-de-açúcar e depois de café. Em 1988, chegou a ser a maior produtora de café da Paraíba e a segunda do Nordeste<sup>44</sup>. Para Sylvania Costa Couceiro, os cafés constituíam-se em importantes espaços de sociabilidade, espalhados por diversas ruas do centro e subúrbios do Recife<sup>45</sup>. Entretanto, essa não era a mesma realidade das pessoas do interior.

De acordo com Rodrigues Filho, o sítio de seu avô materno tinha um terreno limitado. Sua tia Minervinha morava numa pequena casa, onde residia com seu marido Zé Raimundo e suas três filhas: Inês, Lurdes e Socorro. Sua avó, Mãe Cecília, sempre enchia-lhe de afagos em toda visita que fazia no sítio e não esquecia do leite tirado da cabra com beijos de massa de mandioca nos cafés da manhã. A iluminação da casa era de lampião. Rede de algodão na casa da tia Luiza, a mãe de seus primos Pedro, Jorge, Zela, Amaro, Nita e Valdeci<sup>46</sup>.

Rodrigues Filho teve vários irmãos e irmãs, sendo que uma parte nasceu entre Bananeiras e Camocim de São Félix: Juar Rodrigues da Silva, Maria Cecília da Silva, Jucier

Acesso em: 11 out. 2021. 2015. 1 foto. Segundo o IBGE, o município de Camocim de São Félix está localizado na mesorregião Agreste e na Microrregião Brejo do Estado de Pernambuco, limitando-se a norte com Bezerros, a sul com Bonito e São Joaquim do Monte, a leste com Sairé, e a oeste com Bezerros.

<sup>41</sup> IBGE, op. cit., p. 80.

<sup>42</sup> Prefeitura Municipal de Camocim de São Félix. Disponível em: <https://camocimdesaofelix.pe.gov.br/historia/>. Acesso em: 12 out. 2021.

<sup>43</sup> RODRIGUES FILHO, José. **Cariri/Agreste: mitos / crendices / misticismo**. Salvador: EGBA, 2010.

<sup>44</sup> Informativo Parahyba. Jornal 4. Ed. Bananeiras, ano IV, n. 4, op. cit., p. 4.

<sup>45</sup> COUCEIRO, Sylvania Costa. A sedução da noite nos cafés do Recife dos anos 1920: entre prazeres e transgressões. XXIV Simpósio Nacional de História, 24., 2007, São Leopoldo. **Anais [...]** São Leopoldo: ANPUH, 2007. p. 4.

<sup>46</sup> RODRIGUES FILHO, op. cit., p. 56-57.

Rodrigues da Silva e Jurandir Rodrigues da Silva - o último que nasceu neste mesmo distrito. Já Maria das Dores Rodrigues da Silva e José Pedro Rodrigues da Silva, seu irmão mais novo, nasceram em Juazeiro do Norte.

Seu avô morava em Bananeiras, mas sempre viajava para Juazeiro do Norte em busca das orações do Padre Cícero. O deslocamento era através de animal, e, às vezes, ia a pé mesmo. Nesse processo, conheceu Cecília nesta cidade, com quem se casou e teve José Rodrigues da Silva, o pai de Rodrigues Filho. O mesmo viveu em Juazeiro até os vinte anos, quando resolveu ir para o pequeno município de Bananeiras, residência da outra família e tinha o sítio de seu pai, onde poderia iniciar sua vida. Ao chegar no distrito, conheceu Maria Cecília da Silva com quem casou e teve Juvar Rodrigues da Silva, o irmão mais velho de Rodrigues Filho<sup>47</sup>.

O sítio onde Rodrigues Filho nasceu tinha como principais atividades o cultivo de cafezais da espécie arábica, a produção de raízes e o fabrico de farinha de mandioca. Levando-se em consideração a conjuntura da época, é possível que o pai de Rodrigues Filho tenha se mudado para o distrito em virtude da região oferecer a possibilidade de trabalhar na plantação de café no sítio de seu pai. E também era uma ótima oportunidade para conhecer sua família paterna.

O café era o principal produto que o pai de Rodrigues Filho cultivava no sítio de Bananeira, mas não era o único: também plantava mandioca (macaxeira), hortaliças, dentre outras plantações relacionadas à floricultura. Mas, em meados de 1946, já não via mais vantagem na plantação de café e procurava outras atividades que oferecessem possibilidades de melhorar as condições de sua família. Seguindo essa motivação, resolveu investir na compra de um caminhão, mas para conseguir o dinheiro foi necessário vender a plantação de café e o seu cavalo<sup>48</sup>.

Dentro deste contexto, ter um animal era fundamental para diversas atividades, sobretudo de deslocamento. Além disso, os animais também eram usados para o transporte de café e de cana para as usinas. O planejamento com a venda era, sobretudo, pela necessidade do dinheiro para impulsionar o desenvolvimento da família e o caminhão foi a aposta do pai de Rodrigues Filho<sup>49</sup>.

Depois de vender a plantação de café e comprar o caminhão Ford 43, Canela Fina<sup>50</sup>, mudou-se para Camocim de São Félix. A moradia era de aluguel: uma casa simples, mas

---

<sup>47</sup> RODRIGUES FILHO, José. [Entrevista concedida a] Elias dos Santos Conceição. Amélia Rodrigues, Bahia, 2021.

<sup>48</sup> RODRIGUES FILHO, José. **Cariri/Agreste**: mitos / crendices / misticismo, p. 63-78.

<sup>49</sup> Idem.

<sup>50</sup> “Canela Fina” é o nome que Rodrigues Filho atribuía ao caminhão da Ford 43.

suficiente para viver por um tempo enquanto tentava melhorar de vida com sua mais nova ferramenta de trabalho. Passou, a partir daí, a trabalhar com o caminhão transportando diversas mercadorias de abastecimento pela comunidade<sup>51</sup>.

Em suas narrativas no livro, Rodrigues Filho leva-nos à sua infância, em Camocim de São Félix, povoado em que, ainda muito novo, diante das brincadeiras, começava a observar a realidade em sua volta, sobretudo no que diz respeito às atividades políticas-partidárias. Embora seja um povoado pequeno, já vivia um clima de efervescência política com os tradicionais partidos - Partido Social Democrático (PSD) e União Democrática Nacional (UDN) - disputando a hegemonia da região de Camocim de São Félix, que era uma pequena Vila, mas já bastante movimentada politicamente. Dois partidos políticos disputavam “palmo a palmo” os votos da comunidade para vencer as eleições, e, em alguns casos, para manter-se no poder por mais tempo. UDN era liderado na comunidade por Francisco Bezerras (conhecido como Bizerrinha) e o PSD pelo Sr. Abel. O pai de Rodrigues Filho também era componente ativo deste último partido. Na visão de Rodrigues Filho, as disputas pelo poder político local costumavam ser através de violência física, e, em alguns casos, pela morte de seu adversário<sup>52</sup>.

Numa certa feita, ainda pequeno, me lembro de uma situação que aconteceu em minha comunidade. Muito estardalhaço porque vira “Bezerrinha”, que era ligado a UDN, mais três jagunços armados de rifles, dirigindo-se para a sede do PSD, o que deu a impressão que muita gente iria morrer. Bezerrinha, com seus capangas balearam seu Abel, o líder do PSD. Assim a política de Camocituba vinha sendo instituída sobre a “lei do papo amarelo”. Dessa feita, a UDN levou vantagem, pois neutralizou um, dos chefes políticos, da facção do PSD. Todavia, Bezerrinha e os jagunços tiveram que fugir da região, resultando no fato de que a UDN saiu perdendo mais votos do que o partido que teve seu líder baleado. Talvez seja por detalhe como esse que o PSD sempre ganhava as eleições em Camocituba, fato que irritava muito a família Bodoque, especialmente o seu patriarca, Pedro Bodoque.<sup>53</sup>

A UDN, fundada em 7 de abril de 1945, caracterizou-se essencialmente pela oposição constante a Getúlio Vargas (1882-1954) e ao getulismo, sendo a frente política restrita basicamente à elite, sobretudo as oligarquias, que perderam poder e influência com a Revolução de 1930<sup>54</sup>. Foi um partido que esteve envolvido em eventos históricos antidemocráticos, como a tentativa de impugnar as eleições de 1950 e 1955, após seus candidatos serem derrotados nas urnas; o posicionamento contrário à posse constitucional do vice-presidente eleito, João Goulart

<sup>51</sup> RODRIGUES FILHO, **Cariri/Agreste**: mitos / crendices / misticismo.

<sup>52</sup> *Idem*.

<sup>53</sup> *Ibidem*, p. 63-65.

<sup>54</sup> BENEVIDES, Maria Victoria. **A UDN e o udenismo**: ambiguidades do liberalismo brasileiro (1945-1965). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

(1919-1976), na época da renúncia de Jânio Quadros (1917-1992) e também foi um dos principais articuladores do Golpe civil-militar de 1964<sup>55</sup>.

Já o PSD foi fundado em julho de 1945. Começou a ser organizado primeiro nos estados por alguns segmentos das classes médias e de representantes das oligarquias rurais durante o período de transição democrática. Com a queda de Vargas e realização das eleições de 1945, o general Elio Gaspar Dutra (1883-1974) vence o pleito para presidente pelo PSD e dá continuidade ao processo de transição democrática<sup>56</sup>.

Em Pernambuco, esse processo de transição foi marcado pelo embate entre as duas forças políticas: de um lado, o PSD agindo em conjunto com o PCB, e a UDN no processo de disputa pela elaboração da constituição estadual, aprovada neste mesmo ano<sup>57</sup>.

De acordo com Rodrigues Filho, a cidade de Camocim de São Félix era marcada por sangrentas disputas pelo poder, que se davam com violentos tiroteios, e a cidade chegou a ficar conhecida na região como “faroeste”. Os conflitos resultavam em muitas pessoas mortas, feridas e outras ficaram foragidas para também não serem mortas<sup>58</sup>.

Esses eventos ocorriam supostamente em virtude do poder político na cidade ser controlado pela mesma família durante quase 50 anos. De acordo com Rodrigues Filho, a família Bezerras, conhecida como *Os Bodoques*, revezavam o poder entre si na cidade e defendiam-se usando de todos os meios, inclusive da violência, como uma estratégia política contra seus adversários<sup>59</sup>.

É importante destacar a atuação das Ligas Camponesas nesse contexto de acirradas disputas políticas pelo poder no estado, assim como de comunistas e socialistas no meio rural, sem falar da política católica, que também dirigia-se ao campo<sup>60</sup>. Depois de longos anos na ilegalidade, o PCB passou a ter uma breve liberdade política no contexto da Segunda Guerra Mundial (1939-1945). E, a partir do contexto do pós-guerra, o partido buscou divulgar suas propostas no meio rural atuando na formação das Ligas Camponesas na luta pela Reforma

---

<sup>55</sup> Ibidem, p. 254. Ver: DULCI, Otávio. **A UDN e o anti-populismo no Brasil**. Belo Horizonte: UFMG, 1986.

<sup>56</sup> Ver: HIPOLITO, Lucia. Vargas e a gênese do sistema partidário brasileiro. **Anos 90**, Revista do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, v. 11, n. 19, p. 21-47, jan./dez. 2004. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/anos90/article/view/6350/3801>. Acesso em: 13 out. 2020.

<sup>57</sup> Ver: SANTOS, Roberto Ramos. A Política de Alianças em Pernambuco: confronto ideológico? (1958/1962). **Revista Textos e Debates**, Roraima, n. 3, p. 55-73, 1997. DOI 10.18227/2217. Disponível em: <https://revista.ufr.br/textosedebates/article/view/922/761>. Acesso em: nov. 2020.

<sup>58</sup> RODRIGUES FILHO. **Cariri/Agreste**: mitos / crendices / misticismo, p. 63.

<sup>59</sup> Idem.

<sup>60</sup> Sobre Ligas camponesas, comunistas e católicos ver: DEZEMONE, Marcus; GRYNSZPAN, Mário. As esquerdas e a descoberta do campo brasileiro: Ligas camponesas, comunistas e católicos (1950-1964). In: FERREIRA, Jorge; AARÃO REIS, Daniel. (org.). **As esquerdas no Brasil**: Nacionalismo e reformismo radical (1945-1964). vol. 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. p. 209-236.

Agrária e pela melhoria das condições de vida dos camponeses. No entanto, o partido é novamente cassado no governo Dutra e é posto na ilegalidade. De acordo com Rafael Sandrin (2020), desde então, a polícia fechou muitas ligas ao considerar as entidades subversivas por serem dirigidas pelos adeptos do comunismo<sup>61</sup>.

As ideias da revolução Russa, de 1917, são incrementadas no Brasil entusiasmando movimentos operários e anarquistas frente aos problemas brasileiros, sobretudo do trabalhador rural ainda dentro de um regime<sup>62</sup> de exploração histórica<sup>63</sup>. De acordo com Luciana Barros Jaccoud (1990), nesse contexto, os latifundiários, com medo da radicalização dos trabalhadores, iniciam o combate ao perigo comunista, a uma suposta revolução vermelha.

Na década de 50, a conjuntura política de Pernambuco foi marcada por um processo de grande mobilização, como a organização de importantes movimentos populares de caráter representativo e reivindicatório. Mobilizando expressivos segmentos das classes trabalhadoras, esses movimentos passaram a ocupar, progressivamente, significativos espaços, não somente frente aos conflitos sociais nos quais estavam inseridos, como também frente à própria conjuntura política que se redefiniu a partir daí.<sup>64</sup>

Para Rodrigues Filho, Pedro Bodoque, mesmo com todos os problemas que ele supostamente representava, foi quem mostrou consideração ao seu pai diante da iminente imigração com sua família para outro estado. Seu pai não enxergava mais condições para permanecer na comunidade. Ainda de acordo com Rodrigues Filho, Pedro Bodoque ofereceu condições para que seu pai ficasse, juntamente com sua família, em Camocim de São Félix, e esquecesse a ideia de mudança. No entanto, isso não foi o suficiente para mudar a sua cabeça que já estava abalada com a morte prematura do filho Jucier Rodrigues da Silva, que morreu de atropelamento. Em junho de 1951, num rigoroso inverno, toda a família de Rodrigues Filho saiu para mudança definitiva de Camocim de São Félix para Juazeiro do Norte<sup>65</sup>.

Um dos motivos para a mudança também tem a ver com a morte do avô de José Rodrigues Filho. Seu avô deixou um pequeno sítio em Juazeiro, e, sendo o pai de Rodrigues Filho o filho mais velho, pelo costume da época decidia o que fazer com a terra. Além do sítio

---

<sup>61</sup> SANDRIN, Rafael. Um debate sobre a atuação do Partido Comunista Brasileiro (PCB) no campo entre os anos de 1948 e 1964. **Revista Caminhos da História**, Montes Claros, v. 25, n. 2, p. 33, jul./dez. 2020. Disponível em: <https://www.periodicos.unimontes.br/index.php/caminhosdahistoria/article/view/2829>. Acesso em: 17 maio. 2021.

<sup>62</sup> Ver: GORENDER, Jacob. A forma plantagem de organização da produção escravista. In: STEDILE, João Pedro (org.). **A Questão Agrária no Brasil: o debate na esquerda – 1960-1980**. São Paulo: Expressão Popular, 2005.

<sup>63</sup> Ver: BANDEIRA, Alberto Muniz. **O ano vermelho: A revolução russa e seus reflexos no Brasil**. São Paulo: Expressão Popular, 2004.

<sup>64</sup> JACCOUD, Luciana Barros. **Movimentos Sociais e crise política em Pernambuco (1955 - 1968)**. Recife: Massangana, 1990. p. 13

<sup>65</sup> RODRIGUES FILHO, **Cariri/Agreste: mitos / crendices / misticismo**, p. 71.

onde poderia recomeçar sua vida juntamente com a sua família, um outro motivo era que uma parte de sua família e parentes residiam naquele estado, podendo oferecer o suporte necessário para sua estadia<sup>66</sup>.

É importante destacar que o processo migratório no Brasil aconteceu em decorrência de diversos fatores naturais, culturais, econômicos e políticos. Destacamos o processo migratório a partir da década 1930 e sua intensificação a partir de 1950, quando começa a consolidação da indústria pesada e a política de substituição de importação com a formação do mercado interno<sup>67</sup>. De acordo com Neide Lopes Pantarra (2003), o êxodo rural do Nordeste, na década de 50, também foi provocado pelas “[...] grandes migrações para as áreas metropolitanas e mesmo as migrações para o trabalho na colheita de café em São Paulo e no norte do Paraná, além de grandes secas no Nordeste”<sup>68</sup>.

Para Ana Lia Farias Vale, Luíz Cruz Lima e Maria Geovaní Bomfin (2004), o processo migratório esteve atrelado à questão da seca e à expulsão de trabalhadores dos engenhos, mas foram os fatores econômicos que exerceram maior influência nos fluxos migratórios e provocaram o aumento das dificuldades das populações mais pobres. É importante destacar a existência de diferentes roteiros migratórios. De acordo com autores, existem aqueles que se dirigem para as regiões metropolitanas; os que migram em direção às cidades médias do interior e temos também os que migram no interior da própria região<sup>69</sup>. A trajetória de Rodrigues Filho e sua família caracteriza-se muito dentro desse universo de mudanças desde a sua infância.

Camocim de São Félix era uma região que não propiciava o cultivo da cana. No entanto, a comunidade ficava no centro de algumas das comunidades que o solo era propício e tinha engenhos. O mapa 1, ajuda-nos a entender como, possivelmente, as comunidades estavam conectadas, e, talvez, também estiveram inseridas nas questões relacionadas ao açúcar, mesmo que indiretamente pela presença de familiares trabalhando ou morando nas cidades onde se localizavam os engenhos. A cidade oferecia às pessoas uma possibilidade economicamente diferente para recomeçar suas vidas.

Embora não comprovada, há uma hipótese de que outro motivo para a mudança do pai de Rodrigues Filho tenha a ver também com a crise na exportação externa do açúcar e do

---

<sup>66</sup> Idem.

<sup>67</sup> Ver: NETO, Leonardo Guimarães. Desigualdades e políticas regionais no Brasil: caminhos e descaminhos. **Planejamento e políticas públicas**, n. 15, jun. p. 42-99, 1997, p. 43-45. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/ppp/index.php/PPP/article/view/123>. Acesso em: 16 maio. 2021.

<sup>68</sup> PANTARRA, Neide Lopes. **Movimentos migratórios no Brasil: tempo e espaço**. Rio de Janeiro: Escola Nacional de Ciências Estatísticas, 2003. p. 24-25.

<sup>69</sup> VALE, Ana Lia Farias; LIMA, Luíz Cruz; BOMFIN, Maria Geovaní. Século XX: 70 anos de migração interna no Brasil. **Revista Textos e Debates**, Roraima, n. 7, p. 23-24. 2004. Disponível em: <https://revista.ufr.br/textosedebates/article/view/1027>. Acesso em: 23 maio. 2021.

algodão e a consolidação do capital industrial e financeiro no campo, que “[...] passa a controlar sozinho todo o processo econômico do açúcar, desde a cultura da cana-de-açúcar até a distribuição comercial, passando pela fase industrial”<sup>70</sup>. O que no início era movido à força humana, posteriormente, os engenhos utilizaram a tração animal – bois e éguas – ou a água<sup>71</sup>. E, talvez, com a redução da exportação de açúcar, seu trabalho no caminhão seria pouco solicitado na cidade.

A comunidade surge, justamente, a partir da possibilidade de cultivar cana propiciada pelo terreno, que oferecia as condições climáticas para sua viabilidade. E nisso, possivelmente, muitas famílias migraram para essas comunidades na esperança que a região oferecesse condições palpáveis de sobrevivência. É importante enfatizar que dentro desse contexto era muito comum as famílias deslocarem-se para as regiões que oferecessem a remota possibilidade de emprego<sup>72</sup>.

Nesse contexto, havia os trabalhadores assalariados, que constituíam a maioria dos trabalhadores rurais na área açucareira, e uma boa parte residia na propriedade onde trabalhavam; os trabalhadores de fora, que viviam nas cidades, Vilas e povoações da zona, e os corumbás ou catingueiros, que residiam no agreste do sertão e deslocavam-se no período da colheita<sup>73</sup>.

De acordo com Manoel Correia de Andrade (2001), os moradores que residiam em fazendas ou engenhos recebiam uma casa para morar e um pedaço de terra para a lavoura de sobrevivência. Geralmente, as casas eram pequenas e muito simples. Algumas eram de alvenaria, mas a maioria era de taipa. As necessidades fisiológicas eram feitas no mato. A água para o banho e o consumo, no geral, eram providos pelos rios e riachos.

O morador fixado em um “sítio” tem uma série de obrigações para com o proprietário, sendo a principal delas a de dar-lhe um certo número de dias de trabalho por semana. Nos demais dias ele pode, com a ajuda da família, cultivar na área em torno da casa qualquer lavoura temporária; as permanentes, como bananeiras e o cafeeiro, são terminantemente proibidas a fim de que o morador em caso de mudança não possa pleitear indenização.<sup>74</sup>

<sup>70</sup> GALVÃO, Olímpio José de Arroxelas. A economia de Pernambuco: da longa estagnação a um novo ciclo de crescimento sustentado. **Revista Econômica do Nordeste**, Fortaleza, v. 46, n. 3, p. 131-154, jul./set. 2015. Disponível em: <https://www.bnb.gov.br/revista/index.php/ren/article/view/195>. Acesso em: jul. 2020. p. 137.

<sup>71</sup> ANDRADE, Manoel Correia de. Espaço e tempo na agroindústria canavieira de Pernambuco. **Revista Estudos avançados**, São Paulo, v. 15, n. 43, p. 267-280, dez. 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/PPc8qhWrKp9V9jHwTbmWCmH/?lang=pt>. Acesso em: 16 ago. 2020.

<sup>72</sup> ANDRADE, Manoel Correia de. **A terra e o homem do Nordeste**. 1. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1963.

<sup>73</sup> *Ibidem*, p. 122.

<sup>74</sup> *Ibidem*, p. 123.

Para Gadiel Perruci (1938-2021), desde o período colonial que o município de Pernambuco foi ocupado e teve em suas terras o cultivo da cana elevando a economia da Colônia<sup>75</sup>. Entretanto, a partir do final do século XIX, o estado sofreu um lento e prolongado processo de declínio quando ocorreu a perda de seus mercados externos para o principal produto de suas exportações, o açúcar e o algodão<sup>76</sup>. No entanto, mesmo afetado com a perda dos mercados externos, o estado continuava mantendo a economia ao reservar a produção açucareira aos mercados internos<sup>77</sup>. Sendo que “[...] a partir de 1940, a situação torna-se mais favorável aos produtores do Sudeste”<sup>78</sup>.

Mesmo com o seu lento e continuado declínio, o estado, na primeira metade do século, ainda se destacava como um dos mais desenvolvidos e industrializados do país, em confronto apenas com o PIB industrial do estado da Bahia<sup>79</sup>. As técnicas arcaicas contribuíram para a decadência do açúcar nordestino, entretanto elas não são as únicas causas, mas o resultado de um conjunto de causas complexas<sup>80</sup>.

Com as dificuldades impostas pelo declínio da economia, muitos trabalhadores sem emprego migravam para as cidades mais próximas à procura de emprego ou qualquer tipo de ocupação para sobreviver juntamente com a família. Vagavam de engenho a engenho<sup>81</sup>. A produção de café no distrito de Camocim era mais uma oportunidade de trabalho que, somado às outras produções, provavelmente, permitiu o crescimento populacional da comunidade, elevando-a à categoria de cidade.

Rodrigues Filho também traz em suas lembranças, evocadas durante o processo de construção de sua obra no presente, as vaquejadas que aconteciam em sua comunidade e as disputas acirradas para ver quem venceria a corrida. Além da diversão proporcionada a toda comunidade, a corrida de cavalo era uma questão de status para o dono do cavalo, que desfrutava de alguns privilégios após a corrida. No final, era muita festa regada a cachaças e comidas. Rodrigues Filho ressalta que, diferente de sua terra de origem, Juazeiro do Norte não tinha esta tradição, e ficou apenas a saudade de quem admirava todo esse momento. Imaginava

---

<sup>75</sup> PERRUCCI, Gadiel. Estrutura e conjuntura da economia açucareira do Nordeste do Brasil 1889-1930. In (org.). PAULA, Eurípedes Simões de. v. 1. *Anais*. XVIII Simpósio Nacional dos professores universitários de História, São Paulo, 1976.

<sup>76</sup> “A crise com a queda do açúcar que se iniciou em 1923 e atingiu o auge em 1930, teve suas consequências sobre a indústria estendida até 1940, fazendo com que muitas usinas e muitos banguês fechassem as suas portas, apagassem seus fogos, tornando-se tributários de outros mais poderosos”. ANDRADE, Espaço e tempo na agroindústria canavieira de Pernambuco. op. cit.

<sup>77</sup> GALVÃO, op. cit., p. 132.

<sup>78</sup> Ibidem, p. 135.

<sup>79</sup> Ibidem, p. 133.

<sup>80</sup> PERRUCCI, op. cit., p. 127.

<sup>81</sup> ANDRADE, Espaço e tempo na agroindústria canavieira de Pernambuco. op. cit.; PERRUCCI, op. cit.

na infância que se tornaria um vaqueiro seguindo a tradição de sua família e de sua comunidade, mas estava viajando para uma cidade que não era voltada para a criação de gado<sup>82</sup>.

Ainda na sua infância, vez por outra, juntamente com seu irmão mais novo, Oliveira, ia ao riacho tomar banho e aproveitava para trazer um pouco de água para usar nas atividades domésticas em casa, afirma Rodrigues Filho. Ainda ressalta que ele e seus irmãos ajudavam nas atividades da família, e, muitas vezes, quando voltavam do riacho realizavam a tarefa de arrancar algumas raízes de macaxeira ou aipim para consumo doméstico<sup>83</sup>.

Em 1895, o povoado de Comocim, para confirmar a sua relação com a fé, iniciou a construção de uma capela em honra a São Félix de Cantalice, onde atualmente encontra-se a Matriz de São Félix<sup>84</sup>. Ganhou o nome de Camocim de São Félix em homenagem a São Félix, santo do catolicismo nascido em Cantalice, próximo a Rieti, Apulia, Itália, o primeiro frade capuchinho a ser canonizado (1712) pelo Papa Clemente XI. O corpo deste santo repousa na igreja da Imaculada Conceição, em Roma<sup>85</sup>.

Registros antigos apontam que a devoção a São Félix de Cantalice remonta às origens de Camocim. No Livro de Tombo Nº1 da Paróquia de São Félix de Cantalice, observa-se que Clementino Semente, proprietário da fazenda onde seria no futuro localizada a cidade de Camocim, decidiu oferecer assistência cristã e catequese. Com esse pensamento, patrocinou a realização de missões com frades capuchinhos que incentivaram a construção de uma capela.<sup>86</sup>

**Figura 4** – Capela dedicada a São Félix de Cantalice<sup>87</sup>.



Fonte: Prefeitura Municipal de Camocim de São Félix – Pernambuco. 1985.

<sup>82</sup> RODRIGUES FILHO, **Cariri/Agreste**: mitos / crendices / misticismo.

<sup>83</sup> Idem.

<sup>84</sup> Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – **IBGE**, 2017. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pe/camocim-de-sao-felix/historico>. Acesso em: 23 set. 2020.

<sup>85</sup> Irmãs Paulinas. Pia Sociedade Filhas de São Paulo, São Paulo. Disponível em: <http://www.paulinas.org.br>. Acesso em: 27 jan. 2020.

<sup>86</sup> Portal da Prefeitura Municipal de Camocim de São Félix, Pernambuco. Disponível em: <https://camocimdesaofelix.pe.gov.br/festa-de-sao-felix/>. Acesso em: 27 jan. 2020.

<sup>87</sup> Imagem da primeira capela dedicada a São Félix de Cantalice construída em 1895, no povoado de Camocim de São Félix. Prefeitura Municipal de Camocim de São Félix – Pernambuco. Disponível em: <https://camocimdesaofelix.pe.gov.br/historia/>. Acesso em: 29 ago. 2020.

Em 1953, com a emancipação política da cidade, a antiga capela foi demolida para a construção da atual Igreja Matriz, sendo o Padre Hermínio de Queiroz o primeiro pároco da cidade.

**Figura 5** – Igreja Matriz de São Félix.



Fonte: Blog Relíquias de Pernambuco<sup>88</sup>. 1953.

Até o momento da escrita da dissertação, não encontramos arquivos e uma literatura que ajudasse-nos a descrever como deu-se o processo de construção da nova Igreja. Além de ser motivado pela fé das pessoas, imaginamos que a construção aconteceu devido ao crescimento populacional da cidade e das melhorias nas condições econômicas da região com a plantação de café, floricultura, etc. A Igreja representa um espaço de fé através da realização de cultos e também de poder na cidade.

## 1.2 De Camocim de São Félix para Juazeiro do Norte

O vilarejo, onde no futuro tornara-se Juazeiro do Norte, é datado de 1827, e o padre Pedro Ribeiro de Carvalho foi uma das primeiras pessoas a povoar e construir uma capela no local. A pequena capela foi consagrada à Nossa Senhora das Dores, padroeira do município, a quem o padre doou as suas terras e onze escravizados. Nesse contexto, o povoado não tinha muito movimento<sup>89</sup>.

De acordo com a descrição do IBGE e da Prefeitura de Juazeiro do Norte, o Padre Cícero Romão (1844-1934), em abril de 1872, chegou cavalcando num jumento para substituir o Padre

---

<sup>88</sup> Foto da Igreja Matriz de São Félix de Camocim construída no processo de emancipação da cidade. **Blogger**, Relíquias de Pernambuco. Imagem disponível em: <http://blogreliquiasdepernambuco.blogspot.com/2015/11/camocim-de-sao-felix.html?view=sidebar>. Acesso em: 29 ago. 2020.

<sup>89</sup> IBGE. Estados e Municípios Brasileiros. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ce/juazeiro-do-norte/historico>. Acesso em: 05 set. 2020.

do vilarejo. Durante a sua chegada, apenas encontrou algumas casas e uma capela rústica. Através de suas atividades sacerdotais tornou-se um marco na construção da religiosidade, da cultura e dos acontecimentos políticos do Cariri. Ainda segundo a descrição, com a repercussão dos acontecimentos, muitos nordestinos famintos e doentes, foram atraídos para o povoado em busca de conselhos e da bênção do “Padim Ciço”<sup>90</sup>. De acordo com a descrição de Joaquim Alves,

Dezenas de milhares vieram pelas velhas estradas dos sertões a procura de um alívio para o espírito, sequioso de uma comprovação das verdades espirituais. Milhares fixaram-se no Vale, outros tantos ficaram fazendo a peregrinação de Juazeiro, num intercâmbio constante de ideias, de sentimentos, de influências. A influência que exerceram essas migrações de caráter religioso foi notável pela persistência do seu reflexo na vida regional.<sup>91</sup>

Segundo Rodrigues Filho, em meio às disputas políticas, seu pai José Rodrigues da Silva, sem condições econômicas de permanecer com residência fixada em Camocim de São Félix e sustentar sua família naquela região, decide migrar para tentar a vida em outro estado. Em 1951, aos 8 anos de idade, Rodrigues Filho juntamente com seus pais e irmãos Pedro, Cícero, Duia, Sandra, Maria do Socorro, Lindalva, Ângela e Maria Vanusa, saíram em mudança definitiva para morar em Juazeiro do Norte, no Ceará<sup>92</sup>.

A mudança deu-se através de um caminhão da Ford, Canela Fina, que transportou toda a mobília, possível de empreender tão dura viagem. Foi necessário um ajudante, Inácio, conhecido como Calunga, que topou ajudar na mudança. O Ford saiu cortando a poeirenta estrada de cascalho vermelho amarelo e foi pernoitar em Pesqueira. Sua mãe, irmã e irmão caçula dormiram em uma pensão. Rodrigues Filho, seu irmão mais velho, seu pai e o ajudante Inácio, dormiram no caminhão para vigiar e proteger as coisas da mudança, e, no dia seguinte, subiu a perigosa serra de Mimoso. As ladeiras eram íngremes, e, portanto, era preciso ter muito cuidado, afirma Rodrigues Filho<sup>93</sup>.

Depois de dois dias de viagem, Rodrigues Filho ressalta que ele e sua família chegaram em Juazeiro do Norte, às nove horas da manhã. Seu pai dirigiu-se diretamente para a casa de seu irmão Oliveira, que ficava assentado em terreno cortado pelo rio dos Carás, no vale do Cariri. Já fazia muito tempo que o pai de Rodrigues Filho não tinha contato com seus familiares.

---

<sup>90</sup> Idem.

<sup>91</sup> ALVES, Joaquim. **O Vale do Cariri**: povoamento do Vale do Cariri. Revista do Instituto do Ceará, Fortaleza. Ano: LIX, 1945. p. 110.

<sup>92</sup> Juazeiro do Norte é um município brasileiro do estado do Ceará. Localiza-se na Região Metropolitana do Cariri, no sul do estado, distante 491 km da capital, Fortaleza.

<sup>93</sup> RODRIGUES FILHO, **Cariri/Agreste**: mitos / crendices / misticismo, p. 71.

A sua chegada pegou todos de surpresa e espanto, pois haviam recebido notícias de que seu pai havia falecido. De acordo com Rodrigues Filho, o sentimento de espanto e alegria tomou conta do lugar<sup>94</sup>.

Rodrigues Filho, com sua família, ficou morando por quase um mês na casa de sua tia Nana e suas filhas Zezé e Menininha. De acordo com Rodrigues Filho, a casa era muito pequena para abrigar tanta gente, mas precisavam ficar até seu pai conseguir estabelecer-se na cidade e alugar uma casa. Nesse contexto, morou na rua São Pedro e Santo Antônio, território comercial da cidade<sup>95</sup>.

Juazeiro apresentava-se como uma metrópole para quem havia saído ainda criança de uma pequena comunidade como Camocim de São Félix. Rodrigues Filho começava uma nova etapa em sua vida juntamente com seus novos familiares. Sua casa provisória, era rodeada de mandioca, feijão e milho. Seu pai, juntamente com alguns amigos, resolveu roçar a mata que ficava no terreno localizado na chapada do Araripe para o plantio de lavouras, feijão, jerimum, maxixe, milho e melancia<sup>96</sup>. Após a colheita, toda produção era levada, em lombo de equídeos (burro, cavalo, jegue), para ser vendida em Juazeiro. Já a mandioca levava mais tempo para ser colhida. Nesse período, Rodrigues Filho estava para completar oito anos de idade<sup>97</sup>.

Sem perder muito tempo, Rodrigues Filho fez amizade com os meninos que moravam na vizinhança: Aloísio e seu irmão mais velho Adelson. As brincadeiras giravam em torno de puxar carrinhos, empurrar pneus usados, dirigir carros, esconde-esconde, cinturão queimado, ladrão de melancias e tomavam grande parte de seu tempo enchendo a vida de alegria.

## **Passo Preto**

Rodrigues Filho apresenta lembranças<sup>98</sup> de parte de sua vida entre a infância e adolescência<sup>99</sup>, mais precisamente entre os dez e quatorze anos de idade, em Juazeiro do Norte. Ele conta sobre suas brincadeiras, meninice e também apresenta Chico, conhecido como Passo Preto. São personagens criados por Rodrigues Filho ao longo do livro.

---

<sup>94</sup> Idem.

<sup>95</sup> Ibidem, p. 113.

<sup>96</sup> Idem.

<sup>97</sup> Idem.

<sup>98</sup> De acordo com Moses Finley, preservar e transmitir lembranças não é um ato “[...] espontâneo e consciente, e sim deliberado, com a intenção de servir a um fim conhecido pelo homem que o executa. Parte das lembranças de Rodrigues Filho não foram experienciadas por ele. São histórias e mitos que ele ouviu de seus avôs/avós e os mais velhos contar. FINLEY, Moses I. **Uso e abuso da História**. São Paulo: Martins Fontes, 1989. p. 21-23.

<sup>99</sup> O conceito de infância e adolescência modifica-se ao longo do tempo, conforme as transformações econômicas, históricas, sociais, ou seja, é uma construção das sociedades humanas ao longo da história da humanidade. Para compreender melhor esse conceito ver entre outros autores: ARIÈS, P. *A História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1978; HEYWOOD, Colin. **Uma história da Infância**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

Passo Preto trabalhava para o seu pai como ajudante de caminhão. Uma das atividades era transportar rapadura do engenho que tinha em sua cidade, no Cariri. Rodrigues Filho lembra dele como uma pessoa que tornou sua vida mais agradável pelas histórias que contava através de suas narrativas apimentadas. Sabia conduzir a vida de maneira que agradava a todos em qualquer ambiente, dotado de um enorme carisma. Tinha um irmão e uma irmã, ambos mais novos, que faziam parte de seu ciclo de amizades<sup>100</sup>.

Narrando sobre a vida de Passo Preto, Rodrigues Filho vai descrevê-lo como um jovem negro que entre um trabalho e outro aproveitava para encher os ouvidos dos meninos mais novos com histórias engraçadas sobre lobisomem, entre outros mitos. Um jovem corajoso e risonho, sempre fazendo graça, com ares de rico, querendo frequentar os locais mais requintados<sup>101</sup>.

A memória sobre Passo Preto é atravessada também pelo racismo sofrido na comunidade. E suas histórias e brincadeiras confundem-se com ficção e realidade de seu universo de experiência, nos caminhos e descaminhos da vida. Em seu texto, Rodrigues Filho narra um episódio que não vivenciou, pois era mais uma das histórias narradas por Passo Preto ocorridas em Cajazeiras, na Paraíba:

[...] era um dia de feira livre e ele estava num café em pequeno ou pequeno restaurante, aguardando que lhe servissem o almoço, quando escoltou uma alteração na calçada do café. Observou, do local onde estava sentado, que um homem de cor branco, embora embotada pela poeira que se impregnara em sua pele, assim como, em suas roupas, destratava abertamente com xingamentos e palavras, ditas de baixo calão, a um homem de cor negra. Estava extremamente aborrecido com o desprazer e afoiteza desse negro, que ousara dizer-lhe: que não mais continuaria a seu serviço, visto que não estava satisfeito com o tratamento que recebia.<sup>102</sup>

Segundo Rodrigues Filho, não satisfeito com o que havia ocorrido, Passo Preto não abaixou a cabeça e disse que não trabalharia mais para o seu empregador, que continuou provocando-lhe e gritando com palavras de desacato e “injúria racial”: Rodrigues Filho ressalta que Passo preto, que não abaixava a cabeça pra ninguém, revidou as palavras com socos e pontapés fazendo-o rolar até o calçamento, e, em seguida, fugiu antes da chegada da polícia.

Eu o considerava um bom sujeito, pois ele demonstrava gostar de mim; não sei se por ser empregado de meu pai, JR-II, como ajudante de caminhão; o fato é que, para mim, ele sempre foi considerado um cara legal, um cara

---

<sup>100</sup> RODRIGUES FILHO, **Cariri/Agreste**: mitos / crendices / misticismo, p. 12-37.

<sup>101</sup> Idem.

<sup>102</sup> Idem.

bacana: um sujeito que, apesar do preconceito racial que sempre imperou no Cariri Cearense, se saía muito bem [...].<sup>103</sup>

Essas narrativas veiculam um universo marcado pelo preconceito racial operante nas cidades por onde Passo Preto passou. Rodrigues Filho apresenta o seu olhar para este espaço. Considero importante destacar que, embora ele fosse um sujeito desprovido de condições financeiras possuía privilégios pela sua condição de homem branco, que dificilmente Passo Preto desfrutava.

De acordo com Ana Sara Cortez, desde o século XIX que a posse de escravizados no Cariri cearense estava dividida por várias propriedades da região e não era apenas privilégio dos senhores mais ricos e abastados. Ainda de acordo com essa autora, o trabalho do cativo era bastante usado em trabalhos domésticos e de ganho no espaço urbano, nas fazendas de gado, nas lavouras, nos engenhos de rapadura e aguardente<sup>104</sup>.

Rodrigues Filho sublinha que Passo Preto tinha um amigo conhecido como Meia Noite. Era um sujeito pobre e convivia aprontando juntamente com Passo Preto. Seu irmão, João Cabeludo, foi um dos amigos de Rodrigues Filho na fase da infância para adolescência. Era considerado um sujeito brigador. Juntos enfrentaram boas brigas, sobretudo nas subidas das ladeiras e descidas do horto, nas quintas e sextas-feiras da Paixão. A mesma característica também marcava Zé Bucho-Quente que foi um grande lutador de rua<sup>105</sup>. A sua mãe confeccionava máscaras, uma espécie de sacola que cobria toda a cabeça com um elástico, camisas amarradas à cintura. Rodrigues Filho, juntamente com seus amigos, João Cabeludo e Aurino, que faziam parte da rua Santo Antônio, viviam correndo e divertindo-se contra os meninos Milton Marcelino, Severino Sapateiro e Zito, da Rua Santa Clara<sup>106</sup>.

Nesse contexto, a energia de Paulo Afonso ainda não tinha chegado no Cariri, e a cidade ficava na dependência dos geradores a óleo, os quais interrompiam o fornecimento de energia no período das vinte e quatro horas, deixando tudo às escuras, ressalta Rodrigues Filho. E, havia noites em que os geradores apresentavam falhas, transformando as atividades num caos. Por sorte, os cinemas tinham geradores próprios, prevenindo a interrupção dos filmes<sup>107</sup>.

De acordo com Rodrigues Filho, o cinema foi inaugurado com grande festividade na cidade, e, para comemorar o momento, exibiu o filme de Tarzan, estrelado por Herman Brix,

---

<sup>103</sup> Idem.

<sup>104</sup> CORTEZ, Ana Sara Ribeiro Parente. **Cabras, Caboclos, Negros e Mulatos: a Família Escrava no Cariri Cearense (1850-1884)**. 2008. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2008. p. 61-63.

<sup>105</sup> RODRIGUES FILHO, **Cariri/Agreste: mitos / credices / misticismo**, p. 117.

<sup>106</sup> Ibidem, 42.

<sup>107</sup> Ibidem, 42-43.

em preto e branco. Foi a alegria das pessoas e sobretudo da meninada, que via mais uma possibilidade de lazer. O cinema oferecia um universo imagético diferente do que até então estavam acostumados<sup>108</sup>.

Além das brincadeiras, Rodrigues Filho destaca que havia também outras atividades consideradas muito prazerosas, que eram proporcionadas quando seu pai lavava seu caminhão no açude de Zé Gameleira, localizado no vizinho município de São Joaquim do Monte. Rodrigues Filho ia junto com Passo Preto buscar carregamento de rapaduras no Engenho Sabiá. O proprietário deste engenho distribuía para os visitantes os produtos que processava, como garapa ou caldo de cana, mel ou melaço, alfenis, raspa de tacho e a própria cana, desde que as pessoas demonstrassem disponibilidade para carregar e descarregar o caminhão com o produto<sup>109</sup>.

Rodrigues Filho começou seus estudos ainda em Camocim de São Félix, mas não teve tempo suficiente para aprender muita coisa. Chegando em Juazeiro ele dá continuidade e concluiu seu estudo primário, básico e científico. Viveu muitas experiências com seus colegas e suas professoras. Apaixonou-se. Brigou. Fez muitas amizades. Embora tudo isso tenha sido importante, Rodrigues Filho enfatiza os problemas vivenciados pelo ensino. Atribui às professoras uma autoridade excessiva para com os estudantes, que são expressados através de castigos que, na sua visão, tornava a escola um ambiente de medo. Sua leitura é que a mestra, como era chamada as professoras na época, não era preparada para exercer a profissão com maestria, ensinando sem precisar fazer dos castigos e da vergonha uma postura pedagógica<sup>110</sup>.

O mesmo fazia parte do ensino de algumas mestras, e, para ele, não havia muita diferença entre ensino público e ensino privado com relação aos castigos físicos, inclusive na rede privada cometiam-se mais exageros. Percebeu isso quando seu pai o matriculou juntamente com seu irmão Juvar Rodrigues da Silva numa escola particular que se localizava na Rua da Glória, próximo à praça da bandeira. Vivia-se com os nervos à flor da pele e dominados pelo pavor de, a qualquer momento, cair nas garras da mestra<sup>111</sup>.

Menino sonhador, teve a infância marcada por fortes valores morais e éticos de sua época, mas também pelos mitos, crendices e misticismos típicos das histórias contadas em sua região pelos mais velhos. Aos 10 anos de idade, entre andanças e mudanças, era comum para meninos de sua idade andar em grupos de amigos fazendo algazarras.

---

<sup>108</sup> Idem.

<sup>109</sup> Idem.

<sup>110</sup> Ibidem, p. 117-120.

<sup>111</sup> Idem.

Sobre a influência da cultura norte-americana, através do cinema que tinha em sua cidade, no Cariri, vivia uma realidade virtual, sobretudo através dos filmes de faroestes, formando gangues de rua, tentando imitar a vida cenográfica juntamente com seus amigos. O cinema funcionava com energia a óleo. A cidade, portanto, ficava na dependência dos geradores<sup>112</sup>.

Ainda em suas narrativas, Rodrigues Filho relata que aos 12 anos de idade, viver um momento de plena “liberdade” foi fundamental para já começar a pensar como seria seu futuro. A curiosidade começava a florescer, sobretudo em relação à questão religiosa, que desde a sua infância foi-lhe apresentada como algo transcendental, algo indiscutível pelos seus pais e por aqueles que circundavam seu mundo de criança, passando pela primeira comunhão, e, em seguida, pela crisma<sup>113</sup>.

### 1.3 Entre adolescência e a Juventude

Rodrigues Filho narra que durante a infância e adolescência foi influenciado pelos pais e pela Igreja Católica, e era encantado pela leitura do Velho Testamento da Bíblia<sup>114</sup>, sobretudo a história de José do Egito. Manteve-se excessivamente fiel à religião que lhe foi apresentada, e para mostrar sua fé carregava sempre consigo o rosário da Mãe de Deus<sup>115</sup> no pescoço, e nunca deixava de ir à missa do Padre Cícero<sup>116</sup>.

Conhecido na devoção popular como Padre Cícero ou Padim Ciço, Cícero Romão Batista foi um sacerdote católico brasileiro. Nascido em 4 de março de 1844, em Crato, Ceará e falecido em 20 de julho de 1934, em Juazeiro do Norte. Carismático, obteve grande prestígio e influência sobre a vida social, política e religiosa do Ceará, bem como do Nordeste<sup>117</sup>.

Rodrigues Filho ressalta que desde a sua infância ouvia sermão e histórias que apontavam o Comunismo como o grande inimigo da Igreja Católica. E, nas palavras do padre Cícero, um dia instalaria-se no mundo, mas governaria apenas por um dia, pois, no dia seguinte

---

<sup>112</sup> Ibidem, p. 42-43.

<sup>113</sup> Ibidem, p. 42-45

<sup>114</sup> “A Igreja católica não permitia que católicos lessem a Bíblia de outras Igrejas, a exemplo da Protestante, Judaica e a Ortodoxa. Eram comuns as brigas entre grupos católicos, dirigidos por padres ou frades, contra os chamados “bodes” havendo, sempre, a hegemonia da Igreja Católica”. Idem.

<sup>115</sup> Mãe de Deus, Nossa Senhora das Dores é um dos vários títulos que a Virgem Maria recebeu ao longo da história. PANICO, Fernando Dom. **2ª Carta Pastoral - Romarias e Reconciliação**. 2003. Disponível em: <https://www.diocesedecrato.org.br>. Acesso em: 23 jan. 2017.

<sup>116</sup> RODRIGUES FILHO, op. cit., p.

<sup>117</sup> Para saber mais sobre o padre Cícero ver: STINGHEN, Marcela Guasque. **Padre Cícero: a canonização popular**. 2000. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2000.

à sua implantação, ocorreria o Apocalipse e Armagedon”<sup>118</sup>. Para Rodrigues Filho, as pessoas acreditavam e ainda acreditam que o Padre Cícero era Deus, que era Santo,

[...] e você cresce acreditando em Deus e depois começa a duvidar de Deus. Começa a achar que é naturalista. Uma parte de lá ainda acredita que o padre Cícero era Deus, que era Santo. As guerras que tiveram lá da emancipação, têm muita história, mas aí você, depois de você nascer acreditando em Deus e depois você duvidar de Deus e depois você achar que é naturalista, mas sempre com o pé lá, meio desconfiado.<sup>119</sup>

Influenciado pelos pais e pela Igreja Católica, Rodrigues Filho ressalta que a partir dos 12 anos de idade surgiam questionamentos que lhe deixava bastante confuso. Entre a escola, banho de rio, sessões de cinema e boates durante à noite, Rodrigues Filho enfatiza que também começava a debruçar-se sobre os aspectos socioeconômicos e religiosos de sua cidade, especialmente o poderio da Igreja de influenciar o pensamento social. Para ele, era comum ouvir nos sermões diários dos padres à manutenção da ordem, dos bons costumes, da obediência a Deus, e, para isso, era necessário rejeitar as ideias do grande inimigo da Igreja Católica, o Comunismo<sup>120</sup>.

A curiosidade já era constante e vivia analisando todos os temas e debates que não incorporassem o comum, o trivial. A questão religiosa apresentava-se como algo transcendental, pois assim ela lhe foi apresentada pelos seus pais e pelos que faziam parte de seu mundo de criança, passando pela primeira comunhão e mais velho pela crisma. De acordo com Rodrigues Filho, morar numa cidade encantada e aos doze anos de idade começar a se contrapor ao que já estava estabelecido não parecia uma tarefa fácil, todavia, as ideias aparentavam-se motivadoras<sup>121</sup>.

É importante ressaltar que em 1935, com a “Intentona Comunista”<sup>122</sup>, intensificou-se a preocupação das elites nordestinas com o fantasma do comunismo<sup>123</sup>. Nesse processo, o padre Cícero chegou a ser acusado de ser um apoiador do comunismo, mas ele mesmo rebateu a acusação dizendo que o comunismo foi fundado pelo demônio, que era a guerra do diabo contra

<sup>118</sup> RODRIGUES FILHO, **Cariri/Agreste**: mitos / crendices / misticismo, p. 45.

<sup>119</sup> Idem.

<sup>120</sup> É oportuno apontar a vasta influência do Comunismo e do outro lado a Igreja Católica usando de sua forte influência para combater as ideias comunistas. No alargar da década de 1928, com a fundação do Comitê Central do PCB, a Igreja Católica intensifica seu trabalho para frear as ideias do partido que começava a ganhar adeptos entre o operário e o camponês. SANTOS, op. cit., p. 22-25.

<sup>121</sup> RODRIGUES FILHO, **Cariri/Agreste**: mitos / crendices / misticismo.

<sup>122</sup> A “Intentona Comunista”, termo pejorativo usado pelos estratos conservadores da sociedade para caracterizar Levante Comunista de 1935, que ocorreu no dia 23 de novembro de 1935 na capital do Rio Grande do Norte.

<sup>123</sup> SILVA, Amanda Teixeira da. **Juazeiro sem Padre Cícero**: uma cidade que não se esqueceu (1934-1969). 2018. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2018. p. 75.

Deus<sup>124</sup>. Rodrigues Filho nasceu dentro desse contexto político, que seria intensificado nos anos seguintes com o Golpe civil-militar de 1964 no Brasil. Veremos mais sobre isso no segundo capítulo.

Segundo Carlos Augusto Pereira dos Santos em, 1927 já é registrado o Comunismo em Fortaleza, e no início de 1928, finca suas bases em Camocim, município no Ceará, sendo a primeira cidade do interior do estado a fundar o Bloco Operário e Camponês (BOC). O BOC serviu de base para a instalação do Comitê Municipal do PCB, em março de 1928, a partir do porto e da ferrovia da cidade. De acordo com o autor, é nesse momento que homens e mulheres começam a ter acesso a uma ideologia política diferente daquela existente na cidade, marcada pelo conservadorismo e pela manutenção do poder de quem manda mais<sup>125</sup>.

Na fase infanto-juvenil, e já com os novos amigos, a brincadeira tomava grande parte de seu tempo e enchia sua vida de alegria. Já a escola, era considerada por Rodrigues Filho como uma atividade bastante enjoativa, sem atrativos, que motivaram sua potencialidade cognitiva. Para ele, os professores das escolas primárias eram leigos e de baixa formação educacional, usavam castigos físicos, como a palmatória, que resultaram na formação de alunos que sabiam ler as palavras, mas não entendiam o significado das frases. Na sua visão, diferente da escola, o cinema era algo ilustrativo e cultural e oferecia, além de entretenimento, um motivo para preencher às lacunas deixadas pela escola<sup>126</sup>.

Complementando a colaboração cultural oferecida pelo cinema, a leitura das revistas em quadrinhos que expandiram sua comercialização e circulavam pela sua região, contribuiu para o aprimoramento do processo formativo. Rodrigues Filho ressalta que aprendiam-se mais conhecimentos gerais assistindo bons filmes do que frequentando as escolas da época<sup>127</sup>. As revistas, conhecidas como “*edições maravilhosas*”<sup>128</sup> era uma obra-prima da época. *Histórias*

---

<sup>124</sup> SARASATE, Paulo. **Na Casa do Padre Cícero**. O Povo, Fortaleza, 1931. p. 5.

<sup>125</sup> *Ibidem*, p. 24-25.

<sup>126</sup> RODRIGUES FILHO, **Cariri/Agreste: mitos / crendices / misticismo**, p. 118.

<sup>127</sup> *Idem*.

<sup>128</sup> Edição Maravilhosa foi uma coleção de quadrinhos baseada nas revistas americanas *Classics Illustrated* e *Classic Comics*, e publicada mensalmente pela EBAL em meados dos anos 1950. Publicaram histórias em quadrinhos baseada em obras literárias. As *Edições Maravilhosas* se limitaram durante um bom tempo a colocar no mercado material estrangeiro à literatura nacional. Ver: GOMES, Ivan Lima. Uma breve introdução à história das histórias em quadrinhos no Brasil. 6. Encontro Nacional da Rede Alfredo de Carvalho. (org.). **UFF em Niterói/Rio de Janeiro: "200 anos de mídia no Brasil - Historiografia e Tendências"**, 2008. Disponível em: [http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/6o-encontro-2008-1?b\\_start:int=300](http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/6o-encontro-2008-1?b_start:int=300). Acesso em: 24 jan. 2017.

com Rondon: *O Marechal da Paz*<sup>129</sup>; *Daniel Boone*<sup>130</sup>; *O conde de Monte Cristo*, entre outras. Segundo Rodrigues Filho, às leituras dessas revistas eram o que melhor podia ser oferecido em termos de aprimoramento cultural, no limiar da década de sessenta<sup>131</sup>.

**Figura - 6** Daniel Boone (O Desbravador de Terras)



Fonte: Revista em Quadrinhos – EBAL, 1956<sup>132</sup>.

O início das histórias em quadrinhos no Brasil começa a partir do trabalho do ítalo-brasileiro Ângelo Agostinho, quando chega ao país em 1859, mais especificamente em São Paulo, e começou a trabalhar como desenhista em 1864 na revista *Diabo Coxo*. Nesse contexto, as revistas tinham um teor que já envolvia heróis, mocinhas e vilões. A partir da virada do século XIX, os quadrinhos surgiram ligados à crítica social, política e humor. Na década de 1930, assumiram um novo papel como fenômeno comunicacional<sup>133</sup>, introduzindo vários conceitos no Brasil, como: as brincadeiras e jogos; e as figuras de papel para serem recortadas e montadas<sup>134</sup>.

<sup>129</sup> Cândido Mariano da Silva Rondon, o Marechal Rondon, trabalhou na defesa da questão indígena e da integração nacional. Com a missão de trabalhar no desenvolvimento da infraestrutura no país, Rondon abraçou a defesa dos Direitos Humanos e lutou pelo respeito e pela proteção dos povos indígenas brasileiros. SÁ, Luiza Vieira. **Rondon: o agente público e político**. 2009. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, 2009.

<sup>130</sup> BAKELESS, John. Daniel Boone (o desbravador de terras) (1894-1978). Editora Ebal, **Edição Maravilhosa**, São Paulo, n. 121, abr. 1956.

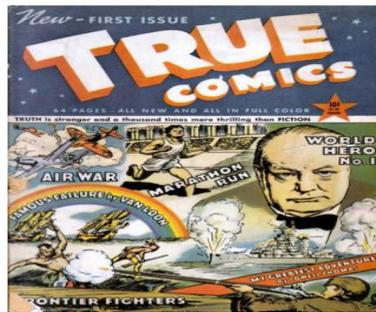
<sup>131</sup> RODRIGUES FILHO, **Cariri/Agreste: mitos / crendices / misticismo**.

<sup>132</sup> GUIA EBAL. **Edição Maravilhosa**, São Paulo, n. 121. abr. 1956. Disponível em: <https://www.santayana.com.br/peca.asp?ID=5615045&ctd=370&tot=&tipo=>. Acesso em: 10 set. 2020. 1956. 1 foto.

<sup>133</sup> Ver: BARBOSA, Alexandre Valença Alves. **Histórias em quadrinhos sobre a História do Brasil em 1950: A narrativa dos artistas da EBAL e outras editoras**. 2006. Dissertação (Mestrado em Teoria e Comunicação) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006. p. 128-130.

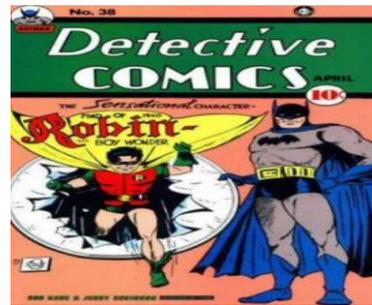
<sup>134</sup> Idem.

Figura - 7 True Comics



Fonte: Comic Book Plus. 1940.<sup>135</sup>

Figura - 8 Detective Comics



Fonte: Comic Book Plus. 1940.<sup>136</sup>

Segundo Alexandre Valença Alves Barbosa, as décadas de 1940 e 1950 foram os melhores momentos para a construção da indústria nacional dos quadrinhos. Nesse período, surgiram as editoras *EBAL*, *Rio Gráfica*, *La Selva* e *Abril*, que publicavam quadrinhos importados, mas também abriam espaços para publicações nacionais. As publicações davam-se em torno de três gêneros: policial, aventura e ficção<sup>137</sup>. No final dos anos 70, alguns artistas brasileiros foram influenciados pelo movimento *underground* norte-americano. A partir daí, surgiram iniciativas com novas revistas tendo como base o humor, a crítica sociocultural e política, o que diferenciava os artistas das produções das editoras anteriores. Os desenhos, por exemplo, eram sujos e assimétricos, com o intuito de transmitir, juntamente com o texto, uma ideia de contracultura<sup>138</sup>.

Figura - 9 A mãe da Rê Barbosa



Fonte: Angeli - 1985<sup>139</sup>.

<sup>135</sup> Extraído do site Comic Book Plus, distribuidor de conteúdo online de revistas em quadrinhos antigas gratuita e legalmente. **True Comics**, n. 1, 1940. Disponível em: <https://comicbookplus.com/?dclid=24813>. Acesso em: 13 out. 2020. 1940. 1 foto.

<sup>136</sup> COMIXOLOGY. Site de venda de quadrinhos da DC Comics online da Amazon. **Detective Comics**, n. 38, 1940. Disponível em: <https://www.comixology.com/Detective-Comics-1937-2011-38/digital-comic/28860>. Acesso em: 13 de out. 2020. 1940. 1 foto.

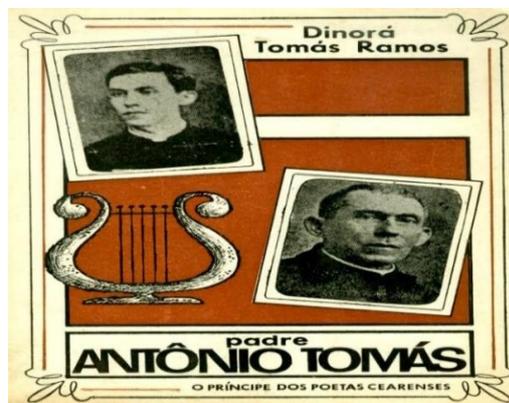
<sup>137</sup> Ibidem, p. 133-134.

<sup>138</sup> Ibidem, p. 138-140.

<sup>139</sup> ANGELI. Chiclete com Banana. São Paulo: **Circo Editorial Ltda**, n. 01, out. 1985. Rê Barbosa é uma das personagens criada pelo cartunista Angeli. Surgiu nas páginas do jornal *Folha de S. Paulo*, migrou para a revista *Chiclete com Banana* e ganhou o país. Arquivo também disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/re-bordosa-em-tirinhas/>. Acesso em: 14 set. 2020.

No início de 1962, aos 19 anos começa a sua paixão por poemas e poesias românticas do gênero obscuro, tais como: “*O Cume*”; “*Putá*”; “*O retrato dela*”, entre outros. No entanto, o que marcou, sensivelmente, seu interesse pela poesia foi o Soneto *Contraste* do Padre Antônio Tomás (1868-1941), seguido de *Cajueiro Pequenino* de Juvenal Galeno (1838-1931); *Canção de Exílio* e *Juca Pirama* de Gonçalves Dias (1823-1864); *Meus Oito Anos* de Casimiro de Abreu (1839-1860) e *A Flor e Fonte de Vicente* de Carvalho (1866-1924). Aos vinte e dois anos de idade, Rodrigues Filho considerava-se um jovem de mente despida de pavor ou medo pelo sobrenatural devido às suas concepções filosóficas um tanto quanto materialistas<sup>140</sup>.

**Figura 10** - Padre Antônio Tomás.



Fonte: Jornal "A Fortaleza" 1981<sup>141</sup>.

O Padre Antônio Tomás<sup>142</sup> era conhecido como o príncipe dos poetas cearenses. Escreveu muitos sonetos ao longo de sua vida, mas começou mesmo a estampar a sua obra dispersa a partir de 1901, através do jornal A República, e, a partir daí, não parou mais. Entretanto, sua produção poética nunca foi publicada em livros, pois deixou em testamento a proibição de que o fizessem. Sua poesia constituía-se em duas partes: a mais numerosa de sonetos e a outra parte de poesias de feição e ritmos variados. Ingressou na Academia Cearense de Letras (ACL) no dia 8 de setembro de 1922<sup>143</sup>. A poesia do “*Contraste*” era muito lida por Rodrigues Filho em sua juventude.

<sup>140</sup> RODRIGUES FILHO, Cariri/Agreste: mitos / credices / misticismo.

<sup>141</sup> RAMOS, Dinorá Tomas. Padre Antonio Tomás - Príncipe dos poetas cearenses. **Jornal "A Fortaleza"**, Fortaleza, 3. ed., 1981. p. 176.

<sup>142</sup> O padre Antônio Thomaz nasceu no dia 14 de setembro de 1868, em Acaraú. Raimundo de Menezes registra Antônio Thomaz de Sales, filho do professor Gil Thomaz Lourenço e Francisca Laurinda da Frota. Em Sobral estudou as primeiras letras, latim e francês, entrando para o Seminário de Fortaleza, onde se ordenou, em 1891.

<sup>143</sup> BARREIRA, Dolor. Padre Antônio Tomaz. **Revista da Academia Cearense de Letras**, Ceará, Ano LXIII, n. 28, p. 80-128. 1959. Disponível em: [http://www.academiacearensedelettras.org.br/revista/revistas/1959/ACL\\_1959\\_18\\_Pe\\_Antonio\\_Tomaz\\_Part\\_01.pdf](http://www.academiacearensedelettras.org.br/revista/revistas/1959/ACL_1959_18_Pe_Antonio_Tomaz_Part_01.pdf). Acesso em: 14 set. 2020.

**Figura 11 - Cajueiro Pequenino**

Fonte – Lendas e Canções populares. 1865.<sup>144</sup>

O poema *Cajueiro Pequenino*, de Juvenal Galeno da Costa e Silva, também foi muito lida por Rodrigues Filho. O mesmo nasceu em Fortaleza, no dia 27 de setembro de 1836, filho de um próspero agricultor. Estudou assuntos de lavoura no Rio de Janeiro para dar continuidade ao trabalho da família na área agrícola. Foi um dos fundadores do instituto do Ceará, Patrono da Cadeira nº 23 ACL<sup>145</sup>.

**Figura 12 - Canção do exílio**

Fonte – ANC 88 Pasta Setembro/86 071. 1986.<sup>146</sup>

Antonio Gonçalves Dias nasceu em 1823, na cidade de Caxias, Maranhão. Foi um poeta, professor, jornalista e teatrólogo brasileiro. É lembrado como o grande poeta indianista da Primeira Geração Romântica. Deu romantismo ao tema índio e uma feição nacional à sua literatura. É lembrado como um dos melhores poetas líricos da literatura brasileira e por seu papel na promoção do elemento nativo – indígena – a símbolo nacional. É Patrono da cadeira n. 15 da Academia Brasileira de Letras (ABL). A *Canção do Exílio* foi criada em julho de 1843

<sup>144</sup> GALENO, Juvenal. Lendas e Canções Populares. In: (org.). NETTO, Raymundo. **Governo do Estado do Ceará, Secretária de Educação**, 5. Ed. Fortaleza-Ceará, 2010. Disponível em: <https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/documentos/?action=download&id=93965>. Acesso em: 14 set. 2020.

<sup>145</sup> **Revista do Instituto do Ceará**. 1948. Disponível em: <http://www.institutodoceara.org.br/revista/Rev-apresentacao/RevPorAno/1948/1948-OPioneirodoFolcloreNordesteBrasil.pdf>. Acesso em: 14 set. 2020.

<sup>146</sup> Constituição e Constituinte. Programa de Educação Continuada - Decanato de Extensão da Universidade de Brasília. Aula nº 4. Suplemento do Correio Braziliense. 1986. Print da Imagem. Disponível em: [https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/117361/1986\\_SETEMBRO\\_071h.pdf?sequence=3](https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/117361/1986_SETEMBRO_071h.pdf?sequence=3). Acesso em: 14 set. 2020. 1 foto.

quando o autor encontrava-se em Coimbra, Portugal. Na canção, o mesmo ressalta o patriotismo e o saudosismo em relação à terra natal<sup>147</sup>.

**Figura 13 - Meus oitos anos (Casimiro de Abreu)**



Fonte – Cadernos Virtuais. 1859.<sup>148</sup>

Outra poesia que fez parte do rol de leituras de Rodrigues Filho foi *Meus Oito Anos*. Este poema apela, especialmente, para um teor nostálgico de um tempo e lugar da vida durante a infância, que não volta mais. Recorda momentos inesquecíveis, época em que subia nas mangueiras, curti as brincadeiras e a inocência da fase. Um saudosismo. Um poema cheio de saudades de um tempo que se foi, mais ainda é presente nas pequenas lembranças de outrora. De acordo com sua biografia, Casemiro de Abreu nasceu no Rio de Janeiro e foi um poeta brasileiro. Destacou-se na segunda geração romancista e foi autor de *Meus oito anos*, um dos poemas mais populares da literatura brasileira<sup>149</sup>.

**Figura 14 - A flor e a fonte**



Fonte - Moysés Abbud. 1866.<sup>150</sup>

<sup>147</sup> LIMA, Renata Ribeiro. Representações de exílio e nacionalismo em Gonçalves Dias. *Revista Nau Literária*, Porto Alegre, v. 10, n. 02, p. 53-66, jul./dez. 2014. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria/article/viewFile/50110/32825#:~:text=Verifica%2Dse%20como%2C%20nas%20representa%C3%A7%C3%B5es,a%20pr%C3%B3pria%20pessoa%20do%20poeta>. Acesso em: 14 set. 2020.

<sup>148</sup> Grupo Advocacia & Justiça. Imagem disponível em: <https://groups.google.com/g/advocaciaejustica/c/EA2KIupbBh8?pli=1>. Acesso em: 20 set. 2020.

<sup>149</sup> Academia Brasileira de Letras. Disponível em: <https://www.academia.org.br/academicos/casimiro-de-abreu/biografia>. Acesso em: 14 set. 2020. 1 foto.

<sup>150</sup> ABBUD FILHO, Moysés. **Blogger**: as mais belas histórias. Disponível em: <http://notempoquearobaera15quilos.blogspot.com/2017/05/a-fonte-e-flor.html>. Acesso em: 14 set. 2020. 1 foto.

A poesia de Vicente de Carvalho também foi lida por Rodrigues Filho, mais precisamente o poema *A flor e a fonte*. Advogado, jornalista, político, abolicionista, magistrado, poeta e contista, nasceu na cidade de São Paulo, em 1866, e veio a falecer em 1924<sup>151</sup>. Fez parte de uma geração de autores parnasiano e conviveu dentro de um contexto de transição entre a monarquia e a república.

Ambos os poetas mencionados acima nasceram em tempo e lugares diferentes, mas fizeram parte de uma geração de poetas que, cada um à sua maneira, influenciaram o imaginário de gerações de poetas e leitores. Casimiro de Abreu, Gonçalves Dias e Juvenal Galeano da Costa fizeram parte da segunda geração do Romantismo Brasileiro. Um dos principais fatos históricos da motivação desta geração foi a chegada da Família Real portuguesa, em 1808<sup>152</sup>.

A partir desse universo de leituras, Rodrigues Filho começa a escrever em 1962, em Juazeiro do Norte, seus principais poemas numa fase romântica da vida, motivado pelo transtorno com a perda de seu primeiro amor. Como iniciante nesse universo, Rodrigues Filho ressalta que escreveu seu primeiro poema plagiando um texto poético, de um autor desconhecido, e publicou no seu livro de coletânea poética, em 2015.

Quero esquecer-te e não consigo,  
Pois minha vida tornou-se um contraste;  
Há de ti uma saudade em cada esquina  
E uma lembrança tua em cada parte  
Se assim traçou o destino  
Um dia de mim te afastasse...  
Foste Cruel, sim,  
Mas jamais pensei em odiar-te,  
Pois há de ti uma lembrança em cada esquina  
E uma saudade tua em cada parte.<sup>153</sup>

Depois de viver e superar o trauma de sua primeira experiência amorosa, Rodrigues Filho continuou escrevendo poemas, frutos da paixão de um jovem estudante. Dessa vez, em setembro de 1963, escreveu para uma colega, do segundo ano básico da Escola Técnica de Comércio, que tinha o hábito de guardar seu caderno.

Do peito um brado pujante  
Retumba através dos montes  
Este grito alucinante  
Perde-se no horizonte.  
A mensagem desta súplica  
Penetra até o além,  
Mas passa despercebida

---

<sup>151</sup> Idem.

<sup>152</sup> Ver: COUTINHO, Afrânio. **Introdução à Literatura no Brasil**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

<sup>153</sup> RODRIGUES FILHO. **O homem, o tempo e a poesia**. Salvador: JM Gráfica e Editora Ltda, 2015. p. 13.

Por desatenção de alguém.  
 Com o coração dolorido,  
 A alma feita em pedaços,  
 O ego frágil, ferido...  
 Ando perdido em meus passos.  
 Sei que não terei vivido  
 Se não tomá-la nos braços.<sup>154</sup>

A fase romântica da vida de Rodrigues Filho como poeta iniciante começa em 1962, em Juazeiro do Norte, e vai até 1965. Durante esse período, escreveu vários poemas, motivados pelas paixões que teve durante a juventude, e parte desses romances brotou na escola.

Entendemos que o universo da adolescência e juventude de Rodrigues Filho foi permeado por diversos tipos de leituras, que foram moldando sua vida, o modo de olhar para as questões sociais, religiosas e políticas de seu tempo. Segundo Rodrigues Filho, o que marcou a sua entrada na vida política, em particular para a esquerda, foi a leitura do livro *Princípios Fundamentais de Filosofia*, de George Pulitzer (1903-1942)<sup>155</sup>, que deu um olhar materialista para as questões do mundo social, pois até então havia sido educado a olhar o mundo a partir, tão somente, das questões religiosas oriundas do catolicismo, afirmou Rodrigues Filho<sup>156</sup>.

Rodrigues Filho e algumas frações da juventude de seu tempo foram influenciadas pelas questões culturais e políticas daquele tempo, na perspectiva local, nacional e internacional, opondo-se às guerras, às ditaduras e ditadores pelo mundo, sobretudo, no pós-Segunda Guerra Mundial. Também foram influenciados pela Revolução Cubana (1959), a Revolução Chinesa (1949), entre outras. Acreditamos que todo esse cenário, no limite, foi moldando parcela dessa geração de estudantes e jovens que assumiram uma postura crítica em relação ao espaço social. Rodrigues Filho ressalta que, como um jovem, começou a envolver-se nas questões políticas de caráter mais geral e a incorporar a rebeldia nos hábitos, no modo de vestir-se, mas neste momento não se envolveu em atividades da militância estudantil<sup>157</sup>.

Em 1969, quando Rodrigues Filho iniciou sua vida no curso de agronomia na EA, também sofreu influência de uma geração de estudantes na luta contra a Ditadura Militar. Ele chama essa fase de sua vida de “Sócio-Política” que vai até o ano de 1986. É nesse contexto que ele inicia sua escrita engajada escrevendo poesias e textos políticos contra o sistema

<sup>154</sup> Ibidem, p. 15.

<sup>155</sup> Georges Politzer, foi um filósofo e teórico marxista francês de origem húngara, nasceu em 3 de maio de 1903. Foi militante comunista e participante da Resistência francesa. Preso em 1942, foi torturado e executado por ser militante comunista. O livro *“Princípios Fundamentais de Filosofia”* é um manual que transcreve as notas tomada por um de seus alunos nos cursos por ele professados na Universidade Operária, no ano escolar de 1935-36 Ver: LE GOAS, Claude Maurice. **Georges Politzer, Princípios Fundamentais de Filosofia**. Disponível em: [http://resistir.info/livros/georges\\_politzer\\_principes\\_elementaires\\_de\\_philosophie.pdf](http://resistir.info/livros/georges_politzer_principes_elementaires_de_philosophie.pdf). Acesso em: 22 nov. 2016.

<sup>156</sup> RODRIGUES FILHO. [Entrevista concedida a]. Elias dos Santos Conceição. Amélia Rodrigues, Bahia, 2013.

<sup>157</sup> Idem.

opressor vigente<sup>158</sup>. Daremos continuidade a esta discussão sobre essa fase da vida de Rodrigues Filho no segundo e terceiro capítulo.

Em 1964, aos 21 anos de idade, Rodrigues Filho já havia concluído o ensino básico e estava pensando no que iria fazer da vida em Juazeiro do Norte. Nesse mesmo ano foi aprovado em um concurso e começou a trabalhar como telefonista em um posto médico de Serviço de Assistência Médica Domiciliar e de Urgência (SAMDU)<sup>159</sup>. Trabalhava entre sete e oito plantões por mês e ganhava um bom dinheiro para um jovem solteiro. Trabalhou nesse serviço durante quatro anos<sup>160</sup>.

Em 1965, Rodrigues Filho entrou no curso científico. Ficou dividido entre o estudo e o trabalho de atendente no posto médico. O curso científico durava três anos e as disciplinas eram mais voltadas para as Ciências Exatas e Naturais, permitindo o ingresso do estudante no ensino superior. No início de 1968, depois de concluir o curso científico, Rodrigues Filho aproveitou um período de férias do trabalho para dedicar-se aos estudos pensando em fazer o vestibular<sup>161</sup>.

É importante ressaltar que esse era um contexto acirrado no Brasil após o Golpe civil-militar, que passou a controlar o país com sucessivos militares no poder, entre 1964 a 1985. Quando esse processo aconteceu, e nos anos que se seguiram, Rodrigues Filho estava em Juazeiro do Norte aproveitando sua juventude entre trabalho e festas. Entretanto, não era o suficiente, e, por isso, escolheu tentar a formação superior para o curso de Agronomia. Veremos mais sobre isso no tópico seguinte.

#### **1.4 De Juazeiro do Norte para Salvador**

Em 1968, realizou a inscrição para o vestibular em Salvador para concorrer a uma vaga no curso de Agronomia. Ao chegar na capital baiana, encontrou a cidade bastante movimentada devido aos protestos estudantis contra a Ditadura Militar. Contudo, Rodrigues Filho ressalta que naquele momento não sofreu nenhuma influência, pois não participou nesse período de nenhuma mobilização. Ficou hospedado durante a semana no pensionato com mais 13 colegas<sup>162</sup>.

---

<sup>158</sup> Idem.

<sup>159</sup> SAMDU, “esse serviço foi ofertado a partir de 1950 aos trabalhadores e seus dependentes, e era mantido pelos Institutos de Aposentadorias e Pensões (IAPs) ou Caixas de aposentadorias e Pensões (CAPs)”, Ver: OLIVEIRA, Stefanie Griebeler. **Melhor em casa?** Um estudo sobre a atenção domiciliar. 2014. Tese (Doutorado em Enfermagem) - Escola de Enfermagem, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014. p. 66.

<sup>160</sup> RODRIGUES FILHO. [Entrevista concedida a]. Elias dos Santos Conceição. Amélia Rodrigues, Bahia, 2021.

<sup>161</sup> RODRIGUES FILHO. [Entrevista concedida a]. Elias dos Santos Conceição. Amélia Rodrigues, Bahia, 2013.

<sup>162</sup> Idem.

Antes de decidir vir para EA Rodrigues Filho pensava em fazer vestibular em Juazeiro porque era mais perto de sua casa, mas quando descobriu que tinha uma Escola de Agronomia em Cruz das Almas que dava alimentação e dormida não pensou duas vezes. Rodrigues Filho ressalta as dificuldades enfrentadas ao longo de sua trajetória, destacando a situação de onde veio e terminou com o nível superior, num país como o Brasil, onde pobre não tinha vez<sup>163</sup>.

Durante o período de inscrição, a pessoa tinha que se inscrever em três opções: Rodrigues Filho inscreveu-se em Agronomia, que disponibilizava 50 vagas; em Geologia e Veterinária. Após fazer o vestibular, retornou para Recife, onde passou as férias com o irmão mais velho Juvar Rodrigues da Silva, e depois retornou para seu estado de origem para aguardar o resultado do vestibular. Apenas obteve pontuação para passar em Geologia. Contudo, a universidade abriu mais 30 vagas, sendo possível sua entrada no curso na EA. Rodrigues Filho ressalta que foi a realização de seu sonho de tornar-se um Engenheiro Agrônomo e com isso também ajudar a sua família, que lhe deu todo suporte para estudar<sup>164</sup>.

Da mesma forma que consideramos importante analisar aspectos da trajetória de Rodrigues Filho a partir de sua infância, entendemos que analisar, mesmo que brevemente, alguns eventos na EA, que antecedem a sua chegada, é importantes para melhor compreender a sua trajetória. E extrapolar o limite cronológico talvez ajude a entender as escolhas e práticas políticas de Rodrigues Filho a partir de 1969. Importa dizer que as escolhas e ação como se deu não eram apenas a única possível, supostamente havia outras.

Rodrigues Filho chegou em março de 1969 na EA, mas é importante enfatizar que a escola é anterior à sua chegada. Nesse sentido, no início do segundo capítulo buscaremos reconstituir brevemente alguns aspectos da atuação do ME em Cruz das Almas, entre 1964 e 1969, e também analisar alguns aspectos da reverberação do Golpe civil-militar. Salientamos que esse não é o recorte da pesquisa, já que Rodrigues Filho ainda não estava na Escola de Agronomia nesse contexto.

---

<sup>163</sup> Idem.

<sup>164</sup> Idem.

## CAPÍTULO II

### A TRAJETÓRIA DE JOSE RODRIGUES FILHO NO MOVIMENTO ESTUDANTIL NA ESCOLA DE AGRONOMIA DA BAHIA DURANTE A DITADURA MILITAR

O presente capítulo investiga a trajetória política e a militância cultural de Rodrigues Filho na EA da UFBA, na cidade de Cruz das Almas. Além do depoimento de Rodrigues Filho, examinamos também o Jornal do Diretório Acadêmico Landolfo Alves, *O DALA*. E a partir das fontes citadas, analisamos a atuação do ME especialmente para demonstrar o ambiente político que Rodrigues Filho encontrou ao iniciar o curso na EA, em 1969. Em tempo, também analisaremos artigos, poesias e outras expressões culturais protagonizadas por Rodrigues Filho e demais estudantes, cujo conteúdo foi considerado subversivo pelas forças repressivas.

#### 2.1 De Salvador para Cruz das Almas

Certo de que iria fazer Geologia, Rodrigues Filho retornou para a casa de seu irmão, que estava servindo o exército em Recife, onde passou oito dias vendendo equipamentos e livros para adquirir dinheiro e manter-se em Salvador. Contudo, ao retornar para Salvador, descobriu que também havia sido aprovado no curso de agronomia, e, para sua felicidade, um de seus amigos que ficou na pensão havia feito sua transferência, restando, portanto, a sua assinatura. No começo de 1969, após ser aprovado no vestibular, veio cursar agrônômica na EA<sup>165</sup>.

A origem de Cruz das Almas remonta ao século XVIII, quando pertencia à freguesia da cidade de Cachoeira (BA). Foi formada por brasileiros e descendentes de portugueses, que tinham como intuito a plantação de cana de açúcar, fumo e a fundação de engenhos<sup>166</sup>. Contudo, admite-se que os indígenas que viveram nesta cidade antes da chegada dos portugueses foram os Cariris ou Sabujás<sup>167</sup>.

Por Alvará régio, de 22 de janeiro de 1815, a capela existente foi elevada à freguesia com o nome de Nossa Senhora do Bom Sucesso da Cruz das Almas, pertencente à freguesia de Outeiro Redondo até ao fim do Império. Era rota de tropeiros com destino às terras do sertão. Em 29 de julho de 1897, foi elevada à categoria de vila através da Lei Estadual nº 190,

---

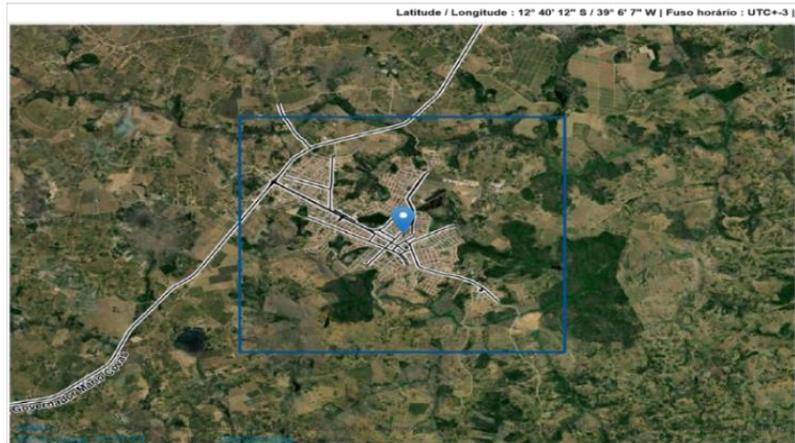
<sup>165</sup> RODRIGUES FILHO. [Entrevista concedida a] Elias dos Santos Conceição. Amélia Rodrigues, Bahia, 2013.

<sup>166</sup> IBGE – Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Indicadores Sociais Mínimos. Conceitos. IBGE, 1958. p. 203. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?id=227295&view=detalhes>. Acesso em: 22 set. 2016.

<sup>167</sup> CUNHA, op. cit., p. 44.

desmembrando-se da comuna de São Félix e constituindo-se pelas freguesias de Nossa Senhora do Bom Sucesso da Cruz das Almas e Nossa Senhora da Conceição do Sapé<sup>168</sup>.

**Figura 15** – Mapa: Cruz das Almas



Fonte: IBGE. 2017. <sup>169</sup>

Em 31 de agosto de 1921, a vila foi elevada à categoria de cidade pela Lei Estadual de 1.537. Em 1911, Cruz das Almas era composto por dois distritos, Sapé e Baixa da Palmeira, até o ano de 1953, quando, através da Lei Estadual nº 549, foram desmembrados. Sapé passou a chamar-se Sapeaçu e a Baixa da Palmeira passou a chamar-se Baixa do Palmeira. O primeiro tornou-se município e o segundo seu distrito<sup>170</sup>.

De acordo com a *Enciclopédia dos Municípios Brasileiros* do IBGE, publicada em 1958, a origem do nome do município deve-se à antiga estrada de tropas que se dirigia para São Félix, onde havia uma cruz numa encruzilhada, perante a qual os tropeiros paravam para fazer orações. No local, hoje existe a Igreja Matriz Nossa Senhora do Bom Sucesso<sup>171</sup>.

## 2.2 Escola Agrônômica da Bahia

A antiga EAB originou-se da criação do ensino agrícola no Brasil, em 1877, com a fundação da *Imperial Escola Agrícola*, em São Francisco do Conde, no Recôncavo Baiano, dentro de um processo de institucionalização das Ciências no Brasil<sup>172</sup>. É a primeira instituição

<sup>168</sup> IBGE, op. cit.

<sup>169</sup> Cruz das Almas é um município brasileiro do estado da Bahia. Sua população fixa estimada em 2017 era de 64.932 habitantes. É considerado como um importante centro subregional de nível "B", sendo a segunda cidade mais importante do Recôncavo Sul. Disponível em: [http://www.mapnall.com/pt/Mapa-Cruz-das-Almas\\_1144454.html](http://www.mapnall.com/pt/Mapa-Cruz-das-Almas_1144454.html). Acesso em: 11 out. 2021. 1 foto.

<sup>170</sup> Ibidem, p. 203-204.

<sup>171</sup> Idem.

<sup>172</sup> BAIARDI, Amilcar. O papel do Imperial Instituto Bahiano de Agricultura na formação da comunidade de ciências agrárias do Brasil. **Primeiro Congresso Luso-Brasileiro de História da Ciência e da Técnica, 2000**. Évora: Editora da Universidade de Évora, 2001.

de nível superior voltada para a formação de engenheiros agrônomo, e, acordo com Maria Antonieta de Campos Tourinho, foi criada num contexto de crise na lavoura canavieira no mercado internacional e crise na mão de obra em razão da abolição da escravidão e o deslocamento da economia brasileira para a região sudeste. Tratou-se da iniciativa de uma elite econômica do Recôncavo Baiano: senhores de engenhos, proprietários rurais, comerciantes, comissários de açúcar, antigos traficantes de escravizados e banqueiros<sup>173</sup>.

**Figura 16** - Vista aérea da EAB, Cruz das Almas.



Fonte: Acervo - Coleção de fotografias. 2013.<sup>174</sup>

Em 1938, Landulfo Alves (1893-1954) ao ser nomeado pelo presidente Getúlio Vargas como interventor federal na Bahia dedicou-se à construção de uma nova escola agrícola no interior. Em 1944, Landulfo Alves transferiu a Escola de Agronomia para a cidade de Cruz das Almas, sendo mantida pelo estado até meados dos anos 1960. Federalizou-se em 1967, tornando-se *Escola de Agronomia* da UFBA. Em 2005, a Escola de Agronomia foi desmembrada da UFBA e nasceu a Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), fruto de uma ampla mobilização de diversos setores da sociedade, que reivindicavam o processo de interiorização do ensino superior no Estado<sup>175</sup>.

<sup>173</sup> TOURINHO, Maria Antonieta de Campos. **O Imperial Instituto Bahiano de Agricultura: A instrução agrícola e a crise da economia açucareira na Segunda metade do século XIX.** 1982. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, 1982. p. 80.

<sup>174</sup> MEASB. Memorial do Ensino Agrícola Superior da Bahia. Acervo - Coleção de fotografias. <https://www.ufrb.edu.br/memorial/galeria-de-fotos/2-acervo/detail/66-acervo-colecao-de-fotografias-vista-aerea-da-eab-cruz-das-almas>. Acesso em: 12 maio. 2021. 1 foto.

<sup>175</sup> Ver: NACIF, Paulo Gabriel Soledade. **UFRB 5 anos: Caminhos, Histórias e Memórias.** Cruz das Almas. 1. ed. 2010; BAIARDI, Amilcar. O Papel do Imperial Instituto de Agricultura na Formação da Comunidade de Ciências Agrárias da Bahia, 1859-1930. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE HISTÓRIA DA CIÊNCIA E TECNOLOGIA, 7., 1999. **Anais [...].** São Paulo: 1999. VII Reunião de Intercâmbios para a História e a Epistemologia das Ciências Químicas e Biológicas. Anais/José Luiz Goldfarb & Márcia H. M. Ferraz (org.). São Paulo: EDUSP, EDUNESP: Imprensa Oficial do Estado: SBHC, 2001; ARAÚJO, Nilton de Almeida. **A Escola Agrícola de São Bento das Lages e a institucionalização da agronomia no Brasil (1877-1930).** 2006. Dissertação (Mestrado em Ensino,

### 2.3 Reverberações do Golpe Civil-militar na EAB

Como mencionado no capítulo anterior, em 1964, Rodrigues Filho ainda estava estudando e trabalhando em Juazeiro do Norte, e somente quatro anos depois que ele prestaria vestibular para o curso de agronomia. No entanto, consideramos importante contextualizar brevemente esse período conturbado da história brasileira e como esse processo reverberou-se na EA.

No dia primeiro de abril de 1964, a sociedade brasileira acordou com a notícia do Golpe civil-militar, perpetrado pelos militares com apoio de setores da sociedade civil, onde o então presidente João Goulart, democraticamente eleito, foi deposto da presidência. O Ato Institucional Número 1 (AI-I), institucionalizado em 27 de abril de 1964, pelo Governo Castelo Branco, foi o primeiro ciclo de medidas imediatas adotadas pelos militares objetivando acionar as forças repressivas e varrer a subversão, culminando com a famosa “Operação Limpeza”<sup>176</sup>, visando nesse primeiro momento os camponeses, sindicalistas, militares, estudantes, comunistas através da cassação de direitos políticos, exonerações, prisões, torturas, exílios e assassinatos<sup>177</sup>.

A União Nacional Estudantil (UNE) teve sua sede invadida, saqueada e queimada, sobretudo por sua postura de luta ao lado da classe operária<sup>178</sup>. Nesse processo, quase todas as entidades estudantis sofreram intervenção seguida de prisão indiscriminada de professores e estudantes considerados “subversivos”. De acordo com Maria Ribeiro do Valle, “[...] os inquéritos policiais Militares – IPMs criados pelo Ato Institucional de abril de 1964 – são instaurados com objetivo de controle do meio estudantil e da Universidade”<sup>179</sup>.

Neste cenário, a EA também entra para história como um espaço de memória de estudantes que não se calaram diante do golpe. É verdade que o movimento no interior não teve tanto impacto quanto nas outras capitais do país, mas se mostrou muito atuante dentro e fora da faculdade naquela conjuntura, o que segundo Lucileide Cardoso, não é possível presenciar na historiográfica contemporânea, muito concentrada nas regiões Sudeste e Sul do país. A autora ainda afirma que, “[...] nas cidades do interior do país as notícias sobre as atrocidades cometidas

---

Filosofia e História das Ciências) - Universidade Federal da Bahia, Universidade Estadual de Feira de Santana, Salvador, Feira de Santana, 2006.

<sup>176</sup> VALLE, Maria Ribeiro do. **1968**: o diálogo é a violência – movimento estudantil e ditadura militar no Brasil. 2. ed. São Paulo: Unicamp, 2008. p. 31.

<sup>177</sup> ALVES, op. cit., p. 141.

<sup>178</sup> VALLE, op. cit., p. 32-33.

<sup>179</sup> Ibidem, p. 33.

pela Ditadura Militar sempre foram escassas, bem como os impactos da ideologia e das políticas dos governos militares não foram tão visíveis nem tão intensos”<sup>180</sup>.

Segundo Amilcar Baiardi, quando foi deflagrado o golpe alguns estudantes da EAB organizaram-se para uma possível resistência. Reuniram armas, prepararam coquetel molotov, com a intenção de atacar o tiro de guerra e a polícia em Cruz das Almas. Acreditavam que ocorreria a resistência no Brasil e na Bahia, especialmente em Salvador, Feira de Santana e Vitória da Conquista, onde os prefeitos eram vinculados ao projeto de Goulart. Entretanto, a resistência não aconteceu, e, em seguida, foram neutralizados pelos militares<sup>181</sup>. De acordo com Antonio Maurico Freitas Brito (2008) o desfecho da resistência na Bahia,

[...] frustrou aqueles que imaginaram uma resistência ao golpe dirigida pelo chefe do executivo baiano, articulado com Francisco Pinto (Prefeito de Feira de Santana), Pedral Sampaio (Prefeito de Vitória da Conquista) e Virgildásio Sena (Prefeito de Salvador). Todos os três foram golpeados e despojados de seus postos institucionais. Acrescente-se ainda que alguns vereadores e deputados também perderam seus mandatos.<sup>182</sup>

No dia primeiro de abril de 1964, o delegado de polícia da cidade de Cruz das Almas, Romualdo Sales Gonçalves, juntamente com o Segundo Tenente R/2, Waltércio Barroso da Fonsêca, diretor do Tiro de Guerra, na tentativa de “manter a ordem” iniciaram buscas e apreensões de materiais subversivos e de pessoas cujas atividades causavam dúvidas. A partir deste momento, as tropas locais buscaram unir forças para vigiar quaisquer atividades suspeitas na cidade, sobretudo nas dependências da EAB e no dormitório dos estudantes<sup>183</sup>.

<sup>180</sup> CARDOSO, Lucileide Costa. Entre o movimento estudantil e a luta armada: Eudaldo Gomes da Silva e o "Massacre da Chácara São Bento" (1960/1970). **Revista História Oral**, Associação Brasileira de História Oral, v. 15, n. 2, p. 194-216, jul./dez. 2012. DOI: <https://doi.org/10.51880/ho.v15i2.266>. Disponível em: <https://revista.historiaoral.org.br/index.php/rho/article/view/266>. Acesso em: 13 set. 2015. A pesquisa de José Vieira da Cruz, dentre outros assuntos, analisa os significados da militância no processo de formação política, intelectual e cultural e a história do movimento estudantil universitário fora dos grandes centros urbanos e culturais e também fora dos centros regionais do país. CRUZ, José Vieira da. **Da autonomia à resistência democrática: movimento estudantil, ensino superior e a sociedade em Sergipe, 1950-1985**. 2012. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012.

<sup>181</sup> BAIARDI, Amilcar. Entrevista concedida a Comissão da Verdade Sessão Bahia, 2014. Ver também: FERREIRA, Muniz. O Golpe de Estado de 1964 na Bahia. **A Clio: Revista de Pesquisa Histórica**, Recife, v. 22, n. 1, p. 85-101, jan./dez. p. 90-92. 2004. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaclio/article/view/24814>. Acesso em: 12 out. 2020. Ver: MOTA, Cristiane Lopes. **O Golpe de 1964 e suas reverberações em Santo Antônio de Jesus (1960-1983)**. 2013. Dissertação (Mestrado em História Regional e Local) - Universidade do Estado da Bahia, Campus V, Santo Antônio de Jesus, 2013.

<sup>182</sup> BRITO, Antonio Maurico Freitas Brito. **O Golpe de 1964, o movimento estudantil na UFBA e a resistência à ditadura militar (1964-1968)**. 2008. Tese (Doutorado em História) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2008. p. 71.

<sup>183</sup> Projeto Brasil Nunca Mais. Termo de inquirição de testemunhas 394 (3). p. 647. Disponível em: [http://bnmdigital.mpf.mp.br/pdf/BNM\\_394/BNM\\_394\\_1-3.pdf](http://bnmdigital.mpf.mp.br/pdf/BNM_394/BNM_394_1-3.pdf). Acesso em: 29 jun. 2020.

A polícia teve essa iniciativa de buscas e apreensões por toda a cidade de Cruz das Almas, não se restringindo à EAB. No dia cinco de abril, na praça pública da cidade, foi realizada a prisão do estudante Carlos Alves Costa, por ser assíduo distribuidor de jornais como *Sindipetro*<sup>184</sup> e *Última hora*<sup>185</sup>, e outros mais. Nos dias subsequentes, foram realizadas prisões pela cidade para averiguação de diversos suspeitos, dentre eles: Martins Ambrosino de Jesus e Gumercindo Martins de Sá. Também foram realizadas buscas e apreensões na “Sede do Sindicato Rural do Tabuleiro da Baiana<sup>186</sup>”.

Segundo Lucileide Cardoso, após o golpe, “[...] membros da direção<sup>187</sup> da EAB posicionaram-se a favor das medidas tomadas pelo “Comando Supremo da Revolução”. Ainda de acordo com a autora, a maioria dos professores e demais representantes aprovaram o envio de um telegrama ao General Presidente Castelo Branco parabenizando-o pela nova ordem estabelecida e o combate ao comunismo. No entanto, Lucileide Cardoso ressalta que, alguns professores e estudantes manifestaram atitudes de resistência em defesa do ensino público com autonomia, contrários às medidas repressivas<sup>188</sup>. É importante destacar que as reivindicações estudantis representaram também, neste momento, um importante movimento de oposição ao elitismo nas universidades.

É importante destacar que a recepção positiva ao golpe com moções, homenagens, missas e telegramas não ficou restrita a Salvador, ou no caso de nosso estudo, ao contexto da EA. Membros da Câmara de Vereadores da cidade de Cruz das Almas e de várias outras cidades no interior baiano seguiram esse ritual. Mauricio Brito demonstra alguns exemplos da quantidade de notícias que foram veiculadas no jornal *A Tarde* sobre a realização de marchas em vários municípios baianos nas semanas seguintes após o golpe<sup>189</sup>.

---

<sup>184</sup> Sindipetro, sindicato dos petroleiros no refino, surge em 1959, representando os petroleiros da Bahia. Disponível em: [http://www.sindipetroba.org.br/2017/nossa-historia\\_](http://www.sindipetroba.org.br/2017/nossa-historia_). Acesso em: 19 fev. 2021. Segundo Mauricio Brito, “[...] também houve repressão ao movimento sindical, especialmente o Sindicato dos Petroleiros (SINDIPETRO), que teve sua sede invadida. Houve um IPM para indiciar trabalhadores e ativistas sindicais. Muitos sindicatos sofreram intervenção”. BRITO, op. cit., p. 72.

<sup>185</sup> *Última hora* foi um jornal brasileiro fundado pelo jornalista Samuel Wainer, em 12 de junho de 1951 no Rio de Janeiro. foi um dos únicos diários a defender o governo de João Goulart em 1 de abril de 1964, nas primeiras horas após o Golpe civil-militar. Teve suas sedes do Rio de Janeiro e do Recife invadidas e depredadas. Samuel Wainer exilou-se no **Chile** e lá recebeu proposta de compra do jornal de um grupo de empresários especializados em obras públicas. Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. CPDOC-FGV. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/ultima-hora>. Acesso em: 19 fev. 2021.

<sup>186</sup> Projeto Brasil Nunca Mais. Termo de inquirição de testemunhas 394 (3). p. 647. Disponível em: [http://bnmdigital.mpf.mp.br/pdf/BNM\\_394/BNM\\_394\\_1-3.pdf](http://bnmdigital.mpf.mp.br/pdf/BNM_394/BNM_394_1-3.pdf). Acesso em: 29 jun. 2020.

<sup>187</sup> Para o ex-militante Alino Matta Santana, o diretor da escola no período do golpe era de extrema direita e tiveram outros que não eram de esquerda, mas não tinham a prática de perseguir os estudantes.

<sup>188</sup> CARDOSO, op. cit., p. 2.

<sup>189</sup> BRITO, op. cit., p. 75.

Cristiane Mota, analisando o golpe de 1964 e seus desdobramentos na cidade de Santo Antônio de Jesus, apresenta como as articulações político-partidárias em âmbito local estavam articuladas com a conjuntura nacional na adesão ao golpe<sup>190</sup>. Situação semelhante também veremos na cidade de Esplanada. Thiago Machado de Lima também aponta as disputas entre os grupos políticos na cidade e sua articulação regional e nacional e o papel desempenhado pela Igreja Católica no limiar dos acontecimentos. Essas leituras permitem-nos compreender a participação desta instituição na legitimação do golpe também nas cidades interioranas, pautada no discurso anticomunista, em nome da família e de Deus<sup>191</sup>.

Nesse processo, os estudantes da EAB discutiram a respeito do fechamento da UNE e repudiaram o anteprojeto do Ministério da Educação (MEC), assim como o papel desempenhado pelo Sr. Ministro da Educação e Cultura, Flávio Suplicy de Lacerda à frente daquela instituição. Na oportunidade, aproveitaram para posicionar-se frente aos acontecimentos envolvendo o fechamento da entidade, defendendo a autonomia estudantil e universitária<sup>192</sup>.

Lucileide Cardoso ressalta que, de 1962 até 1964, o ME na EAB foi marcado pela influência da frente nacionalista, pela resistência ao golpe por parte de alguns estudantes e pela “[...] luta para manter no interior da escola a autonomia do diretório frente às diversas tentativas de controle por parte da direção”<sup>193</sup>. Eudaldo Gomes da Silva, Igor Coelho<sup>194</sup>, Armando Rosa, Joelito, Abdon Jordão Filho, entre outros, fizeram parte da segunda geração de estudantes participantes do Dala que deram continuidade à luta interna na Escola de Agronomia, após o golpe de 1964 até 1969, e serão veteranos de Rodrigues Filho<sup>195</sup>. Lucileide Cardoso salienta que nessa fase pós-golpe os estudantes fizeram várias mobilizações e greves para manter a qualidade do ensino agrônômico na Bahia e que a,

[...] luta pela melhoria da qualidade do ensino passava necessariamente por uma crítica à proposta de reforma universitária do governo federal. Nesse particular, Eudaldo, junto com seus colegas Abdon Jordão Filho, Igor Coelho, Armando Rosa, entre outros, exercia uma liderança genuína com maestria e sensibilidade.<sup>196</sup>

<sup>190</sup> MOTA, Cristiane Lopes. **O Golpe de 1964 e suas reverberações em Santo Antônio de Jesus (1960-1983)**, op. cit.

<sup>191</sup> LIMA, Thiago Machado de. **Entre a política e a religião: O golpe civil-militar de 1964 na cidade de Esplanada, Bahia**. 2015. Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2015.

<sup>192</sup> Ata de 17. 11. 1964 da sessão do Diretório Acadêmico Landolfo Alves da Escola de Agronomia da Bahia, Cruz das Almas. p. 20-22.

<sup>193</sup> CARDOSO, op. cit., p. 197.

<sup>194</sup> Igor Coelho também ocupou o cargo de secretário geral do diretório acadêmico, em 1969.

<sup>195</sup> CARDOSO, op. cit.

<sup>196</sup> *Ibidem*, p. 200.

A autora ainda afirma que esta foi uma geração estudantil bastante engajada na luta, inclusive muitos deles já vinham de experiência de luta e de militância em partidos antes mesmo de entrar na EAB. Temos como exemplo o engenheiro agrônomo Abdon Jordão Filho, que, em 1968, exerceu o cargo de secretário de Intercâmbio e Cultura, e, de acordo com Lucileide Cardoso, o mesmo exercia uma grande influência sobre Eudaldo e os demais estudantes da EAB<sup>197</sup>.

Em 1969, quando Rodrigues Filho chegou na EA, Abdon Jordão Filho já era presidente do diretório acadêmico. O mesmo ressalta que foi uma surpresa agradável encontrar-lhe na Faculdade e ainda sendo presidente do diretório. Abdon Jordão Filho também foi uma figura importante em sua trajetória nesse primeiro ano na EA, inclusive foi responsável por conseguir a quantia de 15 cruzeiros para o seu retorno para casa no primeiro ano das férias. Rodrigues Filho ressalta que conheceu Abdon ainda quando era criança, no Colégio Estadual de Caruaru (CEC), no Estado de Pernambuco. Foi um período de política estudantil e Abdon passou em sua sala fazendo campanha para o grêmio estudantil. Rodrigues Filho acentua que nessa época ele já atuava como militante em grupos de esquerda<sup>198</sup>.

Abdon Jordão Filho tem poucas lembranças de Rodrigues Filho no período da EA, pois já estava concluindo o curso. O mesmo ressalta que Rodrigues Filho era um calouro que gostava de poesias e presenciou-lhe, por algumas vezes, recitando poesias de cordel no contexto da escola. No entanto, Abdon Jordão Filho ressalta que passou a ter maior convivência quando Rodrigues Filho começou a trabalhar profissionalmente na Extensão Rural Pública da Bahia (ENCARBA), depois Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural da Bahia (EMATERBA), fazendo assistência técnica e extensão rural na região de Feira de Santana, prioritariamente para agricultores familiares<sup>199</sup>.

Temos também o caso do estudante Armando Rosa, que foi escolhido para compor a representação da EAB junto ao congresso da UNE, em 1968. Segundo Lucileide Cardoso, Armando Rosa foi preso juntamente com os outros estudantes num sítio em Ibiúna, São Paulo.

---

<sup>197</sup> “[...] Natural de Pernambuco, Abdon participou do movimento estudantil secundarista como presidente de grêmios estudantis. Em 1961, na cidade de Caruaru, foi eleito para presidente da União dos Estudantes Secundários de Caruaru (Uesc). Ainda jovem migrou para Recife, engajando-se na campanha de governo de Miguel Arraes, em 1962. Participou do Movimento de Cultura Popular do Nordeste, viu de perto a aplicação do método Paulo Freire e manteve ligações com as Ligas Camponesas, lideradas por Francisco Julião. Fez parte da equipe de 20 jovens que atuaram junto à Secretaria Extraordinária para assuntos relacionados ao problema da terra, criada pelo governo Arraes”. Ibidem, p. 201.

<sup>198</sup> RODRIGUES FILHO. [Entrevista concedida a] Elias dos Santos Conceição. Amélia Rodrigues, Bahia, 2013.

<sup>199</sup> Conversei com Abdon Jordão Filho pelo WhatsApp em outubro de 2021. A intenção era entrevistá-lo, mas não foi possível em virtude de sua agenda e também do tempo que tínhamos para a defesa da dissertação. No entanto, ele apresentou algumas poucas lembranças a respeito de Rodrigues Filho.

Após o AI-5<sup>200</sup>, teve sua matrícula cassada e foi expulso da EAB. Nesse processo, também ficou sem direito a trabalho no Colégio Alberto Torres devido a cassação e da desconfiança que se abateu nesse processo sobre sua vida. Ainda de acordo com a autora, “[...] foram três anos e meio para que Armando pudesse regressar à escola e concluir o curso de agronomia”<sup>201</sup>.

Nesse contexto da Ditadura Militar, Rodrigues Filho ainda estava trabalhando como atendente no posto médico. Aproveitou as férias e dedicou-se aos estudos para fazer o vestibular da EA. No final de 1968, veio para Salvador onde fez a prova e foi aprovado no curso de agronomia no início de 1969, como mencionado no capítulo anterior. Veremos no tópico seguinte como foi o seu ingresso no EA.

#### 2.4 José Rodrigues Filho e a EA-UFBA

No começo de 1969, após ser aprovado no vestibular, Rodrigues Filho veio cursar agrônômica na EA<sup>202</sup>. Nesse período, a Escola de Agronomia já estava integrada à UFBA. O ano de chegada corresponde aos “anos de chumbo” do governo Emílio Garrastazu Médici (1969-1974). Nesse primeiro momento, conheceu o curso e como funcionava a EA. Teve contato com o DA, que, na época, era presidido por Ábdon Jordão Filho, seu conterrâneo de Caruaru, como já sinalizado anteriormente<sup>203</sup>.

Rodrigues Filho chegou numa cidade do interior que já era bastante visada pelas autoridades militares, sobretudo após o golpe e pela atuação de alguns estudantes na contestação à Ditadura Militar, como exposto anteriormente. Rodrigues Filho ressalta que nesse primeiro momento na EA não se envolveu diretamente com nenhuma atividade de caráter contestatório para a época, mas que conviveu com estudantes veteranos que eram envolvidos na política de oposição à Ditadura Militar e que estavam sempre promovendo discussões sobre a conjuntura política. Recebeu, juntamente com outros estudantes, orientação da geração mais antiga do ME a respeito de como conduzir a política interna da faculdade sem perder de vista as questões mais gerais do movimento frente aos desafios da conjuntura na época<sup>204</sup>.

---

<sup>200</sup> O Ato Institucional nº 5 foi promulgado em 13 de dezembro de 1968 até a sua revogação em 1979, sob intensa pressão da oposição. Uma de suas principais medidas foi o fim dos direitos constitucionais e o controle total do Estado, suspendendo todas as garantias constitucionais e individuais. O Ato serviu como justificativa legal para o fechamento do Congresso Nacional, suspensão de direitos políticos, cassação de mandatos, aposentadoria compulsória de funcionários públicos entre outras diversas arbitrariedades. ALVES, Maria Helena Moreira. **Estado e oposição no Brasil: 1964-1984**. Rio de Janeiro: Petrópolis, Vozes, 1985. p. 128 -137.

<sup>201</sup> CARDOSO, op. cit., p. 12.

<sup>202</sup> Todos os estudantes calouros, ao chegar na escola de agronomia recebiam um apelido pelos seus veteranos, nesse sentido, ao invés de serem chamados pelos seus nomes, passaram a serem chamados pelos apelidos.

<sup>203</sup> Caruaru é um município brasileiro do estado de Pernambuco, situado na região nordeste do país.

<sup>204</sup> RODRIGUES FILHO. [Entrevista concedida a] Elias dos Santos Conceição. Amélia Rodrigues, Bahia, 2013.

A violência durante a ditadura não poupou as lideranças estudantis e suas entidades. Nesse processo, muitos estudantes foram expulsos das universidades e outros abandonaram o curso para fugir da repressão, e, em outros casos, para dedicar-se às atividades políticas<sup>205</sup>. É o caso do estudante Eudaldo Gomes, por exemplo, que entrou para a clandestinidade antes de concluir o curso de agronomia, em 1969. Contudo, também tiveram setores acadêmicos, professores e estudantes que apoiaram a intervenção militar nas universidades, não sendo diferente na EA, como demonstramos anteriormente<sup>206</sup>.

Rodrigues Filho conheceu Eudaldo Gomes, seu veterano e integrante dessa geração, que conviveu com ele no ambiente do pós-golpe na EAB, e, em finais de 1969, já perto de formar-se, este abandonou o curso e foi viver na clandestinidade<sup>207</sup>. Segundo Lucileide Cardoso, em 1970, Eudaldo foi preso e torturado pelo Destacamento de Operações de Informações - Centro de Operações de Defesa Interna (DOI-Codi), sendo “banido” do Brasil em 15 de julho de 1970”. Foi para Argélia com mais 39 presos políticos, seguindo para Cuba, “onde fez treinamento para a guerrilha” e depois para o Chile. Ao retornar para o Brasil, foi torturado e assassinado em Pernambuco, pelo DOI-Codi local<sup>208</sup>.

Eudaldo Gomes teve uma importante atuação no *Dala*, treinando e passando sua experiência para os novos estudantes que ingressavam na EA, e, portanto, dariam continuidade aos trabalhos no diretório. Rodrigues Filho, assim como outros estudantes na EA, ficaram surpresos ao saber que Eudaldo Gomes foi preso e assassinado pelos militares. Para Rodrigues Filho, ele era uma pessoa do bem e sempre dava exemplo de hombridade. Não fazia palhaçada e nem mesmo dava o trote nos calouros<sup>209</sup>.

Rodrigues Filho, assim como os outros estudantes, nem imaginava que Eudaldo Gomes estava na linha de frente, participando da luta armada na clandestinidade. Na sua visão, ele era calmo, e, embora estivesse na linha de frente do movimento na EA, não conseguiu induzir nenhum dos estudantes que participavam das reuniões do diretório a envolver-se na luta armada<sup>210</sup>. Segundo Rodrigues Filho, em momento algum ele disse que participava de um grupo

---

<sup>205</sup> MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **As Universidades e o Regime Militar**: cultura política brasileira e modernização autoritária. Rio de Janeiro: Zahar, 2014. p. 31.

<sup>206</sup> *Ibidem*, p. 33-34.

<sup>207</sup> RODRIGUES FILHO. [Entrevista concedida a] Elias dos Santos Conceição. Amélia Rodrigues, Bahia, 2013.

<sup>208</sup> CARDOSO, op. cit., p. 194-195. Segundo a autora, “[...] em finais de 1969, Eudaldo abandona o curso de Agronomia, passando a viver na clandestinidade. Em junho de 1970, foi preso no Largo da Glória, no Rio de Janeiro, quando executava tarefas de levantamento para a ação de sequestro do Embaixador da República Federal Alemã para fins de negociação e troca de presos políticos ameaçados de tortura e morte. Preso com vida na Chácara São Bento, no município de Paulista, em Pernambuco, pelo DOI-Codi local, com o apoio do delegado Sérgio Paranhos Fleury, do Dops paulista, Eudaldo morreu sob tortura”, p. 193-216.

<sup>209</sup> *Idem*.

<sup>210</sup> *Idem*.

armado. Nas reuniões do diretório, ele simplesmente falava sobre a grande marcha de Mao Tsé Tung (1893-1976) lutando contra Chiang Kai-shek (1887-1975) e a invasão da China, dando uma aula de história e explicando os processos históricos em torno desses eventos, mas sem dizer que estava participando de um grupo vinculado à luta armada. “Mostrava para os seus colegas a necessidade da luta, se não as coisas não andavam”. Rodrigues Filho ressalta que foi surpreendido com a notícia de sua morte, em 1973, quando estava andando pelas ruas de Salvador<sup>211</sup>.

Como um bom poeta, Rodrigues Filho ressalta que não poderia deixar de escrever um poema para o amigo Eudaldo Gomes, que havia abandonado o curso para entrar na clandestinidade, e morreu, assim como outros jovens, acreditando na utopia de um mundo melhor. O poema foi escrito quando soube de sua morte.

Eu vi o homem herói no restaurante  
Universitário, em período de exceção,  
Dando exemplo de honradez aos companheiros  
Almejando um bom futuro pra nação.  
Um grito de amor ao homem e a terra  
Do peito do herói homem emanava,  
Ouvi seu grito de avante contra a guerra,  
Grito de união que a pátria suscitava”.  
Ordeiro nos gestos que dignificam o ser humano  
Modesto, no trato com os demais...  
Ergueu seu punho contra o controle tirano  
Sorrindo e seu riso não morreu jamais.  
Dez anos depois as reminiscências  
Ardem no meu peito com reflexões.  
Sugerindo o embate fora das ciências  
Imolando a vida no mar de paixões,  
Liberdade! Liberdade! Liberdade!  
Vai clamando o homem herói já imortal,  
Ainda não morreu eis a verdade.<sup>212</sup>

Como demonstramos anteriormente, o ambiente da Escola de Agronomia, até 1968, foi marcado por mobilizações e greves para manter a qualidade do ensino agrônômico na Bahia, e a luta passava por uma crítica à proposta de reforma universitária do governo federal. No entanto, com o AI-5, houve um recuo por parte dos estudantes na EA, assim como de várias universidades pelo país. No contexto da UFBA, Brito ressalta que, com a cassação imposta aos estudantes, o ME desarticulou-se e a Ditadura Militar sufocou a possibilidade de uma resistência aberta e de massas, e não tem “[...] nenhum registro de protesto político no espaço

---

<sup>211</sup> Idem.

<sup>212</sup> RODRIGUES FILHO, **O homem, o tempo e a poesia**, p. 29.

público de estudantes da UFBA no ano de 1969”<sup>213</sup>. Veremos mais sobre isso nos próximos tópicos.

Vale reforçar que o período da trajetória de Rodrigues Filho na EA compreende ao período da repressão institucionalizada ao ME, a partir do AI-5, e ao fechamento dos espaços de resistência aberta, mas também ao processo de reorganização política do ME a partir da década de 1970<sup>214</sup>. Nesse sentido, muitas das ações desenvolvidas por Rodrigues Filho e demais estudantes no contexto da EA perpassa por esse cenário de reorganização do ME, que, aos poucos, e de forma cautelosa, foi colocando em prática algumas ações de resistência, sobretudo pelos viés da cultura.

## 2.5 José Rodrigues Filho e a sociabilidade estudantil na EA-UFBA

A primeira experiência importante para a construção da identidade dos estudantes quando ingressam no ensino superior é passar pela experiência do trote. Não foi diferente com Rodrigues Filho, que, ao chegar na EA, enfrentou os tradicionais trotes que duravam até o mês de outubro e recebeu o apelido de Vilão<sup>215</sup>. O mesmo ressalta que o trote era tradição na EA desde quando foi fundada. Assim que o estudante calouro chegava ganhava um nome de guerra e seu nome verdadeiro tornava-se apelido. Cada nome era mais terrível que o outro, enfatiza Rodrigues Filho<sup>216</sup>.

Rodrigues acentua que seu apelido foi dado pelo professor Lamparina, que morava em Salinas das Margaridas, Bahia. O mesmo enfatiza que, por coincidência, sentou-se ao seu lado no ônibus que ia para Cruz das Almas e foram conversando durante a viagem. Lamparina apresentou-se como professor de Agronomia e viu Rodrigues Filho, que era estudantes do curso de agronomia, ficar quieto enquanto usava a boina de Geologia<sup>217</sup>.

<sup>213</sup> BRITO, op. cit., 2008, p. 185.

<sup>214</sup> MOTA, Mauricio Quadros da. **A Une volta à cena**: A reorganização do Movimento Estudantil baiano e o Congresso de reconstrução da UNE (1969-1979). 2013. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013. p. 54.

<sup>215</sup> De acordo com o dicionário Português, vilão é aquele que não é nobre; desprovido de nobreza; plebeu. Quem se comporta rústica e grosseiramente.

<sup>216</sup> RODRIGUES FILHO. [Entrevista concedida a] Elias dos Santos Conceição. Amélia Rodrigues, Bahia, 2013.

<sup>217</sup> Idem.

**Figura 17**– Boletim do Calouro



Fonte: Jornal *O DALA*.<sup>218</sup>

Segundo Rodrigues Filho, os trotes na EA eram muito fortes e existia a suspeita da morte de um calouro antes de sua chegada. Não temos dados que permitam-nos analisar essa questão com profundidade. O trote começava no início do ano letivo e só terminava no dia 13 de maio do respectivo ano e era realizado todas as noites a partir da chegada do calouro<sup>219</sup>. Rodrigues Filho também viveu essa experiência, mas sublinha que não tomou muitos trotes porque seu apelido foi dado pelo professor Lamparina. No entanto, isso não foi o suficiente para isentá-lo dos trotes e ainda sublinha a dimensão da violência presente no ritual:

[...] Todo dia você tinha que tomar trote e, às vezes, os trotes tinham muita crueldade: botava você para subir numa árvore, dando tiros em baixo; às vezes, botava você debaixo de um carro e o calor do carro quase lhe queimava; “o cara tinha que botar as mãos no chão, banheiro liso, botava os pés na parede e deixava a água cair na bunda.”<sup>220</sup>

O mesmo enfatiza que passava a maior parte do tempo correndo e dizendo que se algum veterano pegasse-o ele meteria a faca. Ainda reforça que ficava o tempo todo em alerta e só dormia próximo da janela de seu quarto, o que facilitou no momento de algumas fugas. Nesse processo, passou várias noites de cueca e com frio embaixo de um cajueiro por mais de duas horas esperando os veteranos irem embora<sup>221</sup>. Isso demonstra que durante o período do trote sua vida não foi tão fácil como ele tentou transparecer.

Rodrigues Filho salienta que na sua geração o trote era para fazer amizade e quando chegava um o calouro, o veterano mandava tirar a roupa e sair correndo até determinado lugar e voltar. A intenção era a de realizar o trote sem ferir ou machucar o calouro. Entretanto, não

<sup>218</sup> O boletim do calouro divulgado através do jornal *O DALA*. Trouxe essa imagem, expondo conteúdo e charge, para enfatizar a importância que os estudantes da EAB atribuíam ao trote.

<sup>219</sup> RODRIGUES FILHO. [Entrevista concedida a] Elias dos Santos Conceição. Amélia Rodrigues, Bahia, 2013.

<sup>220</sup> Idem.

<sup>221</sup> Idem.

era possível presenciar isso entre parte dos estudantes veteranos, que tinham por hábito a realização de trotes pesados, como passar na frente dos calouros; no refeitório, pediam para trazer a bandeja e colocavam-lhes embaixo da mesa enquanto comia, e, depois, ainda obrigava a comer iniciando pela sobremesa<sup>222</sup>.

Todas as questões sublinhadas por Rodrigues Filho sugerem a importância da experiência do trote para a construção da identidade dos estudantes no contexto da EA, mas também demarcam a dimensão da violência presente nos relatos. A própria ideia de fazer o calouro subir numa árvore e os veteranos embaixo atirando, colocar embaixo do carro para queimar-se, dentre outros elementos pontuados por Rodrigues Filho, sugerem a dimensão da violência física e psicológica do trote. Todavia, não temos mais elementos para analisar e aprofundar detalhadamente essas questões. Nada obstante, os indícios sugerem que o calouro em alguma medida via-se obrigado a participar do trote na intenção de construir amizade com os estudantes veteranos, e, provavelmente, para não prolongar seu sofrimento. Vejamos um boletim do DALA que faz alusão à experiência do período de calouro:

Lembremo-nos daqueles tempos ditosos à sombra da ignorância vadia, em que éramos calouros infames, vítimas de cérebros perversos que nos infundiam sons atrozes e permanentes. Lembremo-nos das velhas lutas travadas em pretensos laranjas. Lembremo-nos daquela amizade pura, daquela união soberba. Pois é amizade... a gente tá comendo o que cachorro recusa. Toda semana uma dorzinha de barriga provinda naturalmente daquela \_\_\_\_\_ estranha, inimiga ferrenha do bom andamento das funções digestivas. Os nossos gritos de dor são ouvidos e esquecidos. Chegamos à conclusão que comida é problema. O pessoal bem nutrido é o time de muriçocas, que nos faz visitas constantes só pra esnobar diante de nossa miséria. Mas hei de ver aquela fossa tapada. Se não logo o dinheiro da bolsa LAUDER chegue eu compro um lindo mosquiteiro amarelo<sup>223</sup>.

Conforme este relato, é possível que os calouros, além de enfrentar os trotes, também encontravam dificuldades para encontrar vaga disponível e acomodar-se no alojamento. Outro problema era com a alimentação, e, para o estudante que não tinha condições financeiras, tornava-se um problema ainda maior, já que dependia do refeitório para se alimentar. Além das dificuldades pela condição de calouro, os veteranos esnobavam dos demais estudantes que não eram privilegiados com bons dormitórios e alimentação, sobretudo os estudantes que vinham de outras cidades e que não possuíam condições financeiras para alugar uma casa. Sair da condição de calouro e a possibilidade de conseguir uma bolsa estudantil, possivelmente, provocava uma certa expectativa nesses estudantes.

---

<sup>222</sup> Idem.

<sup>223</sup> O DALA, Cruz das Almas, 1971-1972.

Além dos conflitos e nuances políticas em torno do trote, outro desafio vivenciado por Rodrigues Filho e demais estudantes foi justamente a disponibilidade de alojamento e alimentação. Conforme Rodrigues Filho, aparentemente havia três alojamentos, e um deles ficava em frente ao prédio central da EA, que havia sido, em outro momento, um hospital conhecido como hospício. Neste, ficavam vinte e um calouros, e o restante nos dois outros grandes alojamentos. Rodrigues Filho relata que viveu com mais seis colegas em beliches todo o primeiro ano nesse prédio conhecido como hospício, sendo que um dos quartos era grande e compartilhado por vários estudantes. Ainda pontua que os estudantes que ficavam no prédio do hospital eram os considerados da “ralé”<sup>224</sup> por não conseguirem bons quartos no dormitório. Rodrigues Filho acentua não havia muita escolha, ia chegando e abrigava-se aonde tivesse vaga disponível, e apenas conseguiam mudar para um dormitório melhor com o passar do tempo<sup>225</sup>.

Descrevendo algumas de suas experiências na EA, Rodrigues Filho destaca que, no primeiro ano quando estava dando aula de alfabetização, um dos veteranos entrou no prédio onde ficavam os calouros e invadiu o quarto dos estudantes João Grilo, Funerária e Português. Deu nó nas calças, roupas e molhou tudo que tinha no quarto, provocando a maior algazarra. Os estudantes que moravam no quarto não gostaram da atitude e deram queixa ao diretor, que chamou todos que moravam no prédio para descobrir quem havia cometido o ato. Rodrigues Filho ressalta que, mesmo não estando no momento, pois encontrava-se dando aula de alfabetização, foi acusado de ser terrorista, junto com mais 19 estudantes. Como penalidade pelo ocorrido, os discentes que faziam parte da turma e eram do grupo de Rodrigues Filho foram impedidos de candidatarem-se às eleições para o Dala<sup>226</sup>.

Esta descrição, supostamente, esteve atrelada ao trote. Não sabemos ao certo porque 19 estudantes foram considerados terroristas pelo diretor e apenas o grupo de Rodrigues Filho foi punido pelo ocorrido. Infelizmente, não temos materiais para analisar e aprofundar como aconteceu esse episódio, e Rodrigues Filho não tem lembranças da razão que levou a seletividade da punição.

Encontramos um ofício dos estudantes convidando os militares do tiro de guerra da cidade de Cruz das Almas para participarem de uma festividade tradicional do calouro dançando no refeitório, e que também sairia da entrada da EA até a praça da cidade. Lendo o ofício é possível visualizarmos que, aparentemente, existiu um certo cuidado para descrever

---

<sup>224</sup> Ralé é um termo pejorativo. Dentre outras definições, significa indivíduos que fazem parte da camada inferior de uma sociedade sendo as classes mais desfavorecidas.

<sup>225</sup> RODRIGUES FILHO. [Entrevista concedida a] Elias dos Santos Conceição. Amélia Rodrigues, Bahia, 2013.

<sup>226</sup> Idem.

que a festividade seria com a presença de faixas e cartazes alusivos à festa e que não haveria riscos de “perturbação da ordem” como podemos ver neste convite:

Vimos pêla presente participar a V.S. a realização, no próximo dia 11, da tradicional Festa do Calouro, da Escola de Agronomia da U.F.Ba. contando de um desfile pelas ruas desta cidade e de festa dançante no refeitório da Escola, onde nos sentiríamos honrados com sua presença e exma. Família. O desfile, como acontece todo ano, será à tarde, com início previsto para às 15 horas, sendo composto por calouros desta Escola, com faixas e cartazes alusivos a festa; partindo do portão do Colégio até a praça principal, onde terá seu desfecho. Asseguramos a V.S. que não haverá perturbação da ordem, e que tudo sairá na melhor desportividade.<sup>227</sup>

É importante enfatizar que esse é um momento delicado para os estudantes e que qualquer atividade poderia ser vista como subversiva. Nesse sentido, convidar o tiro de guerra a participar do evento, provavelmente, tenha sido uma atitude preventiva dos estudantes para que a festividade não fosse confundida com uma atividade de caráter político em oposição à ditadura, já que também teria faixas e cartazes. Este foi o único documento encontrado a esse respeito, portanto, limitamo-nos a trazer apenas essas ponderações.

Rodrigues Filho ressalta que no primeiro ano do curso o grupo não poderia participar do diretório porque, de acordo com o regimento da EA, o estudante só poderia candidatar-se aos respectivos cargos ao diretório a partir do segundo semestre. No segundo ano, foram impedidos de candidatar-se por terem sido considerados terroristas no episódio que aconteceu no alojamento. Todavia, no terceiro ano, conseguiram convencer o diretor e concorreram pela primeira vez à eleição para o diretório. Delmo Naziazeno (Pirarucu) foi escolhido para concorrer à vaga para presidente e Rodrigues Filho para Secretário Geral de Intercâmbio e Cultura. Ambos foram eleitos. Apesar da impossibilidade do grupo candidatar-se à eleição no ano anterior, Rodrigues Filho sublinha que o grupo que ele fazia parte exercia uma certa influência nas escolhas e decisões da turma, inclusive, no momento de escolher um dos estudantes de confiança do grupo para apoiar durante as eleições. O mesmo alega que um dos motivos da influência era porque a turma tinha o maior número de estudantes<sup>228</sup>.

Sendo assim, somente no terceiro ano é que o grupo conseguiu organizar uma chapa completa e vencer a eleição. Rodrigues Filho foi eleito secretário geral do diretório acadêmico. Houve um episódio em que Rodrigues Filho ressalta que agradeceu muito ao diretor, Zinaldo Figueiroa de Sena, por tê-lo tirado de uma situação difícil. Em uma determinada noite, ele

---

<sup>227</sup> Ofício enviado ao comandante do Tiro de Guerra pelo estudante, Clidenor Menezes Souza Neto, presidente do Diretório, em 1968.

<sup>228</sup> Idem.

estava assistindo televisão no hospício e de repente entra o estudante Carlito com um rifle na mão dizendo que ia matar todo mundo. Os demais estudantes, que também estavam sentados na sala de televisão, saíram todos correndo assustados. Rodrigues Filho ressalta que considerava-se um bom pernambucano, e, por isso, decidiu no momento do incidente ficar sentado num banco de madeira com uma peixeira na mão. Relata que “[...] estava acostumado a andar com peixeira no Ceará, a peixeira fazia parte de meu corpo”. O mesmo acentua que dormia com a faca em cima da cadeira ao lado da cama e que seus colegas de quarto ficavam com medo dizendo que ele ainda ia matar uma pessoa com a faca. Vejamos sua descrição do episódio:

[...] o cara veio com um rifle, aí eu disse: eu tenho que mostrar que sou pernambucano, ainda tem essa que eu não vou correr e, o cara com o rifle na mão, gritando corre! Corre se não vou atirar em suas canelas. Aí eu disse: “eita” ... ele vai atirar. Se essa porra atirar eu meto a faca nele. Eu já estava segurando no cabo da faca e, arriscado tomar um tiro nas pernas... ele estava apontando mesmo, aí entrou o diretor: o que é isso rapaz? Tomou o rifle do cara. O cara era tirado a porreta, mas foi logo dizendo que estava brincando...”  
 [...] “então, aí o diretor me tirou de uma, porque a situação ia ficar feia, se o cara atirasse nas minhas canelas, naquele tempo, eu não era brincadeira, podia ter matado o cara de facada, porque eu ia em cima mesmo.<sup>229</sup>

Embora Rodrigues Filho tente enxergar esse episódio como característica de uma pessoa corajosa e que poderia ter matado o estudante com a faca, ao que tudo indica, ele correu o risco de receber um tiro e vir a óbito. Parece-me mais uma cena de violência gratuita e não uma brincadeira sem graça. A imagem da arma e da faca está muito associada a uma lógica de legitimidade social da violência masculina. De um lado, o estudante que precisa da arma para demonstrar poder; de outro, a suposta reação de Rodrigues Filho assumindo o lugar do nordestino pernambucano que não foge de uma briga.

Como bem descreve Durval Muniz de Albuquerque Junior, Rodrigues Filho é um sujeito apegado a uma ideia de masculinidade e virilidade como elementos constitutivos da imagem do sujeito nordestino. Elementos como faca e coragem são alguns dos exemplos dessa construção do ser nordestino, sem espaço para a fraqueza, sobretudo quando a disputa é com o sujeito da cidade. “[...] ser “cabra macho” requer ser destemido, forte, valente, corajoso”<sup>230</sup>.

Rodrigues Filho descreve Carlito como um estudante que fazia parte do grupo da burguesia na Escola de Agronomia. Era da turma mais velha e tinha amizade com alguns

---

<sup>229</sup> Idem.

<sup>230</sup> ALBUQUERQUE JÚNIOR. Quem é froxo não se mete: violência e masculinidade como elementos constitutivos da imagem do nordestino. **Revista Projeto História** (PUCSP), São Paulo, v. 19, p. 173-188, 1999. p. 175.

estudantes de sua turma, como Aroldo Gusmão, que tinha carro. “Alguns desses caras considerados burgueses eram pessoas legais na hora de brincar”. Também desfrutava de muitos privilégios pela condição que possuía e tirava proveito dessa situação”<sup>231</sup>.

Carlito era do Sul da Bahia. Rodrigues Filho ressalta que o pessoal que vinha dessa região ficava na Comissão Executiva Plano da Lavoura Cacaueira (CEPLAC) e desfrutava de um certo privilégio na EA. Tinha estágio remunerado que pagava bem todos. De acordo com Rodrigues Filho, só eles que eram chamados. O mesmo ressalta que os estudantes que eram de outras regiões não possuíam esses privilégios e tinham que procurar estágio em outros lugares, ou fazer não remunerado na própria localidade da EA<sup>232</sup>.

A EA ficava numa área rural e tinha um ônibus que todos os sábados levava os estudantes para a cidade. Rodrigues Filho ressalta que ele e outros estudantes passavam a manhã tomando cachaça, caipirinha, etc. Afirma que teve um determinado sábado que receberam a notícia de que vinha um grupo de Salvador para selecionar alguns estudantes para o Projeto Rondon<sup>233</sup>. Embora já tivesse participado do projeto CEPLAC, Rodrigues Filho salienta que ele e Delmo Naziazeno (Piracucú) estavam parados e precisavam sair porque todos os anos ficavam fazendo os trabalhos internos. Combinaram que essa viagem seria uma ótima oportunidade, mas também sabiam que a ideia do projeto era uma estratégia para persuadir os estudantes com ideias favoráveis ao governo militar<sup>234</sup>.

Rodrigues Filho ressalta que durante à tarde, desse mesmo dia, ele e Delmo Naziazeno (Pirarucu) participaram da seleção e aproveitaram para provocar e ridicularizar o projeto durante a discussão de apresentação. Tudo indica que a provocação também tenha sido o efeito de uma manhã de bebedeira. No final, os dois acabaram sendo indicados para participar do projeto no Paraná. Foram dois ônibus com a comitiva da Bahia de diversos cursos. Os estudantes ganharam uma bolsa para pagar a comida durante a viagem e a prefeitura das cidades custeavam o restante dos gastos. Rodrigues Filho ressalta que essa viagem foi um momento importante para ele e os demais estudantes conhecer outras pessoas de esquerda e também de direita, mas muito diferente das pessoas que eles estavam acostumados, inclusive do diretório. Para Rodrigues Filho foi um momento oportuno para trocar experiências com outros estudantes durante a viagem e no local do evento<sup>235</sup>.

---

<sup>231</sup> Idem.

<sup>232</sup> Idem.

<sup>233</sup> O Projeto Rondon teve início em 1967, e objetivo era aproximar os estudantes das realidades do Brasil e contribuir para o desenvolvimento de comunidades carentes.

<sup>234</sup> RODRIGUES FILHO. [Entrevista concedida a] Elias dos Santos Conceição. Amélia Rodrigues, Bahia, 2013.

<sup>235</sup> Idem.

Rodrigues Filho via-se como um sujeito que gostava de uma cachaça e quando ficava bêbado falava mais alto que todo mundo. Quando chegou em Cruz das Almas surpreendeu-se com alguns jovens que tinham comportamentos diferentes de sua experiência no Ceará. Surpreendia-se ao vê-los pulando muro de clubes para assistir festas. O mesmo interrogava-se na época dizendo que isso era uma falta de vergonha, pois veio de uma cidade que costumava frequentar clubes, mas “[...] nunca tinha visto ou ouvido dizer que as pessoas pulavam o muro dos clubes para assistir festas. As pessoas tinham dinheiro, mas faziam questão de pular o muro e não pagar”<sup>236</sup>. Essas foram algumas das impressões e mesmo choque cultural que Rodrigues Filho teve ao chegar na cidade de Cruz das Almas.

No mês de junho é muito comum nas cidades do Recôncavo o tradicional São João, as festas juninas. Nesse período, muitos estudantes com condições financeiras viajavam para suas cidades de origem aproveitando o recesso da faculdade. Rodrigues Filho sinaliza que ele e demais colegas que não tinham recursos para viajar aproveitavam a oportunidade para acompanhar as festas na cidade. Ainda lembra que na EA tinha a própria filha do diretor, Jussara Figueiroa de Sena, que tocava sanfona, e juntos com os demais colegas formavam um grupo e saiam rondando as casas dos funcionários, dos professores e depois se dirigiam para a cidade. Passava o dia todo tocando e bebendo o licor tradicional do Recôncavo na casa do povo. Isso repetia-se nos dias seguintes<sup>237</sup>.

Assim como o hábito de tomar o licor, comer milho, amendoim, bolo de aipim, canjica, dentre outras comidas propiciada por esse período fértil do ano, não poderia faltar a música, o forró para alegrar a vida das pessoas, sobretudo dos trabalhadores e trabalhadoras pelo trabalho e pela fartura, tão ausente em outros momentos. Alael Kardec, estudante de agronomia e calouro de Rodrigues Filho, escreveu e publicou no jornal *O DALA* uma música poética de forró, que talvez simbolize um pouco desta festividade tão importante na vida do povo nordestino.

### **Forró**

Gente  
 Não tenha dó,  
 Quero um momento só  
 Pra dizer quem sou:  
 Um forró.  
 Não tenha dó  
 Porque mesmo triste  
 Sou a alegria  
 Dos eternamente tristes  
 Do meu distante sertão.

---

<sup>236</sup> Idem.

<sup>237</sup> Idem.

Gente,  
 Não tenha medo  
 Não sou revolta  
 Nem sou enrêdo  
 Sou a voz morta  
 Sou a comporta  
 De corações,  
 De alguns momentos  
 Momentos poucos  
 Sou eu gente  
 Não tenha dó  
 Sou maltrapilho  
 Por condição.

Gente  
 Não tenha medo  
 Já vou embora  
 Cem minha gente  
 Que vai embora  
 Por condição  
 E eu vou com ele,  
 Porque gente,  
 Sou minha gente  
 De coração<sup>238</sup>.

As atividades festivas, músicas, danças, comidas e bebidas inseridas no cotidiano de Rodrigues Filho e demais estudantes na EA configuraram-se como uma certa política de construção de identidades, e, a partir dessas experiências e rituais, os estudantes iam reforçando os laços de amizade. Veremos no tópico seguinte um pouco da atuação dos estudantes a respeito da federalização e da reforma universitária.

## 2.6 - A luta pela Federalização e a reforma universitária

Paralelo à presença no cotidiano da EA e nos ritos de sociabilidade, Rodrigues Filho participou de lutas importantes como o desdobramento da federalização da escola. O processo de federalização era muito importante para os estudantes, pois desde a década de 1960 várias instituições públicas de ensino de Ciências Agrárias no Brasil passaram por um processo de federalização, e uma das exceções foi a EAB. A Escola de Agronomia não havia conseguido tornar-se uma autarquia diretamente ligada ao MEC, como era o desejo da maioria, sobretudo dos estudantes. Sendo assim, em 1968, a EAB tornou-se a Escola de Agronomia da UFBA<sup>239</sup>, que, de acordo com Brito, também passou pelo processo de federalização, e até 1965 a

<sup>238</sup> Esta música poética de forró foi escrita pelo estudante de agronomia, Alael Kardec. Kardec morava em Muritiba e foi calouro de Rodrigues Filho.

<sup>239</sup> Ver: NACIF, Paulo Gabriel Soledade. **A Escola de Agronomia**: ascensão e queda de uma potência. Disponível em: <http://paulonacif.com.br/2018/08/13/a-escola-de-agronomia-ascensao-e-queda-de-uma-potencia/>. Acesso em: 28 mai. 2021.

nomenclatura era Universidade da Bahia (UBA). Só após 1965 que mudou para Universidade Federal da Bahia (UFBA), integrando a Escola de Agronomia<sup>240</sup>.

De acordo com a *ata da assembleia geral do diretório acadêmico, realizada aos sete dias do mês de outubro de 1964*, os estudantes já estavam discutindo a Federalização da EAB e inclusão da mesma no complexo universitário baiano. Nesse processo, mantiveram contato com lideranças importantes, como os deputados: Euclides Sacramento, Antônio Carlos Magalhães e o governador Lomanto Junior apresentando um dossiê com parecer do conselho de curadores da Universidade da Bahia. No entanto, de acordo com a ata, o diretor da EAB havia viajado para o Rio de Janeiro e levando com ele na época todos os documentos que seriam necessários para o diálogo com as respectivas autoridades, impossibilitando, naquele contexto, na ação pró-federalização<sup>241</sup>.

Durante o processo de luta, os estudantes empenharam-se bastante enviando telegramas para outros diretórios buscando apoio no processo de federalização da EAB. Também enviaram telegrama para a Superintendência do Ensino Agrícola e Veterinária (SEAV) solicitando liberação de verbas para bolsas de estudos. Solicitaram o apoio do Diretório do Centro de Estudos da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Bahia - DCEAB. Também solicitaram apoio enviando telegrama ao Sr. Presidente da República, ao senado e à Câmara Federal, fazendo-os cientes de suas aspirações<sup>242</sup>.

Lucileide Cardoso apontou para o envolvimento dos estudantes Abdon Jordão Filho e Eudaldo Gomes: “[...] engajados na luta pela federalização da EAB. Também começou uma série de mobilizações para integração da Escola Agrônômica do Médio São Francisco”<sup>243</sup>. Nesse contexto, passaram a trazer discussões para dentro da EA sobre a luta pela “Reforma Agrária, a luta contra a Lei Suplicy<sup>244</sup> de Lacerda e o discurso forte contra os ianques, o antiamericanismo”<sup>245</sup>, afirma Abdon em entrevista cedida à autora. O mesmo ainda ressalta a “[...] relação entre o movimento estudantil de Cruz das Almas com as representações estudantis da capital e a influência das figuras nacionais como Wladimir Palmeira, José Dirceu dentre outros ocupavam o debate e a pauta local”<sup>246</sup>. “Já formado e atuando como agrônomo, Abdon

<sup>240</sup> BRITO, op. cit., 2008.

<sup>241</sup> Ata de 07.10.1964 sessão da assembleia geral do Diretório Acadêmico Landolfo Alves da Escola de Agronomia da Bahia, Cruz das Almas. p. 13-15.

<sup>242</sup> Ata de 16.08.1965 sessão da assembleia geral ordinária do Diretório Acadêmico Landolfo Alves da Escola de Agronomia da Bahia, Cruz das Almas. p. 30-32.

<sup>243</sup> CARDOSO, op. cit., p. 202.

<sup>244</sup> BENEVIDES, op. cit.; BRITO, op. cit.; CRUZ, op. cit., p. 227-234.

<sup>245</sup> Idem.

<sup>246</sup> Idem.

foi detido em Salvador em 1970 sob alegação de envolvimento com o movimento de trabalhadores rurais”<sup>247</sup>.

A autora ainda enfatiza que essa geração fez “[...] greves e diversas mobilizações para manter a qualidade do ensino agrônomo na Bahia” e que a partir da edição do AI-5 houve um refluxo no ME no Recôncavo, fenômeno também presente em várias partes do país<sup>248</sup>. Entretanto, acreditamos que esse refluxo estava mais atrelado a uma estratégia por parte de alguns estudantes para repensar suas ações, haja vista que não seria mais possível naquele contexto de escalada repressiva manter os mesmos canais e os métodos de resistência à ditadura. E aqui é importante sinalizar que entendemos a resistência como algo amplo e heterogêneo, dadas as inúmeras e diferentes formas de resistir.

A pesquisadora Angélica Muller ressalta que, mesmo após o AI-5, houve continuidade do ME com diferentes propostas de resistência, com novas táticas e estratégias para se fazer representar na cena política. E a importância do movimento contribuiu para a reorganização da UNE nos primeiros sinais de abertura da ditadura. As evidências apresentadas em sua pesquisa convergem com a ideia de que nesse contexto não apenas houve um recuo do ME, mas também estratégias diferentes de lidar com o novo cenário repressivo<sup>249</sup>. A autora ainda afirma que, “[...] boa parte da historiografia, por anos, não analisou (até mesmo pela falta de documentação) ou simplesmente desconsiderou a participação da resistência pacífica protagonizada pelo ME contra a ditadura durante os anos de chumbo (1969-1974)”<sup>250</sup>.

No contexto da Bahia, Maurício Quadros da Mota compreende que houve uma continuidade das ações estudantis nos espaços do cotidiano mediado pelas atividades culturais fora dos “espaços políticos tradicionais”<sup>251</sup>. Ainda de acordo com o autor, espaços como “[...] festas, recitais, encontro de cursos, carnaval, entre outras experiências de manifestação do político” acabavam sendo menos controlados pelo regime e esses espaços de socialização configuravam-se num importante instrumento de organização e mobilização estudantil<sup>252</sup>.

A leitura que fizemos a partir da análise da trajetória de Rodrigues Filho, permite-nos inferir que, no limite, alguns estudantes continuaram atuando por meio de outras estratégias de

---

<sup>247</sup> Ibidem, p. 203.

<sup>248</sup> Idem.

<sup>249</sup> MULLER, Angélica. **A resistência do movimento estudantil brasileiro contra o regime ditatorial e o retorno da UNE à cena pública (1969-1979)**. 2010. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

<sup>250</sup> MULLER. O “acontecimento 1968” brasileiro: reflexões acerca de uma periodização da cultura de contestação estudantil. **Revista de História**, São Paulo, n. 180, p. 01-21, jan. 2021. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/168586/168088>. Acesso em: 15 mar. 2021. p. 10.

<sup>251</sup> MOTA, op. cit., p. 23-25.

<sup>252</sup> Idem.

comunicação, como atividades teatrais, artigos, produção de cartazes e poesias. Foi uma forma que encontraram para driblar a censura, sobretudo a partir do AI-5. A própria criação de uma célula na escola, supostamente, evidencia a continuidade da luta por meio de outros canais. Veremos mais sobre a célula no terceiro capítulo. Esta tática foi colocada em prática justamente pelo aperfeiçoamento dos órgãos de informação da Ditadura Militar brasileira, pois, de 1964 a 1968, havia ainda uma suposta abertura política, onde era possível manifestações, protestos e panfletagens.

Dentro dessas estratégias de comunicação, a pesquisa de Fabíola Alves de Lucena destaca que “[...]a comunicação clandestina no movimento estudantil em Recife durante a ditadura militar”, evidencia a importância da comunicação na militância estudantil e as estratégias clandestinas que foram possíveis através da escrita, códigos, senhas, entre outros mecanismos sofisticados para driblar a perseguição dos militares, mesmo depois da promulgação do AI-5<sup>253</sup>.

É importante destacar que as táticas de comunicação clandestinas foram mudando de acordo com o endurecimento da ditadura. A cada Ato Institucional lançado, a militância precisava adaptar-se para colocar em prática suas ações de resistência. Os arquivos e entrevistas até aqui consultados oferecem-nos evidências dessas estratégias adotadas pelos estudantes da EA, seja no momento do golpe com a tentativa de resistência armada, seja nos anos seguintes. Os elementos trazidos a partir da trajetória de Rodrigues Filho na EA oferecem-nos indícios de que foi possível esse processo de adaptação quando foi colocada em prática as ações de resistência através do teatro, da poesia, da música, de textos e panfletos por parte da militância estudantil, mesmo com o AI-5.

Essa luta pela Reforma Universitária para impedir a privatização do ensino público e a mobilização pela federalização da EA continuou presente nos anos seguintes. De acordo com fragmentos dos artigos publicados no jornal *O DALA* e com as discussões em assembleias, os estudantes internalizaram como uma obrigação política das novas diretorias eleitas dar continuidade à luta pela reforma universitária. Alguns entendiam que, além das universidades serem compostas por um número massivo da elite brasileira, com a privatização só agravaria o problema impossibilitando mais ainda o número de estudantes de famílias pobres no ensino superior, potencializando a desigualdade social, principalmente no Nordeste. Para eles,

---

<sup>253</sup> Ver: LUCENA, Fabíola Alves de. “**A comunicação clandestina no movimento estudantil em Recife durante a Ditadura Militar**”. 2016. Dissertação (Mestrado em História) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2016.

O curso de formação do profissional de Agronomia na nossa Escola tem se caracterizado por uma ineficácia tremenda, principalmente pelo fato de se enquadrar dentro de um estilo próprio de um sistema já comprovadamente superado em todas as partes do mundo desenvolvido. O fato de nós estarmos passando por uma Reforma Universitária não significa a mínima esperança em uma mudança no sistema de ensino, isto porque, ao nosso ver, esta reforma é exclusivamente estrutural e não apresentou ainda, nem creio que venha apresentar, nenhuma tendência a modificar a essencialidade do ensino. O ensino de hoje na nossa Escola é de 20 anos atrás no dizer de Paulo Freire “Educação bancária” na qual o educador funciona como depositante e o educando como depositário, tornando anti-humana a educação pois tolhe completamente a necessidade da busca e limita ao índice zero a capacidade de crítica do educando, duas coisas tão necessárias de serem cultivadas para que o homem possa existir como homem.<sup>254</sup>

Como podemos ver nesse fragmento do editorial, o diretório acadêmico acompanhava de perto as questões internas da EA, conectada com as questões mais gerais. O jornal *O DALA* era um dos instrumentos que os estudantes apropriaram-se para comunicar-se com a comunidade estudantil e docente suas ideias e aspirações sobre o contexto político e como os eventos reverberaram no cotidiano da vida estudantil. Uma das críticas elaboradas por eles era em relação à sua própria formação, apontando as limitações do corpo docente e do próprio sistema de ensino, cujo modelo já havia sido superado e a reforma universitária não apresentava a mínima esperança de mudança<sup>255</sup>. Dialogando com Paulo Freire, apontaram para os problemas estruturais do modelo de ensino, que funcionava com o educador depositante e o educando como depositário, dentro de uma lógica da “Educação bancária” em que os estudantes não aprendiam a fazer o uso crítico da leitura e daquilo que aprende.

[...] nós destacamos o conteúdo do ensino, conteúdo este completamente alienado da nossa realidade regional; basta dizer que da forma que se apresenta nossa profissão extremamente regional, os professores apregoam constantemente práticas de resultados experimentais do centro-sul. Isto sem falar que existe um completo desnivelamento do ensino com a problemática Nordestina e com as programações dos órgãos que lidam com agricultura, levando muitos destes a manifestarem os custos que têm com o profissional até enquadrá-lo dentro de uma verdadeira atividade profissional em virtude do despreparo geral dos profissionais aqui formados.<sup>256</sup>

Assim como em outras regiões do Brasil, alguns estudantes da EA também se posicionaram contra o sucateamento do ensino, denunciando por meio do jornal *O DALA* os aspectos da “educação bancária” do sistema educacional brasileiro. Isso indica a importância

---

<sup>254</sup> O DALA, Cruz das Almas, n. 1, 1971-1972.

<sup>255</sup> Idem.

<sup>256</sup> Idem.

do jornal para os estudantes naquele contexto. Talvez o único mecanismo de divulgação de suas aspirações.

A crítica também era dirigida ao conteúdo de ensino, que, de acordo com o artigo, era totalmente alienado da realidade regional, pois o conteúdo que os professores lecionavam eram de práticas e resultados experimentais do centro-sul. E, nesse sentido, os professores supostamente ignoravam a realidade nordestina e mesmo a realidade local onde estava inserida a EA, gerando um distanciamento com as programações dos órgãos que lidavam com a agronomia no contexto nordestino. Ainda de acordo com o fragmento do artigo do jornal, exposto no parágrafo anterior, aparentemente, os profissionais causavam altos custos aos órgãos que lidavam com a agricultura, pois levava um tempo para preparar e enquadrar o agrônomo na prática profissional<sup>257</sup>.

Através do jornal os estudantes debateram o tema da Reforma na Educação e a crítica à importação do modelo estadunidense. “[...] Acreditamos muito numa reforma, mas não de papel, de copiar o sistema dos Países desenvolvidos; vamos pensar em termos de realidade brasileira, de dar vez às nossas mentalidades”<sup>258</sup>. E, nesse sentido, também faziam críticas à formação dos profissionais de agronomia da EA. Ainda de acordo com o fragmento, esses estudantes entendiam a necessidade de uma reforma que possibilitasse uma boa formação aos profissionais da educação, desde que não fosse importada dos EUA.

[...] gostaríamos de canalizar as observações dos nossos colegas para o quadro atual dos professores, a qualificação dos nossos mestres de ensino, é precaríssima. Muitos dos quais, tem apenas curso de graduação possivelmente precário como o nosso, não tem sequer no mínimo um curso de aperfeiçoamento de 3 meses. Quanto a quantidade, muito embora o Diretor da Escola tenha afirmado que existe um grande número de professores com tempo ocioso dentro da Escola, nós só conseguimos identifica-los nos departamentos de Fitopatologia e Química e nos outros departamentos, mais especificamente de Economia que nós sentimos é que existe uma verdadeira carência de professores. Resumindo, nós estamos necessitando de melhor qualidade e quantidade de professores.<sup>259</sup>

Flávia de Angelis Santana enfatiza que a reforma universitária nasceu nos meios estudantis e esteve no centro da luta política estudantil nos anos 60, a partir da articulação de suas ações políticas e educacionais sob a orientação da UNE. A autora destaca a luta dos

---

<sup>257</sup> Idem.

<sup>258</sup> Idem.

<sup>259</sup> Idem.

estudantes contra o projeto de reforma elaborado pela ditadura instaurada em 1964<sup>260</sup>. A reforma universitária colocada em prática pelos militares tratou-se de vários acordos assinados entre os governos do Brasil e dos Estados Unidos, entre 1964 e 1966, que passou a ser conhecida como os “Acordos MEC – USAID”<sup>261</sup>. O acordo surgiu da necessidade de adequar o ensino superior à realidade brasileira, objetivando uma reforma de ensino com base no modelo norte americano<sup>262</sup>. De acordo com fragmentos do jornal, os estudantes acreditavam que seria importante uma reforma no ensino que permitisse, por exemplo, a qualificação dos professores na EA, desde que não fosse um modelo norte americano<sup>263</sup>.

O jornal também era um espaço de denúncia da desigualdade regional e do descaso com a população do Nordeste. Rosalvo Alexandre de Lima Filho (Fuleiro), amigo de Rodrigues Filho, escreveu um artigo para uma edição de *O DALA* que ajuda-nos a ponderar um pouco mais da postura de alguns estudantes da EA com questões mais específicas de sua condição enquanto estudante, mas sem perder de vista as questões estruturais. Na visão desse estudante, não poderia atribuir os problemas apenas às questões climáticas, mas como parte de escolhas e decisões políticas.

A fome e a miséria do Nordeste, não são simplesmente consequências do cataclisma regional; aprofundando-nos mais um pouco neste problema responsável por desvios sociais de características nefastas, sentimos que, na realidade, o que se passa nesta região é um problema muito mais de fundo econômico-político, do que, o tão propalado problema de seca.<sup>264</sup>

Acreditamos que esse pensamento estava atrelado ao retrocesso imposto pelo golpe de 1964 contra a mobilização dos sindicatos e trabalhadores do campo, através das Ligas Camponesas que vinham se organizando desde o final dos anos 50 e início dos anos 60. Neste contexto, setores da classe operária, profissionais liberais, intelectuais e estudantes reivindicavam mudanças estruturais na sociedade brasileira, como as “reformas de base”, com prioridade para a reforma agrária e a legislação nacionalistas sobre o capital estrangeiro<sup>265</sup>.

<sup>260</sup> SANTANA, Flávia de Angelis. **Movimento estudantil e ensino superior no Brasil: a reforma universitária no centro da luta política estudantil nos anos 60**. 2014. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

<sup>261</sup> Ver: MARTINS FILHO, João Roberto. **O movimento estudantil e Ditadura Militar, 1964-1968**. Campinas: Papirus, 1987, p. 130.

<sup>262</sup> ALVES, Márcio Moreira. **Beabá dos MEC-USAID**. Rio de Janeiro: Gernasa, 1968.

<sup>263</sup> **O DALA**, Cruz das Almas, n. 1, 1971-1972.

<sup>264</sup> A artigo escrito pelo estudante Rosalvo A. L. Filho e publicado no jornal: *O DALA*. Edição, n. 1. - 1971-72.

<sup>265</sup> Cf.: ALVES, Maria Helena Moreira. **Estado e oposição no Brasil: 1964-1984**. Trad. de Clóvis Marques. Petrópolis: Vozes, 1984. GORENDER, Jacob. **Combate nas trevas - A esquerda brasileira: das ilusões perdidas à luta armada**. São Paulo: Ática, 1990; RIDENTI, Marcelo. **O fantasma da Revolução brasileira**. 2 ed. - São Paulo: Editora UNESP, 2010; SANTOS, Andréa Cristiana. **Ação entre Amigos: História da Militância do PC do B em Salvador (1965-1973)**. 2004. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2004. p. 36.

Para Rodrigues Filho era necessário entender que os trabalhadores, operários e camponeses, eram os protagonistas da construção e do crescimento do país. Mas isso não estava beneficiando-lhes, pois gradativamente, estavam ficando mais pobres. Para ele a fome, a miséria e a seca no Nordeste não eram simplesmente um problema de consequências naturais, mas que a desigualdade estava estritamente ligada a uma escolha política. Em virtude desses problemas, fazia-se necessário que os “verdadeiros nacionalistas” combatessem a desigualdade social operante no país<sup>266</sup>.

A questão agrária era um tema bastante recorrente nas discussões e na pauta do jornal. E, para alguns estudantes, uma “Reforma Agrária” seria importante para o desenvolvimento do nordeste naquele contexto.

De acordo com o pensamento e a doutrina daqueles que são contrários ao desenvolvimento do Nordeste através de uma Reforma Agrária, a saída para o problemático entrave fundamenta-se no êxodo das populações nordestinas para a Amazônia, evitando assim, o crescente aumento populacional da região em apreço, o qual, segundo os defensores do atual “status”, cresce, em índices mais altos que toda a tecnologia nacional e “know how” importado aplicados atualmente para o desenvolvimento do Nordeste. Todavia, o crescimento alcançado nos supracitados setores atinge apenas 3%, taxa que contribui para a ampliação do desemprego, da miséria e da fome, destarte, da agitação, da movimentação de grandes massas famélicas invadindo povoados e cidades em busca de alimentos, pondo em polvorosa a tradição, a família e a propriedade, e, segundo alguns defensores mais ardorosos, constituindo-se um problema de segurança nacional.<sup>267</sup>

Para eles, o único problema de segurança que existia era a miopia secular da estrutura fundiária temerosa de evoluir, e usavam um argumento de que o Nordeste era subdesenvolvido em decorrência de ser uma área superpovoada. Na visão desses estudantes, esse argumento não se sustentava e estava atrelado a um discurso que era confortável porque continuava beneficiando determinados grupos interessados no conservadorismo, que lhes era lucrativo em detrimento das aspirações do povo nordestino<sup>268</sup>.

Ainda de acordo com o fragmento, o problema da migração de nordestinos para a Amazônia, por exemplo, satisfazia aos interesses de determinados grupos que temiam a evolução social com ou sem revolução armada dos povos nordestinos. Na visão dos estudantes, o processo de migração também estava atrelado ao processo de violência que o homem do campo sofria sendo escorraçado de suas terras de origem para se estabelecer numa região equatorial sujeita aos mais diversos tipos de doenças pelas condições sanitárias e de nutrição.

---

<sup>266</sup> O DALA, Cruz das Almas, n. 1, 1971-1972.

<sup>267</sup> Idem.

<sup>268</sup> Idem.

Inclusive, as autoridades governamentais valiam-se do dispositivo da lei de segurança nacional para reprimir e expulsar os moradores de suas terras<sup>269</sup>.

No limite, isso evidencia o engajamento de Rodrigues Filho com os demais estudantes numa luta que ultrapassava os limites da EA. Entendiam que a luta estudantil perpassava pela luta ao lado dos trabalhadores. Rodrigues Filho, assim como outros estudantes engajados nessa narrativa, talvez vivenciaram na “pele” ou presenciaram essa realidade em suas trajetórias de vida. Sensibilizados, aproveitaram o jornal na EA para discutir e denunciar esses problemas estruturais.

Como demonstramos anteriormente, após o AI-5, o ME sofreu uma violenta repressão numa escala nacional com o fechamento de diversas entidades políticas. As passeatas, as manifestações e reuniões que vinham sendo toleradas foram proibidas, culminando com prisões, torturas, assassinatos e exílios. A partir de 69, com a edição do Decreto 477, institucionalizou-se a ameaça de expulsar da universidade qualquer indivíduo envolvido em atividade política. Nesse momento, o ME perdeu representatividade e parte da juventude entrou na clandestinidade ingressando em grupos guerrilheiros<sup>270</sup>.

Na visão desses estudantes, se não bastasse toda a repressão provocada pelo AI-5, com ele veio uma infinidade de decretos aterrorizantes, dentre os quais o 477, que se destacava na realidade estudantil.

[...] o importante é não ficar nessa de aceitar passivamente. Toda forma fechada ou aberta de demonstrarmos o nosso repúdio a tudo isso deve ser aceita e intensificada a fim de que estas coisas não continuem como está por um tempo que seja mais prejudicial do que o que já foi.<sup>271</sup>

O decreto lei nº 477, de 26 de fevereiro de 1969, tinha por objetivo definir infrações disciplinares praticadas por professores, alunos, funcionários e empregados de estabelecimentos públicos ou particulares. Este decreto foi bastante discutido na EA, e na visão dos estudantes, “[...] criaria um clima de tensão e censura da livre difusão de ideias e do debate aberto, sobretudo a respeito das pesquisas e questões de caráter social, econômico e, sobretudo, político da realidade brasileira”. Para eles o decreto deveria ser revogado para que estabelecesse a normalidade da universidade brasileira<sup>272</sup>.

---

<sup>269</sup> Idem.

<sup>270</sup> OLIVEIRA, Antonio Eduardo Alves de. **O ressurgimento do movimento estudantil baiano na década de 70**. 2002. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2002. p. 34. Ver também: RIDENTI. op. cit.

<sup>271</sup> O DALA, Cruz das Almas, n. 1, 1971-1972.

<sup>272</sup> Idem.

Na Bahia, esse decreto puniu vários estudantes da UFBA que estiveram ou não em atividades “subversivas”. De acordo com Brito, a cassação do direito de matrícula de diversos estudantes na universidade foi aplicada de modo retroativo<sup>273</sup>. Armando Rosa, da Escola de Agronomia, foi um dos estudantes que teve seu direito de matrícula cassado e foi expulso da EAB, como demonstramos anteriormente. Armando Rosa levou três anos e meio para regressar à escola e concluir o curso de agronomia<sup>274</sup>. Rodrigues Filho chegou a conhecê-lo, mas ressalta que guarda poucas lembranças e que ele não participava das atividades com o grupo, pois era mais reservado<sup>275</sup>.

Os estudantes começaram a sentir o efeito do decreto no cotidiano da EA quando o discente José Serra também foi enquadrado neste decreto. Esse enquadramento foi bastante discutido em assembleia extraordinária realizada pelo DA. Infelizmente, não encontramos as atas referente a este período e não é possível definir exatamente o ano que o editorial sobre o caso foi publicado no jornal. Pela falta de cuidados e armazenamento em lugares adequados, parte dos arquivos estão incompletos, faltando capas, número de páginas, entre outras informações relevantes que permitissem localizar os dados com mais exatidão. Portanto, só podemos dizer que essa informação está entre o editorial de 1971 a 1973, do jornal *O DALA*.

No entanto, isso não impediu os estudantes da EA de manifestar sua indignação pela censura, aproveitando a oportunidade para apoiar os outros diretórios pelo país. Delmo Naziazeno (Pirarucu), amigo de Rodrigues Filho, escreveu o seguinte texto e publicou no jornal *O DALA*:

É preciso que se saiba, da luta que os nossos colegas estão travando não só em Salvador como em outras cidades brasileiras, pela abertura dos diretórios nas Universidades em que isso não se antecedeu.

É preciso meu caro mestre que perguntemos a nós mesmos se o que fizemos vai servir ao progresso e paz, e se não devemos dar nossa participação por mais ínfima que seja contra estas forças.<sup>276</sup>

Para ele, a transformação que vinha se operando no comportamento e no modo de pensar da juventude brasileira era de fundamental importância, sobretudo a partir do ano de 1968, que se caracterizou pela presença acentuada da juventude nos debates, nas discussões e na busca de soluções para os problemas comuns e específicos da classe estudantil. Eram indivíduos voltados para encarar toda uma problemática social. No entanto, ainda segundo o artigo do estudante,

<sup>273</sup> BRITO, op. cit., p. 117-186.

<sup>274</sup> CARDOSO, op. cit., p. 204-205.

<sup>275</sup> RODRIGUES FILHO, José. [Entrevista concedida a] Elias dos Santos Conceição. Amélia Rodrigues, Bahia, 2021.

<sup>276</sup> Ibidem, p. 5.

era comum encontrar alguns saudosistas em tons de acomodação e alienação, afirmou Delmo Naziazeno<sup>277</sup>. Continuando o discurso, o mesmo ressaltou que,

O DALA, durante a gestão 1971/72 e também durante gestões anteriores muito embora tivesse falhado em algumas coisas, teve o grandioso mérito de cotidianamente levantar junto aos colegas a necessidade de nos ligarmos aos nossos problemas cujas soluções urgem de serem encontrados, e somente nós é que poderemos apontar as posições corretas que devem ser seguidas. Apelamos para os colegas que são responsáveis pela gestão 72/73 que não se desanimem ao enfrentar as primeiras dificuldades, mas que procurem marchar firmes nesse esquema, pois é urgente a necessidade de fazer brilhar uma centelha nessas trevas<sup>278</sup>.

Esse discurso foi produzido em 1971 e também teve o propósito de manifestar indignação. Na visão dos estudantes de, 1968 a 1971, havia passado apenas quatro anos, mas foi o tempo suficiente para que construíssem a máquina de fabricar “debilóides”<sup>279</sup>, ou seja, pessoas desconexas da realidade do país. Eles estavam, aparentemente, referindo-se à televisão.

Sentimos os efeitos aterradores do progresso invadindo os lares e dos lares às escolas; é a televisão, com suas novelas, transferindo os problemas de fulano e ciclano (personagens criados nos estúdios) para nossa vida cotidiana; é o futebol que com seus objetivos bem definidos e caracterizados canaliza as grandes massas jovens e velhas para um desligamento cada vez mais crescente de uma realidade tão crucial e tão necessitada de ser transformada para o próprio bem de toda a sociedade<sup>280</sup>.

Embora mantivesse um discurso da importância do “progresso”, alguns estudantes da EA não encaravam com bons olhos o aspecto televisivo da vida social. Mostraram-se seletivos e conservadores nesse aspecto. Para eles a televisão estava impondo à juventude e às pessoas, de um modo geral, um certo comportamento de alienação; uma distração dentro de um contexto de acirradas disputas políticas no Brasil e no Mundo<sup>281</sup>.

É importante frisar que a ação armada não constituiu a única arma no combate ao sistema repressivo à época. A poesia, as músicas e o teatro foram algumas das estratégias culturais que os estudantes e artistas encontraram no momento para denunciar os abusos e atrocidades provocadas pela Ditadura Militar. Veremos mais sobre isso nos tópicos seguintes.

## 2.7 Rodrigues Filho e o jornal do DALA

---

<sup>277</sup> Ibidem, p. 8.

<sup>278</sup> Idem.

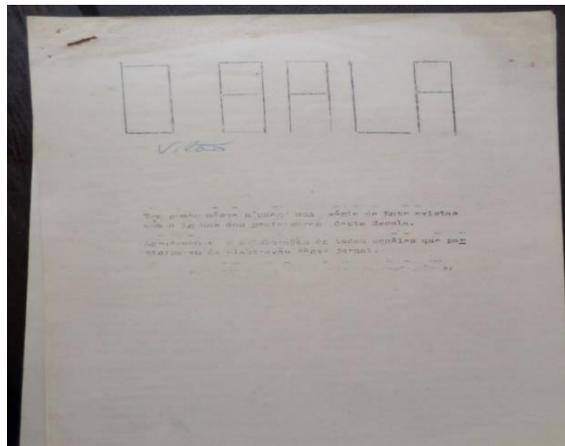
<sup>279</sup> De acordo com o dicionário brasileiro, debilóide é uma designação pejorativa para categorizar pessoas que possuam algum tipo de debilidade mental, ou seja, um débil mental.

<sup>280</sup> O DALA, op. cit.

<sup>281</sup> Idem.

Rodrigues Filho foi editor e redator chefe do Jornal Universitário *O Dala*, do *Diretório Acadêmico* Landulfo Alves da EA, para o qual escreveu várias poesias e artigos políticos, contra a Ditadura Militar e a favor do Socialismo. O jornal estudantil *O DALA* pertencia ao *Diretório Acadêmico* Landulfo Alves. Este nome foi uma homenagem ao Engenheiro Agrônomo Landulfo Alves, governador da Bahia, que foi responsável pela vinda da nova sede da Escola de Agronomia para Cruz das Almas, em 1943. Não temos dados suficientes para afirmar quando o jornal foi fundado. Rodrigues Filho sustenta que ele fez parte da fundação do jornal. Apenas encontramos jornais datados a partir de 1970, e eles estavam sob os cuidados de Rodrigues Filho. Também não conseguimos definir até que ano o jornal funcionou<sup>282</sup>.

**Figura 18 – O DALA**



Fonte. Arquivo pessoal de Rodrigues Filho. 1971.<sup>283</sup>

Consideramos que o jornal cumpriu um papel importante e foi um dos meios pelo qual os estudantes fizeram uso para as demandas internas da EA, dialogando com as demais universidades pelo país. Um instrumento importante de comunicação, na articulação e disseminação de ideias, valores, referências, memórias, ideologias, modo de pensar, disputa de narrativa e poder por determinados grupos de estudantes, dentro da EA. Alguns dos estudantes do DA escreviam poesias, artigos, debatiam assuntos polêmicos interno e externo à vida universitária, e, de um modo geral, sobre o país.

O objetivo do jornal supostamente estava atrelado à necessidade dos estudantes de terem um canal de comunicação mais efetivo com a comunidade discente e docente da EA, assim como, as demais universidades pelo país à respeito de como funcionava o curso de agronomia

<sup>282</sup> Idem.

<sup>283</sup> Capa do Jornal *O DALA*. Infelizmente não encontramos uma imagem melhor pela falta de preservação dos arquivos e a sua consequente deterioração. 1971. 1 foto.

em Cruz das Almas e às aspirações políticas daqueles estudantes. Contudo, é importante enfatizar que não necessariamente o jornal expressava as aspirações de todos os estudantes.

Rodrigues Filho ressalta que o jornal era feito por ele e Delmo Nazianeno (Pirarucu). O primeiro era o redator, digitava e corrigia os artigos dos outros e o segundo passava no mimeógrafo que tinha no diretório. Rodrigues Filho afirma que, às vezes, os estudantes conseguiam papel através do Diretor, sobretudo ele e seu amigo Delmo Nazianeno (Pirarucu), que desfrutavam de uma certa confiança por serem estudantes dedicados e sempre colocavam-se à disposição para eventuais atividades no período das férias. Ainda ressalta que eles costumavam participar da maioria dos experimentos com plantação de mandioca, experimento com carneiro, de confinamento, e todos os que eles pudessem participar. Todos os estudantes iam embora para suas casas e ambos ficavam tomando conta dos projetos e eram responsáveis pelos alojamentos. Também ficava tomando conta do diretório para responder às correspondências, pois o presidente e o vice-presidente, nas férias, viajavam para suas casas em Aracaju. Na visão de Rodrigues Filho, estes fatores corroboraram para que eles ganhassem a confiança do Diretor: “caso contrário, ambos não teriam tido chance de fazer o que faziam”<sup>284</sup>.

O fato de Rodrigues Filho ficar na EA no período das férias não representava necessariamente sua dedicação e atuação no ME, mas supostamente o contraste de sua condição financeira para a dos demais estudantes que tinham dinheiro à sua disposição para viajar nas férias. Infelizmente, não temos dados para definir o perfil dos estudantes, mas a maioria provavelmente eram de classe média.

O jornal custava vinte e cinco cruzeiros e o valor ia mudando ao longo dos anos. Em 1969, o preço já era um cruzeiro. Os estudantes também recebiam recursos do município para manutenção do jornal. Às vezes, o recurso era dado através de ofício para imprimir cópias no mimeógrafo. No entanto, não era o suficiente, e, na tentativa de arrecadar mais dinheiro, os estudantes também faziam festas dentro do diretório e convidavam um professor para dar um curso de inseticida, entre outros cursos, e cobravam uma taxa que servia para arcar com as eventuais despesas. Outro modo de arrecadar dinheiro era cobrando uma taxa pela carteira de estudante do diretório. Normalmente, de acordo com Rodrigues Filho, não era suficiente, mas dava para resolver alguns problemas, como pagar o Correio, viabilizando o envio de correspondência para outros diretórios<sup>285</sup>.

Uma prática que também era comum por parte do diretório foi a de ajudar nas despesas de alguns estudantes que não tinham condições na EA: pagar alojamento, refeitório e matérias

---

<sup>284</sup> O DALA, Cruz das Almas, n. 1, 1971-1972.

<sup>285</sup> Idem.

relacionados ao curso, assim como, ajudar no período das férias. De acordo com Rodrigues Filho, o estudante para conseguir alojamento e descontos de outra natureza precisava comprovar, mediante a apresentação de documento, que não possuía nenhuma condição de pagar as despesas supracitadas, o que demonstra, de certa forma, uma sensibilidade coletiva do diretório com os problemas dos estudantes da EA.

É importante destacar a dedicação dos estudantes em manter um jornal mesmo com todas as dificuldades financeiras. Através da análise de alguns editoriais é possível perceber que alguns dos problemas na EA era discutido pelo diretório e o posicionamento dos estudantes era divulgado por meio do jornal, que cumpriu um papel comunicativo e de representatividade importante para estes. A matéria abaixo ilustra o boletim como propaganda para a importância do diretório:

É através dos Diretórios que os estudantes universitários se unem em defesa dos seus direitos, e o Diretório, tem a função de agir junto a diretoria da Escola, Reitoria; e a depender das reivindicações, apelar para as esferas mais altas além de certas promoções. Portanto, parte da classe estudantil, as reivindicações e o acatar e organizar a maneira como resolve-las, cabe aos diretórios. Louvamos o Diretório da nossa Escola que procura e está conseguindo captar os nossos desejos, encaminhando-os para uma resolução satisfatória. Apoiamos os colegas da capital quando procuram caminhos que levem à abertura desses diretórios, pois não se justifica de maneira nenhuma, uma unidade sem diretório e nem a ameaça de fecha-los, pois se assim acontece, que serão dos nossos direitos, das nossas reivindicações.<sup>286</sup>

Esse editorial foi escrito pelo estudante Delmo Nazianeno (Pirarucu), um dos amigos de Rodrigues Filho. Para ele era através dos diretórios que os estudantes universitários uniam-se em defesa dos seus direitos. O mesmo enfatizava que o diretório tinha a função de agir junto a Diretoria e da Reitoria, e, dependendo das reivindicações precisava apelar para as esferas mais superiores. Delmo Nazianeno (Pirarucu) ainda ressalta, através do jornal, a importância de saber da luta que os estudantes estavam travando em Salvador e em outras cidades brasileiras pela abertura dos diretórios nas universidades. Para ele caberia ao diretório representar a classe estudantil nas reivindicações e em como resolver os problemas.

Louvamos o Diretório da nossa Escola que procura e está conseguindo captar os nossos desejos, encaminhando-os para uma resolução satisfatória”. Apoiamos os colegas da capital quando procuram caminhos que levem à abertura desses diretórios, pois não se justifica de maneira nenhuma, uma unidade sem diretório e nem a ameaça de fecha-los, pois se assim acontece, que serão dos nossos direitos, das nossas reivindicações<sup>287</sup>.

<sup>286</sup> Discurso escrito por Delmo Nazianeno e divulgado pelo jornal **O DALA**, Cruz das Almas, 1971-1972.

<sup>287</sup> Idem.

Fica evidente que os estudantes da EA estavam dialogando com o diretório da capital, em Salvador, especialmente o da UFBA, e demais diretórios pelo país. No trecho destacado acima, assim como, no restante da discussão no jornal, Delmo Naziazeno (Pirarucu) faz questão de elogiar a atuação do diretório da EA a respeito do problema que a juventude estudantil estava enfrentando naquele contexto com o fechamento dos diretórios acadêmicos.

As edições do jornal *O DALA* eram publicadas mensalmente e enviadas para várias cidades, dentre elas, Salvador, São Paulo e Rio de Janeiro. Rodrigues Filho ressalta que os estudantes também aproveitavam o jornal para fazer críticas ao diretor da Escola de Agronomia, Zinaldo Figueiroa de Sena. O mesmo afirma que ele se tornou diretor por indicação que desconsiderou-se a votação feita pela comunidade universitária.

Para corroborar com a afirmação de Rodrigues Filho a respeito desse episódio, encontramos um artigo no editorial do jornal *O DALA*, provavelmente de 1971, a respeito da insatisfação da maioria dos estudantes sobre como deu-se o processo de escolha de Zinaldo Figueiroa de Sena para o cargo de diretor. O jornal menciona um artigo que supostamente foi publicado na edição 30 de abril, página 8, no jornal *Tribuna da Bahia*, que representava o pensamento unânime e de repúdio por parte do corpo discente da Escola de Agronomia sobre o ocorrido. No texto, os estudantes destacam que não se respeitou a lista sêxtupla e que ocorreu disparidade no processo de escolha do nome do diretor, “[...] visto que pessoas realmente credenciadas à exercer o cargo e que contam com o apoio e a estima dos alunos tiveram seus nomes excluídos, numa demonstração gritante de teatro fantoche, cujos personagens obedecem únicas e exclusivamente ao homem que os manuseiam”<sup>288</sup>.

De acordo com fragmentos do jornal, os estudantes ainda iniciaram uma campanha aberta visando a anulação da lista sêxtupla, como também providenciando medidas, que fossem capazes de garantir a sucessão democrática. A ideia era apresentar nomes para concorrer aos respectivos cargos de direção na EA, que representasse genuinamente os anseios da maioria dos estudantes. Para eles, o diretor Zinaldo Figueiroa de Sena não representaria mudança e renovação na EA, mas apenas o continuísmo de práticas impostas a quem fosse escolhido para o cargo. Os estudantes alegaram que havia outros professores mais capacitados e que atendia aos anseios da comunidade estudantil, e representariam mudanças nos rumos da EA<sup>289</sup>.

Na visão de Rodrigues Filho, o diretor era “reconhecidamente direitista”, mas isso não tornava-lhe uma pessoa ruim. Para justificar seu argumento, Rodrigues Filho ressalta que o

---

<sup>288</sup> *O DALA*, Cruz das Almas, n. 1, 1971-1972.

<sup>289</sup> *Idem*.

diretor era pai de duas de suas colegas, que também estudavam na EA<sup>290</sup>. Infelizmente, não encontramos arquivos para ter uma ideia a respeito do posicionamento do diretor e demais membros da direção naquele contexto. Zinaldo Figueirôa de Sena também foi estudante da EAB e vereador de Cruz das Almas, em 1964. Congratulou-se com as forças armadas no contexto do Golpe civil-militar<sup>291</sup>. Rodrigues Filho ainda acentua que o conteúdo dos artigos publicados no jornal e cartazes colados na porta das salas de aula tinha a intenção de criticar o presidente Garrastazu Médici e o AI-5. Ainda ressalta que os seus colegas sergipanos e demais estudantes retiravam os cartazes com medo da polícia invadir a EA<sup>292</sup>.

Rodrigues Filho enfatiza que Paulo Nunes, conhecido como Polenga, foi um dos candidatos ao diretório durante o período em que o grupo esteve sob o efeito da punição. O mesmo descreve o estudante como “um burguês que morava no Sul da Bahia”. Ainda ressalta que o grupo apoiou sua candidatura na chapa para o diretor consentir, mas depois que conseguiu conquistar o direito de participar das eleições tiraram-nos do poder e elegeu Delmo Naziazeno (Pirarucu)<sup>293</sup>.

Na visão de Rodrigues Filho, Delmo Naziazeno (Pirarucu) era o principal articulador porque tinha um “bocão”, conversava bastante e era um agitador. Ainda ressalta que, embora esse grupo não mais pudesse participar das eleições para o diretório, ainda continuava exercendo influência no ME e elegendo chapas nas eleições, desde o primeiro ano com Luiz Mendes, presidente do diretório entre 1969/1970, e depois, Almir Martins dos Santos, presidente em 1970. Rodrigues Filho ainda afirma que esse grupo era muito forte e geralmente apoiava e/ou elegia alguns candidatos. No entanto, um dos fatores que contribuía para a alegada influência política era por Rodrigues Filho e o grupo estudarem na maior turma da EA, com 80 estudantes, enquanto as outras tinham aproximadamente 50. Na sua visão, esse fator, somado à influência que o grupo exercia, por vezes, possibilitava o candidato vencer a eleição<sup>294</sup>.

Para Rodrigues Filho, esses elementos possibilitaram-lhes maior “liderança e influência” no diretório, mesmo não tendo cargo eletivo em razão da punição no episódio do alojamento. O mesmo concorreu ao cargo de Secretário Geral e ressalta com um ar de felicidade pela vantagem em relação ao seu adversário, inclusive, por ter recebido mais votos que o

---

<sup>290</sup> RODRIGUES FILHO. [Entrevista concedida a] Elias dos Santos Conceição. Amélia Rodrigues, Bahia, 2013.

<sup>291</sup> Ata de 14. 04. 1964 da sessão da Câmara de Vereadores de Cruz das Almas. Livro 1963/1966. p. 27-29.

<sup>292</sup> RODRIGUES FILHO. [Entrevista concedida a] Elias dos Santos Conceição. Amélia Rodrigues, Bahia, 2013.

<sup>293</sup> Idem.

<sup>294</sup> Idem.

estudante eleito para presidente do diretório. Sendo assim, Rodrigues Filho assumiu a Secretaria do Intercâmbio e Cultura<sup>295</sup>.

Rodrigues Filho descreve que depois de ganhar a eleição foi comemorar com Rosalvo Alexandre de Lima Filho (Fuleiro) e Gabriela. Foi para Cantina tomar cachaça e lá encontrou Polenga com seu grupo tomando cerveja<sup>296</sup>. A cachaça sempre esteve presente em seu cotidiano e acreditamos que também foi um ingrediente importante no contexto de sociabilidade entre estudantes e os moradores da cidade. Aparentemente, a cachaça também representava uma certa concepção de masculinidade e virilidade de Rodrigues Filho e demais estudantes no contexto da EA<sup>297</sup>.

Além da cachaça como ingrediente importante de sociabilidade, havia também as atividades esportivas no cotidiano de Rodrigues Filho. Destacamos a Associação Atlética Acadêmica de Agronomia (AAAA) que representava os estudantes no contexto da EA e o futebol era uma das atividades mais praticada pelos estudantes da escola. Rodrigues Filho ressalta que tinha dois campos: um ficava em frente ao alojamento e o outro atrás. Tinha também uma quadra de futebol de salão que ficava logo ao lado dos campos<sup>298</sup>.

Os estudantes usavam os espaços esportivos para atividades culturais e de lazer, interagindo com os colegas e também com os moradores da cidade. Também organizavam campeonatos com outros diretórios, incluindo, parte dos diretórios de Geologia, Veterinária e de Engenharia da UFBA; a faculdade de Juazeiro da Bahia, hoje Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF). Rodrigues Filho ressalta que depois dos jogos saíam durante às noites pelas ruas da cidade tomando cachaça<sup>299</sup>.

Esses elementos do cotidiano de Rodrigues Filho, como brincadeiras, atividades esportivas, farra, cachaça, dentre outras atividades, sobretudo para os estudantes que vinham de outras cidades, além de ser um hábito cultural, provavelmente era uma prática importante para aproximar-se de outros estudantes e também ganhar a confiança da comunidade cruzalmense. Acreditamos que as relações de sociabilidades construídas a partir desses espaços também conformam lugares de redes por onde Rodrigues Filho e demais estudantes do grupo discutiam

---

<sup>295</sup> Idem.

<sup>296</sup> Idem.

<sup>297</sup> Sobre masculinidade e virilidade ver: ALBUQUERQUE JÚNIOR. Durval Muniz de. Máquina de fazer machos: gênero e práticas culturais, desafio para o encontro das diferenças. *In*: MACHADO, Charlton José dos Santos *et al.* **Gêneros e práticas culturais**: desafios históricos e saberes interdisciplinares. João Pessoa: EDUEPB, 2010; FORTH, Christopher E. Masculinidades e virilidades no mundo anglófono. *In*: CORBIN, Allan; COURTINE, Jean-Jacques.; VIGARELLO, Georges. (org.). **História da Virilidade**: a virilidade em crise? Século XX-XXI. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

<sup>298</sup> RODRIGUES FILHO. [Entrevista concedida a] Elias dos Santos Conceição. Amélia Rodrigues, Bahia, 2013.

<sup>299</sup> Idem.

assuntos atrelados às ideias do partido comunista e à aproximação com a comunidade, sendo, provavelmente, o primeiro passo para colocar em prática as estratégias ideológicas do partido. Mas não a única, como veremos a seguir.

## A poesia

É importante enfatizar que uma das primeiras atitudes da maioria dos regimes autoritários é censurar a liberdade de expressão e opinião. A eliminação e a dominação pela coerção das vozes discordantes. De acordo com Sandra Reimão, durante todo contexto da ditadura, o governo brasileiro oficializou a censura a filmes, peças teatrais, discos, músicas e apresentações de grupos musicais, cartazes, jornais, editoras, livros, espetáculos públicos e todo material visto como subversivo. O propósito era impedir a circulação de ideias, sobretudo de críticas ao sistema vigente<sup>300</sup>. Destacamos também nesse período o “terrorismo cultural” dirigido ao mundo editorial pelo Ministro da Educação Flávio Suplicy de Lacerda, que “[...] organizou pessoalmente o expurgo de bibliotecas, queimou livros de Eça de Queiroz, Sartre, Graciliano Ramos, Guerra Junqueiro, Jorge Amado, Paulo Freire, Darcy Ribeiro”<sup>301</sup>.

Desde o início da ditadura que o governo utilizou-se de várias estratégias de coerção e controle da opinião pública. Para Juliano Martins Doberstein os atos Institucionais e a censura<sup>302</sup> prévia, foram alguns dos diversos mecanismos de controle utilizado ao longo do período ditatorial no combate à setores de oposição. Entretanto, a repressão não impediu as várias e diferentes manifestações culturais feitas por variados sujeitos. E entre o período de 1964 a 1968, ainda era possível perceber no panorama cultural brasileiro a presença de produções culturais de esquerda e as manifestações abertas nos espaços públicos fazendo críticas à Ditadura Militar<sup>303</sup>.

Mauricio Brito ressalta que, desde 1964, já existia na Bahia um inconformismo político-cultural difuso no teatro, na música, na literatura de resistência à Ditadura Militar, sobretudo

---

<sup>300</sup> Ver: REIMÃO, Sandra. **Repressão e resistência: censura a livros na ditadura militar**. 2011. Tese (Livredocência em Comunicação e Cultura) – Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011. p. 16-45.

<sup>301</sup> STEPHANO, Alexandre Ayub. **Censura no Regime Militar e Militarização das Artes**. Porto Alegre, EDIPUCRS, 2001, p. 223. De acordo com este autor, a expressão “terrorismo cultural” foi criada por Tristão de Athayde que era ridicularizada pelo governo e pelos intelectuais que o apoiavam”. Ibidem, p. 227.

<sup>302</sup> Ver: BERG, Creuza. **Mecanismos do Silêncio: expressões artísticas e censura no Regime Militar (1964-1984)**. São Carlos: Edufscar, 2002.; FICO, Carlos. “Prezada Censura”: cartas ao regime militar. *In: Topó: Revista de História*. Programa de Pós-graduação em História Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, n. 5, p. 251-283. dez. 2002.

<sup>303</sup> DOBERSTEIN, Juliano Martins. **As duas censuras do regime militar: o controle das diversões públicas e da imprensa entre 1964 e 1978**. 2007. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

pelos militantes do PCB<sup>304</sup>. A cultura e a arte tornaram-se recursos de integração dos estudantes na resistência política, “[...] jovens e estudantes se tornavam intelectuais preocupados com a divulgação de uma crítica militar, através da própria cultura e da arte”<sup>305</sup>.

Veremos uma atuação semelhante em Feira de Santana. Cláudia Ellen Guimarães enfatiza a atuação de estudantes secundaristas, sua relação com grupos socialistas e o enfrentamento da Ditadura Militar na cidade a partir de atividades teatrais, produção de cartazes e poesias. As expressões artístico-culturais tinham uma postura crítica e politizada, debatendo questões da educação pública e questões mais gerais de âmbito político, como a reforma universitária e o acordo Mec-Usaid<sup>306</sup>.

Esse panorama vai mudar a partir de 1969 com o desfecho do AI-5. Muitas das atividades de oposição e resistência na cena pública à ditadura foram retraídas pela violência de Estado amplificada pela ascensão dos militares da chamada “linha dura” ao núcleo de poder ditatorial. No entanto, como demonstrado até aqui, parte dos estudantes buscaram alternativas diversas para driblar a censura e a violência do Estado. Parte deles entrou na clandestinidade e em grupos guerrilheiros e outros escolheram a via dita pacífica do PCB, como é o caso de Rodrigues Filho e alguns estudantes, que faziam parte da célula na EA em Cruz das Almas - tema do terceiro capítulo.

É importante destacar que a prática de censura aos livros e à circulação de ideias não começaram no Brasil em 1964 com o golpe. A historiadora Maria Luiza Tucci Carneiro, em *Livros proibidos, ideias Malditas*, evidencia que a prática de censura aos intelectuais e o controle da cultura foi sempre uma questão de controle de Estado<sup>307</sup>. Inclusive, para a autora, o Departamento Estadual de Ordem Política e Social, o DEOPS, criado em 1924, teve o objetivo de impedir a propagação de ideias revolucionárias. Para Carneiro, “[...] as apreensões de livros efetuadas durante o regime militar expressaram a persistência desta mentalidade obsessiva pelas obras ditas subversivas”<sup>308</sup>.

De acordo com Juliano Doberstein, durante o período da Ditadura Militar existiam dois tipos de censura, uma pública e a outra clandestina. E a questão da moralidade estava sempre

---

<sup>304</sup> BRITO, op. cit., p. 129.

<sup>305</sup> OLIVEIRA, A. E. A. op. cit., p. 112.

<sup>306</sup> OLIVEIRA, Cláudia Ellen Guimarães de. **Movimento estudantil secundarista: educação, política e repressão em Feira de Santana (1962-1969)**. 2016. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2016. Os acordos MEC-USAID tratou-se de uma “colaboração técnica” realizados entre o Brasil e os Estados Unidos. Ver: MARTINS FILHO, João Roberto. **O movimento estudantil e Ditadura Militar, 1964-1968**. Campinas: Papirus, 1987.

<sup>307</sup> CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. **“Livros proibidos, ideias malditas”**: o DEOPS e as minorias silenciadas. 2. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

<sup>308</sup> Ibidem, p. 164.

presente na crítica da direita em relação à esquerda. A ideia de que os comunistas estariam preparando o terreno para consolidação do projeto comunista, valendo-se da fraqueza e incentivando a juventude no caminho da imoralidade e dos maus costumes<sup>309</sup>.

Rodrigues Filho ressalta que não teve sua produção censurada pelos militares, mas que existia o medo e o cuidado para a crítica não ficar muito explícita<sup>310</sup>. Acreditamos que o conteúdo expresso nos artigos e poemas de Rodrigues Filho demonstra seu engajamento nas questões de cunho político e social, sobressaindo uma preocupação com a condição do indivíduo na sociedade, buscando expressar esse sentimento em sua produção intelectual pelo viés da cultura.

Oh! Liberdade acalenta em meu peito  
 A realidade sem demagogia.  
 Desejo ser livre. Tenho esse direito!  
 Salva-me do caos da burocracia.  
 Rompe os tentáculos deste polvo, sujo,  
 Que envolve a todos com maldade fria.  
 Ouve meu apelo do contrário fujo  
 Disto que proclamas ser democracia  
 Não ouves o clamor do povo, sem terra,  
 Despido de ideias em ti confiante?  
 Te cuida que o mesmo, na praça de guerra,  
 Lembrará Bastilha, um eco distante.  
 Dias turbulentos irás conhecer...  
 Verás em combate o bem e a maldade,  
 Até que o egoísmo venha parecer  
 E reine entre os homens o termo igualdade.  
 É por isso que grito, ó liberdade!  
 Semeia entre os homens paz e alegria,  
 Pois Igualdade trás fraternidade  
 E liberdade trás amor, poesia.<sup>311</sup>

Escrita para o jornal *O DALA* e publicada na edição de 1971, este poema marca o processo de transição da poesia do autor da fase romântica para a fase realista. Acreditamos que a entrada de Rodrigues Filho no PCB estimulou-lhe a tomar a estética do realismo socialista como modelo. E supostamente o mesmo apropriou-se do modelo para a produção dos artigos e poemas. Este poema, por exemplo, sugere que o propósito do autor foi contestar pelo fim da Ditadura Militar em seu período mais sangrento clamando pela liberdade, e criticando o que se vendia naquele momento como democracia. Que tipo de democracia não ouve o grito de seu povo, sem-terra, vendidos à própria sorte? Para ele somente a igualdade suscitaria nas pessoas o sentimento de fraternidade e na liberdade encontraria o amor e a poesia para viver.

<sup>309</sup> DOBERSTEIN, op. cit., p. 134-135.

<sup>310</sup> RODRIGUES FILHO. [Entrevista concedida a] Elias dos Santos Conceição. Amélia Rodrigues, Bahia, 2013.

<sup>311</sup> RODRIGUES FILHO, *O homem, o tempo e a poesia*, p. 21.

Eras tu como eu, só devaneios,  
 Frágil, incerta e subserviente.  
 Não havia luz em teus anseios  
 E obscura era a luz de minha mente.  
 E comigo caminhaste pelas brumas  
 A buscar ilusões com avidez.  
 Tal e qual a areia, das dunas,  
 Fomos arrastados pela insensatez.  
 No vazio do tempo nos perdemos:  
 Ah! Futilidades da adolescência...  
 Como mudamos hoje que crescemos,  
 Que da realidade temos consciência.  
 Outrora tu comigo caminhavas  
 Pela senda estéril do idealismo  
 E somente agora sei o que procuravas  
 Uma trilha certa para o realismo.  
 Foi preciso mudar pra entender  
 E mudar me custou privações,  
 Pois, por vezes, tentaram impedir,  
 Os nossos avanços, nossas posições.  
 Hoje sei o que sou e quem tu és  
 Pelo longo estágio na experiência...  
 E esse evento se deu através  
 De um princípio que rege a Ciência.<sup>312</sup>

Escrita para a edição de 1971, esse é o segundo poema onde Rodrigues Filho expressa o sentimento de opressão experienciado por ele e demais estudantes, que suscitaram, naquele contexto, a possibilidade de um mundo sem censura e repressão. Enfatiza a mudança de futilidade do idealismo vivido na adolescência para o realismo em sua vida adulta. É possível ver essa mudança em sua estética poética. Na sua visão, a mudança também vem com responsabilidade e privações. O mesmo atribuiu que essa mudança foi provocada pelo socialismo científico, experimentado a partir das novas leituras, acreditando que a realidade materialista oferecia os instrumentos necessários para combater a opressão<sup>313</sup>. Essa visão exprime a ideia de que provavelmente esses estudantes também agregaram em suas pautas políticas a luta dos trabalhadores, como demonstramos até aqui.

É importante enfatizar que, além de Rodrigues Filho, outros estudantes também empenharam-se na produção de artigos e poesias críticas ao sistema vigente. Geralmente, eram os estudantes da rede que Rodrigues Filho estava inserido. É o caso do poema “Gás Lacrimogêneo” escrita pelo estudante Cassiano Ricardo, e publicado no jornal *O DALA*.

Aplaudi o orador do comício.  
 Mas aplaudi, apenas, sem nenhuma intenção de chorar.

<sup>312</sup> Ibidem, p. 23.

<sup>313</sup> RODRIGUES FILHO. [Entrevista concedida a] Elias dos Santos Conceição. Amélia Rodrigues, Bahia, 2013.

Pois, como diz a Bíblia ao dia de hoje já não bastarão os seus males?  
 Mas a polícia compareceu rutilante  
 A sua máquina de fazer chorar funcionou  
 Maravilhosamente, rutilantemente  
 E a multidão se dispersou chorando,  
 Como se um monstro Bíblico  
 Desfizesse a alegria das ruas em pânico  
 Com o seu choro mecânico e coletivo  
 E os meus olhos choraram lágrimas inverídicas  
 No entanto eu não pretendia chorar  
 Pretendia, ao contrário, apartear o orador  
 Para lhe contar que há muito tenho os olhos enxutos  
 Que sou um habitante da caatinga  
 Que sou antimarítimo, anticeleste  
 Porque um homem não chora  
 Porque sou filho das manhãs sem orvalho  
 Porque pertenço a uma família  
 Enxuta e magra a quem a sede  
 Fêz secar os olhos...  
 Porque moro num chão onde são  
 Muitas as razões para chorar  
 Mas onde não se chora  
 Meu filho choraste em presença da Morte?  
 Meu filho não és  
 Que nome terá o crime  
 A iniquidade de quem me fêz chorar na rua  
 No áspero País onde não se chora  
 Onde não se chora se não de saudades?<sup>314</sup>

Este poema descreve um pouco do cenário vivido pelos estudantes que escolheram não se calarem diante da censura. Que se apropriaram das ruas como espaço por excelência para demonstrar através de palavras de ordem e das expressões culturais sua indignação. As ruas como espaços de crítica aberta ao sistema político que tratava a “educação como mercadoria” para atender às demandas capitalistas e imperialistas. Demonstra, também, a violência perpetrada pelos militares que numa demonstração de força reprimia violentamente as manifestações estudantis com gás lacrimogêneo, cassetetes e usavam da arma ferindo e ceifando a vida de muitos estudantes e pessoas que também participavam dos atos de resistência. Embora o poema tente descrever esse cenário, nesse contexto já não é mais possível a manifestação política nos espaços públicos em virtude do endurecimento indiscriminado da ditadura.

O sujeito apresenta-se como aquele que já calou o choro por ser um habitante da caatinga, filho das manhãs sem orvalho, cuja família enxuta e magra, que a sede secou os olhos, mas não chora mesmo morando em um chão com muitas razões para chorar. Como poderá

---

<sup>314</sup> Poesia escrita pelo estudante Cassiano Ricardo e publicada no jornal **O DALA**, Cruz das Almas, 1971/1972. p. 7.

alguém ser condenado por reivindicar por seus direitos<sup>315</sup>? A saudade também é um elemento presente na vida dos estudantes, sobretudo daqueles que entraram na clandestinidade, distante da família. A saudade e o luto também são elementos presentes na família, que não puderam enterrar seus filhos.

Com o AI-5 muitos estudantes ficaram com medo de expressar sua indignação através das manifestações de rua, além das diversas expressões culturais, mas não ficaram paralisados. Buscaram estratégias diferentes para serem ouvidos. Além da crítica ao regime, fizeram uso político da poesia também para contestar e denunciar a realidade econômica e a desigualdade regional no Brasil, como podemos ver neste poema:

#### O AMANHÃ DO MUNDO

Eu sou aquele que, como tantos outros,  
 Busca nas ideias um mundo, diferente,  
 Que seja de muitos, e não só de poucos,  
 Sem fome, sem guerra, um mundo pra gente.  
 Isento de taras, de ódios raciais,  
 Fecundo em amores, em cores iguais,  
 No peito, bem fundo, desejo este mundo,  
 Moderno, profundo, em termos gerais.  
 São, portanto, inúmeros os desconhecidos,  
 Que tombam em combate, mas nunca vencidos,  
 Valentes, briosos, em nome dos povos,  
 Dão a própria vida em favor dos novos.  
 Que importa morrer! Mais cedo ou mais tarde,  
 Se o canto da vida não contém “*verdade*”.  
 Armado da musa, da fraternidade,  
 Sucumbe o poeta cantando igualdade.  
 Já não restam brumas, o sol há de vir!  
 Pressinto reflexos no céu a luzir;  
 O curso da história não pode impedir,  
 A metamorfose que leva ao povir<sup>316</sup>.

Embora um espaço elitista, composto pela maioria dos estudantes de classe média e filhos de fazendeiros, alguns estudantes da EA eram de famílias trabalhadoras que se dedicaram para que os filhos obtivessem êxito na vida através da educação como um caminho possível para mudar a condição econômica da família. Para esses estudantes, além da crítica ao momento vivido pela repressão, também traziam consigo a experiência de sua condição de trabalhador. Nesse poema é possível ver um apelo por uma utopia possível buscando nas ideias um mundo diferente e que fosse para todos e não para poucos. Um mundo sem fome e sem ódio racial<sup>317</sup>.

---

<sup>315</sup> Idem.

<sup>316</sup> Poesia escrita por José Rodrigues Filho e publicada no jornal *O DALA*. ed. 1972.

<sup>317</sup> Idem.

A crítica não se restringia apenas às questões locais, pois entendia-se que os problemas eram de natureza estrutural, e, portanto, a crítica também tinha o propósito de desmistificar o poder e a influência ideológica dos Estados Unidos e de seus aliados na política interna brasileira. Denunciavam o investimento ideológico e armamentista dos EUA fomentando crises e apoiando ditaduras na América Latina com o objetivo de ampliar seus domínios.

No próximo capítulo, discutiremos a atuação de Rodrigues Filho a partir da criação da célula do PCB na EA, das aulas de alfabetização e do grupo de cultura. Ao final do capítulo, discorreremos sobre alguns aspectos da trajetória de Rodrigues Filho depois de concluir os estudos apresentando algumas de suas produções culturais.

## CAPÍTULO III

### A trajetória de José Rodrigues Filho e o Partido Comunista do Brasil

Este capítulo analisa a trajetória de José Rodrigues Filho na organização e atuação de uma célula do Partido Comunista Brasileiro na EA da UFBA na cidade de Cruz das Almas, Bahia. No primeiro momento, traçamos uma discussão sobre o PCB no Brasil e na Bahia, especialmente nas cidades do Recôncavo baiano, na tentativa de contextualizar como se deu o processo de formação do PCB nessa região e como ele foi estruturando-se ao longo dos anos, mesmo passando a maior parte do tempo na ilegalidade. E, nesse sentido, entender a trajetória de Rodrigues Filho é necessário para analisar os meandros desse partido, especialmente a atuação da célula na EA, entre 1969 a 1973. Também analisaremos as aulas de alfabetização para os agricultores e seus filhos na EA, assim como a organização do Grupo Estudantil de Cultura (GEC) pelos estudantes da célula, juntamente com outros interessados com a proposta. No final do capítulo, consideramos importante destacar algumas das produções de Rodrigues Filho após a sua saída da EA. São livros autobiográficos, um poema a respeito das “*Diretas Já*” e cordéis sobre temas diversos.

#### 3.1 O partido comunista do Brasil

O PCB foi fundado em 22 de março de 1922 no *I Congresso da III Internacional Comunista*, no Rio de Janeiro. Os fundadores do partido vieram todos do anarquismo revolucionário, influenciados pela Revolução de Outubro de 1917, na Rússia, e estavam convencidos de que uma forte organização política era indispensável para a concretização da revolução socialista no Brasil<sup>318</sup>.

O PCB conviveu a maior parte do tempo na clandestinidade. De acordo com Carlos Zacarias Figuerôa de Sena Junior, durante toda a década 30 e boa parte da década de 40, sua organização foi duramente reprimida e submetida a longos anos de ilegalidade, sobretudo com

---

<sup>318</sup> Ver: PEREIRA, A. **Formação do PCB**. 3. ed. São Paulo: Ed. Anita Garibaldi, 2012; SODRÉ, N. W. Contribuição à história do PCB. São Paulo: Global, 1984; SEGATTO, J. A. **Breve história do PCB**. 2. ed. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1989; VIANNA, Marly de Almeida Gomes. Observações sobre ideias socialistas, anarquistas e comunistas na imprensa (1902-1924). In: SENA JUNIOR, Carlos Zacarias de (org.). **Capítulos de história dos comunistas no Brasil**. Salvador: Ed. EDUFBA, 2016. Sobre a influência da Internacional comunista no Brasil ver entre outros: DEL ROIO, Marcos. O impacto da revolução russa e da internacional comunista no Brasil. In: MORAES, João Quartim de; AARÃO REIS, Daniel (org.). **História do marxismo no Brasil, o impacto das revoluções, Campinas**: editora Unicamp. 2. ed. Campinas: Unicamp, 2013. v. 1.

a brutal ditadura anticomunista, que tinha sido implantada em 1937, através do Estado Novo<sup>319</sup>. Depois de sua participação na luta contra o nazifascismo, no contexto da Segunda Guerra Mundial, o partido voltou a ganhar legalidade e espaço na vida política brasileira em 1945, tornando-se um partido nacional de massas. Esse processo de afirmação política não demorou muito, pois foi interrompido pela Guerra Fria. Entre 1947 e 1948, o partido é posto na ilegalidade e perseguido pelo governo Eurico Gaspar Dutra<sup>320</sup>. Na clandestinidade, o partido voltou a ser novamente cassado pelos anticomunistas, ditadores e “democratas”, que investiram pesado, prendendo, torturando e assassinando suas principais lideranças<sup>321</sup>.

Na Bahia, de acordo com Marcelo Lins, as organizações nasceram depois do *II Congresso* da IC, e as primeiras filiações ocorreram entre maio e dezembro de 1925 no processo de aderência ao partido por simpatizantes em todo território nacional. Para a direção do Partido era importante que os novos membros fossem se organizando em células, principalmente em cidades como São Félix, Cachoeira e Muritiba, que deveriam constituir-se como Comitê de Zona ligado ao Comitê Regional na Capital da Bahia<sup>322</sup>.

A ideia do partido para que as primeiras filiações acontecessem na região do Recôncavo baiano esteve, supostamente, ligada à concentração de trabalhadoras e trabalhadores nas plantações, “[...] nas empresas de charutos e armazéns de beneficiamento de fumo e também pelas atividades portuárias no Rio Paraguaçu”<sup>323</sup>. Supostamente, a expectativa era que essas células exercessem influência nesses espaços, realizando um trabalho de educação e organização, agitação e propaganda – o que aumentaria, eventualmente, o número de integrantes nas células. Conforme sinaliza Marcelo Lins, esse processo verificou-se nas Fábricas de fumo nas cidades supracitadas, onde os trabalhadores, em sua maioria mulheres, agitavam-se e realizaram greves pontuais<sup>324</sup>.

Além das cidades apontadas, temos também outras localidades que foram palco importante da atuação do PCB, ao longo dos anos, após a criação da coordenação do partido em Salvador, como é o caso da cidade de Alagoinhas, Vitória da Conquista, Feira de Santana,

---

<sup>319</sup> SENA JUNIOR, Carlos Zacarias Figuerôa de. **Os impasses da estratégia**: os comunistas e os dilemas da União Nacional na revolução (im)possível - 1936-1948. 2007. 463 f. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2007. p. 17-18.

<sup>320</sup> GORENDER, op. cit., p. 20-21.

<sup>321</sup> Idem.

<sup>322</sup> LINS, Marcelo da Silva. Notas sobre as primeiras movimentações comunistas na Bahia e na região cacauceira. *In.* (org.). SENA JUNIOR, Carlos Zacarias de. **Capítulos de história dos comunistas no Brasil**. Salvador: Ed. EDUFBA, 2016. p. 59-76.

<sup>323</sup> BRAGA, Carlos Augusto Santos Neri. **Operárias Negras**: lutas e controle patronal na Cia. de Charutos Dannemann e na Costa Penna & Cia (1910-1950). 2021. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofias e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2021. p. 188-189.

<sup>324</sup> LINS, op. cit.

dentre outras, que experimentaram, em maior ou menor grau, a atuação do partido e da ideologia comunista, sobretudo entre os trabalhadores. E, nesse sentido, é importante enfatizar que as células locais nem sempre seguiam as orientações do partido.

A partir dos anos 1950, o PCB sofreu várias cisões internas, muito em virtude das discordâncias teóricas e práticas que o partido deveria assumir com as mudanças na orientação internacional e em consideração ao contexto interno brasileiro, sobretudo entre 1956 e 1958 com o XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética (PCUS)<sup>325</sup>. Muitos comunistas que saíram do PCB por não concordarem com as novas orientações ideológicas de seus dirigentes criaram, em fevereiro de 1962, o Partido Comunista do Brasil (PCdoB), sendo um dos primeiros partidos fruto dessa cisão<sup>326</sup>.

Além do PCdoB, mais duas correntes políticas surgiram no início da década de 1960 no interior das esquerdas: a Ação Popular (AP) e a Organização Revolucionária Marxista - Política Operária (POLOP). Segundo Marcelo Ridenti, “[...] a POLOP nasceu em 1961, com influência também nos meios universitários e contestava as ideias reformistas e pacifistas do PCB, propondo a luta armada revolucionária pelo socialismo”. E a AP surgiu em 1962 como organização autônoma, implantada sobretudo no ME por estudantes ligados à Juventude Universitária Católica (JUC)<sup>327</sup>.

Conforme sinaliza Andréa Santos, em 1938, o PCB, sob iniciativa do estudante de Direito, da Faculdade de Direito da Universidade Federal da Bahia, o empresário e jornalista João Falcão, recém-ingresso no partido, fundou a revista literária *Seiva*<sup>328</sup>, “[...] criada para expressar o pensamento da intelectualidade baiana e nacional em favor da democracia e da luta antifascista”. Em 1965, os estudantes da Faculdade de Direito criaram a primeira base do PC do B na cidade de Salvador, após a cisão com o PCB, em 1962<sup>329</sup>. Geferson Santana (2017), enfatiza que:

<sup>325</sup> Cf.: SEGATTO, José Antônio. **Breve história do PCB**. Belo Horizonte: Oficina dos Livros, 1989; TAFFARELLO, Paulo Moraes. **A crise orgânica do Partido Comunista Brasileiro (PCB) e o declínio do “socialismo real”**. 2009. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2009.; POMAR, Valter Ventura R. **Comunistas do Brasil: interpretação sobre a cisão de 1962**. 1999. Dissertação (Mestrado em História) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 1999.

<sup>326</sup> SALES, Jean Rodrigues. O PC do B e o movimento comunista internacional nos anos 60. **Revista História: questões & debates**, Curitiba, v. 35, n. 2, p. 275-303, 2001. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/historia/article/view/2683>. Acesso em: 14 jul. 2021.

<sup>327</sup> RIDENTI, op. cit., p. 27-32.

<sup>328</sup> Cf.: FERREIRA, Daniela de Jesus. **Tempos de lutas e esperanças: a materialização da revista Seiva (1938-1943)**. 2012. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2012.

<sup>329</sup> SANTOS, Andréa Cristiana. **Ação entre Amigos: História da Militância do PC do B em Salvador (1965-1973)**. 2004. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2004. p. 33.

Na Seiva e, posteriormente, no jornal comunista *O Momento*, os intelectuais comunistas foram consolidando seus pensamentos político partidários, amadurecendo intelectualmente, organizando o Comitê Regional-BA do PCB e fortalecendo seus níveis de influência sobre o poder compartilhado pelas elites baianas tradicionais, ainda muito conservadoras.<sup>330</sup>

Marcelo Ridenti salienta que as propostas do PCB influenciavam vários setores sociais, mesmo os que não militavam no partido. E a grande tarefa dos comunistas seria juntar suas forças às da burguesia nacional e de outros setores progressistas para levar a cabo a revolução democrática-burguesa no Brasil, etapa necessária para a emancipação da classe trabalhadora.<sup>331</sup> Contudo, após a derrota de abril de 1964, o PCB perdeu credibilidade no seio da esquerda gerando muitas cisões em seu quadro partidário<sup>332</sup>.

Conforme Marcelo Ridenti, o Golpe civil-militar de 1964 pegou os comunistas desarticulados, impondo ao PCB e ao conjunto das forças democráticas e de esquerda mais um duro período de repressão e clandestinidade. E, nesse momento, o partido sofre novas cisões. No entanto, o partido recompôs-se e definiu uma linha de ação contra a ditadura centrada numa via dita democrática e na recusa das várias formas de luta armada. Esse caminho custou ao PCB a saída de importantes dirigentes, como Apolônio de Carvalho (1912-2005), Carlos Marighela (1911-1969), Jacob Gorender (1923-2013) e Mário Alves (1923-1970), dentre tantos outros. Esta orientação foi confirmada em dezembro de 1967, no *VI Congresso* realizado pelo PCB<sup>333</sup>.

Todavia, após a radicalização e endurecimento da Ditadura Militar com a promulgação do AI-5, o PCB foi violentamente golpeado e reprimido. Segundo a memória oficial do PCB, um terço do comitê central foi assassinado pela repressão e milhares de militantes foram submetidos a variados métodos de tortura, provocando severas sequelas e a morte de muitos outros militantes. Nesse processo, a maioria da direção do partido foi exilada e outra boa parte foi presa nos presídios da ditadura<sup>334</sup>.

<sup>330</sup> SANTANA, Geferson. **O combate das ideias: estratégias culturais dos intelectuais comunistas baianos na produção de um novo conhecimento sobre o Brasil (1920-1937)**. 2017. Dissertação (Mestrado em História) – Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos, 2017. p. 18-19.

<sup>331</sup> RIDENTI, op. cit., p. 18-19.

<sup>332</sup> “Após a derrota sofrida em 1964, em grande parte atribuída à política “reformista” e “pacifista” do PCB, as esquerdas brasileiras se dividiram em um grande número de organizações que tinham pelo menos um ponto em comum: a recusa em continuar com a política até então praticada pelo PCB e, como consequência, a busca de novas formas de atuação que se traduziram na luta armada contra o regime militar inspirado na experiência chinesa e influenciado pelo ideário revolucionário cubano”. SALES, Jean Rodrigues. História do Partido Comunista do Brasil (PCdoB): um balanço bibliográfico. **Revista Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 9, n. 21, p. 290 – 311, set. 2017. p. 300. DOI: <https://doi.org/10.5965/2175180309212017290>. Disponível em: <https://revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/view/2175180309212017290>. Acesso em: 23 out. 2021.

<sup>333</sup> RIDENTI, op. cit.

<sup>334</sup> Breve Histórico do PCB. Disponível em: <https://pcb.org.br/portal/docs/historia.html>. Acesso em: 11 set. 2021.

Os militantes do PCB criaram diversas estratégias para driblar o governo militar e parte dos estudantes comunistas resistiram de diversas formas empenhados com a proposta de levar a cultura aos diversos cantos do país para conscientizar a massa contra o imperialismo norte-americano através do teatro, da poesia, da música, de textos e panfletos. Também foi possível ver esses processos tanto de resistência quanto da política de conscientização das massas em cidades interioranas como Alagoinhas, Feira de Santana, Vitória da Conquista e Cruz das Almas. Uma Escola de Agronomia na cidade e a concentração de muitos trabalhadores do fumo tornava-se um espaço importante para continuidade da atuação do PCB, e, possivelmente, de outros grupos de esquerdas, bem como a ação de vigilância e repressão dos militares.

Levando-se em consideração a atuação de militantes, muitos deles oriundos do ME, nas organizações de esquerdas armadas no Brasil, a pesquisa de Sandra Sousa mostra-nos os caminhos dos grupos de esquerda armada urbana que atuaram em Salvador, no período de 1969 a 1971: Movimento Revolucionário 8 de Outubro (MR-8), o Partido Comunista Brasileiro Revolucionário (PCBR) e a Vanguarda Armada Revolucionária (VAR-Palmares)<sup>335</sup>. Perspectiva diferente foi desenvolvida por Rodrigues Filho e demais estudantes na EA, que aderiram à via pacífica do PCB. E nesse processo valeram-se de diversas estratégias políticas contestadoras à nova ordem estabelecida pelos militares no poder. Foquemos nelas a partir da militância de Rodrigues Filho.

### 3.2 O Partido Comunista na cidade de Cruz das Almas

É relevante ponderar que a cidade de Cruz das Almas, possivelmente, já estava na lista dos militares como foco de comunistas, pois antes mesmo do golpe um grupo de pessoas, e entre elas estudantes, atuava ativamente na cidade através da Frente Nacionalista de Cruz das Almas (FNCA), conforme sinaliza Hebert Santos Oliveira<sup>336</sup>. Os militantes provavelmente compreendiam-na como escudo para esconder a sua atuação no PCB e não gerar desconfiança das autoridades militares na cidade, e, assim, conseguir o apoio dos moradores.

Tradicionalmente a cidade era marcada pelos grupos de direita oligárquicos, predominando a família Passos nos cargos do Executivo Municipal por diversas vezes. Segundo

<sup>335</sup> SOUZA, Sandra Regina Barbosa Silva. “**Ousar lutar, ousar vencer**”: histórias da luta armada em Salvador (1969-1971). 2003. Dissertação (Mestrado em História) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2003.

<sup>336</sup> A Frente Nacionalista em Cruz das Almas foi um movimento organizado que congregou todos os atores sociais que simpatizavam com a causa nacional: operários do fumo, estudantes secundaristas e universitários, camponeses, comerciantes, donas de casa e servidores públicos em Cruz das Almas. OLIVEIRA, Hebert Santos. **Movimento De Luta Nacionalista Em Cruz Das Almas – Recôncavo Baiano (1957-1964)**. 2013. Dissertação (Mestrado em História Regional e Local) – Universidade do Estado da Bahia, Campus V, Santo Antônio de Jesus, 2013.

Hebert Oliveira, de cinco mandatos, entre 1947 e 1964, a cidade esteve sob o controle da família por três vezes tendo à frente a União Democrática Nacional (UDN)<sup>337</sup>.

O autor ainda enfatiza que desde 1950 a cidade de Cruz das Almas já vivia um clima de efervescência política através de algumas instituições e entidades, como EAB, através do DALA; o Colégio Alberto Torres, através do Grêmio Líteo Esportivo Castro Alves GLECA; o *Sindicato dos Operários do Fumo*; a *Associação dos Tarefaíros* da própria EAB e a *Associação Beneficente das Mães Pobres*, através de estudantes universitários e secundaristas, operários do fumo, comerciantes, funcionários públicos e donas de casa, tornaram-se espaços de questionamento e debate político em nível local em sintonia com o debate nacional<sup>338</sup>. Não à toa, assim que foi decretado o golpe os militares invadiram a EAB.

Muitos desses estudantes já atuavam no PCB antes do golpe. É o caso de José Alberto Bandeira Ramos, membro da (FNCA), nos anos 1960, e professor da EAB nas décadas seguintes. Atuou no DALA juntamente com Luiz Fernando Velloso sob a presidência de Amílcar Baiardi, entre os anos de 1962 a 1964. Foi uma liderança importante na EAB. Além de ter seu mandato cassado, foi condenado à pena de dois anos e seis meses pelo Conselho Permanente de Justiça<sup>339</sup>.

Segundo o fragmento BNM, no dia 16 de junho de 1964, uma carta foi apreendida no escritório do Sr. Neiva Moreira, no Rio de Janeiro – sobre José Alberto Bandeira Ramos. Na carta constava que o mesmo estava sendo procurado em Itabuna e que havia ido para o Rio de Janeiro no dia 8 de junho. Através desta suposta carta que mencionava seu nome, no dia 2 de dezembro de 1964, José Alberto Bandeira Ramos foi interrogado pelo Tenente Coronel Ferdinando de Carvalho, no Quartel do Primeiro Batalhão de Carros de Combate, na cidade de São Sebastião, no Rio de Janeiro. Segue um trecho do resumo feito pelo Serviço Nacional de Informação (SNI) a respeito de José Alberto Bandeira Ramos:

[...] Sua atuação como vereador em Cruz das Almas foi marcada durante muito tempo pelo Secretarismo marxista. Membro do Partido Comunista, e membro, digo, é um dos assessores da Seção Estadual do campo do C. E. É também membro do CPC e frequenta o teatro dos novos. É noivo da famigerada comunista DJALNIRA GALRÃO, que trabalha tempo integral para o P.C. – OUTROS DADOS: usa em regra camisa e calças esportes. Traja-se mal normalmente sujo. Enfim, de mal aspectos. Carrega sempre um classificador, contendo documentos. Consta que deu guarita e posteriormente fuga a

<sup>337</sup> Ibidem, p. 27-28.

<sup>338</sup> Ibidem, p. 26-27.

<sup>339</sup> BNM – Brasil: Nunca Mais. Disponível em: [http://bnmdigital.mpf.mp.br/pdf/BNM\\_279/BNM\\_279\\_17-27.pdf](http://bnmdigital.mpf.mp.br/pdf/BNM_279/BNM_279_17-27.pdf). p. 261-264. Acesso em: 29 jun. 2020.

FRANCISCO GUIMARÃES. Presidente da FALTAB, quando procurado pela Polícia, como responsável indireto no crime de CANDEIAS.<sup>340</sup>

Para a polícia, José Alberto Bandeira Ramos era um dos responsáveis pela proliferação de Ligas na região do Recôncavo, destacando as cidades vizinhas, como Sapeassú, Maragojipe, Cabaças e Outeiro Redondo em São Félix. Ainda segundo o fragmento, Bandeira Ramos era uma pessoa de mal aspectos, sujo e trajava-se mal. As cidades citadas no fragmento são conectadas geograficamente. O inquérito revela o quanto os militares estavam monitorando os passos desses militantes com detalhes sobre a vida, os lugares e cidades por onde transitavam. Também indica o quanto essas cidades eram habitadas por diferentes sujeitos que desenvolveram uma política de resistência durante a vigência da Ditadura Militar<sup>341</sup>.

Os fragmentos do BNM, a respeito da repressão política após o golpe, demonstram que para os militares a EAB era um lugar propício para infiltração de comunistas, que através de ideias manipulavam e convenciam as pessoas a subverter a ordem, sobretudo a juventude. É importante lembrar que a escola e a cidade não foram apenas focos de resistência, mas também de colaboração e acomodação no contexto da Ditadura Militar, expressa de diversas formas, como já foi pontuado no segundo capítulo.

Apresentamos esses episódios a respeito de José Alberto Bandeira Ramos porque ajudamos a considerar a atuação do PCB nas cidades interioranas da Bahia, especialmente na Escola de Agronomia, em Cruz das Almas. Rodrigues Filho não conheceu Bandeira Ramos, mas teve contato com outros atores sociais na cidade que o conheceu e também estudantes que tornaram-se professores na própria EA e foram colegas de turma de Bandeira Ramos. É o caso do professor Alino Matta Santana, o diretor Zinaldo Figueroa de Sena e dos trabalhadores do sindicato do fumo, entre outros trabalhadores na cidade. Temos o exemplo de Maria Joaquina, que foi uma liderança importante na cidade e foi a articuladora para a manutenção da célula na EA, segundo Rodrigues Filho, como veremos mais adiante.

Esses eventos corroboram para uma compreensão mais aprofundada da atuação do PCB entre os trabalhadores e trabalhadoras na cidade de Cruz das Almas, especialmente na EA. Possivelmente a atuação do partido deu-se nesta cidade também a partir de 1925, paralelamente às demais cidades citadas anteriormente, inclusive pela localidade também fazer parte de um núcleo econômico relativamente expressivo no Recôncavo baiano, cuja economia estava concentrada na agricultura, nas indústrias de fumo e da plantação de mandioca.

---

<sup>340</sup> Idem.

<sup>341</sup> Idem. Emerita Andrade Ramos, esposa de Alberto Bandeira Ramos, também foi presa e torturada pelo DOPS no Rio de Janeiro.

Destacamos que a construção da estrada de ferro, ainda no final do século XIX, tornou as cidades de Nazaré, Santo Antônio de Jesus, Castro Alves, Cruz das Almas, São Félix, Cachoeira, São Roque e Salvador, um entreposto comercial importante. A construção da BR 101, na década de 1950, e o asfaltamento, na década 1970, potencializaram a conexão e o fluxo de pessoas nestas cidades, além de outras do Nordeste<sup>342</sup>.

### 3.3 José Rodrigues Filho e a Célula do PCB na EA-UFBA

Em finais de 1969, depois de alguns meses iniciais de adaptação na EA e já no segundo semestre, Rodrigues Filho sustenta que formou uma célula do PCB na faculdade juntamente com Alael Kardec, Delmo Naziazeno (Pirarucu), Manoel Hora Batista (falecido em 2020), Saturnino Castor, Valdeílson (Bigorna), Geraldo Mário (falecido em 2016) e o líder do grupo, Rosalvo Alexandre de Lima Filho (Fuleiro), sergipano, colega e amigo de turma (falecido em 2015) e mais alguns simpatizantes. Rodrigues Filho sinaliza que a atuação do grupo na célula teve o propósito de atuar no combate a um dos momentos mais violentos da Ditadura Militar no Brasil, escrevendo e divulgando de forma clandestina textos, poesias e panfletos criticando e denunciando à Ditadura Militar<sup>343</sup>.

Rodrigues Filho ressalta que ao chegar na EA encontrou no alojamento o estudante Rosalvo Alexandre (Fuleiro), que também havia passado no curso de agronomia, e aos poucos foi surgindo uma relação de amizade e confiança entre eles, ao longo dos anos no contexto da EA. O mesmo enfatiza que Fuleiro já era engajado na militância da esquerda em seu estado, inclusive por influência de seus pais, que também eram comunistas. Ainda afirma que, além das leituras de natureza dialética, antes de sua entrada na EA, Fuleiro foi quem, de fato, influenciou-lhe a ser comunista e a participar da construção de uma célula<sup>344</sup>.

Rosalvo Alexandre, iniciou sua militância política quando integrou a base estudantil do PCB, ainda no Colégio Estadual Atheneu Sergipense (CEAS). Em 1973, após a conclusão dos estudos na EA, ingressou como servidor da Empresa de Desenvolvimento Agropecuário de Sergipe (EMDAGRO). Nos anos seguintes à sua saída da EA, foi preso e torturado no contexto da Ditadura Militar. Veremos mais sobre a tortura no último tópico. Foi filiado ao PMDB e

---

<sup>342</sup> Ver: SANTANA, Elissandro Trindade de; MARENCO, Shanti Nitya. A Universidade Federal do Recôncavo como política de desenvolvimento regional no espaço intraurbano de Santo Antônio de Jesus. **Revista Geotextos**, Salvador, v. 8, n. 2, p. 35-57, dez. 2002. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/geotextos/article/view/6131>. Acesso em: 28 dez. 2021.

<sup>343</sup> RODRIGUES FILHO. [Entrevista concedida a] Elias dos Santos Conceição. Amélia Rodrigues, Bahia, 2013.

<sup>344</sup> Idem.

juntamente com o ex-governador Jackson Barreto fundou o partido em Sergipe e foi vereador por Aracaju, no período de 1989 a 1993<sup>345</sup>.

Em 2016, Delmo Naziazeno (Pirarucu), amigo de Rodrigues Filho e Rosalvo Alexandre, deu um depoimento à Comissão Estadual da Verdade de Sergipe. Na oportunidade, falou sobre sua passagem pela Escola de Agronomia e o seu ingresso no partido em 1969, no contexto de sua entrada na EA. Durante o depoimento ele sinalizou que seus pais já eram do partido comunista, mas o que lhe moveu para ingressar no partido foi a miséria que presenciou em volta da EA, sobretudo pelo grande latifundiário ali presente. Para ele, ser técnico em agronomia era pouco, por isso considerou a necessidade de militar politicamente<sup>346</sup>.

Voltando para Rodrigues Filho, além do livro mencionado no primeiro capítulo, intitulado *Princípios Fundamentais de Filosofia*, de George Pulitzer, lido antes de entrar na EA e que havia lhe instigado a ter pensamento de esquerda, Rodrigues Filho sustenta que também foi inspirado pela leitura do livro *O Capital*, de Karl Marx (1818-1883)<sup>347</sup>, *A história da Riqueza do Homem*, de Leo Huberman (1903-1968)<sup>348</sup> e vários livros de outros autores, principalmente Boris Nikolaevich Polevoi (1908-1981)<sup>349</sup> e Máximo Gorki (1868-1936)<sup>350</sup>.

Esse pessoal eu lia muito e me deu esse campo de observação de que todas essas coisas existiram, aconteceram... e têm algumas coisas que são manipuladas, né! Aí você pode pegar: quem escreveu a história? O governo! O governo escreveu a história que ele quis, não a que era boa para o povo. Então ele escreveu a história que ele achava boa para o governo. Agora você tem que descobrir o contraponto disso aí... para poder tomar a sua posição. Por exemplo, a história: porque Deus? Começa com Deus. Os próprios autores de *Princípios Fundamentais de Filosofia*, eles disseram: se Deus criou o homem o homem pagou-lhe na mesma moeda. Porque se Deus... Deus não existiria se o homem não escrevesse sobre Deus. Então Deus foi inventado pelo homem.<sup>351</sup>

Portanto, Rodrigues Filho sustenta que essas leituras foram importantes para seu processo de amadurecimento enquanto sujeito político, militante e comunista. Ainda segundo

<sup>345</sup> CREA-SE - Conselho Regional de Engenharia e Agronomia de Sergipe. Disponível em: <http://www.crea-se.org.br/crea-se-lamenta-morte-do-engenheiro-agronomo-manoel-hora/>. Acesso em: 21 jan. 2022.

<sup>346</sup> NAZIAZENO, Delmo. Depoimento para a Comissão Estadual da Verdade de Sergipe. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=N44zphn8D1I>. Acesso em: 20 jan. 2022.

<sup>347</sup> *O Capital*, é obra mais conhecida do intelectual e revolucionário alemão Karl Marx (1818-1883). constitui de uma minuciosa análise sobre o funcionamento das relações econômicas e a crítica do capitalismo.

<sup>348</sup> O estadunidense, Leo Huberman, em *História da Riqueza do Homem*, se propõe a escrever e “explicar a história pela teoria econômica e a teoria econômica pela história”.

<sup>349</sup> Boris Nikolaevich Polevoi, era um pseudônimo de Boris Nikolaevich Kampov, nasceu em Moscou em 1908, filho de um advogado de uma família de padres ortodoxos russos. Foi jornalista, serviu no Exército Vermelho e foi um escritor soviético.

<sup>350</sup> Máximo Gorki, é o pseudônimo literário do escritor, romancista, dramaturgo, contista e ativista político russo, Aleksei Maksimovitch Péchkov.

<sup>351</sup> RODRIGUES FILHO. [Entrevista concedida a] Elias dos Santos Conceição. Amélia Rodrigues, Bahia, 2013.

ele, a leitura ofereceu-lhe as ferramentas para compreender a realidade política do país naquele contexto, sobretudo para ele que veio de uma formação católica e desde criança aprendeu que o comunismo era coisa do diabo<sup>352</sup>.

Para a criação e manutenção da célula, os estudantes contaram com a ajuda de Maria Joaquina<sup>353</sup>, uma mulher negra, semi-alfabeta, comunitária e líder dos operários de fumo da fábrica Suerdieck<sup>354</sup>. Ela fundou a associação *Clube das Mães* em parceria com amigas e amigos operários que estavam na ativa, entre elas, Maria Conceição (Lozinha), Maria Benedita, Marieta Costa, presidente do sindicato, Maria Helena Rodrigues, Hélio Pitanga e alguns estudantes da EA, que admiravam a sua luta. Para Ferreira e Silva esse é o primeiro movimento social organizado de mulheres na cidade de Cruz das Almas, cuja implantação beneficiou várias mulheres pobres, inclusive com doações de gêneros alimentícios como leite, arroz, feijão e, etc.<sup>355</sup>.

Rodrigues Filho salienta que Maria Joaquina foi filiada ao PCB e sofreu várias formas de repressão nos anos da Ditadura Militar<sup>356</sup>. Como pontuado anteriormente, ela foi a principal articuladora com outras células e recebia em sua casa comunistas que vinham de Salvador para trazer algumas cartilhas e passar orientação para os comunistas locais. Rodrigues ressalta que os materiais trazidos da capital eram cartilhas do PCB e o jornal *Voz Operária*<sup>357</sup>. Esse material era distribuído na clandestinidade e supostamente vinha com as orientações teóricas e práticas do comitê Estadual, e os estudantes da célula teriam a tarefa de traduzir esse material, que orientaria suas práticas no cotidiano da EA.

Rodrigues Filho pondera que a célula só existia para o grupo e mais alguns simpatizantes. Tudo era feito em segredo, pois ambos tinham muito medo de serem descobertos

---

<sup>352</sup> Idem.

<sup>353</sup> Maria Joaquina da Conceição, nascida em 07 de agosto de 1920, na cidade de Cruz das Almas, mãe de nove filhos, avó de 41 netos, 50 bisnetos e 03 tataranetos. Segundo sua filha Jussara, ela estudou até 3ª série do antigo primário, teve seu primeiro filho aos 16 anos de idade, e teve que trabalhar para sustentar a família. Cf. FERREIRA, Luzia Souza; SILVA, Elizabete Rodrigues. Mulheres negras e poder na indústria fumageira. Revista Acadêmica da FAMAM: **Revista Textura**, Governador Mangabeira-BA, v. 6, n. 11, p. 21-29, jan./jun. 2013. Disponível em: <https://textura.famam.com.br/textura/article/view/237>. Acesso em: 13 jul. 2014.

<sup>354</sup> A empresa foi fundada por August Suerdieck, em 1892, iniciando no ano seguinte as atividades como compradora, enfiadora e exportadora de fumo. PORTO FILHO, Ubaldo Marques. **Suerdieck: epopeia do gigante. 1892-1999**. Salvador: Ubaldo Marques Porto Filho, 2003. p. 26.

<sup>355</sup> FERREIRA; SILVA, op. cit., p. 27.

<sup>356</sup> Ibidem, p. 28.

<sup>357</sup> RODRIGUES FILHO. [Entrevista concedida a] Elias dos Santos Conceição. Amélia Rodrigues, Bahia, 2013. O jornal "Voz Operária" foi fundado no Rio de Janeiro, em fevereiro de 1949 pelo Partido Comunista Brasileiro então Partido Comunista do Brasil (PCB). Por iniciativa do partido, o jornal parou de circular em 1959. Entre 1964 e 1974 o jornal voltou a circular na clandestinidade. O Jornal foi pensado para divulgação e discussão das principais teses do partido para discussão da militância, notícias do movimento comunista e de mobilizações operárias, preocupado com as condições de vida dos trabalhadores e com a sua mobilização política. Cf.: FERREIRA, Marieta de Moraes. *Voz Operária*. In: ABREU, A. A. et al. (org.). **Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro pós-1930**. Rio de Janeiro: CPDOC-FGV, 2001.

e reprimidos pelos militares, e reforça, que Maria Joaquina era quem realizava o contato com as outras células em Salvador. O mesmo ressalta que, “[...] em um desses encontros um comunista veio de Salvador dar treinamento à célula e trouxe um fuzil”. A ideia era ensinar os estudantes que participavam da célula a usar e atirar com o fuzil. Rodrigues Filho relembra que o ocorrido deixou os integrantes que estavam presentes assombrados, mas acentua que não presenciou o episódio no dia. Soube através dos amigos companheiros de partido<sup>358</sup>. Esse é um exemplo de uma atividade vivida pelo grupo que ele incorporou na sua memória, como sugeriu Michael Pollack<sup>359</sup>.

Rodrigues Filho enfatiza que durante sua atuação na célula, foi responsável pela parte cultural e educativa juntamente com Pirarucu e Fuleiro. Os três juntos formavam o tripé do grupo. Ainda ressalta que também foi responsável juntamente com Pirarucu pelo mural da EA, e todos as noites fixavam na parede da escola manchetes de jornais, panfletos e figuras criticando a Ditadura Militar. E, pela manhã, alguns estudantes, inclusive da célula, surpreendiam-se quando chegavam para assistir à aula e arrancavam tudo.

[...] a gente colocava manchetes dos jornais, cortávamos os jornais e colocávamos críticas, né! Figuras criticando a ditadura, e assim né; e também, fazíamos alguns panfletos para distribuir, pela noite; colocávamos alguns nas paredes, e aí de manhã os nervosinhos chegavam arrancando tudo, com medo, com medo da invasão. Tinham medo de a Escola ser invadida, né! Então, a gente era o, pra assim dizer, o grupo de cultura.<sup>360</sup>

Rodrigues Filho reforça que ele, Pirarucu e Fuleiro eram a base do grupo, e salienta que nem mesmo os simpatizantes sabiam o que de fato acontecia na célula, mas faziam reuniões com outros estudantes, como Pinto Cego, que morava em Muritiba, e Enchente, que morava na cidade de Cachoeira<sup>361</sup>. Esses eram simpatizantes. Ainda que participassem das reuniões, o grupo não confiava certas informações para eles, porque eram vistos como muito brincalhões, muito embora essa qualidade não se restringisse a eles apenas, salienta Rodrigues Filho<sup>362</sup>.

Questionado se havia a presença da polícia no cotidiano EA, Rodrigues Filho ressalta que não houve nenhum caso de polícia, invadindo a EA, para reprimir membros da célula porque o grupo manteve sigilo e se comportavam como simples estudantes<sup>363</sup>. Ainda acentua

<sup>358</sup> RODRIGUES FILHO. [Entrevista concedida a] Elias dos Santos Conceição. Amélia Rodrigues, Bahia, 2013.

<sup>359</sup> POLLACK, Michael. “Memória e identidade social”. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, jul./dez, 1992. p. 201. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1941>. Acesso em: 16 set. 2020.

<sup>360</sup> RODRIGUES FILHO. [Entrevista concedida a] Elias dos Santos Conceição. Amélia Rodrigues, Bahia, 2013.

<sup>361</sup> Rodrigues Filho escolheu também não revelar o nome verdadeiro dos estudantes, Pinto Cego e Enchente. Provavelmente esses estudantes faziam parte da célula ou eram simpatizantes.

<sup>362</sup> RODRIGUES FILHO. [Entrevista concedida a] Elias dos Santos Conceição. Amélia Rodrigues, Bahia, 2013.

<sup>363</sup> Idem.

que a polícia também não tinha entrada franca na EA, a não ser que fosse para algum evento. Vimos isso no segundo capítulo do convite para o trote. No entanto, Rodrigues Filho comenta a respeito da suspeita de dois sargentos da polícia na EA. Na visão da célula, um deles era um agente infiltrado, pois suspeitavam que ele não havia passado em nenhuma prova de vestibular. Já o outro sargento, para o grupo, tinha de fato a intenção de fazer o curso de agronomia<sup>364</sup>.

Rodrigues Filho ressalta que era um bagunceiro e bebedor, e, às vezes, costumava sair de bicicleta para tomar cachaça na rua da Vitória, em Cruz das Almas. Pirarucu era um dos seus parceiros. Morava no Garcia, em Salvador, e depois foi com a família morar na Ilha de Bom Jesus<sup>365</sup>. Rodrigues Filho destaca que passou alguns meses em sua casa durante um período de férias, e, além da diversão proporcionada pela beleza do lugar, também aproveitou para trabalhar e ganhar dinheiro<sup>366</sup>.

Rodrigues Filho acompanhou e contribuiu com o sindicato dos operários de fumo da Suerdieck<sup>367</sup>. A fábrica foi instalada em Cruz das Almas, em 1935, como uma filial da fábrica de charutos Suerdieck, que se localizava em Maragogipe. Sua vinda empregou um número considerável de pessoas, fomentando um forte desenvolvimento econômico na cidade. Rodrigues Filho também construiu redes de sociabilidades com os demais grupos e organizações de esquerda cruz-almense, e salienta que não tinha como teor outra atividade clandestina que não fosse apenas fazer críticas à ditadura<sup>368</sup>. A sua inserção no cotidiano da EA e da cidade provavelmente tornava possível esse trabalho de base.

Essas questões são importantes porque indicam que, possivelmente, a atuação de Rodrigues Filho não se restringiu apenas às lutas internas na Escola de Agronomia, pois participou de algumas atividades sociais e políticas na cidade de Cruz das Almas, durante o período em que esteve na EA. Um outro indício que aponta nesse caminho é a suposta transferência de seu título eleitoral, juntamente com outros estudantes da célula, em 1971, para fazer campanha política durante a eleição de Carmelito Barbosa Alves<sup>369</sup>, do Movimento

---

<sup>364</sup> Idem.

<sup>365</sup> Idem.

<sup>366</sup> Idem.

<sup>367</sup> Ver: ELOY, Priscilla da Silva. **A fábrica de charutos suerdieck no recôncavo baiano: memórias e histórias de trabalhadores na década de 1935 a 1950**. 2016. Dissertação (Mestrado Profissional em História da África, da Diáspora e dos Povos Indígenas) – Centro de Artes, Humanidades e Letras, Universidade Federal do Recôncavo Baiano, Cachoeira, 2016.; SILVA, Elizabete Rodrigues. **As mulheres no trabalho e o trabalho das mulheres: um estudo sobre as mulheres fumageiras do recôncavo baiano**. 2011. Tese (Doutorado em História) - Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2011.

<sup>368</sup> RODRIGUES FILHO. [Entrevista concedida a] Elias dos Santos Conceição. Amélia Rodrigues, Bahia, 2013.

<sup>369</sup> Carmelito Barbosa Alves, foi eleito pelo MDB, em 1972, governou Cruz das Almas até 1976. Retornou mais uma vez à prefeitura pelo PMDB, administrando de 1982 a 1988 e finalmente seu último mandato, desta vez pelo

Democrático Brasileiro (MDB) contra a família dos Passos<sup>370</sup>, apoiada na “velha Arena” Aliança Renovadora Nacional (ARENA). Rodrigues Filho enfatiza que a célula colocou em prática essa alternativa visando derrubar a hegemonia da Arena na cidade de Cruz das Almas<sup>371</sup>.

Segundo Rodrigues Filho, a mobilização surgiu primeiro através de um programa, e a célula decidiu que todos iriam transferir os títulos para a cidade de Cruz das Almas. Carmelito Barbosa Alves foi eleito Prefeito de Cruz das Almas, e, de acordo com Rodrigues Filho, ficou conhecido como o candidato que derrubou a hegemonia da família Passos, que era muito influente na cidade e expandia seu poder através de cargos importantes, inclusive no legislativo<sup>372</sup>. Não sabemos a quantidade de estudantes que transferiram o título, tampouco em que medida essa atitude influenciou na vitória do candidato, mas é importante destacar a atitude política desses estudantes dentro de um contexto delicado da política brasileira. Importante também destacar que esse é um período que inicia o lento processo de transição política.

Depois do suposto grande feito, eles organizaram-se com Maria Joaquina para eleger o presidente do sindicato dos trabalhadores da indústria de fumo para que fosse comunista, apelidado de “Paizinho”<sup>373</sup>, lendo e esclarecendo a cartilha do PCB. Rodrigues Filho atesta que ficou responsável por todo treinamento e realizava duas visitas durante a semana na casa de Paizinho, que tinha esposa e uma filha: “[...] eu ia no ônibus e levava a cartilha... ia na casa dele e lá ficava. Eu lia todo o roteiro da cartilha para quando ele chegasse ao poder, como presidente do sindicato, tivesse apoio no que falar”.

[...] ninguém via por onde eu saía... eu descia do ônibus, aí caminhava para o lado assim, depois descia pela rua da Vitória e ia bater lá na casa do cidadão. Quando era perto das dez horas encerrava porque o ônibus ia voltar dez... E pouco depois que terminava o filme aí eu voltava, entrava no ônibus e ninguém sabia por onde eu tinha ido. Então era um. Somente o grupo sabia. Nesses casos aí só quem estava sabendo na verdade era: eu, Pirarucu e Fuleiro que éramos os principais<sup>374</sup>.

Rodrigues Filho ressalta que ficou incumbido de oferecer treinamento para o jovem presidente do sindicato e apenas Pirarucu e Fuleiro sabiam desse treinamento. Ainda de acordo com Rodrigues Filho, a ideia era manter o máximo de discrição possível, e, por isso, apenas

---

PSDB de, 01/01/1993 a 31/12/1996. SÁ, Manoelito Roque. **Actas e Actos**: resumo histórico da Câmara Municipal de Cruz das Almas. Cruz das Almas: Gráfica e Editora Nova Civilização, 2007. p. 139.

<sup>370</sup> Coronel Temístocles da Rocha Passos, maior político e senhor de terras da localidade.

<sup>371</sup> RODRIGUES FILHO. [Entrevista concedida a] Elias dos Santos Conceição. Amélia Rodrigues, Bahia, 2013.

<sup>372</sup> Idem.

<sup>373</sup> Questionado sobre o nome do presidente do sindicato, Rodrigues Filho apenas lembra-se que ele era conhecido como Paizinho, tinha esposa e um filho. Também não se lembra exatamente se foi no ano 1970 ou 1971.

<sup>374</sup> Idem.

alguns integrantes da célula sabiam do processo. O treinamento era através de filmes e leituras das cartilhas e panfletos de orientação do partido<sup>375</sup>.

De acordo com Rodrigues Filho, a decisão de colocar o jovem na presidência do sindicato dos trabalhadores da indústria do fumo não foi dada pelo partido. A célula definiu que tinha posição interna para treinar e apoiá-lo à eleição. Entretanto, segundo Rodrigues Filho, não tinha certeza se deveria confiar no jovem que tinha apenas 17 anos uma tarefa importante. Por isso destaca-se a importância da mediação com Maria Joaquina. O medo era que uma pessoa de direita ocupasse o cargo de presidência do sindicato indicado pela “revolução”, afirma Rodrigues Filho. No final, paizinho foi eleito Presidente<sup>376</sup>. Até o momento, não encontramos outros arquivos que nos ajudassem a confirmar e aprofundar essas questões.

Rodrigues Filho enfatiza que escolheu militar pelo PCB pela proposta do partido em não fazer guerrilhas, pois precisava voltar para casa e ajudar a família, que lhe deu todo suporte para estudar. Ressalta que entrar na luta armada desmancharia todo apoio que poderia oferecer à sua família<sup>377</sup>. Nesse sentido, Rodrigues Filho escolheu atuar no campo da cultura e juntamente com outros estudantes, fizeram das poesias e outras expressões culturais um instrumento de luta política pelo fim da ditadura e o processo de redemocratização do país.

Rodrigues Filho ressalta que não havia discordância de orientação entre os próprios integrantes da célula em Cruz das Almas. Na sua visão, todos estavam de acordo com a posição do PCB e da União das Repúblicas Socialistas Soviética (URSS). Pensavam que daria certo ganhar o país por meio das eleições, pois a “URSS estava com moral naquela época e a China era ideia meio distante”<sup>378</sup>. Essa questão pontuada por Rodrigues Filho talvez tenha sido em virtude das apropriações teóricas e práticas feitas pelos militantes sob qual modelo ideológico seria mais eficiente para conquistar o poder político no Brasil, controlado pelos militares.

A Revolução Russa, iniciada em 1917, que derrubou o Império czarista russo e levou ao poder o Partido Bolchevique<sup>379</sup>, de Vladimir Lênin, sendo o primeiro governo operário da História. Nesse processo, os revolucionários aboliram a monarquia e iniciaram a implantação de um regime de governo baseado em ideias socialistas. Os Bolcheviques, liderados por Lenin, defendiam a ideia revolucionária por meio da luta armada para chegar ao poder. Já os

---

<sup>375</sup> Idem.

<sup>376</sup> Idem.

<sup>377</sup> Idem.

<sup>378</sup> Idem.

<sup>379</sup> Ver: BRINTON, M. **Os bolcheviques e o controle operário**. Porto: Afrontamento, 1975.

mencheviques, defendiam a ideia de se conquistar o poder através das vias pacíficas, como as eleições, por exemplo<sup>380</sup>.

A URSS era quem mandava no PCB, (Pecebão! Como se dizia, na época). Não valia a pena a luta armada, tinha que ser a luta, para ganhar o país, por meio das eleições. Cientificamente, eles achavam que não havia clima e nem era o momento para se fazer uma luta armada visando derrubar a ditadura e instalar um governo socialista. A orientação era essa. Agora a China fazia orientação da luta armada. É a que Eudaldo seguia.<sup>381</sup>

Já a Revolução Chinesa, também mencionada por Rodrigues Filho, aconteceu em 1949, onde os comunistas sob a liderança de Mao Tsé-tung proclamaram a República Popular da China, responsável pela ascensão do Partido Comunista Chinês ao poder. Assim como vários movimentos e partidos operário pelo mundo, a China também seria afetada pelos desdobramentos da Revolução Russa, inclusive, organizou-se com base no centralismo democrático, princípio concebido pelo teórico marxista Vladimir Lenin<sup>382</sup>.

Na visão de Rodrigues Filho, a esquerda brasileira não tinha condições de enfrentar um governo armado para mudar o sistema. Ainda sublinha que não tinha condições e também a maioria das pessoas não sabia muito o que estava acontecendo no país, porque os militares no poder usavam-se o controle dos meios de comunicação para bombardear a população com informações anticomunistas.

Rodrigues Filho enfatiza que, diferente de Eudaldo, ele e os demais colegas seguiam a orientação do PCB, que pretendia conquistar o poder através das eleições, e, para isso, era necessário seduzir as pessoas para a luta política a partir da conversa. E a postura da célula nesse cenário era a de buscar a via pacífica, o caminho do diálogo com as autoridades governantes, afirma Rodrigues Filho. Na sua visão, era por isso que tinha muitos simpatizantes participando da célula em Cruz das Almas, como por exemplo, os trabalhadores da indústria do fumo, que já haviam sofrido perseguição, e, por isso, supostamente não se envolveram nas organizações de esquerda armada<sup>383</sup>.

### 3.4 Aulas de Alfabetização

Rodrigues Filho ressalta que passou a atuar em atividades do Diretório Acadêmico em 1969, e juntamente com alguns de seus colegas começou a dar aula no curso de alfabetização de adultos nesse mesmo ano. O curso durou apenas um ano e Rodrigues Filho não se recorda o

<sup>380</sup> REIS FILHO, Daniel Arão. **A Revolução Russa 1917-1921**. 4. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1989.

<sup>381</sup> RODRIGUES FILHO. [Entrevista concedida a] Elias dos Santos Conceição. Amélia Rodrigues, Bahia, 2013.

<sup>382</sup> Ver: POMAR, Wladimir. **A Revolução Chinesa**. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

<sup>383</sup> Idem.

que aconteceu para o encerramento do curso<sup>384</sup>. Talvez o curso tenha sido interrompido em virtude da mudança de direção no Diretório Acadêmico. Contudo, não temos dados para sustentar essa hipótese. Rodrigues Filho afirma que ainda não integrava a direção do Diretório Acadêmico, porque estava no primeiro ano letivo e também por causa do enquadramento como terrorista pelo diretor no episódio do alojamento, mencionado no capítulo anterior, mas que atuava por meio do diretório, inclusive como redator do jornal *O DALA*<sup>385</sup>.

As aulas aconteciam durante a noite numa sala da própria Escola de Agronomia, afirma Rodrigues Filho. Ainda sustenta que ele com os demais estudantes que integravam o projeto davam aula para trabalhadores e trabalhadoras, juntamente com seus filhos, seguindo o método de Paulo Freire. Rodrigues Filho também ressalta que o processo de alfabetização tinha o objetivo de ampliar o campo de conhecimento dos agricultores e seus filhos. Na sua visão, os trabalhadores ainda não tinham uma noção para entender assuntos relativos ao partido e as aulas de alfabetização ajudaria no processo de politização daqueles trabalhadores<sup>386</sup>. Ainda destaca que a ideia do grupo era explicar o mundo, mostrar os países vizinhos que falavam línguas e tinha governos diferentes, mostrar exemplo do Chile e do presidente Salvador Allende; exemplo do Peru e da importância da reforma agrária.

A gente sentia que o camponês não tinha a menor condição de discutir isso. Daí a gente notava pela conversa, pelo conhecimento que eles tinham da própria existência. Às vezes, você encontrava um daqueles funcionário que tinha uma ideia, talvez tivesse lido em algum lugar, mas esses que estavam no curso de alfabetização não sabiam nada.<sup>387</sup>

Essa descrição também demonstra uma posição elitista daquele grupo que se declarava esclarecido. Por outro lado, não deixava de ser uma atitude louvável o processo de alfabetização por parte dos estudantes. Infelizmente, a educação formal não chegava a todas as famílias e o analfabetismo representava o descaso histórico, sobretudo em relação aos povos que vivem e sobrevivem do campo, e que, historicamente, tiveram seus direitos educacionais negados, notadamente no que se refere à educação formal. A mudança de rumo imposta a partir do golpe de 1964 buscou traçar políticas educacionais visando o processo de alfabetização, com o intuito de colocar o país rumo ao desenvolvimento econômico<sup>388</sup>. Contudo, o modelo tecnicista era

---

<sup>384</sup> Idem.

<sup>385</sup> Idem.

<sup>386</sup> Idem.

<sup>387</sup> Idem.

<sup>388</sup> MARTINS, Maria do Carmo. Currículo, cultura e ideologia na ditadura militar brasileira: demarcação do espaço de atuação do professor. In: CERRI, Luís Fernando (org.). **O Ensino de História e a Ditadura Militar**. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 2003.

importado de outros países e tinha como finalidade formar apenas uma mão de obra reprodutora.

A referência ao presidente do Chile, Salvador Allende, feita por Rodrigues Filho sobre o período das aulas de alfabetização não confere. Provavelmente uma confusão no processo de rememoração ou mesmo o esquecimento de parte daquele contexto. De acordo com Pollak, a memória é seletiva, portanto, nem tudo fica gravado<sup>389</sup>, e algumas lembranças são excluídas de maneira voluntária ou involuntária. O esquecimento também são frutos naturais que demonstra as próprias falhas da memória quando o sujeito tenta recordar de fatos e eventos depois de mais de 50 anos<sup>390</sup>. No contexto em que aconteceu as aulas de alfabetização, em 1969, ainda não havia acontecido o golpe de Estado no Chile. Salvador Allende foi médico e o primeiro presidente socialista da América Latina a conquistar o governo. Governou o Chile de 1970 a 1973 e foi deposto por um golpe militar comandado pelo general Augusto Pinochet com o apoio dos Estados Unidos<sup>391</sup>. As notícias sobre um político socialista defender a conquista do poder pela via democrática possivelmente gerou impacto em outros países, sobretudo no Brasil, que já vivia a experiência do golpe de 1964.

Já a respeito do Peru, a memória de Rodrigues Filho confere com o contexto. No Peru houve a Ditadura Militar de Manuel Arturo Odría (1948-1956), que foi um governo militar de caráter populista. Entre 1968 e 1975, foi instaurada a ditadura do general Juan Velasco Alvarado com o golpe de Estado, em 3 de outubro de 1968, que depôs o então presidente Fernando Belaúnde Terry (1963-1968). Em 1975, o general Alvarado foi deposto e instaurou-se a Ditadura Militar de Francisco Morales Bermúdez entre, entre 1975 e 1980. Após muitos embates políticos, foram realizadas as eleições, em maio de 1980, levando ao fim a Ditadura Militar peruana e a abertura política. Belaúnde Terry, que havia sido deposto pelos militares 12 anos antes, retornou do exílio com a abertura política e venceu o processo eleitoral<sup>392</sup>. Provavelmente, todos esses eventos serviram como exemplos para os estudantes colocarem em práticas nas aulas de alfabetização.

Portanto, esse processo no Peru já havia acontecido antes, durante e depois das aulas de alfabetização na EA. Rodrigues Filho e seu grupo supostamente já teriam informação sobre o ocorrido naquele país, podendo abordar a experiência revolucionária dos movimentos

---

<sup>389</sup> POLLAK, op. cit., p. 203.

<sup>390</sup> LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Trad. LEITÃO, Bernardo. 5. ed. Campinas: Unicamp, 2003.

<sup>391</sup> WINN, Peter. **A Revolução Chilena**. Tradução: Magda Lopes. São Paulo: Ed. UNESPS, 2010.

<sup>392</sup> Ver: VASCONCELOS, Lúcio Flávio. Ditadura Militar e reformismo no Peru (1968-1975). **Revista de História Saeculum**, João Pessoa, n. 32, p. 127-144, jan./jun. 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/srh/issue/view/32>. Acesso em: 19 out. 2021.; RÊNIQUE, José Luis. **A revolução peruana**. São Paulo: Ed. UNESP, 2009.

campeiros no Peru, entre outros exemplos. Também destacamos nesse processo o sucesso da Revolução Cubana, em 1959, causando grandes impactos nas esquerdas latino-americanas, sobretudo para os grupos de esquerdas que aderiram à luta armada e à tática de guerrilha daquele país<sup>393</sup>.

O método de alfabetização proposto por Paulo Freire e seu uso por parte de alguns estudantes comunistas no contexto da EA é um ponto importante a ser destacado em nosso estudo, e, provavelmente, foi uma etapa necessária para o partido levar adiante sua proposta ideológica. Antes do contexto do golpe, a UNE e alguns CPCs formavam núcleos de alfabetização em salões comunitários, igrejas, sindicatos e faziam caravanas estudantis para vários estados apresentando peças teatrais, que, dentre outros assuntos, discutiam a reforma universitária<sup>394</sup>. Elas foram reprimidas no contexto do Golpe civil-militar e muitos participantes foram denunciados por “subversão” em IPMs. Os CPCs foram fechados. A *operação Limpeza* enxergava esse processo de alfabetização como um dos instrumentos de doutrinação dos comunistas, um crime de subversão, e, portanto, deveria ser combatido, perseguido e extinto<sup>395</sup>.

Paulo Freire, pensador brasileiro, nasceu 1921, no Recife, Pernambuco, e faleceu em 1997. Desenvolveu em suas obras a base teórica para a construção de práticas educativas tendo como objetivo a libertação e autonomia popular, desenvolvendo experiências de alfabetização de adultos para o processo de conscientização. A metodologia por ele desenvolvida foi bastante utilizada no Brasil em campanhas de Alfabetização, e, por isso, ele foi acusado de subversivo no contexto da ditadura, sendo perseguido, preso e depois viu-se obrigado a deixar o país e a viver no exílio<sup>396</sup>.

Para Liana da Silva Borges, o método de alfabetização de Paulo Freire seria implantado em todo Brasil, como previa o Plano Nacional de Desenvolvimento (PND), criado no governo de João Goulart. No entanto, o PND foi extinto pela ditadura com o decreto nº 53.886, em 1964, que, para substituí-lo, criou a Cruzada da Ação Básica Cristã (ABC) com a intenção de

---

<sup>393</sup> SALES, Jean Rodrigues. **O impacto da revolução cubana sobre as organizações comunistas brasileiras (1959-1974)**. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005. p. 200-206.

<sup>394</sup> BRITO, op. cit., p. 48-49.

<sup>395</sup> TEIXEIRA, Wagner da Silva. **Educação em Tempos de Luta: História dos movimentos de educação e cultura popular (1958-1964)**. 2008. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2008.

<sup>396</sup> Ver: FREIRE, A. M. A. **Paulo Freire: uma história de vida**. São Paulo: Villa das Letras, 2005.; COUTO, Sônia Souza Feitosa. **Método Paulo Freire: Princípios e Práticas de uma Concepção Popular de Educação**. 1999. Dissertação (Mestrado em Filosofia da Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.

neutralizar a ação das Ligas Camponesas e o Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL)<sup>397</sup>.

Nesse contexto de controle dos espaços e do conteúdo de ensino implementado pelas reformas no contexto da ditadura, cuja política educacional visava doutrinar, destacamos os estudantes do Colégio Alberto Torres, na cidade de Cruz das Almas, articulados com os estudantes da EA. A pesquisa de Rafael de Jesus Souza oferece pistas desta atuação ao analisar a tentativa de consolidação de um ideário cívico-patriótico que preconizava o zelo à pátria e suas instituições no CEAT. Este Colégio foi fundado em 1948 e sua vinda supostamente esteve atrelada à chegada da Escola de Agronomia. Muitos estudantes que passavam pelo Colégio ingressaram na EAB, sendo que, alguns deles, depois de formados ou ainda no processo de formação, atuavam como professores no respectivo colégio. Rafael Souza enfatiza que depois do golpe o propósito era vigiar e disciplinar os estudantes dentro da cartilha dos militares, importando uma dinâmica de aprendizagem nitidamente anticomunista<sup>398</sup>.

Rodrigues Filho e demais estudantes do grupo talvez não tiveram acesso aos textos de Paulo Freire, mas tiveram acesso às ideias, e, por meio delas, tentaram implantar o processo de alfabetização dos trabalhadores e trabalhadoras que estavam inseridos no cotidiano da EA. Além das aulas de alfabetização, os estudantes da célula, com a colaboração de simpatizantes e demais estudantes interessados, criaram, em 1970, o grupo de cultura na tentativa de inserir os estudantes em atividades e práticas culturais. Aproveitaram-se do espaço na tentativa de colocar em prática mais algumas das atividades da célula e do partido. Vejamos no tópico seguinte os meandros desse processo.

### 3.5 – Grupo de Cultura

O ano de 1967 foi marcado pela popularidade da arte “engajada” no cinema, na televisão, na música, no teatro, contrastando com a realidade política do país sob o controle dos militares no poder. Nesse contexto, além das questões já apontadas ao logo de nosso estudo, parte dos estudantes da EA também fizeram das atividades culturais espaços de engajamento

---

<sup>397</sup> BORGES, Liana da Silva. **A Alfabetização de jovens e adultos como movimento**: um recorte na genealogia do Mova. 2009. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009. Ver também: FÁVERO, Osmar. *Educação de Jovens e Adultos: passado de histórias; presente de promessas*. In: FÁVERO Osmar; RIVERO, José. **Educação de Jovens e Adultos na América Latina - direito e desafio de todos (56-92)**. São Paulo: Moderna, UNESCO, 2009.; BEISIEGEL, C. R. **Política e educação popular**: a teoria e a prática de Paulo Freire no Brasil. 4. Ed. Brasília, DF: Liber Livro, 2008.

<sup>398</sup> SOUZA, Rafael de Jesus. **Ritos, Vultos E Símbolos**: A Educação Para o Civismo no Colégio Alberto Torres em Cruz das Almas, Ba (1948-1985). 2019. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2019.

na luta política. Esse processo continuou mesmo após o AI-5 e a trajetória de Rodrigues Filho, assim como outros arquivos consultados, oferece indícios de como isso foi possível na EA.

Como já foi dito em tópicos anteriores, em finais de 1969, Rodrigues Filho integrou-se às atividades estudantis contra a Ditadura Militar participando das atividades acadêmicas ligadas à literatura, dentre as quais destacaram-se: grupo de cultura, envolvendo teatro, cinema e leitura; diretório acadêmico, envolvendo mural e jornal. Além das atividades já delineadas, vamos abordar a militância de Rodrigues Filho no Grupo Estudantil de Cultura (GEC).

O GEC foi criado no final do ano de 1970, ligado ao Diretório Acadêmico. O estudante de agronomia, Antonio Souza do Nascimento foi o primeiro presidente do grupo, Alael Kardek como secretário e o tesoureiro Manoel Hora. O grupo também tinha coordenadores de setores. Cinema: o estudante Pirarucu e Anderson; Literatura: Eny M. Souza; Música: Alael Kardek e Deraldo; Teatro: Telma Rúbia Cardoso Rezende e Jorge Fernando Guerreiro<sup>399</sup>.

Segundo Rodrigues Filho, o presidente e os demais integrantes do grupo eram preparados com a finalidade de também promover reflexões diferentes daquelas que, até então, aprendiam-se com o curso, sobretudo questões a respeito do capitalismo, e desenvolverem atividades culturais que permitissem a ampliação do conhecimento dos estudantes. Ainda de acordo com ele, os estudantes que participavam do grupo de cultura não eram necessariamente participantes da célula. Participavam do GEC porque gostavam da atividade cultural. Por outro lado, os estudantes que integravam a célula aproveitavam as atividades culturais para colocarem em prática algumas discussões e ideias do PCB<sup>400</sup>.

O GEC desempenhava importante papel e muitos estudantes faziam parte do teatro, acentua Rodrigues Filho. Logo depois, a EA passou a oferecer um curso de Licenciatura em Ciências e a maioria dos estudantes era do gênero feminino<sup>401</sup>. Angélica Muller destaca que o sistema universitário brasileiro nesse contexto era composto em sua grande maioria por homens. Mas também é nesse contexto que as mulheres passaram a ingressar em maior escala nas universidades<sup>402</sup>. Pela primeira vez, cresceu o número de mulheres na EA. O GEC passou a envolver também as meninas, de Licenciatura em Ciências, nas atividades culturais, já que algumas meninas do curso de Agronomia da turma não participavam, exceto Elza Souza, nome de guerra Elza Bequerel e Sara, ressalta Rodrigues Filho. Ainda sinaliza, que nesse contexto, o grupo conseguiu trazer várias peças para apresentar no Anfiteatro da EA<sup>403</sup>.

<sup>399</sup> O DALA, Cruz das Almas, ano II, 30 mar. 1971.

<sup>400</sup> RODRIGUES FILHO. [Entrevista concedida a] Elias dos Santos Conceição. Amélia Rodrigues, Bahia, 2013.

<sup>401</sup> Idem.

<sup>402</sup> MULLER. O “acontecimento 1968” brasileiro, op. cit., p. 08-09

<sup>403</sup> RODRIGUES FILHO. [Entrevista concedida a] Elias dos Santos Conceição. Amélia Rodrigues, Bahia, 2013.

Na visão dos estudantes do diretório acadêmico, a vinda do curso de Licenciatura em Ciências foi um ponto positivo, quebrando inclusive, a monotonia na EA. No entanto, segundo Rodrigues Filho, o curso não recebeu a devida atenção e as condições para se tornar um curso de excelência<sup>404</sup>. De acordo com o jornal, o espaço destinado foram duas salas do alojamento em condições precárias e também com problemas de natureza sanitária<sup>405</sup>.

Rodrigues Filho enfatiza que as festas eram também uma oportunidade para arrecadar dinheiro e a direção do diretório era quem ficava responsável pela parte política. Na sua visão, as meninas na EA não eram muito politizadas. Algumas eram de direita, mas participavam das ações do grupo de cultura ajudando no que fosse necessário. Rodrigues Filho ressalta que o grupo de cultura não era bem visto por parte da turma que costumava difamar as atividades como práticas “afeminadas”. Rodrigues Filho ainda afirma que o grupo criado pela célula era orientado a fazer atividades culturais, e, ao mesmo tempo, divulgar mensagens de cunho político<sup>406</sup>.

**Figura 19** - Aula prática de Topografia



Fonte: EA. 1971.<sup>407</sup>

Esta foto foi tirada em 1971 em frente ao prédio da EA durante uma aula prática de Topografia. Foi a única foto que encontramos com Rodrigues Filho no contexto da EA, e, além de sua presença, destacamos também o contraste de gênero na EA. Como podemos visualizar, aparece apenas duas estudantes possivelmente do gênero feminino. No entanto, é relevante destacar que embora a maioria dos discentes fossem do gênero masculino, isso não necessariamente determinava a sexualidade dos mesmos<sup>408</sup>. Inclusive, o próprio Rodrigues

<sup>404</sup> RODRIGUES FILHO. [Entrevista concedida a] Elias dos Santos Conceição. Amélia Rodrigues, Bahia, 2013.

<sup>405</sup> O DALA, Cruz das Almas, n. 1, 1971-1972.

<sup>406</sup> RODRIGUES FILHO. [Entrevista concedida a] Elias dos Santos Conceição. Amélia Rodrigues, Bahia, 2013.

<sup>407</sup> Acervo pessoal de José Rodrigues Filho. Ele é a terceira pessoa na foto da direita para a esquerda, ao lado de uma mulher com a blusa preta.

<sup>408</sup> SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99. jul./dez. 1995. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721>. Acesso em: 13 set. 2020.

Filho destaca a possível presença de estudantes homossexuais na EA, embora não fossem assumidos<sup>409</sup>. Encontramos alguns indícios em discussões publicadas no jornal *O DALA* da saída de professores da EA, supostamente ligada à questão de gênero.

Em artigo intitulado *A perseguição política e homofobia na antiga Escola de Agronomia da Universidade Federal da Bahia*, Amilcar Baiardi enfatiza que no período de 1963 a 1973, o professor Hans Alfred Rappel foi demitido acusado de ser “comunista e homossexual” e o professor João Saturnino da Silva, acusado de ser “subversivo e inconveniente”, foi afastado e teve a suspensão dos vencimentos por quase doze meses<sup>410</sup>.

Esse é um ponto importante a ser destacado na fala de Rodrigues Filho. Destaca-se a ideia de enxergar, naquele contexto, as meninas como menos politizadas e os demais estudantes consideravam as pessoas que participavam do grupo de cultura e das atividades teatrais como práticas “afeminadas”. Esse é um dos eventos que evidencia a influência da cultura patriarcal presente no discurso e no cotidiano dos estudantes. Essas questões ajudam-nos a refletir sobre como se davam as relações de gênero e sexualidade no contexto da EA. No entanto, não encontramos outras fontes para sustentar e mesmo aprofundar essa análise, já que não tivemos acesso às atas do Dala nesses anos e também não tivemos contato com outros estudantes da geração de Rodrigues Filho.

Sendo assim, é importante destacar as relações de gênero também dentro da esquerda militante no período da Ditadura Militar no Brasil. De acordo com Angélica Muller, “[...] boa parte dos grupos políticos revolucionários, críticos dos valores contraculturais, eram (em geral) machistas, homofóbicos” e via o homossexualismo com muito reservas<sup>411</sup>. Rodrigues Filho enfatiza que uma minoria dos estudantes era contrária às atividades teatrais do grupo de cultura, mas gostava do jornal, do mural e de quando traziam-se filmes<sup>412</sup>.

No contexto da Bahia, a pesquisa de Ary Albuquerque Cavalcanti Junior destaca a presença de militantes do sexo feminino em diferentes frentes de luta pelo fim da ditadura e pela redemocratização do país no contexto do Nordeste, em especial da Bahia, ao analisar a resistência e a trajetória política de três mulheres baianas no contexto da Ditadura Militar.

<sup>409</sup> RODRIGUES FILHO. [Entrevista concedida a] Elias dos Santos Conceição. Amélia Rodrigues, Bahia, 2013.

<sup>410</sup> BAIARDI, Amilcar. A perseguição política e a homofobia na antiga escola de Agronomia da Universidade Federal da Bahia durante a ditadura Militar. In: XI Seminário Nacional em História da Ciência e Tecnologia. XISNHCT, 2008, Niterói. *Anais do SNHCT*. Rio de Janeiro: Sociedade Brasileira de História Ciência e Tecnologia, v. 1. p. 89-114. 2008.

<sup>411</sup> MULLER, op. cit., p. 08-09.

<sup>412</sup> RODRIGUES FILHO. [Entrevista concedida a] Elias dos Santos Conceição. Amélia Rodrigues, Bahia, 2013.

Destaca o pouco espaço destinado às mulheres, que sempre foram vistas como algo secundário pelas ciências humanas e pela própria historiografia<sup>413</sup>.

Cavalcanti Junior também sinaliza para a pouca presença das mulheres na década de 60 na academia, mas esse quadro vai mudar a partir das lutas sociais e estudantis no contexto da ditadura e que se reverbera aos dias atuais<sup>414</sup>. Por isso, entendemos a importância de destacar, mesmo que brevemente, a presença de mulheres na Escola de Agronomia em Cruz das Almas. É certo que a maioria dos estudantes nesse contexto eram da elite e da classe média, e não seria diferente com as mulheres que acessavam esses espaços. Nesse sentido, “[...] as mulheres sempre estiveram envolvidas em movimentos de resistência contra a ditadura, não tendo em inúmeros casos o devido reconhecimento da história, bem como dentro dos próprios partidos que militou”<sup>415</sup>. No entanto, nem todas as mulheres estiveram envolvidas na luta contra a ditadura<sup>416</sup>.

Importante dizer que, embora fosse em menor número, a presença feminina fez-se presente na EA, desempenhando papel de protagonismo entre os estudantes e atuando no diretório acadêmico. Encontramos indícios das alunas Elza Souza, Sonia Maria Brito e Telma Rúbia Cardoso Rezende posicionando-se e tendo o apoio do diretório quanto à postura autoritária de professores que buscavam de alguma forma diminuir-lhes ou prejudicar-lhes nas atividades acadêmicas<sup>417</sup>. Infelizmente, até o momento não temos evidências para precisar a quantidade de mulheres na EA.

A estudante Telma Rúbia Cardoso Rezende, por exemplo, foi punida pela administração da EA em virtude de uma reclamação feita pelo professor de Entomologia, Jonas Machado da Costa. As estudantes organizaram-se e enviaram um ofício assinado por Telma Rezende Cardoso e Sonia Maria Brito ao coordenador do curso, esclarecendo e denunciando o desrespeito moral e a perseguição desmedida do professor para com alguns estudantes, objetivando reprová-los e levantando falsas acusações. O diretório acadêmico publicou através

---

<sup>413</sup> CAVALCANTI JUNIOR, Ary Albuquerque. “**Para não dizer que não falei das flores**”: memórias de mulheres na resistência à Ditadura civil-militar (1964-1985). 2016. Dissertação (Mestrado em História Regional e Local) - Universidade do Estado da Bahia, Campus V, Santo Antônio de Jesus, Bahia, 2016.

<sup>414</sup> Ibidem, p. 14.

<sup>415</sup> Ibidem, p. 15.

<sup>416</sup> Ver: CORDEIRO, Janaína Martins. “**A nação que salvou a si mesma**”: Entre memória e História, a campanha da mulher pela democracia (1962-1974). Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de História, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2008; SANTANA, Ediane Lopes de. Campanha de desestabilização de Jango: as ‘donas’ saem às ruas! In: **Ditadura militar na Bahia: novos olhares, novos objetivos, novos horizontes**. ZACHARIADHES, G.C. In: (org.). Salvador: EDUFBA, 2009.

<sup>417</sup> O DALA, Cruz das Almas, n. 1, 1971-1972.

do jornal *O DALA* o ofício para que a comunidade tivesse acesso ao ocorrido, reforçando o posicionamento das estudantes, que também colaboravam com o jornal<sup>418</sup>.

Voltando ao grupo de cultura, Rodrigues Filho ressalta que o GEC conseguiu trazer um cinema para a EA instalando uma tela e colocando uma máquina cinematográfica. O grupo também era orientado a mobilizar-se para chamar o máximo de pessoas, trabalhadores e demais pessoas da comunidade para assistir aos filmes no anfiteatro da EA. Rodrigues Filho enfatiza que, de forma educativa e política, passavam-se filmes estadunidenses, como: *Os Boinas Verdes*<sup>419</sup>, *Cortina de Fogo*, dentre outros, com o intuito de discutir criticamente a postura do cinema norte-americano naquela conjuntura<sup>420</sup>, analisando o massacre cultural feito pelo EUA<sup>421</sup>.

[...] então você tem os caras metralhando os (Vietcongues), caindo de centenas vietcongues...”. Aí vem um americano de lá... vem uma porra de um pau amarrado num cipó e enfia no cara. Aí o cara cai lá. Aí os caras (o restante dos soldados) chegam e sai aquela música dolorosa... aquela música...todo mundo fica chorando com pena do cara do americano que está morrendo. Você viu como eles mataram centenas de Vietnamitas e não teve nenhuma musiquinha pra você sentir pena dos vietcongues? Agora um desgraçado de um americano tem aquela música que você tá chorando, e só morreu um. Então você é torcedor, você passa a torcedor daquele pessoal. Então o cinema americano fazia isso.<sup>422</sup>

O foco central da crítica era direcionado aos EUA. Na visão do grupo só foi possível a ditadura no Brasil porque houve a participação dos EUA, enfatiza Rodrigues Filho. O mesmo ainda elabora uma visão crítica do cinema enfatizando a respeito da capacidade de criar conexões entre a ficção e a realidade, projetando no imaginário de quem assiste (conteúdo, imagem, música) sensações, aproximação sensibilidade emocional e a representação daquele contexto na tela do cinema. Na sua visão, assistir os filmes naquele contexto sem uma sensibilidade crítica tornava as pessoas reféns da ideia do que os EUA estavam transmitindo através das telas do cinema. Por isso, a importância da discussão após a transmissão dos filmes.

<sup>418</sup> Ibidem, p. 3-4.

<sup>419</sup> WAYNE, John; KELLOG, Ray. **Os Boinas Verdes**. Filme. Produção de Michael Wayne, direção John Wayne e Ray Kellog. Estados Unidos, 142 min. 1968.

<sup>420</sup> O filme *Os Boinas Verdes*, dirigido por John Wayne e Ray Kellog, trata da incursão americana durante a Guerra do Vietnã. Lançado em 1968, foi um dos primeiros a retratar a guerra durante sua duração. O filme conta a saga de um grupo de oficiais americanos, os “boinas verdes”, como era denominada essa Força militar, liderado pelo coronel Kirby, interpretado por John Wayne. O filme demonstra a ideologia que o governo norte-americano frisava na época: seria o direito e dever americano assegurar a liberdade e democracia, a fim e de evitar o “efeito dominó”, como se o comunismo fosse uma peste a ser expurgada. Cf. BASTOS, L. C. R. **A Sedução das guerras nas telas do Cinema**: uma análise sobre Hollywood e a disseminação de mensagens ideológicas durante a Segunda Guerra Mundial e a Guerra Fria. 2007. Monografia (Comunicação Social em Jornalismo) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2007.

<sup>421</sup> RODRIGUES FILHO. [Entrevista concedida a] Elias dos Santos Conceição. Amélia Rodrigues, Bahia, 2013.

<sup>422</sup> Idem.

E depois tinha “As veias abertas da América Latina”. A gente sabia quantos países foram invadidos pelos Estados Unidos. Cuba tinha aquela história, a história de Cuba era “Fidelista mesmo, então era assim que o Grupo fazia, às vezes, tinha umas pessoas que nem tinha muito a ver uma peça de teatro, era uma peça de teatro, para o pessoal sentir prazer em ver uma peça de teatro, às vezes nem trazia, talvez trouxesse uma informação política, mas o grupo ficava mais forte.”<sup>423</sup>

Rodrigues Filho enfatiza como era importante a discussão sobre o conteúdo dos filmes e o debate a respeito do que estava acontecendo na América Latina naquele contexto. A discussão sobre o processo de invasão e financiamento dos Estados Unidos às ditaduras, sobretudo em países que tinham adesão das ideias comunistas. A história da Revolução Cubana era um dos exemplos de resistência, inclusive aos Estados Unidos. Nesse sentido, o propósito das atividades, como teatro e cinema, promovida pelo grupo de cultura também tinha esse propósito político. Contudo, Rodrigues Filho ressalta que nem sempre funcionava<sup>424</sup>.

Não era fácil para o grupo de cultura promover as atividades a partir do cinema devido aos limites de estrutura e os problemas técnicos, afirma Rodrigues Filho. O objetivo do grupo não era apenas promover entretenimento, distração, mas fazer com que os estudantes refletissem criticamente sobre a realidade a partir do cinema. E, nesse caso, um dos problemas também era encontrar filmes que atraíssem as pessoas para impedir que o cinema ficasse vazio. Um outro problema destacado por Rodrigues Filho era que existiam pouquíssimas empresas que comercializavam filmes com tela de 16mm. “Às vezes, com muita sorte encontrava filmes como: “A moedinha do Amor” e outras drogas”<sup>425</sup>.

O diretório conseguiu firmar uma espécie de convênio com o setor artístico da universidade para o funcionamento de um Clube de Cinema na EA através do Grupo de Cultura. Rodrigues Filho ainda afirma que outra dificuldade encontrada era o grau artístico dos filmes e o “grau de cultura dos estudantes”. O diretório atribuía a culpa por estas limitações ao ambiente cultural imposto, e também pela falta de estrutura montada pelo grupo para diminuir essa distância. De acordo com Rodrigues Filho, o surgimento do Grupo de Cultura tinha o propósito de atingir esta finalidade, aproximar os estudantes da arte<sup>426</sup>.

O GEC deveria oferecer nesse processo um curso de formação para o engajamento desses estudantes nas atividades promovidas pelo grupo de cultura. E, de acordo com o grupo, isso seria necessário, caso contrário, os estudantes só assistiriam a filmes por divertimento, sem

---

<sup>423</sup> Idem.

<sup>424</sup> Idem.

<sup>425</sup> **O DALA**, Cruz das Almas, 1971.

<sup>426</sup> RODRIGUES FILHO. [Entrevista concedida a] Elias dos Santos Conceição. Amélia Rodrigues, Bahia, 2013.

a compreensão necessária da vida política, sublinha Rodrigues Filho. O grupo também entendia que a cultura era o espaço por excelência para o engajamento desses estudantes na vida política. E o cinema era um dos espaços importantes para promover esse conhecimento. Por isso, de acordo com Rodrigues Filho, o debate e a reflexão era prática recorrente ao término dos filmes<sup>427</sup>.

Todavia, de acordo com um artigo divulgado pelo jornal *O DALA*, em 1971, houve falta de motivação da maioria dos estudantes e dos professores. Isso era desalentador para os organizadores das atividades culturais, que tinham por intenção promover, através do engajamento nas práticas culturais, novos conhecimentos. Da mesma forma, era a crítica em razão da ausência de livros modernos, acessíveis e diversificados na biblioteca e do uso do espaço do anfiteatro para promover atividades que quebrassem as divisões e convenções entre a comunidade estudantil e docente<sup>428</sup>.

A estudante Eny M. Souza, do segundo ano do curso de agronomia, era a responsável pelo setor de literatura do grupo cultural. Ela ficava responsável pela organização da biblioteca de livros não técnicos. A biblioteca funcionava todas as noites, das 19 horas até às 21 horas<sup>429</sup>. De acordo com Rodrigues Filho, a ideia era que os estudantes apropriassem-se de novas leituras no campo da cultura e da política<sup>430</sup>. Para Cláudia Monteiro, o fluxo de atividades criativas, por vezes, acabava conquistando a simpatia de estudantes, professores, universitários e intelectuais em geral, e, as células, supostamente deveriam exercer esse protagonismo<sup>431</sup>.

Rodrigues Filho terminou o curso em 1973 e foi embora para sua cidade no Ceará. Acentua que essa foi sua última participação na célula e a partir desse momento cada um do grupo foi para suas cidades. O mesmo sublinha que Pirarucu, Fuleiro e Luiz Mário Santos da Silva, entre outros, continuaram atuando em outros grupos de esquerda entre Aracajú e Sergipe, respectivamente.

Delmo Naziazeno (Pirarucu), em depoimento, ressalta que em 1975 iniciou as atividades no partido em Sergipe de forma mais organizada e estruturada, sendo, inclusive, promovido. Nesse processo, manteve o contato com Rosalvo Alexandre. Em fevereiro de 1976, foi preso em sua casa na “Operação Cajueiro”. Enfatiza que foi torturado com choques e ficou bastante debilitado ao longo dos dias que ficou preso e já não tinha mais esperança que sairia vivo.

---

<sup>427</sup> Idem.

<sup>428</sup> *O DALA*, Cruz das Almas, 1971.

<sup>429</sup> *O DALA*, Cruz das Almas, Ano II. 30 mar. 1971. p. 4.

<sup>430</sup> RODRIGUES FILHO. [Entrevista concedida a] Elias dos Santos Conceição. Amélia Rodrigues, Bahia, 2013.

<sup>431</sup> MONTEIRO, Cláudia. **Política entre razão e sentimentos: A militância dos comunistas no Paraná (1945-1947)**. 2013. Tese (Doutorado em História) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, 2013. p. 81.

Ressalta que nos interrogatórios os agentes buscavam nomes de outros integrantes do partido, inclusive sobre a atuação de estudantes na Escola de Agronomia<sup>432</sup>.

De acordo com José Vieira Cruz,

[...] a “Operação Cajueiro” foi um dos desdobramentos da ação de repressão dos militares e dos órgãos de segurança e informação, iniciada sob o pretexto de combater os grupos de esquerda, por um lado, e de desestabilizar a proposta de distensão e abertura política formulada por Geisel, por outro. Neste sentido, Sergipe foi um dos vários estados em que esse tipo de ação aconteceu, tendo aqui recebido a mencionada denominação.<sup>433</sup>

Segundo Rodrigues Filho, Luiz Mário Santos da Silva, que fazia parte da célula do PCB na EA, também foi preso, torturado e perdeu a visão na operação cajueiro. Rodrigues Filho ressalta que desse grupo, só Rosalvo Alexandre que não foi preso porque na época estava trabalhando numa empresa de Extensão Rural, em Minas Gerais<sup>434</sup>. No entanto, de acordo com Carlos Cauê Rosalvo, Rosalvo Alexandre tinha ido para Minas Gerais com a intenção de cursar o mestrado em agronomia e foi detido na cidade de Viçosa, nesse mesmo Estado<sup>435</sup>.

Rosalvo Alexandre começou sua vida na militância ainda no Colégio Estadual Atheneu Sergipense, quando integrou a base estudantil do PCB, como mencionamos anteriormente. Embora Rodrigues Filho não afirme, de acordo com o relatório da Comissão Estadual da Verdade de Sergipe, Rosalvo Alexandre também foi preso, torturado e julgado na “Operação Cajueiro”, em 1976. Em 16 de agosto de 1978, depois de dois longos anos de inquérito, foi absolvido<sup>436</sup>. Ainda de acordo com o relatório,

[...] “Delmo Naziazeno, Rosalvo Alexandre Lima Filho e Luiz Mario Santos da Silva, agrônomos, foram acusados por participar de reuniões, circular material subversivo no campo, por terem lido e passado adiante o jornal “Voz Operária” e por terem contribuído financeiramente para o PCB”<sup>437</sup>.

<sup>432</sup> NAZIAZENO, Delmo. Depoimento para a Comissão Estadual da Verdade de Sergipe. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=N44zphn8DII>. Acesso em: 20 jan. 2022.

<sup>433</sup> CRUZ, op. cit., p. 413-114. Ver também: ROGÉRIO, Fábio.; DIAS, Vaneide.; TAVARES, Werden. **Operação Cajueiro: Um Carnaval de Torturas**. Governo de Sergipe, 2014, 15 mim. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=pAT\\_U-IEyZw](https://www.youtube.com/watch?v=pAT_U-IEyZw). Acesso em: 16. ago. 2021. RAMOS, Vanderlan Oliveira. **Cinquenta anos após o carnaval de torturas**. IV congresso sergipano de História & IV Encontro Estadual de História da ANPUH/SE. O cinquentenário do golpe de 64, Aracaju, 21 e 24 out. 2014.; CAUÊ, Carlos. Rosalvo Alexandre. Operação Cajueiro – Carnaval, tristeza e dor. **Revista Cumbuca**, n. 09, mar. 2015 - E-book. Disponível em: <https://segrase.se.gov.br/edise/produto/69/digital>. Acesso em: 16. ago. 2021.

<sup>434</sup> RODRIGUES FILHO. [Entrevista concedida a] Elias dos Santos Conceição. Amélia Rodrigues, Bahia, 2013.

<sup>435</sup> CAUÊ, Carlos. Rosalvo Alexandre. Operação Cajueiro – Carnaval, tristeza e dor. **Revista Cumbuca**, n. 09, mar. 2015 - E-book. p. 14-25. Disponível em: <https://segrase.se.gov.br/edise/produto/69/digital>. Acesso em: 16 ago. 2021.

<sup>436</sup> Idem.

<sup>437</sup> Comissão Estadual da Verdade “Paulo Barbosa de Araújo”: Relatório final [recurso eletrônico]. In: (org.). ALBUQUERQUE REGINATO, Andréa Depieri de; REIS, Gilson Sérgio Matos. Aracajú: Editora Diário Oficial do Estado de Sergipe, Edise, 2020. p. 201. Disponível em: <https://segrase.se.gov.br/edise/produto/250/digital>. Acesso em: 20 jan. 2022.

Ambos foram presos e torturados na operação. Destacamos que Luiz Mario não aceitou conceder seu depoimento à Comissão Estadual da Verdade. Embora não tenhamos mais informações, Manoel Hora Batista também esteve na lista de nomes que os militares queriam que os presos na operação durante as sessões de tortura confirmassem se ele - entre outros - também tinha ligação com o partido<sup>438</sup>.

Encontramos no Arquivo Nacional um Inquérito Policial Militar (IPM) feito pelo Serviço Nacional de Informação (SNI), referente à operação cajueiro, detalhando a atuação dos comunistas e simpatizantes no estado de Sergipe. Nesse inquérito, Delmo Naziazeno aparece como responsável pela orientação e propaganda do partido. Ainda de acordo com o inquérito, Luiz Mario, Delmo Naziazeno, Rosalvo Alexandre - entre outros - foram aliciados para a fileira do partido pelo comunista Marcelio Bonfim Rocha e também contribuíram com dinheiro para manutenção do PCB naquele Estado<sup>439</sup>.

O engenheiro agrônomo Luiz Mario Santos da Silva, formado pela EA, em 1970, também foi da geração de Rodrigues Filho. Após a sua saída da EA, também continuou militando no partido juntamente com Rosalvo Alexandre, Delmo Naziazeno, entre outros militantes. Manoel Hora Batista, formado em 1973, após a conclusão do curso atuou como gestor em vários órgãos estaduais e federais e também esteve na lista dos militares em Sergipe após sua saída da EA, mas não temos informações se o mesmo foi preso.

Infelizmente até o momento da finalização da escrita da dissertação não conseguimos localizar os nomes de outros estudantes da geração de Rodrigues Filho que também participaram ou foram simpatizantes da célula na Escola de Agronomia. Sendo assim, apenas traçamos brevemente fragmentos da trajetória de alguns dos estudantes mencionados nos parágrafos anteriores.

Rodrigues Filho não lembra mais quantos foram presos e também os nomes de todos os envolvidos, mas acredita que foram aproximadamente seis. Alguns eram da célula de Cruz das Almas e outros eram do movimento em Sergipe, como demonstramos anteriormente. Entre os presos também estava uma prima de Fuleiro, sobrinha de Marighella, afirma Rodrigues Filho. “Engraçado que eu conversei tanto com ela, ela veio aqui na minha casa, passou um São João por aqui, mas ela namorou até com Pirarucu. Mas se você me perguntar o nome, não está me chegando à memória o nome dela, mas era sobrinha de Marighella”<sup>440</sup>.

---

<sup>438</sup> CAUÊ, op. cit., p. 23-25.

<sup>439</sup> Arquivo Nacional. Fundo: Serviço Nacional de Informações - BR DFANBSB V8. Disponível em: [http://imagem.sian.an.gov.br/acervo/derivadas/BR\\_DFANBSB\\_V8/MIC/GNC/PPP/82003802/BR\\_DFANBSB\\_V8\\_MIC\\_GNC\\_PPP\\_82003802\\_d0002de0002.pdf](http://imagem.sian.an.gov.br/acervo/derivadas/BR_DFANBSB_V8/MIC/GNC/PPP/82003802/BR_DFANBSB_V8_MIC_GNC_PPP_82003802_d0002de0002.pdf). Acesso em: 21 jan. 2022.

<sup>440</sup> RODRIGUES FILHO. [Entrevista concedida a] Elias dos Santos Conceição. Amélia Rodrigues, Bahia, 2013.

Rodrigues Filho afirma que ela era de esquerda. Muito festeira, gostava de brincadeira, do “forrozinho”, da bebida e dançava bastante. Ela tinha posição de esquerda, sustenta Rodrigues Filho, mas não pode afirmar que ela era da linha de Marighella. Ainda ressalta que ela esteve em sua casa na cidade de Amélia Rodrigues e pediu ajuda monetária para dar suporte ao pessoal que estava preso<sup>441</sup>. Considero importante destacar que esse momento da entrevista com Rodrigues Filho foi tomado por um profundo silêncio e emoção ao lembrar dos companheiros. Marcados por emoções, os testemunhos permitem expor o impacto dos acontecimentos para o indivíduo.

Rodrigues Filho salienta que ainda manteve um certo contato com o grupo porque quando saiu da EA deixou dois irmãos, José Pedro Rodrigues da Silva e depois Cícero Rodrigues da Silva. Apenas retornava à EA para curtir e tomar cerveja por toda a cidade e rever algumas pessoas que conheceu quando lá esteve. Nesse período, já estava empregado e desfrutava de uma certa condição financeira<sup>442</sup>.

Consideramos dizer que a vida de Rodrigues Filho é atravessada pela escrita poética. É um dos espaços por onde ele buscou e continua buscando comunicar-se com parte da sociedade, seja através da crítica política ou mesmo a partir da escrita romântica. Além dos livros já mencionados, Rodrigues Filho também escreveu folhetos da Literatura de Cordel. Depois de terminar o curso e tornar-se Engenheiro Agrônomo, continuou escrevendo artigos, poesias, cordéis, por onde passou. Embora não seja nosso objetivo nessa dissertação, traremos uma breve descrição de algumas das produções de Rodrigues Filho, depois que concluiu os estudos até o presente momento.

Entre 1983 e 1984, no contexto do movimento popular pelo fim da Ditadura Militar, e que exigia eleições presidenciais diretas no Brasil<sup>443</sup>, Rodrigues Filho já estava morando na cidade de Amélia Rodrigues e trabalhando na Associação de Engenheiros Agrônomos da Bahia, em Feira de Santana. Aproveitando o momento, escreveu em maio de 1984 o cordel como *Diretas Já*, em alusão ao movimento popular pelo fim da Ditadura Militar.

Em 1989 a 1998, Rodrigues Filho também foi redator chefe do *Informativo Komunikando*, da Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural da Bahia (EMATER-BA), da região de Feira de Santana e colaborador do Jornal da Associação de Engenheiros

---

<sup>441</sup> Idem.

<sup>442</sup> Idem.

<sup>443</sup> Sobre o movimento “Diretas já” ver: FERREIRA, Marieta de Moraes. O Brasil do senhor das diretas. *In: Revista Nossa História*, Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, n 7. p. 80-83, 2004; KOTSCHO, Ricardo. **Explode um novo Brasil**: Diário da campanha das diretas. São Paulo: Brasiliense, 1984; RODRIGUES, Alberto Tosi. **Diretas Já** - O grito preso na garganta. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2003; BERTONCELO, Edison. **A campanha das Diretas e a democratização**. Associação Editorial Humanitas, São Paulo: Fapesp, 2007.

Agrônomos da Bahia (AEA-BA) durante nove anos, período em que editou poesias e artigos políticos. De 2001 a 2007, foi editor e redator chefe do *Informativo* da Secretaria da Agricultura, Pecuária, Irrigação (SEAGRI), quando ocupou por oito anos o cargo de *Secretário Municipal da Agricultura* de Amélia Rodrigues-Ba. Ocupou vários cargos na *Loja Maçônica Luz do Recôncavo-132*, havendo presidido de 2001 a 2005.

No ano de 2000, Rodrigues Filho aposentou-se e continuou seu processo de escrita. Além dos artigos, prosas e poesias, dedicou-se também à escrita de cordéis. Nesses cordéis, escreveu sobre vários temas que estão atrelados à sua própria trajetória de vida e profissional. Um dos primeiros folhetos de cordel que tivemos acesso foi publicado em 7 de maio de 2011. O conteúdo envolve a *Mudanças do Topônimo de Juazeiro do Norte para Juazeiro do Padre Cícero*. Rodrigues Filho descreve em cordel a singularidade religiosa da região e a sua popularidade em torno do Padre Cícero.

O folheto de cordel *S.O.S. Aposentados* foi escrito em 9 de junho de 2011. O cordel teve o propósito de comunicar o problema que na visão de Rodrigues Filho estava acontecendo com os aposentados. O mesmo tentou demonstrar no folheto que aos poucos os aposentados estavam envelhecendo, ficando doentes e morrendo com a retirada dos seus direitos.

No dia 8 de agosto de 2011, Rodrigues Filho publicou o cordel *Caminhos para Agricultura* e em 22 de agosto do mesmo ano publicou *Caminhos para a Pecuária*. Dois temas importante para Rodrigues Filho. Nesses cordéis, o mesmo traça uma trama abrangendo as lutas e crenças dos sertanejos nordestinos, e sua submissão ou revolta contra o latifúndio, o governo e o Clero. Entre 18 e 20 de maio de 2012, publicou o folheto *Saudades da Vaquejada*. Em tom de nostalgia e melancolia, buscou descrever através das poucas lembranças a saudade do gado, da vaquejada, do correr atrás do boi na caatinga, das danças e alegrias que esses momentos proporcionaram durante sua infância em Camocim de São Félix, em particular, e, de modo geral, pelas andanças como retirante pelo sertão nordestino. Descreve o sonho que viveu na infância de tornar-se o “cavaleiro da esperança” e como vaqueiro exibir com elegância o gibão e o chapéu, e com o cavalo levar a boiada para o abate. No entanto, o tempo mudou, e com ele o seu destino. Ficou apenas o desejo, a lembrança e a saudade de um tempo que não volta mais, restando a Rodrigues Filho escrever em formato poético e em cordel os poucos fragmentos que resistem ao tempo e à memória.

O folheto de Cordel *Leitura: a chave para o conhecimento* foi publicado em 17 de setembro de 2012. Rodrigues Filho demonstra os caminhos para a leitura e sua importância na formação social e política do indivíduo, assim como a necessidades de boas bibliotecas e

profissionais para a concretização desse processo. Também expõe a defasagem e o abandono do ensino público no Brasil pelos sucessivos governos.

Rodrigues Filho também é autor do livro *Cariri/Agreste: mitos/crendices/misticismo*, publicado em 2010, como já foi sinalizado na introdução da dissertação. É também autor da coletânea poética *O homem, o tempo e a poesia*, publicada em 2015. Rodrigues Filho reúne neste livro vários poemas escritos antes de sua entrada na EA, durante o período em que esteve na faculdade de agronomia, em Cruz das Almas, e depois da conclusão do curso. Como o próprio título enuncia, o homem é o próprio Rodrigues Filho, o tempo é essa construção cronológica que ele faz da própria vida e a poesia é o meio pelo qual ele reconstrói cronologicamente sua própria vida. Parte dos poemas que estão neste livro foram publicadas em diferentes contextos e alguns deles no contexto de sua atuação cultural e política na EA.

Rodrigues Filho é casado com Maria das Graças Bacellar Rodrigues e pai de Roberto Wagner Bacellar Rodrigues. Já aposentado, o mesmo continua escrevendo poesias e sonetos vinculado ao Recanto das Letras e ao Fórum do Soneto. Mesmo desencantado com os caminhos de parte das esquerdas, ainda continua escrevendo seus textos tendo como horizonte de expectativa as ideias socialistas.

### **Considerações finais**

Nesta pesquisa busquei demonstrar a trajetória política e intelectual do Engenheiro Agrônomo José Rodrigues Filho, entre 1969 e 1973. Para tanto, a pesquisa exigiu um mapeamento de alguns aspectos da trajetória do sujeito a partir de sua infância e adolescência até sua chegada na EA, em 1969. Entender aspectos da vida de Rodrigues Filho a partir de sua infância extrapolou os limites cronológico e espacial desta pesquisa, trazendo outras questões que foram importantes para compreender porquê Rodrigues Filho decidiu estudar agronomia em outro estado e escolheu atuar no PCB, um partido que naquele contexto encontrava-se na clandestinidade.

Também mapeamos alguns aspectos econômico, cultural e político que possibilitaram conhecer um pouco sobre as cidades por onde Rodrigues Filho morou nos interiores do Nordeste brasileiro nos anos quarenta e cinquenta, assim como os mitos, crendices e misticismo que giravam em torno daquela cidade, sobretudo a respeito do Padre Cícero, em Juazeiro do Norte. Ao mesmo tempo, pudemos vislumbrar o ambiente familiar e religioso que fez parte de sua formação católica.

Mapeamos a chegada de Rodrigues Filho e sua relação com os demais estudantes na Escola de Agronomia dentro de um contexto de mobilizações estudantis em torno da luta pela

reforma universitária e os desdobramentos da federalização da EA. Destacamos as dificuldades que Rodrigues Filho encontrou para se manter na escola sem condições financeiras. O drama do alojamento e a experiência de moradia com outros estudantes. O tradicional trote que durava praticamente todo primeiro semestre e o apelido que ganhava por ser calouro.

A sociabilidade cotidiana não passou apenas pelo Diretório Acadêmico e pelo jornal *O DALA*. Acreditamos que os apelidos, a cachaça, o futebol, as interações no São João, a experiência na moradia foram espaços e atividades de socialização e sociabilidade com os demais estudantes e moradores da cidade de Cruz das Almas. Rodrigues Filho estava inserido também no cotidiano cultural e político da cidade, não se restringindo apenas ao ambiente da EA.

Rodrigues Filho atuou como Secretária do Intercâmbio e Cultura no Diretório Acadêmico Landolfo Alves, exercendo, talvez, uma certa influência pelo viés da cultura. Sua atuação deu-se no campo da cultura. A partir de sua atuação no Diretório Acadêmico produziu textos e poesias criticando a Ditadura Militar e a negligência das autoridades governamentais a respeito do Nordeste, sobretudo dos trabalhadores e trabalhadoras do campo, tocando em pontos muito sensíveis naquele contexto, como a reforma de base, e, em particular, a reforma agrária. Através dos artigos buscou denunciar a realidade do Nordeste propondo meios possíveis para resolver a questão da fome e da terra.

Rodrigues Filho foi redator do jornal *O DALA*, ferramenta importante na produção e divulgação do posicionamento político da comunidade estudantil na EA. Através do jornal compartilhou suas ideias políticas escritas através de textos e poesias com a comunidade interna e externa universitária. Hoje é possível acessar esses registros e ampliar um pouco o nosso entendimento sobre a atuação desses sujeitos históricos no contexto da EA. No momento, não foi possível datar o início e o término do jornal, nem mesmo os detalhes do processo de circulação e influência que os estudantes exerceram ou não a partir do jornal.

Destacamos também que, mesmo após a ofensiva repressiva contra o ME a partir do AI-5, alguns estudantes continuaram atuando através de outras estratégias, que foram possíveis naquele contexto. Esse recuo esteve atrelado ao medo imposto pelo acirramento da Ditadura Militar, mas também a um recuo estratégico por parte de alguns estudantes. Rodrigues Filho buscou através da atividade teatral, cinema, poesia - dentre outras expressões culturais - debater temas de natureza política. Através da sutileza das poesias e seu conteúdo político expressou, no limite, seu sentimento político e não se calou diante da censura imposta naquele contexto.

Mais que atuar no partido, Rodrigues Filho afirma que juntamente com outros estudantes criou, no final de 1969, uma célula do PCB dentro de um contexto de recuo do ME.,

Rodrigues Filho enfatiza que, juntamente com outros estudantes, atuou no processo de alfabetização dos trabalhadores e trabalhadoras e de seus filhos seguindo o método de Paulo Freire. Acreditavam que o processo de alfabetização seria um estágio necessário para ampliar o campo de conhecimento dos agricultores e seus filhos. Também atuou através do grupo de cultura, promovendo atividades e práticas culturais, como cinema, teatro, danças e outras expressões culturais.

No contexto da Ditadura Militar, muitos estudantes entraram na clandestinidade rompendo inclusive a relação com o PCB. Muitos foram para os novos partidos surgidos a partir da cisão com o PCB, como o PC do B e o MR-8 - dentre outros grupos de esquerda que acreditavam que só seria possível vencer os militares no poder através da luta armada. Alguns estudantes da EA escolheram atuar em alguns desses partidos e foram viver na clandestinidade, como foi o caso de José Alberto Bandeira Ramos e Eudaldo Gomes, que foi preso e assassinado durante a Ditadura Militar.

Diferente dos estudantes que entraram na clandestinidade, Rodrigues Filho escolheu atuar pela via pacífica do PCB. Acreditava que seria possível resgatar a democracia através de um amplo movimento pela redemocratização. Juntamente com outros estudantes, criou uma célula do PCB dentro de um contexto de endurecimento da Ditadura Militar, como já foi destacado anteriormente. Alguns dos estudantes que atuaram na célula, Delmo Naziazeno (Pirarucu) Rosalvo Alexandre de Lima Filho (Fuleiro), Luiz Mário Santos da Silva, entre outros, depois de concluir os estudos viajaram para seus respectivos estados e cidades e continuaram a militância no partido. Foram perseguidos e alguns foram presos e torturados na operação cajueiro. Tudo indica que, provavelmente, esses estudantes já estavam na lista dos agentes e sendo vigiados.

Infelizmente, não conseguimos acessar e entrevistar outros estudantes da geração de Rodrigues Filho e mesmo os estudantes que foram parte de seu grupo. Alguns já faleceram e os outros que estão vivos Rodrigues Filho escolheu não revelar a identidade por uma questão ética. Não tenho dúvida de que teríamos acesso a uma dimensão mais ampla daquele contexto, com vozes diferentes, podendo trazer à tona novas questões e mesmo contradições sobre os eventos narrados por Rodrigues Filho, que suscitaria novas reflexões sobre aquele contexto histórico na Escola de Agronomia.

Os indícios sugerem que Rodrigues Filho com os demais estudantes do grupo construíram uma rede de sociabilidade através do Diretório Acadêmico, do jornal *O DALA*, de afinidades políticas ideológicas que foram se sustentando ao longo dos anos. Através da rede, colocaram em prática ideias, projetos políticos e visões de mundo que muito se materializaram

através das atividades promovidas e apoiadas pelo grupo, ligadas ou não, ao Diretório Acadêmico na Escola de Agronomia.

A contribuição deste estudo aponta a atuação das esquerdas dentro de um contexto de recrudescimento da violência de Estado, evidenciando a atuação de estudantes que buscaram estratégias diversas para resistir à Ditadura Militar. A presente pesquisa também pode representar uma contribuição à historiografia das esquerdas e do ME no Brasil, sobretudo fora do grande eixo Rio-São Paulo e mesmo fora das capitais. Isso contribui para alargar a compreensão sobre o impacto da ditadura em cidades interioranas, ressaltando as diversas formas de resistência.

Também é importante destacar a importância da luta dos estudantes da EA para manter a autonomia do ME frente aos vários problemas impostos pelo contexto de endurecimento da Ditadura Militar com a promulgação do AI-5. Inferimos que o trabalho dos estudantes, entre 1969 a 1973, deixou uma contribuição importante para as gerações seguintes, que fizeram parte do contexto que ficou conhecido como a abertura política lenta, gradual e segura a partir do governo Geisel. Portanto, consideramos que a luta dessa geração, assim como as que lhes antecederam, foi importante para as novas gerações continuarem na militância, como vimos nos anos seguintes na Faculdade, com manifestações e greves na EA.

É possível dizer que parte da vida de Rodrigues Filho é atravessada pela escrita poética. É um dos espaços por onde ele buscou e continua buscando comunicar-se com a sociedade, seja através da crítica política ou mesmo a partir da escrita romântica. Além dos livros já mencionados, Rodrigues Filho também escreveu folhetos da Literatura de Cordel. Depois de terminar o curso e tornar-se Engenheiro Agrônomo, continuou escrevendo artigos, poesias, sonetos e cordéis.

Desta forma, esperamos que a presente pesquisa suscite novas reflexões no aprofundamento das questões relativas à Ditadura Militar e à atuação de estudantes no ME e no PCB na Escola de Agronomia, em Cruz das Almas e no Recôncavo baiano e do próprio Rodrigues Filho. Que seja um estímulo para que outras investigações sejam realizadas revelando como homens e mulheres do passado experimentaram o contexto da ditadura militar, inventaram/reinventaram seus próprios dilemas.

## Fontes

### 1 - Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro

#### 1.1 - Fontes Documentais

Livros de Atas da Câmara Municipal de Cruz das Almas – BA (1964-1973).

Livros de Atas da Congregação da Escola de Agronomia da Bahia (1964-1966).

Livros de Atas do Diretório Acadêmico Landulfo Alves (1961-1968).

Jornal O DALA do Diretório Acadêmico Landulfo Alves – Editorial (1971-1973).

Projeto Brasil Nunca Mais BNM – 394

Arquivo Nacional

#### 1.2 - Fontes Literárias

CUNHA, Mario Pinto da. **Aquarela de Cruz das Almas**. Bahia, 1983.

RODRIGUES FILHO, José. **Cariri/Agreste: mitos / crendices / misticismo**. Salvador: EGBA, 2010.

RODRIGUES FILHO, José. **O homem, o tempo e a poesia**. Salvador: JM Gráfica e Editora Ltda, 2015.

#### 1.3 – Fontes orais

RODRIGUES FILHO, José. [Entrevista concedida a] Elias dos Santos Conceição. 1 arquivo .mp3 (2: 38: 38 min) Amélia Rodrigues, Bahia, 2013.

RODRIGUES FILHO, José. [Entrevista concedida a] Elias dos Santos Conceição. Amélia Rodrigues, Bahia, 2021.

SANTANA, Alino Matta. [Entrevista concedida a] Elias dos Santos Conceição. Cruz das Almas, Bahia, 2019.

FILHO, Hermes Peixoto Santos. [Entrevista concedida a] Elias dos Santos Conceição. Cruz das Almas, Bahia, 2019.

TV UFBA - Comissão da Verdade da UFBA - 1ª Oitiva: Amilcar Baiardi. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xCFQCfnPvDY>. Acesso em: 20/11/2020.

NAZIAZENO, Delmo. Depoimento para a Comissão Estadual da Verdade de Sergipe. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=N44zphn8DII>. Acesso em: 20 jan. 2022.

#### *1.4 Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)*

BRASIL. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística** - 1958. Disponível em: [https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv27295\\_18.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv27295_18.pdf). Acesso em: 29 ago. 2020.

#### **Referências**

ABBUD FILHO, Moysés. **Blogger**: as mais belas histórias. Disponível em: <http://notempoquearrobaera15quilos.blogspot.com/2017/05/a-fonte-e-flor.html>. Acesso em: 14 set. 2020. 1 foto.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 5. edição. São Paulo: Cortez, 2011.

\_\_\_\_\_. Quem é froxo não se mete: violência e masculinidade como elementos constitutivos da imagem do nordestino. **Revista Projeto História** (PUCSP), São Paulo, v. 19, p. 173-188, 1999. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/10928/8089>. Acesso em: 20 nov. 2021.

ALVES, Joaquim. **O Vale do Cariri**: povoamento do Vale do Cariri. Revista do Instituto do Ceará, Fortaleza. Ano: LIX, 1945.

ALVES, Márcio Moreira. **Beabá dos MEC-USAID**. Rio de Janeiro: Gernasa, 1968.

ALVES, Maria Helena Moreira. **Estado e oposição no Brasil: 1964-1984**. Trad. de Clóvis Marques. Petrópolis: Vozes, 1984.

AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de M. **Usos & Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2001.

ANDRADE, Manoel Correia de. Espaço e tempo na agroindústria canavieira de Pernambuco. **Revista Estudos avançados**, São Paulo, v. 15, n. 43, p. 267-280, dez. 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/PPc8qhWrKp9V9jHwTbmWCmH/?lang=pt>. Acesso em: ago. 2020.

ANGELI. Chiclete com Banana. São Paulo: **Circo Editorial Ltda**, n. 01, out, 1985.

ARAÚJO, Nilton de Almeida. **A Escola Agrícola de São Bento das Lages e a institucionalização da agronomia no Brasil (1877-1930)**. 2006. Dissertação (Mestrado em Ensino, Filosofia e História das Ciências) - Universidade Federal da Bahia, Universidade Estadual de Feira de Santana, Salvador, Feira de Santana, 2006.

ARIÈS, P. **A História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1978;

AYERBE, Luis Fernando. **Estados Unidos e América Latina – a construção da hegemonia**. São Paulo: Editora Unesp, 2002.

BAIARDI, Amilcar. A perseguição política e a homofobia na antiga escola de Agronomia da Universidade Federal da Bahia durante a ditadura Militar. *In*: XI Seminário Nacional em História da Ciência e Tecnologia. XISNHCT, 2008, Niterói. **Anais do SNHCT**. Rio de Janeiro: Sociedade Brasileira de História Ciência e Tecnologia, 2008. v. 1. p. 89-114.

\_\_\_\_\_. O papel do Imperial Instituto Bahiano de Agricultura na formação da comunidade de ciências agrárias do Brasil. **Primeiro Congresso Luso-Brasileiro de História da Ciência e da Técnica, 2000**. Évora: Editora da Universidade de Évora, 2001.

\_\_\_\_\_. O Papel do Imperial Instituto de Agricultura na Formação da Comunidade de Ciências Agrárias da Bahia, 1859-1930. *In*: SEMINÁRIO NACIONAL DE HISTÓRIA DA CIÊNCIA E TECNOLOGIA, 7., 1999, São Paulo. **Anais [...]**. VII Reunião de Intercâmbios para a História e a Epistemologia das Ciências Químicas e Biológicas. Anais/José Luiz Goldfarb & Márcia H. M. Ferraz (org.). São Paulo: EDUSP, EDUNESP: Imprensa Oficial do Estado: SBHC, 2001.

BAKELESS, John. Daniel Boone (o desbravador de terras) (1894-1978). Editora Ebal, **Edição Maravilhosa**, São Paulo, n. 121, abr. 1956.

BANDEIRA, Alberto Muniz. **O ano vermelho**: A revolução russa e seus reflexos no Brasil. São Paulo: Expressão Popular, 2004.

BARBOSA, Alexandre Valença Alves. **Histórias em quadrinhos sobre a História do Brasil em 1950**: A narrativa dos artistas da EBAL e outras editoras. 2006. Dissertação – (Mestrado em Teoria e Comunicação) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

BARREIRA, Dolor. Padre Antônio Tomaz. **Revista da Academia Cearense de Letras**, Ceará, Ano LXIII, n. 28, p. 80-128. 1959. Disponível em: [http://www.academiacearensedeletas.org.br/revista/revistas/1959/ACL\\_1959\\_18\\_Pe\\_Antonio\\_Tomaz\\_Part\\_01.pdf](http://www.academiacearensedeletas.org.br/revista/revistas/1959/ACL_1959_18_Pe_Antonio_Tomaz_Part_01.pdf). Acesso em: 14 set. 2020.

BASTOS, L. C. R. **A Sedução das guerras nas telas do Cinema**: uma análise sobre Hollywood e a disseminação de mensagens ideológicas durante a Segunda Guerra Mundial e a Guerra Fria. 2007. Monografia (Comunicação Social em Jornalismo) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2007.

BEISIEGEL, C. R. **Política e educação popular**: a teoria e a prática de Paulo Freire no Brasil (4 ed.). Brasília, DF: Liber Livro, 2008.

BENEVIDES, Maria Victoria. **A UDN e o udenismo**: ambiguidades do liberalismo brasileiro (1945-1965). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

BENEVIDES, Sílvio César Oliveira. **Na contramão do poder**: juventude e movimento estudantil. São Paulo: Annablume, 2006.

BERG, Creuza. **Mecanismos do Silêncio**: expressões artísticas e censura no Regime Militar (1964-1984). São Carlos: Edufscar, 2002.

BERSTEIN, Serge. Os partidos. *In*: **Por uma história política**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003. p. 57-98.

\_\_\_\_\_. “A cultura política”. *In*: RÏOUX e SIRINELLI (org.). **Para uma história cultural**. Lisboa: Estampa, 1998. p. 349-63.

BORGES, Liana da Silva. **A Alfabetização de jovens e adultos como movimento**: um recorte na genealogia do Mova. 2009. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. *In*: **Razões práticas**: sobre a teoria da ação. São Paulo: Papirus, 1996. p. 74-82.

BRAGA, Carlos Augusto Santos Neri. **Operárias Negras**: lutas e controle patronal na Cia. de Charutos Dannemann e na Costa Penna & Cia (1910-1950). 2021. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofias e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2021.

BRITO, Antonio Mauricio Freitas. **Capítulos de uma história do movimento estudantil na UFBA (1964-1969)**. 2003. Dissertação (Mestrado em História) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2003.

\_\_\_\_\_. **O Golpe de 1964, o movimento estudantil na UFBA e a resistência à ditadura militar (1964-1968)**. 2008. Tese (Doutorado em História) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2008.

CARDOSO, Lucileide Costa. Entre o movimento estudantil e a luta armada: Eudaldo Gomes da Silva e o “Massacre da Chácara São Bento” (1960/1970). **Revista História Oral**, v. 15, n. 2, p. 193-216, jul./dez. 2012. DOI: <https://doi.org/10.51880/ho.v15i2.266>. 2015. Disponível em: <https://revista.historiaoral.org.br/index.php/rho/article/view/266>. Acesso em: 13 set. 2015.

\_\_\_\_\_. Dimensões da Memória na Prática Historiográfica. *In*: OLIVEIRA, Ana Maria Carvalho dos S.; REIS, Isabel Cristina Ferreira. (org.). **História Regional e Local: discussões e práticas**. Salvador: **Quarteto**, v. 1, p. 153-173, 2010.

CARNEIRO, Cesar Oliveira. **As aventuras e desventuras**: A peça proibida e a greve de estudantes que desafiou a ditadura em 1966. 2008. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2008.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. **“Livros proibidos, ideias malditas”**: o DEOPS e as minorias silenciadas. 2. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

- CAUÊ, Carlos. Rosalvo Alexandre. Operação Cajueiro – Carnaval, tristeza e dor. **Revista Cumbuca**, n. 09, mar. 2015 - E-book. p. 14-25. Disponível em: <https://segrase.se.gov.br/edise/produto/69/digital>. Acesso em: 16 ago. 2021.
- CAVALCANTI JUNIOR, Ary Albuquerque. “**Para não dizer que não falei das flores**”: memórias de mulheres na resistência à Ditadura civil-militar (1964-1985). 2016. Dissertação (Mestrado em História Regional e Local) - Universidade do Estado da Bahia, Campus V, Santo Antônio de Jesus, Bahia, 2016.
- CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia**. São Paulo: Ática, 2000.
- COMIXOLOGY. Site de venda de quadrinhos da DC Comics online da Amazon. **Detective Comics**, n. 38, 1940. Disponível em: <https://www.comixology.com/Detective-Comics-1937-2011-38/digital-comic/28860>. Acesso em: 13 de out. 2020.
- CORBIN, Alain; COURDINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (org.). **História da virilidade**. (1. A invenção da virilidade, da antiguidade às Luzes). Petrópolis: Ed: Vozes, 2013.
- CORDEIRO, Janaína Martins. “**A nação que salvou a si mesma**”: Entre memória e História, a campanha da mulher pela democracia (1962-1974). Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de História, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2008.
- CORTEZ, Ana Sara Ribeiro Parente. **Cabras, Caboclos, Negros e Mulatos: a Família Escrava no Cariri Cearense (1850-1884)**. 2008. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2008.
- COUCEIRO, Sylvia Costa. A sedução da noite nos cafés do Recife dos anos 1920: entre prazeres e transgressões. XXIV Simpósio Nacional de História, 24., 2007, São Leopoldo. **Anais [...]** São Leopoldo: ANPUH, 2007.
- COUTINHO, Afrânio. **Introdução à Literatura no Brasil**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.
- COUTO, Sônia Souza Feitosa. **Método Paulo Freire: Princípios e Práticas de uma Concepção Popular de Educação**. 1999. Dissertação (Mestrado em Filosofia da Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.
- CRUZ, José Vieira da. **Da autonomia à resistência democrática: movimento estudantil, ensino superior e a sociedade em Sergipe, 1950-1985**. 2012. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012.
- D’ALÊSSIO, Márcia Mansor. **Intervenções da memória na historiografia: identidades, subjetividades, fragmentos, poderes**. *Trabalhos da memória*, v. 17, p. 269-280, jul./dez. 1998.
- DA SILVA, Rosicleide Henrique. **O movimento estudantil em Campina Grande-PB: entre sonhos, frustrações e lutas (década de 60)**. 2014. Dissertação (Mestrado em História) - Centro

de Humanidades Acadêmica de História, Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2014.

DEL ROIO, Marcos. O impacto da revolução russa e da internacional comunista no Brasil. *In*: MORAES, João Quartim de; AARÃO REIS, Daniel (org.). **História do marxismo no Brasil, o impacto das revoluções, Campinas**: editora Unicamp. 2. ed. Campinas: Unicamp, 2013. v. 1.

DEZEMONE, Marcus; GRYNSZPAN, Mário. As esquerdas e a descoberta do campo brasileiro: Ligas camponesas, comunistas e católicos (1950-1964). *In*: FERREIRA, Jorge; AARÃO REIS, Daniel. (org.). **As esquerdas no Brasil: Nacionalismo e reformismo radical (1945-1964)**. vol. 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

DINIZ, Evaldo. **O golpe que matou Allende – a tragédia chilena**. Rio de Janeiro: Ato Editorial & Comunicação, 1983.

DOBERSTEIN, Juliano Martins. **As duas censuras do regime militar: o controle das diversões públicas e da imprensa entre 1964 e 1978**. 2007. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofias e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

DULCI, Otávio. **A UDN e o anti-populismo no Brasil**. Belo Horizonte: UFMG, 1986.

FALCON, Francisco. História e Poder. *In*: CARDOSO, Ciro; VAINFAS, Ronaldo. (org.). **Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

FÁVERO, Osmar. Educação de Jovens e Adultos: passado de histórias; presente de promessas. *In*: FÁVERO Osmar; RIVERO, José. **Educação de Jovens e Adultos na América Latina - direito e desafio de todos (56-92)**. São Paulo: Moderna, UNESCO, 2009.

FÉLIX, Loiva Otero. **História e Memória: a problemática da Pesquisa**. Passo Fundo: Eiupf, 1998.

FERREIRA, Daniela de Jesus. **Tempos de lutas e esperanças: a materialização da revista Seiva (1938-1943)**. 2012. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual de Feira de Santana. Feira de Santana, 2012.

FERREIRA, Luzia Souza; SILVA, Elizabete Rodrigues. Mulheres negras e poder na indústria fumageira. *Revista Acadêmica da FAMAM: Revista Textura*, Governador Mangabeira-BA, v. 6, n. 11, p. 21-29, jan./jun. 2013. Disponível em: <https://textura.famam.com.br/textura/article/view/237>. Acesso em: 13 jul. 2014.

FERREIRA, Muniz. O Golpe de Estado de 1964 na Bahia. **A Clio: Revista de Pesquisa Histórica**, Recife, v. 22, n. 1, p. 85-101, jan./dez. p. 90-92. 2004. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaclio/article/view/24814>. Acesso em: 12 out. 2020.

FICO, Carlos. **Como eles agiam**: os subterrâneos da ditadura militar: espionagem e polícia política. Rio de Janeiro: Record, 2001.

\_\_\_\_\_. “Prezada Censura”: cartas ao regime militar. Topoi: **Topoi: Revista de História**. Programa de Pós-graduação em História Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, n. 5, p. 251-283. dez. 2002.

FINLEY, Moses I. **Uso e abuso da História**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

FORTH, Christopher E. Masculinidades e virilidades no mundo anglófono. *In*: CORBIN, Allan; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. (org.) **História da Virilidade**: a virilidade em crise? Século XX-XXI. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

FREIRE, A. M. A. **Paulo Freire**: uma história de vida. São Paulo: Villa das Letras, 2005.

FURTADO, Marcello França. **Nas ruas, nas praças**: as imagens do movimento estudantil Capixaba na ditadura militar (1964-1985). 2017. Dissertação (Mestrado em História) - Centro de Ciências Humanas e Naturais, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2017.

GALENO, Juvenal. Lendas e Canções Populares. (org.). NETTO, Raymundo. **Governo do Estado do Ceará, Secretária de Educação**, 5. Ed. Fortaleza-Ceará, 2010. Disponível em: <https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/documentos/?action=download&id=93965>. Acesso em: 14 set. 2020.

GALVÃO, Olímpio José de Arroxelas. A economia de Pernambuco: da longa estagnação a um novo ciclo de crescimento sustentado. **Revista Econômica do Nordeste**, Fortaleza, v. 46, n. 3, p. 137, jul./set. 2015. Disponível em: <https://www.bnb.gov.br/revista/index.php/ren/article/view/195>. Acesso em: jul. 2020.

GOMES, Ivan Lima. **Uma breve introdução à história das histórias em quadrinhos no Brasil**. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/6o-encontro-2008-1>. Acesso em: 24 jan. 2017.

GORENDER, Jacob. A forma plantagem de organização da produção escravista. *In*: STEDILE, João Pedro (org.). **A Questão Agrária no Brasil**: o debate na esquerda – 1960-1980. São Paulo: Expressão Popular, 2005.

\_\_\_\_\_. **Combate nas trevas** - A esquerda brasileira: das ilusões perdidas à luta armada. São Paulo: Ática, 1990.

GRAMSCI, Antônio. **Cadernos do cárcere**. volume 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

HALBWACHS, Maurice. **A memória Coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. 2. ed. São Paulo: Ed. Centauro, 2003.

HEYWOOD, Colin. **Uma história da Infância**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

- JACCOUD, Luciana Barros. **Movimentos Sociais e crise política em Pernambuco (1955 - 1968)**. Recife: Massangana, 1990.
- JOUTARD, Philippe. Desafios à história oral do século XXI. *In*: ALBERTI; FERREIRA; FERNANDES. (org.). **História oral**, desafios para o século XXI. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2000.
- LE GOAS, Claude Maurice. **Georges Politzer, Princípios Fundamentais de Filosofia**. Disponível em: [http://resistir.info/livros/georges\\_politzer\\_principes\\_elementaires\\_de\\_philosophie.pdf](http://resistir.info/livros/georges_politzer_principes_elementaires_de_philosophie.pdf). Acesso em: 22 nov. 2016.
- LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Trad. LEITÃO, Bernardo. 5. ed. Campinas: Unicamp, 2003.
- LEVILLAIN, Philippe. Os protagonistas: da biografia. *In*: RÉMOND, René. (org.). **Por uma história política**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.
- LIMA, Renata Ribeiro. Representações de exílio e nacionalismo em Gonçalves Dias. **Revista Nau Literária**, Porto Alegre, v. 10, n. 02, p. 53-66, jul./dez. 2014. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria/article/viewFile/50110/32825#:~:text=Verifica%2Dse%20como%2C%20nas%20representa%C3%A7%C3%B5es,a%20pr%C3%B3pria%20pessoa%20do%20poeta>. Acesso em: 14 set. 2020.
- LIMA, Thiago Machado de. **Entre a política e a religião: O golpe civil-militar de 1964 na cidade de Esplanada, Bahia**. 2015. Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2015.
- LINS, Marcelo da Silva. Notas sobre as primeiras movimentações comunistas na Bahia e na região cacauzeira. *In*. (org.). SENA JUNIOR, Carlos Zacarias de. **Capítulos de história dos comunistas no Brasil**. Salvador: Ed. EDUFBA, 2016.
- LUCENA, Fabíola Alves de. **“A comunicação clandestina no movimento estudantil em Recife durante a Ditadura Militar”**. 2016. Dissertação (Mestrado em História) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2016.
- MARTINS FILHO, João Roberto. **O movimento estudantil e Ditadura Militar, 1964-1968**. Campinas: Papyrus, 1987.
- MARTINS, Maria do Carmo. Currículo, cultura e ideologia na ditadura militar brasileira: demarcação do espaço de atuação do professor. *In*: CERRI, Luís Fernando (org.). **O Ensino de História e a Ditadura Militar**. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 2003.

MONTEIRO, Claudia. **Política entre razão e sentimentos: A militância dos comunistas no Paraná (1945-1947)**. 2013. Tese (Doutorado em História) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, 2013.

MOTA, Cristiane Lopes. **O Golpe de 1964 e suas reverberações em Santo Antônio de Jesus (1960-1983)**. 2013. Dissertação (Mestrado em História Regional e Local) - Universidade do Estado da Bahia, Campus V. Santo Antônio de Jesus, 2013.

MOTA, Mauricio Quadros da. **A Une volta à cena: A reorganização do Movimento Estudantil baiano e o Congresso de reconstrução da UNE (1969-1979)**. 2013. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofias e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.

MOTTA, Marcia Maria Menendes. História, Memória e Tempo presente. *In: CARDOSO, Cyro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. (org.) Novos Domínios da História*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **As Universidades e o Regime Militar: cultura política brasileira e modernização autoritária**. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

MULLER, Angélica. **A resistência do movimento estudantil brasileiro contra o regime ditatorial e o retorno da UNE à cena pública (1969-1979)**. 2010. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofias e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

\_\_\_\_\_. O “acontecimento 1968” brasileiro: reflexões acerca de uma periodização da cultura de contestação estudantil. **Revista de História**, São Paulo, n. 180, p. 01-21, jan. 2021. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/168586/168088>. Acesso em: 15 mar. 2021. p. 10.

NACIF, Paulo Gabriel Soledade. **A Escola de Agronomia: ascensão e queda de uma potência**. Disponível em: <http://paulonacif.com.br/2018/08/13/a-escola-de-agronomia-ascensao-e-queda-de-uma-potencia/>. Acesso em: 28 mai. 2021.

\_\_\_\_\_. **UFRB 5 anos: Caminhos, Histórias e Memórias**. Cruz das Almas. 1. ed.

NAPOLITANO, Marcos. **1964: História do Regime Militar Brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2014.

NETO, Leonardo Guimarães. Desigualdades e políticas regionais no Brasil: caminhos e descaminhos. **Planejamento e políticas públicas**, n. 15, jun. p. 42-99, 1997, p. 43-45. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/ppp/index.php/PPP/article/view/123>. Acesso em: 16 maio. 2021.

- NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. Tradução: Yara Aun Khoury. **Projeto História**, PUC-SP, São Paulo, v. 10, 1993, jul./dez. 2012. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/issue/view/851>. Acesso em: 23 set. 2021.
- OLIVEIRA, Antonio Eduardo Alves de. **O ressurgimento do movimento estudantil baiano na década de 70**. 2002. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2002.
- OLIVEIRA, Cláudia Ellen Guimarães de. **Movimento estudantil secundarista: educação, política e repressão em Feira de Santana (1962-1969)**. 2016. Dissertação (Mestrado em História) – Departamento de Ciências Humanas e Filosofias, Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2016.
- OLIVEIRA, Hebert Santos. **Movimento De Luta Nacionalista Em Cruz Das Almas – Recôncavo Baiano (1957-1964)**. 2013. Dissertação (Mestrado em História Regional e Local) - Universidade do Estado da Bahia, Santo Antônio de Jesus, 2013.
- OLIVEIRA, Stefanie Griebeler. **Melhor em casa?** Um estudo sobre a atenção domiciliar. 2014. Tese (Doutorado em Enfermagem) - Escola de Enfermagem, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.
- PANTARRA, Neide Lopes. **Movimentos migratórios no Brasil: tempo e espaço**. Rio de Janeiro: Escola Nacional de Ciências Estatísticas, 2003.
- PEREIRA, A. **Formação do PCB**. 3. ed. São Paulo: Ed. Anita Garibaldi, 2012; SODRÉ, N. W. Contribuição à história do PCB. São Paulo: Global, 1984.
- PERRUCCI, Gadiel. Estrutura e conjuntura da economia açucareira do Nordeste do Brasil 1889-1930. In (org.). PAULA, Eurípedes Simões de. v. 1. **Anais**. XVIII Simpósio Nacional dos professores universitários de História, São Paulo, 1976.
- POLLAK, Michael. “Memória, esquecimento, silêncio”. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, jan./jun. 1989. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2278>. Acesso em: 22 set. 2020.
- \_\_\_\_\_. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 200-215, jul./dez. 1992. p. 201. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1941>. Acesso em: 16 set. 2020.
- POMAR, Valter Ventura R. **Comunistas do Brasil: interpretação sobre a cisão de 1962**. 1999. Dissertação (Mestrado em História) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 1999.
- PORTO FILHO, Ubaldo Marques. **Suerdieck: epopeia do gigante. 1892-1999**. Salvador: Ubaldo Marques Porto Filho, 2003.

RAMOS, Dinorá Tomas. Padre Antonio Tomás - Príncipe dos poetas cearenses. **Jornal "A Fortaleza"**, Fortaleza, 3. ed. 1981.

REIMÃO, Sandra. **Repressão e resistência**: censura a livros na ditadura militar. 2011. Tese (Livre-docência em Comunicação e Cultura) – Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

RÉMOND, René. Uma história presente. *In: Por uma história política*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

\_\_\_\_\_. Do político. *In: Por uma história política*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

RÉNIQUE, José Luis. **A revolução peruana**. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

RIDENTI, Marcelo. **O fantasma da Revolução brasileira**. 2. ed. São Paulo: Editora UNESP, 2010.

ROUSSO, Henry. A memória não é mais o que era. *In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. (org.). Usos e abusos da história oral*. 8. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2000.

ruas! *In: (org.). ZACHARIADHES, G.C. Ditadura militar na Bahia: novos olhares, novos objetivos, novos horizontes*. Salvador: EDUFBA, 2009.

SÁ, Luiza Vieira. **Rondon: o agente público e político**. 2009. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, 2009.

SALES, Jean Rodrigues. **O impacto da revolução cubana sobre as organizações comunistas brasileiras (1959-1974)**. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofias e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

\_\_\_\_\_. História do Partido Comunista do Brasil (PCdoB): um balanço bibliográfico. **Revista Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 9, n. 21, p. 290 – 311, set. 2017. DOI: <https://doi.org/10.5965/2175180309212017290>. Disponível em: <https://revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/view/2175180309212017290>. Acesso em: 23 out. 2021.

\_\_\_\_\_. O PC do B e o movimento comunista internacional nos anos 60. **Revista História: questões & debates**, Curitiba, v. 35, n. 2, p. 275-303, 2001. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/historia/article/view/2683>. Acesso em: 14 jul. 2021.

SANDRIN, Rafael. Um debate sobre a atuação do Partido Comunista Brasileiro (PCB) no campo entre os anos de 1948 e 1964. **Revista Caminhos da História**, v. 25, n. 2, jul./dez, p. 31-47, 2020. p. 33. Disponível em: <https://www.periodicos.unimontes.br/index.php/caminhosdahistoria/article/view/2829>. Acesso em: 17 maio. 2021.

Campanha de desestabilização de Jango: as ‘donas’ saem às ruas! *In: Ditadura militar na Bahia: novos olhares, novos objetivos, novos horizontes*. ZACHARIADHES, G.C. *In: (org.)*. Salvador: EDUFBA, 2009.

SANTANA, Elissandro Trindade de; MARENGO, Shanti Nitya. A Universidade Federal do Recôncavo como política de desenvolvimento regional no espaço intraurbano de Santo Antônio de Jesus. **Revista Geotextos**, Salvador, v. 8, n. 2, p. 35-57, dez. 2002. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/geotextos/article/view/6131>. Acesso em: 28 dez. 2021.

SANTANA, Flavia de Angelis. **Atuação política do movimento estudantil no Brasil: 1964 a 1984**. 2007. Dissertação (Mestrado em História) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

\_\_\_\_\_. **Movimento estudantil e ensino superior no Brasil: a reforma universitária no centro da luta política estudantil nos anos 60**. 2014. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

SANTANA, Geferson. **O combate das ideias: estratégias culturais dos intelectuais comunistas baianos na produção de um novo conhecimento sobre o Brasil (1920-1937)**. 2017. Dissertação (Mestrado em História) – Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos, 2017.

SANTOS, Andréa Cristiana. **Ação entre Amigos: História da Militância do PC do B em Salvador (1965-1973)**. 2004. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofias e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2004.

SANTOS, Carlos Augusto Pereira. **Cidade Vermelha: A militância comunista em Camocim – CE (1927- 1950)**. 2000. Dissertação (Mestrado em História) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2000.

SANTOS, Roberto Ramos. A Política de Alianças em Pernambuco: confronto ideológico? (1958/1962). **Revista Textos e Debates**, n. 3, p. 55-73, 1997.

SARASATE, Paulo. **Na Casa do Padre Cícero**. O Povo, Fortaleza, 1931.

SCHMIDT, Benito Bisso. Entrevista com Sabina Loriga: a história biográfica. **Revista Méti: história e cultura (UCS)**, Caxias do Sul, v. 2, n. 3, p. 11-22, jan./jun. 2003. Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/metis/article/view/1038/704>. Acesso em: 14 mar. 2021. p. 18.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99. jul./dez. 1995. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721>. Acesso em: 13 set. 2020.

- SEGATTO, José Antônio. **Breve história do PCB**. Belo Horizonte: Oficina dos Livros, 1989.
- SENA JUNIOR, Carlos Zacarias Figueirôa de. **Os impasses da estratégia: os comunistas e os dilemas da União Nacional na revolução (im)possível – 1936-1948**. 2007. Tese (Doutorado em História) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2007.
- SILVA, Amanda Teixeira da. **Juazeiro sem Padre Cícero: uma cidade que não se esqueceu (1934-1969)**. 2018. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2018.
- SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. *In: RÉMOND, René. (org.). Por uma história política*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003. p. 231-69.
- SOUZA, Sandra Regina Barbosa da Silva. **“Ousar lutar, ousar vencer”**: histórias da luta armada em Salvador (1969-1971). 2003. Dissertação (Mestrado em História) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2003.
- STEPHANOU, Alexandre Ayub. **Censura no Regime Militar e Militarização das Artes**. Porto Alegre, EDIPUCRS, 2001.
- STINGHEN, Marcela Guasque. **Padre Cícero: a canonização popular**. 2000. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2000.
- TAFFARELLO, Paulo Moraes. **A crise orgânica do Partido Comunista Brasileiro (PCB) e o declínio do “socialismo real”**. 2009. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Faculdade de Filosofias e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2009.
- TEIXEIRA, Wagner da Silva. **Educação em Tempos de Luta: História dos movimentos de educação e cultura popular (1958-1964)**. 2008. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofias, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2008.
- THOMON, Alistair. Aos cinquenta anos: uma perspectiva internacional da história oral. *In: FERREIRA, Marieta de Moraes; FERNANDES, Tania Maria; ALBERTI, Verena (org.). História oral: desafios para o século XXI*. Editora: Fiocruz, 2000.
- TOURINHO, Maria Antonieta de Campos. **O Imperial Instituto Bahiano de Agricultura: A instrução agrícola e a crise da economia açucareira na Segunda metade do século XIX**. 1982. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, 1982.
- Usos e abusos da história oral**. AMADO, Janaína.; FERREIRA, Marieta de Moraes. (org.). 8. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

VALE, Ana Lia Farias.; LIMA, Luís Cruz.; BOMFIN, Maria Geovaní. Século XX: 70 anos de migração interna no Brasil. **Revista Textos e Debates**, Roraima, n. 7, p. 23-24. 2004. Disponível em: <https://revista.ufrr.br/textosedebates/article/view/1027>. Acesso em: 23 maio. 2021.

VALLE, Maria Ribeiro do. **1968: o diálogo é a violência – movimento estudantil e ditadura militar no Brasil**. Campinas: Unicamp, 2008.

VASCONCELOS, Lúcio Flávio. Ditadura Militar e reformismo no Peru (1968-1975). **Revista de História Saeculum**, João Pessoa, n. 32, p. 127-144, jan./jun. 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/srh/issue/view/32>. Acesso em: 19 out. 2021.

VIANNA, Marly de Almeida Gomes. Observações sobre ideias socialistas, anarquistas e comunistas na imprensa (1902-1924). *In* (org.). SENA JUNIOR, Carlos Zacarias de. **Capítulos de história dos comunistas no Brasil**. Salvador: Ed. EDUFBA, 2009.

WINN, Peter. **A Revolução Chilena**. Tradução: Magda Lopes. São Paulo: Ed. da UNESPS, 2010.

Universidade Federal da Bahia

**Dados pessoais do entrevistado**

Nome: \_\_\_\_\_

Data de Nascimento: \_\_\_\_\_ Idade: \_\_\_\_\_

Endereço: \_\_\_\_\_ Cidade: \_\_\_\_\_

Filiação (nome do pai e da mãe):

Pai: \_\_\_\_\_

Mãe: \_\_\_\_\_

Matrimônio:  
\_\_\_\_\_

Nomes dos filhos:

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

**ANEXO B - ROTEIRO DE ENTREVISTA E QUESTIONÁRIO**

**Roteiro de Entrevista**

1. Como o senhor vivia antes de ingressar na Faculdade de Agronomia em 1969?
2. Participou das movimentações estudantis na Bahia no ano de 1968?
3. Essas movimentações de 1968 repercutiram nas cidades do Recôncavo?
4. Como foi seu ingresso na faculdade de Agronomia em 1969?
5. Quando o senhor formou junto com outros colegas a célula do PCB na faculdade de Agronomia em Cruz das Almas já era comunista e afiliado ao partido? Como que essa cédula era vista pelo diretor, os estudantes e sociedade de Cruz das Almas?
6. Quais eram as funções da célula do PCB? Atuava apenas na cidade de Cruz das Almas?
7. Em conversa pelo Hotmail o senhor citou algumas pratica clandestinas realizadas pelos estudantes comunistas como pichar e pregar cartazes de madrugada. Qual era o teor dos cartazes? Existiam outras atividades clandestinas além destas?
8. O senhor comenta da existência de um grupo de intelectuais comunistas que tentavam levar a mensagem comunista aos cidadãos e estudantes. Como eram recepcionados? Alguns deles já foram presos pela censura? Quais eram os efeitos dessas mensagens na sociedade?
9. O senhor comenta da suspeita da existência de agentes infiltrados no grupo, sendo os “milicos” os principais. De que forma vocês lidavam com essa situação levando em conta que os mesmos participavam do grupo?
10. Quais eram as orientações da URSS para as células do partido? Havia discordâncias sobre tais orientações entre os próprios integrantes da célula de Cruz?
11. Poderia descrever as eleições para o diretório acadêmico de 1969? Quantas chapas tinham e quais os estudantes faziam parte de sua chapa? Elas eram de direita ou de esquerda?
12. O senhor menciona num diálogo com Geferson pelo Hotmail que dava aula no curso de alfabetização de adultos seguindo método de Paulo Freire. Essas aulas tinha o objetivo de também ensinar as diretrizes do PCB ou tinha alguma relação com o partido?
13. Foi uma incumbência dada pelo partido ao senhor o treinamento do jovem cruz-almense para a presidência do sindicato dos trabalhadores da indústria do fumo? O jovem que o senhor treinou era comunista?
14. Como conheceu o Eudaldo Gomes da Silva? Poderia descrevê-lo e falar mais sobre sua vida durante a ditadura militar?
15. Comente de forma mais especifica a morte de Eudaldo que o senhor alega ter acontecido em Recife após a queda de aparelho?

16. Tem notícias de que 3 membros de sua célula foram presos e torturados, sendo que um deles perdeu a visão. Por favor, descreva mais tais fatos?
17. Qual era a relação do diretor com os estudantes calouros e veteranos? Poderia explicar melhor o que era o evento chamado de furacão que acontecia nos apartamentos dos calouros?
18. No dialogo pelo Hotmail o senhor comentou a comunista Maria Joaquina, que residia na cidade de Cruz das Almas e era líder dos trabalhadores do fumo. Poderia descrevê-la mais detalhadamente e falar sobre suas atuações junto aos trabalhadores e ao partido?
19. Como conheceu o professor Amilcar Baiardi? Fale mais sobre a atuação do mesmo durante a ditadura militar?
20. O senhor pode falar sobre o clube de cultura e os eventos que ele realizava? Tinha alguma relação com a célula do PCB?
21. Poderia descrever as tardes de futebol e outros esportes onde estudantes de outras universidades tinha contato com estudantes de Agronomia? Quais universidades eram? Eram estudantes comunistas e aproveitavam as tardes de futebol para discutir as diretrizes do movimento das células comunistas?
22. Como, onde e quando se deu a fundação do Jornal O DALA?
23. Quem estava envolvido na fundação do jornal?
24. Quem e o que escrevia para o jornal? Já foi alvo da censura?
25. Atuou em outros jornais durante a ditadura? Quais?
26. Quais leituras o influenciou para a militância política no PCB?

#### **Questionário de entrevista solicitado por e-mail.**

27. José Rodrigues Filho, você fala que formou juntamente com oito colegas e mais alguns simpatizantes a célula do PCB, poderia dizer os nomes ou (Pseudônimo) desses estudantes?
28. Você diz que acompanhou e contribuiu com os sindicatos e organizações em Cruz das Almas: quais eram essas organizações? Como você acompanhou e contribuiu?
29. Você menciona na entrevista que transferiu seu título para Cruz das Almas: poderia dizer qual foi o ano e como se deu esse processo?
30. Você disse em entrevista que, em vez em quando vinha um pessoal de Salvador para casa de Maria Joaquina e que traziam materiais como, a voz operária e algumas cartilhas do PCB?
31. Você lembra o nome dos 13 colegas que ficaram no pensionato quando você veio fazer o vestibular em Salvador? Quais eram?
32. Qual o nome do colega que matriculou você no curso de Agronomia?

33. Qual o nome do professor que lhe deu o apelido de Vilão?

## **ANEXO C - TERMO DE CONCESSÃO DE ENTREVISTA**

### **Termo de concessão de entrevista**

Programa de Pós-Graduação em História

Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas

Universidade Federal da Bahia

Pesquisa: A Trajetória do Engenheiro Agrônomo José Rodrigues Filho na Escola de Agronomia da Universidade Federal da Bahia (EA-UFBA)

Pelo presente documento, o Entrevistado (a):

José Rodrigues Filho

RG: 173.382 emitido pelo(a): II CE a,

domiciliado/residente em (Av./Rua/no./complemento/Cidade/Estado/CEP):

PRACA DA MATRIZ - 337 - CENTRO  
CACA - CEP 44.230-000  
AMELIA RODRIGUES - BA

declara ceder ao pesquisador(a): Elias dos Santos Conceição, CPF: 05359110503 RG: 1521624020 emitido pela: SSP-Bahia. Estudante do mestrado em História do Programa de Pós-Graduação em História (PPGH) da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (FFCH) da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Sem quaisquer restrições quanto aos seus efeitos patrimoniais e financeiros, a plena propriedade e os direitos autorais do depoimento (entrevista) de caráter histórico e documental que prestei ao pesquisador(a)/entrevistador(a) aqui referida, na cidade de AMELIA RODRIGUES Estado BA, em 26/04/13, como subsídio à construção da dissertação de mestrado e demais etapas da vida acadêmica. O(a) pesquisador(a) acima citado(a) fica consequentemente autorizado(a) a utilizar, divulgar e publicar, para fins acadêmicos e culturais, o mencionado depoimento (entrevista), no todo ou em parte, editado ou não, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para fins idênticos, com a ressalva de garantia, por parte dos referidos terceiros, da integridade do seu conteúdo e identificação de fonte ou autor.

Local e Data:

AMELIA RODRIGUES de NOVEMBRO de 2021

José Rodrigues Filho

(assinatura do entrevistado/depoente)

Declaro, para os devidos fins que eu, JOSE RODRIGUES FILHO,  
fui entrevistado pelo estudante, Elias dos Santos Conceição no dia 26 de abril  
de 2013, com o objetivo de fornecer informações sobre minha trajetória de  
vida e acadêmica na Escola de Agronomia da Universidade Federal da Bahia  
(EA-UFBA).

Amélia Rodrigues, Bahia, 26, de NOVEMBRO 2021

Jose Rodrigues Filho

Assinatura

Programa de Pós-Graduação em História

Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas

Universidade Federal da Bahia

Pesquisa: A Trajetória do Engenheiro Agrônomo José Rodrigues Filho na Escola de Agronomia da Universidade Federal da Bahia (EA-UFBA)

Pelo presente documento, o Entrevistado (a):

José Rodrigues Filho

RG: 173382 emitido pelo(a): IICE a,

domiciliado/residente em (Av./Rua/no./complemento/Cidade/Estado/CEP):

PRAÇA DA MATRIZ - 337 - CENTRO  
CASA - CEP 44.230 - 000  
AMELIA RODRIGUES - BA

declara ceder ao pesquisador(a): Elias dos Santos Conceição, CPF: 053.591.105-03 RG: 15.216.240-20 emitido pela: SSP-Bahia. Estudante do mestrado em História do Programa de Pós-Graduação em História (PPGH) da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (FFCH) da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Sem quaisquer restrições quanto aos seus efeitos patrimoniais e financeiros, a plena propriedade e os direitos autorais do depoimento (entrevista) de caráter histórico e documental que prestei ao pesquisador(a)/entrevistador(a) aqui referida, na cidade de AMELIA RODRIGUES Estado BA, em 16/09/20, como subsídio à construção da dissertação de mestrado e demais etapas da vida acadêmica. O(a) pesquisador(a) acima citado(a) fica consequentemente autorizado(a) a utilizar, divulgar e publicar, para fins acadêmicos e culturais, o mencionado depoimento (entrevista), no todo ou em parte, editado ou não, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para fins idênticos, com a ressalva de garantia, por parte dos referidos terceiros, da integridade do seu conteúdo e identificação de fonte ou autor.

Local e Data:

Amélia Rodrigues 26 de NOVEMBRO de 2021

José Rodrigues Filho

(assinatura do entrevistado/depoente)

Declaro, para os devidos fins que eu, JOSE RODRIGUES FILHO,  
fui entrevistado pelo estudante, Elias dos Santos Conceição no dia 26 de abril  
de 2013, com o objetivo de fornecer informações sobre minha trajetória de  
vida e acadêmica na Escola de Agronomia da Universidade Federal da Bahia  
(EA-UFBA).

Amélia Rodrigues, Bahia, 26, de NOVEMBRO 2021

Jose Rodrigues Filho

Assinatura

Programa de Pós-Graduação em História

Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas

Universidade Federal da Bahia

Pesquisa: A Trajetória do Engenheiro Agrônomo José Rodrigues Filho na Escola de Agronomia da Universidade Federal da Bahia (EA-UFBA)

Pelo presente documento, o Entrevistado (a):

Amélia Rodrigues

RG: 173.382 IICE emitido pelo(a): IICE a,

domiciliado/residente em (Av./Rua/no./complemento/Cidade/Estado/CEP):

PRACA DA MATRIZ - 337  
CENTRO - CASA  
44.230-000 AMELIA RODRIGUES - BA

declara ceder ao pesquisador(a): Elias dos Santos Conceição, CPF: 053.591.105-03 RG: 15.216.240-20 emitido pela: SSP-Bahia. Estudante do mestrado em História do Programa de Pós-Graduação em História (PPGH) da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (FFCH) da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Sem quaisquer restrições quanto aos seus efeitos patrimoniais e financeiros, a plena propriedade e os direitos autorais do depoimento (entrevista) de caráter histórico e documental que prestei ao pesquisador(a)/entrevistador(a) aqui referida, na cidade de AMELIA RODRIGUES Estado BA, em 11/10/21, como subsídio à construção da dissertação de mestrado e demais etapas da vida acadêmica. O(a) pesquisador(a) acima citado(a) fica consequentemente autorizado(a) a utilizar, divulgar e publicar, para fins acadêmicos e culturais, o mencionado depoimento, no todo ou em parte, editado ou não, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para fins idênticos, com a ressalva de garantia, por parte dos referidos terceiros, da integridade do seu conteúdo e identificação de fonte ou autor.

Local e Data:

Amélia Rodrigues, 26 de novembro de 2021

José Rodrigues Filho

(assinatura do entrevistado/depoente)

Declaro, para os devidos fins que eu, JOSÉ RODRIGUES FILHO  
fui entrevistado pelo estudante, Elias dos Santos Conceição no dia 11 de  
outubro de 2021, com o objetivo de fornecer informações sobre minha  
trajetória de vida, política e acadêmica na Escola de Agronomia da  
Universidade Federal da Bahia (EA-UFBA).

Amélia Rodrigues, Bahia, 26, de NOVEMBRO 2021

José Rodrigues Filho

Assinatura

## ANEXO D – II OFÍCIO ENTRE DIRETÓRIOS ACADÊMICOS

Salvador, 01 de setembro de 1972

Ao

Diretório Acadêmico Landolfo Alves  
Escola de Agronomia da UFBA

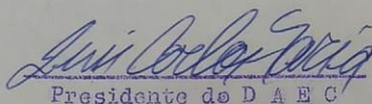
Estamos enviando um nº do nosso jornal, Conjunto, ao tempo que solicitamos o envio de publicações do seu D. A.

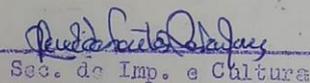
Nosso propósito é de incentivar o intercâmbio entre nossas agremiações, trocar experiências em torno dos problemas que nos atingem, avaliar a situação das campanhas gerais encaminhadas, além de utilizarmos da experiência particular no campo da imprensa universitária.

Sem mais para o momento enviamos

Calorosas

Saudações Universitárias

  
Presidente do D A E C

  
Sec. de Imp. e Cultura

Diretório Acadêmico de Engenharia  
Escola Politécnica da Universidade Federal da Bahia  
Rua Aristides Novis, nº 2 Federação  
Salvador - Bahia